



OS DESPOSSUÍDOS

URSULA K. LE GUIN

URSULA K. LE GUIN

OS DESPOSSUÍDOS

UMA UTOPIA AMBÍGUA

TRADUÇÃO DE:
DANILO LIMA DE AGUIAR



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Titulo original em inglês:
THE DISPOSSESSED

© 1974 by Ursula K. Le Guin

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro poderá ser usada ou reproduzida sem a permissão por escrito, exceto em caso de breves citações incluídas em artigos, críticas e resenhas.

Direitos adquiridos para a língua portuguesa pela
EDITORA NOVA FRONTEIRA S.A.

Rua Barão de Itambi, 28 — Botafogo — ZC-01 — Tel.: 266-7474

Endereço telegráfico: NEOFRONT

Rio de Janeiro — RJ

Capa:

ALEX MERTO

Diagramação:

JOSÉ MESQUITA

Revisão:

CLARA RECHT DIAMENT

CIP-Brasil. Catalogação na fonte

Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

L529d

Le Guin, Ursula K.

Os Despossuídos: uma utopia ambígua / Ursula K. Le Guin; tradução de Danilo Lima de Aguiar.
— Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

Tradução de: The dispossessed

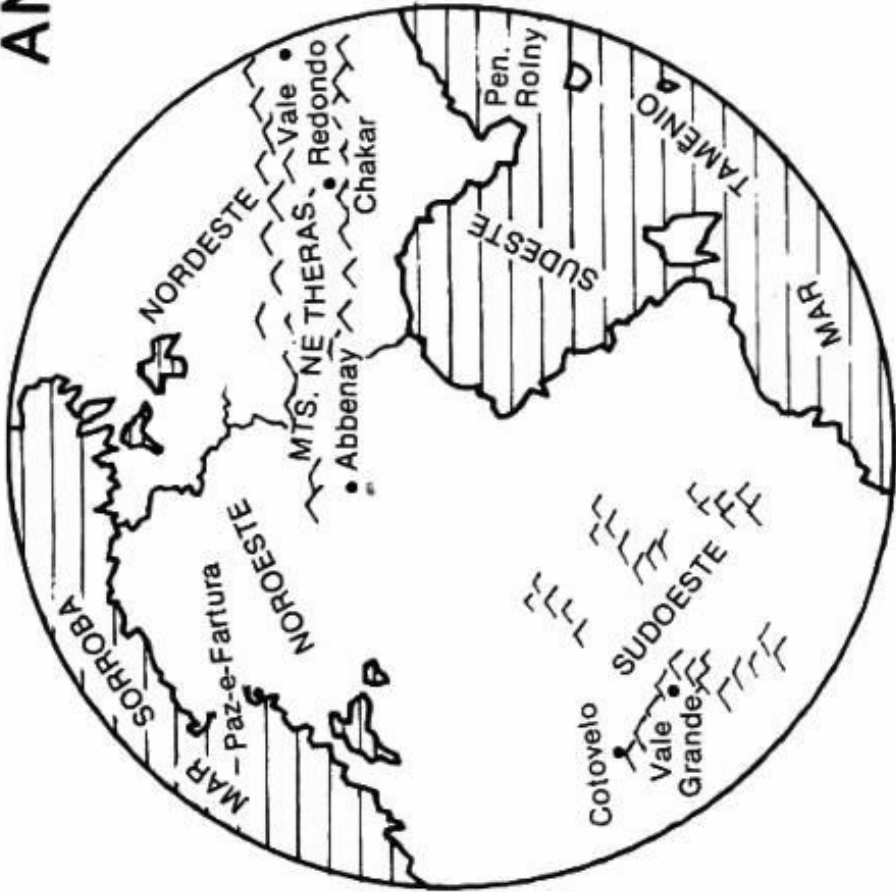
1. Ficção científica estadunidense I. Título II. Título: Uma utopia ambígua

78-0250

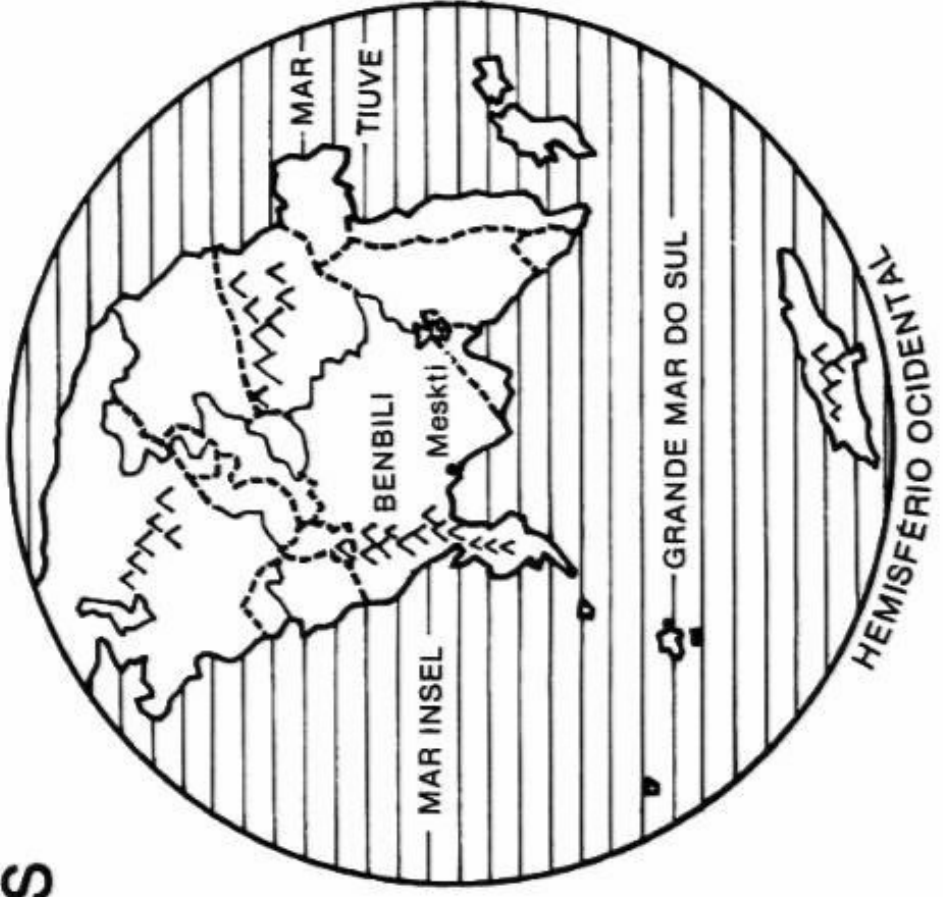
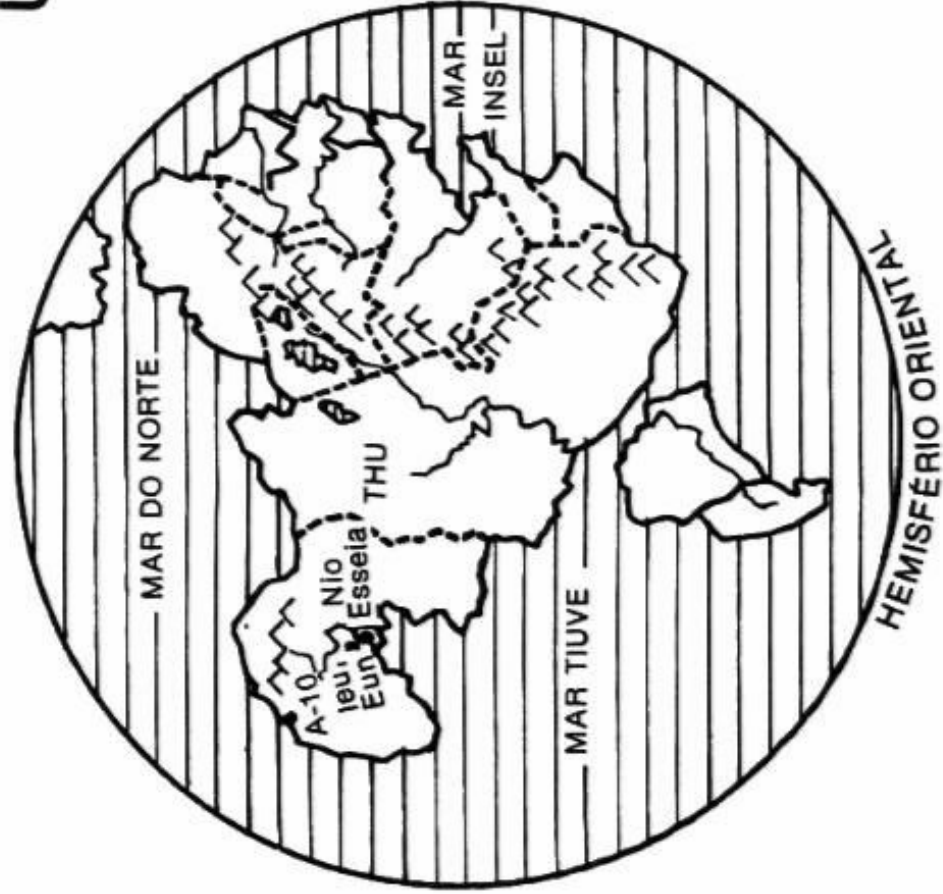
CDD — 813.0876

CDU — 820(73)-311.9

ANARRES



URRÁS



CAPÍTULO I

ANARRES • URRÁS

Havia um muro. Não parecia importante. Foi construído em pedra bruta e grosseiramente cimentado. Um adulto podia olhar por cima dele e até uma criança podia subir nele. No ponto em que interceptava a estrada, em vez de ter um portão o muro declinava até tornar-se mera figura geométrica, uma linha, uma ideia de limite. Mas essa ideia era real, era importante. Por sete gerações não houve nada mais importante no mundo do que o muro.

Como todos os muros, era ambíguo, tinha dois lados. O que havia em seu interior ou o que estava no exterior dependia de onde fosse olhado.

Visto de um lado, o muro circundava os áridos sessenta acres de um campo de pouso chamado Porto de Anarres. No campo havia dois grandes guindastes rolantes, uma área de lançamento e aterrissagem, três depósitos e um dormitório. O dormitório parecia sólido, encardido, lúgubre. Não tinha jardins nem crianças; o fato é que ninguém ali morava ou devia permanecer muito tempo. Era na realidade um local reservado à quarentena. O muro não cercava e encerrava apenas o campo de pouso, mas as naves que desciam do espaço, e os homens que nelas chegavam e os mundos de onde eles vinham, e todo o resto do universo. Cercava o universo e deixava Anarres do lado de fora, livre.

Visto do outro lado, o mundo circundava Anarres; lá dentro estava o planeta inteiro, um grande acampamento-prisão isolado dos outros mundos e dos outros homens, um planeta em quarentena.

Algumas pessoas estavam vindo pela estrada em direção ao campo de pouso, outras estavam paradas perto do ponto em que a estrada trespassava o muro. As pessoas vinham com frequência de Abbenay, uma cidade vizinha, na esperança de ver uma nave ou simplesmente para ver o muro. Afinal era o único muro-limite no mundo em que viviam. Em nenhum outro lugar havia um aviso indicando “Passagem Proibida”. Os adolescentes sentiam-se especialmente atraídos por ele; se aproximavam, sentavam-se nele. Talvez pudessem observar uma equipe descarregando engradados dos caminhões nos depósitos. É provável até que houvesse um cargueiro espacial na base. Os cargueiros só vinham oito vezes por ano e apenas os síndicos em serviço no Porto eram avisados. Por isso, quando os espectadores tinham a sorte de ver um ficavam muito excitados nos primeiros momentos. Mas agora algumas pessoas estavam sentadas no muro e havia um cargueiro também, parado em meio a uma confusão de guindastes móveis, preto e achaparrado, bem distante, no outro extremo do campo. E então saiu uma mulher de uma equipe de trabalho de um dos depósitos e aproximou-se deles dizendo:

— Já fechamos por hoje, irmãos.

Usava uma braçadeira do serviço da Defesa, visão quase tão rara quanto a de uma espaçonave. Isso causou forte impressão. O tom de sua voz foi suave mas categórico. Era chefe daquela equipe e os síndicos a defenderiam se houvesse oposição. E de qualquer maneira não havia mesmo nada para se ver. Os estrangeiros, os que vinham de outros mundos, ficavam escondidos em suas naves. Nada para se ver.

Isso era monótono para a equipe de Defesa também. Às vezes a chefe desejava que alguém pelo menos tentasse passar para o outro lado do muro, quem sabe um tripulante estrangeiro tentando desertar da nave ou então uma criança vinda de Abbenay, arriscando uma entrada furtiva para ver o

cargueiro mais de perto. Mas isso não acontecia nunca. Nada acontecia. E quando acontecia, a chefe não estava preparada para enfrentar.

O comandante do cargueiro *Cautela* perguntou-lhe:

— O que aquela gente toda está querendo com minha nave?

A chefe olhou e viu que de fato havia uma verdadeira multidão perto do portão, umas cem pessoas ou mais. Estavam paradas, apenas isso, exatamente como as pessoas ficavam paradas esperando pelos trens de víveres nas estações, durante a Fome. Isso a deixou assustada.

— Nada. Eles... é... protestam — respondeu ela, no iótico limitado e lento que sabia falar. — Protestam pelo... sabe, o passageiro?

— Está querendo dizer que estão atrás desse bastardo que vamos levar?

A palavra “bastardo”, intraduzível para o idioma da chefe, nada significava para ela além de um termo estrangeiro cujo som jamais lhe agradara, como também não lhe agradava o tom de voz do comandante, nem o próprio comandante.

— Vocês podem se proteger sozinhos? — ela perguntou-lhe laconicamente.

— Ora, é claro que sim. Basta que providencie logo o embarque do resto dessa carga e ponha esse bastardo a bordo. Não é um bando de *Odozinhos*^[1] que vai causar problemas logo para nós.

Bateu de leve naquilo que usava no cinto, um objeto de metal semelhante a um pênis deformado, e olhou para a mulher desarmada com ares protetores.

Ela lançou ao objeto, que sabia ser uma arma, um olhar frio e breve.

— A nave estará carregada aí pelas quatorze horas — disse ela. — Mantenha a tripulação a bordo em segurança. A decolagem será às quatorze e quarenta. Se precisar de ajuda, deixe recado gravado no Controle de Solo.

Saiu apressada, antes que o comandante desse mais uma palavra. A raiva a deixou mais forte para enfrentar sua equipe e a multidão.

— Vamos sair da estrada, vocês aí — ordenou ao aproximar-se do muro. — Os caminhões vão passar por aí, alguém pode se ferir. Afastem-se!

Os homens e mulheres da multidão discutiram com ela e entre si. Continuaram a atravessar a estrada e alguns foram para o interior do muro. Mas deixaram o caminho mais ou menos desobstruído. Se a chefe não tinha nenhuma experiência em mandar em multidões, estas por sua vez não tinham experiência do papel de multidão. Eram membros de uma comunidade, não elementos de uma coletividade, e por isso nenhum sentimento de massa os movia: havia ali um número igual de pessoas e de emoções diferentes. Como não tinham o hábito de reconhecer ordens arbitrárias, não tinham nenhuma prática em desobedecê-las. Foi essa inexperiência que salvou a vida do passageiro.

Algumas pessoas tinham ido até ali para matar um traidor. Outras foram para impedi-lo de partir ou para gritar-lhe insultos, ou apenas para vê-lo; todas as demais apenas obstruíam a senda já tão exígua dos que queriam assassiná-lo. Nenhuma delas tinha arma de fogo, mas algumas levavam facas. Agressões para elas significava agressão física, queriam pôr as mãos no traidor. Pensavam que ele fosse vir num veículo, protegido. Enquanto tentavam revistar um caminhão de carga e discutiam com o chofer indignado, o homem que procuravam vinha andando pela estrada, sozinho. Quando o reconheceram ele já estava a meio caminho da nave, seguido por cinco síndicos da Defesa. Os que queriam matá-lo partiram para a perseguição — tarde demais — ou então começaram a atirar pedras, não tão tarde assim. Mal chegaram a ferir o braço do homem que perseguiam no momento em que ele alcançava a nave, mas uma pedra de um quilo atingiu um lado da cabeça de um dos membros da equipe de Defesa matando-o na hora.

Os postigos da nave se fecharam. A equipe de Defesa retornou carregando o companheiro morto.

Não fizeram esforço algum para deter a vanguarda da multidão que vinha correndo em direção à nave, embora a chefe, lívida de espanto e fúria, lhes gritasse insultos quando passaram por ela correndo e desviando-se para evitá-la. Ao chegar à nave a vanguarda da multidão dispersou-se e ficou indecisa. O silêncio da nave, os abruptos movimentos dos guindastes imensos e esqueléticos, o estranho ar queimado do solo e a inexistência de qualquer coisa na escala humana deixaram-nos desorientados. Um jato de vapor ou gás vindo de um aparelho em conexão com a nave levou alguns deles a partir. Olharam confusos para os foguetes, vastos túneis negros lá no alto. Uma sirene ressoou com estardalhaço em sinal de aviso, no outro lado do campo. Foram voltando para o portão um após outro. Ninguém os deteve. Em dez minutos o campo estava vazio e a multidão se dispersava pela estrada de volta a Abbenay. Afinal de contas, parecia que nada tinha acontecido.

A bordo da nave *Cautela* a movimentação era grande. Como o Controle de Solo decidira antecipar a partida, a rotina teve de ser cumprida na metade do tempo habitual. O comandante ordenou que o passageiro fosse atado e trancado na saleta da tripulação juntamente com o médico para que não atrapalhassem. Havia uma tela na saleta, de onde poderiam observar a decolagem se quisessem. O passageiro observava. Viu o campo de pouso e o muro que o circundava, e mais ao longe, no outro lado do muro, percebeu as encostas das Ne Theras pontilhadas de holumínia rasteira e de esparsos e prateados espinhos-da-lua.

Subitamente todas essas imagens afluíram tela abaixo com ímpeto ofuscante. O passageiro sentiu a cabeça pressionando o encosto. Era como se estivesse num exame dentário: a cabeça forçada para trás, a boca toda aberta. Não conseguia respirar, sentia náuseas e os intestinos reagiam de medo. Todo o seu corpo clamou para as forças poderosas que o dominavam: *Agora não, ainda não, esperem!*

Foram seus olhos que o salvaram. O que insistiam em ver e mostrar-lhe libertou-o do autismo do terror, pois agora na tela havia uma visão estranha, uma imensa planície de pedra sem brilho e sem cor. Era o deserto, visto das montanhas que ficavam acima do Vale Grande. Como podia ter voltado para o Vale Grande? Tentou convencer-se de que estava numa aeronave. Não, numa espaçonave. A extremidade da planície brilhava com a intensidade de reflexos de luz na água, uma luz que cortava um ar distante. Não havia água naqueles desertos. Então o que estava vendo? A planície de pedra não era mais plana, tornara-se côncava, semelhante a uma enorme tigela cheia da luz do sol. Enquanto a admirava extasiado ela ficou mais rasa, transbordou de luz. Súbito uma linha atravessou a tela; uma linha abstrata, geométrica, a divisão perfeita de um círculo. Para além desse arco só havia a escuridão, uma escuridão que inverteu toda a imagem deixando-a negativa. A parte real, rochosa, não era mais côncava e sim convexa; refletia e repelia a luz. Não era mais uma planície, nem uma tigela, mas uma esfera, uma bola de pedra branca caindo nas trevas, desaparecendo na queda. Era o seu mundo.

— Não compreendo — disse em voz alta.

Alguém respondeu. Por um momento não conseguiu aperceber-se de que a pessoa de pé ao lado da cadeira estava lhe falando, respondendo-lhe, pois não sabia mais o que era uma resposta. Só tinha noção clara de uma coisa: de sua total solidão. O mundo a seus pés lhe escapara e ele ficou sozinho.

Sempre temera que isso acontecesse, como jamais temera a morte. Morrer é perder o eu e reintegrar-se no resto. Mas em seu caso o eu permanecia e ele perdera o resto.

Pôde finalmente olhar para o homem de pé a seu lado. Era-lhe estranho, é claro. De agora em diante só haveria estranhos. O homem falava num idioma estrangeiro: o iótico. As palavras faziam sentido. Todos os pequenos detalhes faziam sentido. Só o todo é que não tinha sentido algum. O homem estava falando de algo sobre as correias que o prendiam à cadeira. Tentou desembaraçar-se.

A cadeira ficou abruptamente na posição vertical e ele quase caiu, pois sentia-se atordoado e sem equilíbrio. O homem não parava de perguntar se alguém tinha se ferido. De quem ele estava falando?

— Ele tem certeza de que não se feriu?

Acontece que a forma de tratamento cortês em iótico era na terceira pessoa. O homem estava falando dele mesmo, não de um terceiro, e ele não compreendia por que estaria machucado. O homem repetia algo sobre pedras lançadas. Mas a pedra jamais alcançará o alvo, pensou ele. Voltou a olhar a tela para ver a pedra, a pedra branca caindo na escuridão, mas não havia nenhuma imagem na tela.

— Estou bem — disse afinal, ao acaso.

Mas essa resposta não tranquilizou o estranho.

— Por favor, venha comigo. Sou médico.

— Estou bem.

— Por favor venha comigo, Dr. Shevek.

O médico — um homem baixo, de tez clara e calvo — fazia caretas ansiosas.

— O senhor deveria estar em sua cabine, senhor; perigo de infecção. Não era para o senhor ter contato com ninguém além de mim. Submeti-me a duas semanas de desinfecção para nada, graças a esse maldito comandante. Por favor, venha comigo, senhor. Vão me responsabilizar...

Shevek percebeu que o homenzinho estava perturbado. Não sentiu pena nem simpatia, mas até ali naquela solidão absoluta a única lei era válida; a única lei que ele sempre acatara.

— Está bem — disse, e depois levantou-se.

Ainda se sentia tonto e o ombro esquerdo doía-lhe. Sabia que a nave devia estar em movimento, mas não tinha nenhuma sensação de movimento. Lá fora havia apenas o silêncio, um silêncio terrível, total. O médico o conduziu até uma cabine através de silenciosos corredores de metal.

Era uma cabine muito pequena, com paredes estriadas e desnudas, que desagradou a Shevek por evocar-lhe um lugar do qual não queria lembrar-se. Parou no meio da porta. Mas o doutor insistiu e argumentou, e ele acabou entrando.

Sentou-se no beliche, ainda atordoado e letárgico, e observou o médico sem curiosidade. Sentiu que devia se interessar: esse homem era o primeiro urrasti que via. Mas estava cansado demais. Poderia deitar-se e cair logo no sono.

Passara a noite anterior acordado, cuidando de seus escritos. Há três dias despedira-se de Takver e das crianças que estavam indo para Paz e Fatura e desde então estivera ocupado o tempo inteiro, correndo para a torre de rádio a fim de trocar mensagens de última hora com as pessoas de Urrás, discutindo planos e possibilidades com Bedap e os outros. Durante todos aqueles dias de correria, desde que Takver partira, tinha a impressão de não estar fazendo as coisas que fazia, de que elas é que o estavam fazendo. Sua vontade própria não agiu. Não teve necessidade de agir. Fora sua própria vontade que desencadeara tudo aquilo e criou aquele momento e todas aquelas paredes que o rodeavam. Há quanto tempo? Há anos. Cinco anos atrás, na montanha, no silêncio noturno de Chakar quando ele disse a Takver:

— Vou a Abbenay para derrubar os muros.

E mesmo antes disso, em Poeira, nos anos de fome e desespero, no dia em que jurou a si mesmo que nunca mais agiria se não fosse por vontade própria. E foi seguindo essa promessa que chegou até aquele lugar; até aquele momento sem tempo, aquele lugar sem chão, aquele pequeno aposento, aquela prisão.

O médico examinou-lhe o ombro ferido (o ferimento deixara Shevek confuso; estivera tenso e apressado demais para dar-se conta do que ocorrera no campo de pouso e não sentiu quando a pedra

o atingiu). Agora o médico estava se aproximando com uma agulha hipodérmica.

— Não quero isso — disse Shevek. Falava num iótico lento e mal pronunciado (como ele mesmo percebeu nas comunicações pelo rádio), embora com uma certa correção gramatical. Sentia mais dificuldade em compreender do que em falar.

— Isso é vacina contra sarampo — disse-lhe o doutor, com uma surdez profissional.

— Não — disse Shevek.

O médico ficou mordendo os lábios por um instante, e depois perguntou:

— O senhor sabe o que é sarampo?

— Não.

— É uma doença contagiosa. Costuma ser grave em adultos. Não existe em Anarres por causa das medidas profiláticas tomadas durante a colonização do planeta. Mas é comum em Urrás e pode matá-lo, assim como outras infecções comuns provocadas por vírus. O senhor está sem defesa... Escreve com a mão direita, doutor?

Shevek fez um sinal negativo com a cabeça, automaticamente. Com a destreza de um prestidigitador, o doutor enfiou-lhe uma agulha no braço direito; Shevek submeteu-se a essa e a outras injeções em silêncio. Não tinha direito a suspeitas ou protestos. Abandonara-se àquelas pessoas, desistira de seu direito nato à decisão. Esse direito acabara, tinha lhe escapado juntamente com o seu mundo, o mundo da Promessa, a pedra árida.

O médico voltou a falar mas ele não o ouviu.

Viveu durante horas ou dias numa espécie de vácuo, um vazio frio e deprimente sem passado nem futuro. As paredes à sua volta o esmagavam. Do lado de fora só havia o silêncio. Os braços e as nádegas doíam-lhe devido às injeções. Teve uma febre que não chegou bem ao delírio, mas o deixou num limbo entre a razão e a inconsciência, numa terra de ninguém. O tempo não passava. Não havia tempo. Ele era o tempo, apenas ele. Ele era o rio, a seta, a pedra. Mas ele não se movia. A pedra atirada permanecia suspensa num ponto central. Não havia dia nem noite. Às vezes o médico acendia ou apagava a luz. Havia um relógio na parede, ao lado do beliche, cujo ponteiro movia-se de um para outro dos vinte números do mostrador sem nada indicar.

Acordou depois de um sono longo e profundo, e como estava de frente para o relógio, observou-o, sonolento. O ponteiro estava um pouco depois do 15, o que — se víssemos a hora a partir de meia-noite como nos relógios anarrestis de vinte e quatro horas — significava que estavam no meio da tarde. Mas como se pode estar no meio da tarde no espaço entre dois mundos? Bom, afinal de contas a nave deveria ter sua própria hora. A percepção disso tudo o animou sobremaneira. Sentou-se e não se sentiu tonto. Levantou-se, testou o equilíbrio: satisfatório, embora sentisse que as solas dos pés não estavam bem firmes no chão. O campo de gravidade da nave era bem fraco. Ele não gostou muito dessa sensação. Precisava de firmeza, de solidez, de um fato concreto; foi em busca disso que começou uma investigação minuciosa do aposento.

As paredes desnudas e estriadas eram cheias de surpresas, prontas todas a se revelarem quando se tocava no painel de instrumentos: privada, lavatório, espelho, escrivaninha, armário, prateleiras. Havia diversos dispositivos elétricos de um mistério total e ligados ao lavatório, e a válvula da água não fechava quando se largava a torneira, que continuava a jorrar água até ser fechada: sinal — pensou Shevek — de muita fé na natureza humana, ou da existência de grande quantidade de água. Optando pela segunda hipótese, lavou-se todo, e como não encontrou uma toalha, enxugou-se com um dos misteriosos dispositivos, de onde saía um agradável jato de ar quente que lhe fazia cócegas. Não conseguiu achar suas roupas e recolocou as que se descobriu usando ao despertar: calças largas amarradas por um cordão e uma túnica de feitiço indefinido, ambas amarelas e pontilhadas de azul.

Olhou-se no espelho e achou o efeito desastroso. Seria assim que as pessoas se vestiam em Urrás? Procurou um pente, em vão; penteou os cabelos para trás e os prendeu, e assim arrumado decidiu sair do quarto.

Não pôde. A porta estava trancada.

A incredulidade inicial de Shevek transformou-se em raiva, um tipo de raiva diferente, um desejo cego de violência que nunca havia sentido em sua vida. Forçou a maçaneta fixa e esmurrou o metal lustroso da porta; depois virou-se e apertou com toda força o botão que o doutor lhe dissera para apertar se precisasse chamar. Nada aconteceu. Havia muitos outros botõezinhos numerados e de cores variadas no painel de intercomunicação. Foi batendo em todos eles, pelo painel inteiro. O alto-falante da parede começou a balbuciar disparates:

— Que diabo — quem — sim — vindo — imediatamente — sair — o que — do vinte e dois...

Shevek desligou os botões e abafou tudo isso:

— Abram a porta!

A porta se abriu e o doutor deu uma olhada no interior. Ao ver-lhe a calvície e o rosto ansioso e amarelado, a ira de Shevek se abrandou e recolheu-se para a escuridão de seu íntimo. E então ele disse:

— A porta estava trancada.

— Sinto muito, Dr. Shevek; medida de precaução: o contágio, é preciso manter os outros a distância.

— Tranca por fora, tranca por dentro. É a mesma ação — disse Shevek, dirigindo ao médico um olhar frio e indiferente.

— Segurança.

— Segurança? Precisam me guardar numa caixa?

— A saleta de refeições dos oficiais — apressou-se o médico em sugerir para tranquilizá-lo. — Está com fome, senhor? Talvez queira vestir-se para irmos até a saleta dos oficiais.

Shevek olhou para as roupas que o médico estava usando: calças justas e azuis, enfiadas em botas que pareciam tão macias quanto o tecido da calça; uma túnica roxa com um talho na frente e abotoada com botões prateados. Sob a túnica percebia-se apenas a gola e os punhos de uma camisa tricotada e de um branco ofuscante.

— E não estou vestido?

— Oh sim, o pijama está bem, é claro. Não se tem formalidades num cargueiro.

— Pijama?

— Isso que o senhor está usando. Roupa de dormir.

— Roupa para se dormir?

— Sim.

Shevek ficou a pestanejar. Não fez nenhum comentário. Perguntou:

— Onde está a roupa que eu estava usando?

— Suas roupas? Mandei lavá-las. Para esterilização. Espero que não se importe, senhor.

Fez uma busca num painel da parede que Shevek não havia descoberto e retirou um embrulho verde claro. Desembrulhou o velho traje de Shevek que parecia muito limpo e um pouco encolhido, amassou o papel verde, ativou outro painel, jogou o papel dentro de um escaninho que se abriu, e sorriu, inseguro:

— Pronto, Dr. Shevek.

— O que é feito do papel?

— O papel?

— O papel verde.

— Ah, eu o joguei no lixo.

— Lixo?

— Na lixeira. É queimado.

— Vocês queimam papel?

— Talvez apenas caia no espaço, não sei. Não sou médico espacial, Dr. Shevek. Tive a honra de assisti-lo devido à minha experiência com visitantes de outros mundos, os Embaixadores de Terran e de Hain. Conduzo os processos de adaptação e descontaminação de todo estrangeiro que chega a A-Io. Não que o senhor seja um estrangeiro no mesmo sentido, é claro. — Dirigiu um olhar tímido para Shevek que não conseguia seguir bem o que ele dizia, mas podia perceber a natureza ansiosa, modesta e bem intencionada de suas palavras.

— Não — assegurou-lhe Shevek —, não o sou. Talvez tenhamos tido a mesma avó, há duzentos anos, em Urrás.

Estava pondo sua velha roupa, e enquanto vestia a camisa pela cabeça percebeu que o médico estava jogando a “roupa de dormir” azul e amarela na “lixeira”. Shevek parou, o colarinho ainda cobrindo-lhe o rosto. Seu rosto surgiu por inteiro, ajoelhou-se e abriu o escaninho. Estava vazio.

— As roupas são queimadas?

— Ah, esses pijamas são baratos, são de serviço. Usa-se e joga-se fora. Sai mais barato do que a lavagem.

— Sai mais barato — repetiu Shevek pensativo. Disse essas palavras do modo como um paleontólogo olha para um fóssil; um fóssil que data pelo menos um estrato.

— Receio que sua bagagem tenha se perdido naquela correria da hora do embarque. Espero que não contenha nada de importante.

— Eu não trouxe nada — disse Shevek. Suas roupas ainda lhe serviam, apesar de estarem quase brancas de tão desbotadas e de terem encolhido um pouco, e deu-lhe muito prazer o contato familiar do tecido áspero de fibra de holumínia. Voltou a reconhecer-se. Sentou-se na cama, de frente para o médico, e disse: — Como vê, sei que não encaram as coisas ao nosso modo. Em seu mundo, em Urrás, as pessoas têm de comprar as coisas. Estou indo para lá, não tenho dinheiro, nada posso comprar, por isso deveria ter trazido alguma coisa. Mas o que posso levar? Roupas? Sim, está bem, podia ter trazido dois trajes. E a comida? Como poderia trazer a comida necessária? Não posso levar, nem posso comprar. Se vocês querem que eu viva, terão de me dar comida. Sou um anarrestí e levarei os urrastis a agirem como anarrestis: dar, não vender. Claro que é necessário que me mantenham vivo. Sou o Mendigo, compreende?

— Ora, em absoluto, senhor, não, não. O senhor é um hóspede que nos honra. Por favor, não nos julgue pela tripulação dessa nave, são homens muito ignorantes, limitados; o senhor não faz ideia da recepção que terá em Urrás. Afinal o senhor é um cientista mundial, galaticamente famoso. Garanto-lhe que tudo será muito diferente quando chegarmos ao Campo Peier.

— Não tenho dúvida de que será tudo muito diferente...

A viagem à Lua durava quatro dias em cada sentido, mas dessa feita a volta foi prolongada para cinco dias a fim de que o passageiro se adaptasse. Shevek e o Dr. Kimoe passaram esses dias em vacinas e conversas. O comandante da nave *Cautela* passou-os mantendo a órbita em volta de Urrás e proferindo insultos. Quando tinha de falar com Shevek, fazia-o com um desrespeito incômodo. O médico, que estava pronto a tudo explicar, já tinha uma análise elaborada:

— Ele está acostumado a considerar todos os estrangeiros como inferiores, como se não fossem totalmente humanos.

— Odo chamava isso de a criação de pseudo-espécies. Sei. Eu achava que em Urrás as pessoas talvez não pensassem mais desse jeito, já que vocês têm tantas línguas e nações e recebem visitantes de outros sistemas solares.

— Muito poucos, pois as viagens intersiderais são muito dispendiosas e lentas. Talvez não vá ser sempre assim — acrescentou o Dr. Kimoe com a intenção evidente de lisonjear Shevek, ou então para fazê-lo falar, o que Shevek ignorou.

— O segundo oficial — disse — parece ter medo de mim.

— Este é por fanatismo religioso. Ele é um Epifanista ortodoxo. Recita os Preceitos todas as noites. Um espírito de absoluta austeridade.

— Então como é que ele me vê?

— Como um perigoso ateu.

— Um ateu? Por quê?

— Por quê? Porque o senhor é de Anarres e um Odonista. Não há religião em Anarres.

— Não há religião? Seremos por acaso iguais a pedras, em Anarres?

— Refiro-me a religião estabelecida, igrejas, credos... — Kimoe perturbava-se com facilidade. Possuía a vigorosa segurança de um médico, mas Shevek não parava de ameaçá-la. Todas as suas explanações acabavam em embaraços depois de duas ou três perguntas de Shevek. Cada um deles considerava como naturais certas relações que ao outro não eram nem visíveis. Por exemplo, a curiosa questão da superioridade e da inferioridade. Shevek sabia que os conceitos de superioridade, de altura relativa, eram importantes para os urrastis. Usavam com frequência o termo “maior” como sinônimo de “melhor” em seus escritos, onde um anarresti usaria a expressão “mais central”. Mas que relação havia entre ser mais elevado e ser um estrangeiro? Era um enigma entre centenas.

— Compreendo — disse então, depois de ver a solução de mais um enigma. — Vocês não admitem a possibilidade de religião sem igrejas, como não admitem a moral sem as leis. Sabe, nunca pude entender isso em todos os livros urrastis que li.

— Bem, hoje em dia qualquer pessoa esclarecida admitirá que...

— O vocabulário dificulta — disse Shevek, prosseguindo em suas descobertas. — No idioma právico a palavra *religião* é raramente. Não, como se diz, é rara. Não se usa com frequência. É claro que se trata de uma das categorias: é o Quarto Modo. Poucas pessoas aprendem a praticar todos os Modos. Mas os Modos são feitos das capacidades naturais da mente, o senhor não podia pensar seriamente que não temos capacidade religiosa, não é? Que podíamos dedicar-nos à Física cortados da profunda relação que o homem tem com o cosmos.

— Oh não, em absoluto...

— Isso sem dúvida faria de nós uma pseudo-espécie!

— As pessoas cultas com certeza compreenderiam isso, esses oficiais são uns ignorantes.

— Então são apenas os fanáticos que podem sair para o cosmos?

Todas as conversas eram assim: exaustivas para o médico, frustrantes para Shevek, embora muito interessantes para ambos. Representavam para Shevek a única forma de explorar o novo mundo que o aguardava. A nave em si e a mente de Kimoe eram o seu microcosmo. Não havia livros a bordo da nave *Cautela*, os oficiais evitavam Shevek, e os tripulantes eram rigorosamente mantidos a distância. Quanto à mente do médico, embora fosse inteligente e certamente bem intencionado, era uma mixórdia de artifícios intelectuais ainda mais confusos do que todos aqueles dispositivos, aparelhos e objetos que abarrotavam a nave. Shevek até que achava estes últimos divertidos. Tudo era tão

profuso, funcional e inventivo... Mas o que havia no intelecto de Kimoe não era tão confortável. Suas ideias não pareciam capazes de seguir em linha reta. Tinham de contornar isto e evitar aquilo outro e acabavam indo de encontro a um muro. Havia muros em volta de seus pensamentos e ele parecia totalmente inconsciente disso, embora vivesse se escondendo atrás deles. Shevek só percebeu neles uma única brecha, em todos aqueles dias de conversação entre dois mundos.

Ele já tinha perguntado por que não havia mulheres a bordo da nave e Kimoe respondera-lhe que o bom funcionamento de um cargueiro espacial não era trabalho para mulheres. Os cursos de História e o conhecimento da obra de Odo ofereceram a Shevek um contexto para a compreensão dessa resposta tautológica e ele então se calou. Mas o médico respondeu fazendo uma pergunta sobre Anarres:

— É verdade, Dr. Shevek, que a mulher em sua sociedade é tratada exatamente como o homem?

— Isso seria desperdiçar um bom material — disse Shevek com uma risada, e deu outra ao perceber o ridículo total dessa ideia.

O doutor hesitou, obviamente tateando para contornar um de seus obstáculos mentais, depois ficou perturbado e disse:

— Não, eu não estava falando de sexo; o senhor, é evidente... elas... Eu estava me referindo ao status social da mulher.

— *Status* é a mesma coisa que *classe*?

Kimoe tentou explicar status mas não conseguiu e voltou ao primeiro tópico:

— Não há nenhuma distinção entre o trabalho do homem e o trabalho da mulher?

— Bem, não, seria uma base muito mecânica para a divisão do trabalho, não acha? Uma pessoa escolhe o trabalho segundo seus interesses, seus talentos, sua força. O que o sexo tem a ver com isso?

— Os homens são fisicamente mais fortes — afirmou o médico de modo profissional e categórico.

— Sim, com frequência, e mais corpulentos; mas o que isso importa quando se tem máquinas? E mesmo quando não se tem, quando se precisa cavar com a pá ou carregar um peso nas costas, talvez os homens trabalhem mais rápido, os fortões, mas as mulheres trabalham mais tempo. Já desejei muitas vezes ser resistente como uma mulher.

Kimoe o fitou, tão chocado que chegou a perder a polidez:

— Mas a perda de... de tudo o que é feminino, da delicadeza... e a perda da dignidade masculina... o senhor não pode pretender, com certeza, logo no *seu* trabalho, que as mulheres possam ser iguais ao senhor. Suas iguais em Física, em Matemática, em inteligência! O senhor não pode pretender ficar sempre se rebaixando ao nível delas!

Shevek sentou-se na confortável poltrona estofada e examinou a saleta dos oficiais. Na tela via-se a curva brilhante de Urrás, imóvel na escuridão do espaço, semelhante a uma opala de um azul esverdeado. Essa linda imagem e a saleta tinham se tornado familiares a Shevek naqueles últimos dias, mas agora as cores vivas, as cadeiras curvilíneas e a iluminação camuflada, as mesas de jogo, as telas de televisão e o tapete macio no chão pareceram-lhe todos estranhos, tão estranhos como da primeira vez em que os viu.

— Não acho que eu pretenda muito, Kimoe — ele disse.

— É claro que já conheci mulheres altamente inteligentes; mulheres capazes de pensar como um homem — disse o doutor num ritmo muito rápido, consciente de que estivera quase gritando, de que tinha — pensou Shevek — falado aos gritos e esmurrado a porta.

Shevek mudou de assunto mas continuou a pensar a respeito. A questão da superioridade e da inferioridade devia ser fundamental para a sociedade urrasti. Se para ter respeito próprio Kimoe

precisava considerar metade da humanidade como inferior, o que faziam as mulheres para terem respeito por si mesmas? Considerariam os homens inferiores? E em que isso lhes afetava a vida sexual? Ele tinha aprendido, nos escritos de Odo, que há duzentos anos as principais instituições sexuais dos urrastis eram o “casamento” — uma associação autorizada e imposta por sanções legais e econômicas — e a “prostituição”, que parecia ser apenas um termo mais amplo para copulação, na modalidade econômica. Odo condenou as duas e no entanto havia sido “casada”. Mas essas instituições talvez tivessem mudado muito, naqueles duzentos anos, e como ele iria viver com os urrastis e em Urrás era melhor informar-se a respeito.

Era estranho que até mesmo o sexo — fonte de tanta liberação e paz, prazer e alegria por tantos anos — tivesse se tornado de um dia para outro um território que ele precisava trilhar com todo cuidado, consciente de sua ignorância. E todavia era isso o que se passava. Foi alertado disso não só pelo estranho acesso de cólera e menosprezo de Kimoe; tivera anteriormente uma impressão vaga que esse episódio trouxe à luz. Em suas primeiras horas a bordo da nave, naquelas longas horas de febre e desespero, sentiu-se perturbado por uma sensação chocantemente simples: a maciez da cama. Não passava de um beliche, mas o colchão cedia a seu peso com a suavidade de uma carícia. Parecia entregar-se, ajustar-se a ele, e o fazia com tal insistência que ele o sentia, ainda e sempre, ao adormecer. O prazer e a irritação que isso lhe dava eram decididamente de natureza erótica. E havia também o aparelho-toalha com o jato de ar quente: o mesmo tipo de efeito, uma sensação de carícia. E havia ainda as formas dos móveis na saleta dos oficiais, as suaves curvas plásticas onde aço e madeira foram à força introduzidos, e a maciez e delicadeza das superfícies e estruturas. Não seria isso tudo também de um erotismo sutil e difuso? Ele se conhecia o suficiente para ter certeza de que apenas alguns dias sem Takver, mesmo dominado por grande tensão, não podiam deixá-lo excitado a ponto de sentir a presença de uma mulher na superfície de cada mesa. A não ser que a mulher estivesse realmente lá. Seriam todos os marceneiros urrastis solteiros?

Desistiu da resposta; logo a teria, em Urrás.

Momentos antes de serem atados para a descida, o doutor foi até a cabine para verificar o progresso de várias imunizações, a última das quais — uma vacina contra a peste bubônica — deixara Shevek enjoado e grogue. Kimoe deu-lhe outro comprimido.

— Isto vai reanimá-lo para a aterrissagem — disse ele. Estoicamente, Shevek engoliu aquilo.

O médico ficou andando de um lado para o outro com seu estojo e de súbito começou a falar com muita rapidez:

— Dr. Shevek, não creio que eu vá ter a oportunidade de assisti-lo outra vez; embora seja possível, quero em todo caso dizer-lhe que eu... que... que foi um grande privilégio para mim. Não porque... mas porque cheguei a respeitar... a apreciar... simplesmente como ser humano, sua gentileza, sua sincera amabilidade.

Impossibilitado por uma dor de cabeça de encontrar resposta mais adequada, Shevek estendeu a mão e apertou a de Kimoe dizendo:

— Então vamos nos encontrar outra vez, irmão.

Kimoe apertou-lhe a mão com nervosismo, à maneira urrasti, e saiu apressadamente. Depois que ele tinha partido, Shevek deu-se conta de que havia lhe falado em právico, que o chamara de *ammar*, irmão, num idioma que Kimoe não compreendia.

O alto-falante na parede balia ordens.

Atado por correias em seu beliche, Shevek escutava, sentindo-se atordoado e distante. As sensações causadas pela entrada na atmosfera de Urrás deixaram-no ainda mais atordoado. Não tinha consciência de quase nada além de uma profunda esperança de não vomitar. Só percebeu que tinham

aterrissado quando Kimoe entrou novamente às pressas e o impeliu para a saleta dos oficiais. A tela onde antes se via Urrás luminoso e envolto em nuvens estava agora em branco. A saleta estava cheia de gente. De onde tinham vindo? Ficou surpreso e contente em poder ficar de pé, andar, trocar apertos de mão. Concentrou-se nisso, deixando o sentido do resto escapar-lhe. Vozes, sorrisos, mãos, palavras, nomes. Seu nome repetidas vezes: Dr. Shevek, Dr. Shevek...

Agora ele e todos os estranhos que o rodeavam desciam por uma rampa coberta, as vozes todas muito altas, o eco das palavras atravessando as paredes. O zumbido das vozes diminuiu. Um ar estranho tocou em seu rosto. Olhou para o alto, e ao sair da rampa para pisar o solo tropeçou e quase caiu. Pensou na morte naquele hiato entre o início e a conclusão de um passo, e ao concluir esse passo estava pisando em terra nova.

Uma noite plena o envolvia. Luzes azuis embaçadas pela bruma brilhante ao longe, no outro extremo de um campo. O ar que sentia no rosto, nas narinas, pela garganta e pelos pulmões era frio, úmido, aromatizado, agradável. Não era estranho. Era o ar do mundo de onde sua raça viera, era o ar de casa.

Alguém segurou-lhe o braço quando tropeçou. As luzes dos flashes e refletores o iluminaram. Fotógrafos e câmeras estavam filmando a cena para os noticiários: O Primeiro Homem Vindo da Lua. Uma figura esguia em meio a uma multidão de dignitários, professores e agentes de segurança, com a bela cabeça de cabeleira farta e revolta bem ereta (para que os fotógrafos pudessem captar cada traço) e que parecia estar tentando olhar por cima dos refletores e holofotes para ver o céu, o vasto céu brumoso que ocultava as estrelas, a Lua, e os outros mundos. A multidão de jornalistas tentou invadir os cordões de segurança:

— Pode fazer-nos uma declaração nesse momento histórico, Dr. Shevek?

Foram logo forçados a recuar. Os homens que o protegiam o impeliram a avançar. Foi empurrado até a limusine que o aguardava, visível para os fotógrafos até o último instante, inconfundível por causa de sua altura, do cabelo comprido e da estranha expressão de tristeza e apreensão estampada em seu rosto.

As torres da cidade erguiam-se na bruma, longas escadas de luz, enevoadas. Trens passavam no alto como riscos luminosos e estridentes. Maciças paredes de pedra e vidro ladeavam as ruas, dominando as pistas de carros e ônibus. Pedra, aço, vidro, luz elétrica. Nenhum rosto.

— Esta é Nio Esseia, Dr. Shevek. Mas decidimos que seria melhor mantê-lo afastado das multidões da cidade, por enquanto. Vamos diretamente para a Universidade.

Havia cinco homens com ele no interior do carro escuro e bem almofadado. Mostravam-lhe pontos determinados, mas a neblina não lhe permitia dizer quais daqueles edifícios indistintos e fugidios eram a Corte Suprema, o Museu Nacional, o Diretório ou o Senado. Atravessaram um rio ou um estuário. As milhares de luzes de Nio Esseia, difusas pela neblina, tremulavam na água escura que ficava para trás. A estrada ficou mais escura, a neblina mais densa e o motorista reduziu a velocidade; os faróis do veículo iluminavam a bruma como se iluminassem um muro que não parava de recuar diante deles. Shevek ficou inclinado para a frente por um momento, olhando fixo para fora. Seu olhar não era visível, nem seus pensamentos, mas estava com um ar distante e grave e os outros homens falavam baixinho, respeitando-lhe o silêncio.

O que eram aquelas sombras mais cerradas que passavam sem cessar ao longo de toda a estrada? Árvores? Estaria o carro seguindo por entre árvores desde que deixaram a cidade? Lembrou-se do termo iótico: “floresta”. Eles não se achariam repentinamente num deserto. As árvores continuavam a

desfilarem, estendiam-se por cada monte que surgia, erguiam-se no frio ameno da bruma, intermináveis, uma floresta espalhada pelo mundo inteiro, um conjunto de vidas eternamente rivais, um movimento de folhas na escuridão da noite. Então, quando o carro saía da neblina do vale e entrava numa região mais clara, Shevek, sempre maravilhado, viu por um instante, a olhá-lo da escuridão sob a folhagem que ladeava a estrada, um rosto. Não se assemelhava a nenhum rosto humano. Era do tamanho de seu braço e de uma brancura fantasmagórica. A respiração saía em jatos de vapor pelo que pareciam ser narinas e tinha um olho, terrível, inconfundível. Um olho sombrio, tristonho — talvez cínico? —, que desapareceu na luz dos faróis.

— O que era aquilo?

— Um jumento, acho.

— Um animal?

— Sim, um animal. Ah meu Deus, é verdade! Vocês não têm animais grandes em Anarres, têm?

— Um jumento é uma espécie de cavalo — disse um outro homem, e depois numa voz mais firme, mais madura, um outro falou:

— Aquilo *era* um cavalo. Os jumentos não crescem tanto.

Queriam conversar com ele, mas Shevek voltara a não escutá-los. Estava pensando em Takver. Ficou imaginando o que aquele olhar profundo, impassível e sombrio que partia da escuridão teria significado para ela. Ela sempre soubera que todas as vidas têm algo em comum e rejubilava-se com seu parentesco com os peixinhos dos aquários do laboratório onde trabalhava, tentando conhecer a existência de seres que vivem para além dos limites humanos. Takver saberia retribuir àquele olho na escuridão sob as árvores.

— Ali adiante é Ieu Eun. Há muita gente esperando para conhecê-lo, Dr. Shevek; o Presidente e vários Diretores e o Reitor, é claro. Todo tipo de mandachuva. Mas se o senhor estiver cansado acabaremos logo com esses prazeres e com a recepção.

Os prazeres e a recepção duraram várias horas. Depois ele nunca pôde lembrá-los com clareza. Foi propulso da pequena e escura cabina do carro para um imenso salão iluminado e cheio de gente; centenas de pessoas sob um teto dourado de onde pendiam lustres de cristal. Foi apresentado a todas elas. Eram todas calvas e menores do que ele. As poucas mulheres que ali havia não tinham pelos nem nas cabeças. Deu-se por fim conta de que deviam depilar-se todas: os pelos finos e macios de sua própria raça, e os cabelos também. Mas isso era compensado por roupas maravilhosas, de cores e efeitos deslumbrantes; as mulheres com longos vestidos que se arrastavam pelo chão, os seios desnudos, a cintura, o pescoço e a cabeça enfeitados de joias, rendas e tecidos transparentes. Os homens usavam calças e casacos ou túnicas, em vermelho, azul, violeta, dourado, verde, com mangas, franjas e cascatas de renda, ou então longas túnicas em carmim ou verde escuro ou preto, que se abriam nos joelhos para mostrar as longas meias com ligas prateadas. Outro termo iótico flutuou no pensamento de Shevek, um termo para o qual nunca tivera um ponto de referência, embora gostasse do som: “esplendor”. Aquelas pessoas tinham esplendor. Discursos foram proferidos. O Presidente do Senado da nação de A-Io, um homem de olhar estranho e frio, propôs um brinde:

— À nova era de fraternidade entre os Planetas Gêmeos, e ao precursor dessa nova era, nosso ilustre e muito bem-vindo Dr. Shevek de Anarres!

O Reitor da Universidade conversou com ele embevecido, o Primeiro Diretor da Nação conversou com um ar sério e apresentaram-no a embaixadores, astronautas, físicos, políticos, dezenas de pessoas, todas com títulos honoríficos antes ou depois dos nomes, que lhe falavam e ele lhes respondia, embora mais tarde não fosse capaz de lembrar-se de nada do que lhe disseram e muito menos do que ele próprio dissera. Bem tarde da noite, achou-se caminhando com um pequeno

grupo de homens, sob uma chuva morna, através de um parque ou de uma praça. Sentiu a sensação primaveril de grama viva sob os pés; reconheceu a grama porque já tinha passeado no Parque do Triângulo em Abbenay. Essa lembrança vívida e o contato frio do vento noturno despertaram-no.

Seus acompanhantes o levaram para dentro de um edifício, depois para dentro de uma sala que, segundo lhe explicaram, era *dele*. Era ampla, com uns dez metros de comprimento, e visivelmente uma sala comum pois não tinha divisões nem camas; os três homens que ainda o acompanhavam deviam coabitar com ele. Era uma sala muito bonita, com uma série de janelas por toda uma parede, separadas umas das outras por uma coluna fina e graciosa que se erguia como uma árvore e formava um arco duplo no topo. O chão era recoberto por um tapete carmim, e nos fundos da sala brilhava o fogo de uma lareira aberta. Shevek atravessou a sala e se pôs na frente do fogo. Ele nunca tinha visto madeira ser queimada para aquecimento, mas estava fascinado. Aproximou as mãos do calor agradável e sentou-se num banco de mármore lustroso, ao lado da lareira.

O mais jovem de seus acompanhantes sentou-se no outro lado da lareira. Os outros dois continuaram a conversar. Falavam de Física, mas Shevek não tentou acompanhar a conversa. O jovem falou-lhe calmamente:

— Imagino como deve sentir-se, Dr. Shevek.

Shevek estirou as pernas e inclinou-se para a frente a fim de sentir o calor do fogo no rosto.

— Sinto-me pesado.

— Pesado?

— Talvez a gravidade. Ou então estou cansado.

Olhou para o outro homem, mas o brilho intenso da lareira ofuscava-lhe o rosto e nele só podia-se ver os reflexos de uma corrente de ouro e o intenso vermelho-rubi de uma túnica.

— Não sei o seu nome.

— Saio Pae.

— Ah, Pae, claro. Conheço seus artigos sobre o Paradoxo.

Falou arrastando as palavras, como num sonho.

— Deve haver um bar por aqui. Na Residência dos Decanos sempre tem um bar. Gostaria de beber algo?

— Sim, água.

O jovem reapareceu com um copo d'água e os outros dois homens reuniram-se a eles, perto da lareira. Shevek bebeu água de uma só vez e baixou o olhar para admirar o copo em suas mãos: um objeto frágil e de linhas delicadas, cujas bordas de ouro refletiam o brilho do fogo. Estava consciente da presença dos três homens, de suas atitudes ao sentarem-se ou ao ficarem de pé a seu lado, protetores, respeitosos, proprietários.

Olhou para eles, rosto por rosto. Todos o olhavam, aguardavam ansiosos.

— Bem, aqui estou eu — disse ele e sorriu. — Agora vocês têm um anarquista. O que vão fazer dele?

CAPÍTULO II

ANARRES

Em uma janela quadrada de uma parede branca está o céu claro e sem nuvens. No centro do céu, o sol.

Há onze bebês no quarto, a maior parte engaiolada aos pares ou em trio em largos leitos gradeados, agitando-se ou balbuciando enquanto dormem.

Os dois mais velhos estavam a distância. Um deles era gorducho e estava concentrado na destruição das cavilhas incrustadas de uma prancha e o outro, magrinho, estava sentado no quadrado de luz solar formado pela janela, e fitava os raios do sol, concentrado e boquiaberto.

No vestibulo, a assistente — uma mulher caolha e de cabelos grisalhos — falava com um homem de seus trinta anos e de ar tristonho.

— A mãe foi indicada para um posto em Abbenay — disse o homem. — Ela quer que ele fique aqui.

— Então ele vai ficar na creche por tempo integral, Palat?

— Sim. Eu vou voltar para um dormitório coletivo.

— Não se preocupe, ele conhece todo mundo aqui. Mas é claro que a Divlab vai logo mandá-lo para junto de Rulag, não vai? Vocês são pares e ambos engenheiros.

— Sim, mas ela está... Foi o Instituto Central de Engenharia que a requisitou, compreende? E eu não sou tão bom assim. Rulag tem um grande trabalho a realizar!

A assistente aquiesceu com um sinal de cabeça e suspirou.

— Mesmo assim!... — afirmou com energia e não disse mais nada.

O pai fitava atentamente o bebê magrinho, que ainda não notara sua presença no vestibulo por estar preocupado com a luz. O gorducho nesse momento dirigia-se para o magrinho com rapidez, mas com um curioso agachamento no andar, causado pela fralda ensopada e bamba. Aproximou-se movido pela sociabilidade ou pelo tédio, mas assim que chegou ao quadrado de luz solar descobriu que ali havia calor. Deixou-se cair pesadamente ao lado do magrinho e o empurrou para a sombra.

O ar de êxtase perplexo do magrinho logo se transformou numa carranca. Empurrou o gorducho gritando:

— Vá ‘bora!

A assistente não tardou em chegar. Recolocou o gorducho em seu lugar.

— Shev, você não deve empurrar as pessoas.

O magrinho se levantou; seu rosto brilhava de sol e de raiva, a fralda quase a cair.

— Minha — disse ele numa voz alta e potente. — Minha sol!

— Não é seu — disse a caolha, com a suavidade de uma profunda certeza. — Nada é seu. É para ser usado, para ser partilhado. Se você não quiser compartilhar com os outros, não poderá usar.

Levantou o magrinho com mãos delicadas e inexoráveis e o colocou fora do quadrado de luz.

O gorducho continuou sentado, olhando com indiferença. O magrinho estremeceu-se todo, berrou:

— Minha sol! — e caiu num choro encolerizado. O pai o segurou e o pôs no colo.

— Pronto, pronto, Shev! — disse. — Que é isso? Você sabe que não pode ter as coisas. O que é que há com você?

A criança leve, franzina e comprida chorava em seus braços com violência.

— Tem uns que não sabem levar a vida com calma — disse a caolha, que os observava com simpatia e compreensão.

— Vou levá-lo agora para visitar a mãe. Ela vai embora hoje à noite, entende?

— Leve sim. Espero que você consiga um posto no mesmo lugar — disse a assistente, colocando o gorducho no quadril como se carregasse um saco de cereal, com uma expressão tristonha e o olho sadio semicerrado.

— Adeusinho, Shev querido. Amanhã, veja bem, amanhã vamos brincar de caminhão.

O bebê ainda não a tinha perdoado. Soluçava ao pescoço do pai, ocultando o rosto na escuridão do sol perdido.

A Orquestra precisava de todos os bancos para o ensaio daquela manhã, e o grupo de dança movimentava-se ruidosamente pelo imenso salão do centro de aprendizagem, obrigando as crianças do grupo que trabalhava em Capacidade Oral e Auditiva a se sentarem em círculo no chão de concreto esponjoso da oficina. O primeiro voluntário se levantou: um garoto de oito anos, magricela e desengonçado, de mãos longas e pés grandes. Ficou bem ereto, como as crianças saudáveis costumam ficar. No começo o rosto coberto por uma tênue penugem estava pálido, mas ruborizou-se enquanto aguardava o silêncio das outras crianças.

— Vamos, Shevek — disse o diretor do grupo.

— Bem, eu tive uma ideia.

— Mais alto — disse o diretor, um homem corpulento de seus vinte e poucos anos.

O garoto sorriu, embaraçado.

— Bem, sabe, eu estava pensando, digamos que se jogue uma pedra numa coisa qualquer, numa árvore. A gente joga e ela vai pelo ar até bater na árvore, certo? Mas isso não é possível. Porque... posso usar a lousa? Vejam, isso é a pessoa jogando a pedra e isso é a árvore — fez uns rabiscos na lousa —; isso aqui é a árvore e isso é a pedra, certo, no meio do caminho entre a pessoa e a árvore.

As crianças deram risadinhas com seu desenho de um pé de holumínia e ele sorriu.

— Para ir da pessoa até a árvore a pedra primeiro fica no meio da distância entre a pessoa e a árvore, não fica? E depois tem de ficar a meio caminho do primeiro meio de caminho. E depois ela tem de estar a meio caminho entre *esse ponto* e a árvore. Por mais longe que ela vá, terá sempre uma distância a percorrer, estará sempre num ponto; só que esse ponto na realidade é um momento, é o meio do caminho entre o ponto anterior e a árvore.

— Vocês acham isso interessante? — interrompeu o diretor dirigindo-se às outras crianças.

— *Por que* ela não pode alcançar a árvore? — perguntou uma garota de dez anos.

— Porque sempre terá de percorrer a metade do caminho que ainda tem de percorrer, compreende?

— Poderíamos dizer que você não visou bem a árvore? — perguntou o diretor com um sorriso forçado.

— Não importa como se vise. *Não pode atingir a árvore.*

— De onde você tirou essa ideia?

— De lugar nenhum. Foi assim como se eu mesmo visse. Acho que eu vi como a pedra na realidade...

— Chega!

Algumas crianças estavam falando mas pararam subitamente como se tivessem emudecido. O

garoto com a lousa ficou imóvel e em silêncio. Franzia a testa e parecia assustado.

— A arte da palavra deve ser partilhada, deve ser cooperativa. E você não está partilhando, está meramente egoizando.

Os acordes agudos e vigorosos da orquestra ressoavam pelo corredor.

— Você não percebeu isso por você mesmo, não foi espontâneo. Já li algo de muito semelhante num livro.

Shevek encarou o diretor:

— Que livro? Tem algum livro aqui?

O diretor levantou-se. Tinha o dobro da altura e o triplo do peso de seu adversário e sua expressão revelava o quanto não gostava daquela criança. Mas não havia ameaça de violência em sua atitude; apenas uma afirmação da autoridade, um tanto enfraquecida por sua resposta irritada à estranha pergunta do garoto.

— Não! E pare de egoizar! — Depois reassumiu o tom melodioso e afetado do preceptor. — Esse tipo de coisa é totalmente contrário ao que pretendemos nos Grupos de Capacidade Oral e Auditiva. A linguagem é uma função recíproca. Shevek ainda não está preparado para entender isso como a maior parte de vocês pode, e por isso a presença dele no grupo é perturbadora. Você mesmo sente isso, não é, Shevek? Sugiro que você procure um grupo de trabalho do seu nível.

Ninguém disse mais nada. O silêncio e a música alta e estridente continuaram enquanto o garoto devolvia a lousa e saía do círculo. Foi para o corredor e lá ficou parado. O grupo que ele deixara começou uma narração coletiva sob a orientação do diretor, falando um de cada vez. Shevek podia ouvir as vozes baixas e as batidas ainda aceleradas de seu coração. Havia um zunido em seus ouvidos que não vinha da orquestra; era o barulho que se ouve quando se reprime o choro. Ele já tinha ouvido esse zunido várias vezes. Não gostava de ouvi-lo, não queria pensar sobre a pedra nem sobre a árvore e voltou seu pensamento para o Quadrado: era formado de números, e os números são sempre tranquilos e sólidos. Quando incorria em falta voltava-se sempre para eles, pois neles não havia falhas. Tinha imaginado esse Quadrado há pouco tempo, um desenho no espaço semelhante aos desenhos que a música faz no tempo: um quadrado formado pelos nove primeiros números inteiros com o número cinco no centro. Qualquer fileira somada dava sempre o mesmo resultado, contrabalançando toda desigualdade. Era agradável de se ver. Se pelo menos ele pudesse formar um grupo que gostasse de falar de coisas assim... Mas havia apenas alguns dos garotos e garotas mais velhos que gostavam, e eles agora estavam ocupados. Que livro era esse que o diretor mencionara? Seria um livro de números? Mostraria como a pedra conseguia alcançar a árvore? Foi estúpido em contar a piada sobre a árvore e a pedra. Ninguém percebeu que era uma brincadeira, o diretor tinha razão. A cabeça doía-lhe. Olhou para dentro de si mesmo, para as figuras calmas.

Se um livro fosse escrito com números seria verdadeiro, seria exato. O que se exprimia com palavras nunca era muito exato. As coisas eram torcidas, embaralhadas pelas palavras, em vez de ficarem claras e diretas e de se ajustarem. Mas, subjacente às palavras, no centro, como no centro do Quadrado, tudo tornava-se exato e igual. Tudo podia mudar, e no entanto nada se perdia. Os que compreendiam os números podiam ver isso, o equilíbrio, a base. Podiam ver as fundações do mundo. E elas eram sólidas.

Shevek aprendera a esperar. Tinha experiência disso, era um perito. Começou a desenvolver essa capacidade esperando a volta de sua mãe Rulag, embora fizesse tanto tempo que já nem se lembrava. Foi aperfeiçoando-a enquanto esperava sua vez, esperando a hora de partilhar, esperando uma partilha. Aos oito anos de idade já perguntava *por que e como e o quê*, mas raramente perguntava *quando*.

Esperou até seu pai vir buscá-lo para uma visita ao domicílio. Foi uma longa espera: seis décadas.^[2] Palat aceitara um posto temporário no serviço de manutenção da Usina de Aproveitamento de Resíduos no Monte Drum e depois iria passar uma década na praia de Malennin, onde nadaria, descansaria e copularia com uma mulher chamada Pipar. Tinha explicado isso tudo ao filho. Shevek tinha confiança nele e ele a merecia.

Foi um homem alto, magro e com o olhar mais tristonho do que nunca que chegou ao final de sessenta dias no dormitório infantil de Campina Vasta. Copular não era bem o que ele queria; ele queria Rulag. Quando viu o garoto sorriu, mas sua testa franziu-se de dor.

Sentiam prazer em estar juntos.

— Palat, você já viu algum livro só de números?

— Como assim, de matemática?

— Acho que sim.

— Como este aqui?

Palat tirou um livro do bolso de sua túnica. Era pequeno, feito para ser transportado no bolso e, como a maioria dos livros, era encadernado em verde com o Círculo da Vida na capa. A impressão era muito compacta, em pequenos caracteres com margens estreitas, pois o papel era uma substância que exigia muitos pés de holumínia e muito trabalho humano para ser fabricada, como sempre observava o distribuidor do material no centro de aprendizagem, quando se estragava uma folha e pedia-se uma nova. Palat estendeu o livro aberto para Shevek. Havia uma série de colunas de números na página dupla. Ali estavam eles, exatamente como os imaginara. Recebeu em suas mãos o pacto da justiça eterna. Tábuas Logarítmicas, Bases 10 e 12 — indicava o título, impresso na capa, acima do Círculo da Vida.

O menino ficou observando a primeira página por um momento.

— Para que servem? — perguntou, pois evidentemente aqueles números não estavam ali apenas pela beleza. O engenheiro — sentado ao lado do filho num duro sofá no salão comum, frio e mal iluminado do domicílio — empreendeu explicar-lhe os logaritmos. Dois velhos sentados no outro extremo do salão tagarelavam enquanto jogavam “avança vence”. Um casal de adolescentes entrou e perguntou se o quarto individual estava livre para aquela noite e em seguida foi ocupá-lo. A chuva caiu com violência no telhado do único andar do domicílio e de repente parou. Nunca chovia por muito tempo. Palat pegou a régua de cálculo e mostrou a Shevek como utilizá-la. Shevek por sua vez mostrou-lhe o Quadrado e explicou o princípio da disposição. Quando se deram conta de que já era tarde já era muito tarde. Correram até o dormitório das crianças pela escuridão lamacenta com um maravilhoso cheiro de chuva, e levaram uma rotineira repreensão do vigia noturno. Deram-se um beijo rápido, ambos tremendo de rir, e depois Shevek correu até seu imenso dormitório, de cuja janela pôde ver o pai voltando para o domicílio pela única rua existente em Campina Vasta, na escuridão elétrica e úmida.

O garoto deitou-se com as pernas enlameadas e sonhou. Sonhou que estava seguindo por uma estrada, numa região estéril. Percebeu na distância à sua frente uma linha que cortava a estrada. Avançou, e ao aproximar-se percebeu que era um muro. Ia de ponta a ponta do horizonte na planície árida. Era compacto, sombrio e muito alto. A estrada seguia até o muro e parava. Shevek precisava prosseguir e não podia. O muro o impedia.

Foi sendo dominado por um temor revoltado e doloroso. Tinha de prosseguir ou então nunca mais poderia voltar para casa. Mas o muro estava ali. Não havia como.

Esmurrou a superfície lisa com as duas mãos e gritou. Sua voz emitiu apenas uns grasnidos, nenhuma palavra. Assustado com o som da própria voz, encolheu-se de medo e ouviu então uma outra

voz a dizer: “Olhe!” Era a voz de seu pai. Teve a impressão de que sua mãe Rulag também estava lá, embora não pudesse vê-la (não tinha nenhuma lembrança de seu rosto). Pareceu-lhe que ela e Palat estavam ambos de quatro na sombra ao pé do muro, e que eram bem maiores do que os seres humanos, aos quais não se assemelhavam. Apontavam-lhe, mostravam-lhe alguma coisa no chão, na terra ingrata onde nada crescia. Era uma pedra. Sombria como o muro, mas na superfície ou em seu interior havia um número. Primeiro ele pensou que fosse um 5, depois achou que era o número 1 e compreendeu então o que era: o número primal, o que era ao mesmo tempo unidade e pluralidade.

— Essa é a pedra fundamental — disse uma voz querida e familiar, invadindo Shevek de alegria. Na sombra não havia muro algum e ele soube que tinha voltado, que estava em casa.

Mais tarde não foi capaz de lembrar-se dos detalhes desse sonho, mas não pôde esquecer a onda de alegria que o invadiu. Nunca tinha sentido nada semelhante; a certeza de que ela permaneceria era tão profunda (como o lampejo de uma luz que brilha eternamente) que ele nunca pôde considerá-la irreal, embora só a tivesse conhecido num sonho. Só que, por mais certeza que tivesse de que ela estava presente *lá*, ele não conseguia reencontrá-la, nem com seus anseios, nem pela força de sua vontade. Quando voltou a sonhar com o muro, como algumas vezes lhe aconteceu, os sonhos eram vagos e sombrios.

Eles tinham tirado a ideia de “prisões” dos episódios narrados em *A Vida de Odo*, que estava sendo lido por todos os que optaram pelos grupos de História. Havia muitos pontos obscuros no livro e ninguém em Campina Vasta sabia História o suficiente para esclarecê-los; mas quando chegaram na descrição dos anos que Odo passou no Forte Drio, o conceito de “prisão” tornou-se claro por si mesmo. E quando um professor itinerante especializado na matéria passou pela cidade, explicou-lhes o assunto, com a relutância de um adulto recatado sendo forçado a explicar uma ideia obscena a crianças. Sim, disse ele, uma prisão era um lugar onde o Estado deixava as pessoas que lhe desobedeciam as leis. Mas por que elas não abandonavam o lugar? Não podiam sair, as portas eram trancadas. Trancadas? Como as portas de um caminhão em movimento, para impedir que se caia, seu imbecil! Mas o que é que elas *faziam* dentro do lugar o tempo inteiro? Nada. Não havia nada para se fazer. Vocês já viram fotos de Odo numa cela da prisão de Drio, não viram? A expressão de uma paciência desafiante, a cabeça grisalha inclinada, as mãos cruzadas, imóvel, na penumbra ameaçadora. Às vezes os prisioneiros eram condenados ao trabalho. Condenados? Bem, isso quer dizer que um juiz, uma pessoa a quem a Lei confere poderes, ordenava que executassem um trabalho físico qualquer. Ordenava? E se eles não quisessem fazer? Bem, eram forçados a fazê-lo; se não trabalhassem eram espancados. Um arrepio espalhou-se pelas crianças que o ouviam, todas em seus onze ou doze anos, pois nenhuma delas jamais tinha sido espancada, ou visto alguém ser espancado, salvo num acesso de cólera, breve e pessoal.

Tirin fez a pergunta que estava em todas as mentes.

— Você quer dizer que muitas pessoas espancavam uma única?

— Sim.

— E por que os outros não impediam?

— Os guardas tinham armas. Os prisioneiros não — respondeu o professor. Falava com a violência de alguém forçado a dizer coisas detestáveis e sentia-se embaraçado.

A mera atração da perversidade aproximou Tirin, Shevek e três outros garotos. As garotas foram excluídas do grupo e não sabiam dizer por quê. Tirin tinha descoberto uma prisão ideal, debaixo da ala esquerda do centro de aprendizagem. Era um espaço que mal dava para alguém sentar-se ou

deitar-se, formado por três paredes de concreto da fundação e tendo o piso do centro por teto; como as fundações eram parte de uma forma de concreto, o chão do espaço era a continuidade das paredes e uma laje maciça de pedra esponjosa poderia vedá-lo completamente. Mas a porta tinha de ser trancada; descobriram que dois esteios acunhados entre as paredes da fundação e a laje o fechariam de forma assustadoramente definitiva. Ninguém que lá dentro ficasse conseguiria abrir uma porta assim.

— E a luz?

— Não tinha luz — disse Tirin. Falava de coisas assim com autoridade, porque sua imaginação o levava diretamente a percebê-las. Usava todos os fatos que lhe davam a conhecer, mas não eram os fatos a base daquela segurança. — Deixavam os prisioneiros sentados no escuro, no Forte Drio. Durante anos.

— Mas é preciso ar, mesmo assim. Essa porta se encaixa como uma tampa acoplada. Temos de fazer um buraco.

— Levaremos horas para furar um buraco nessa pedra. E de qualquer jeito, quem vai ficar tanto tempo aí dentro para chegar a sentir falta de ar?

Coro de voluntários e candidatos.

Tirin os olhou com ar de desdém.

— Vocês são todos loucos. Quem vai mesmo querer ser trancado num lugar desse? E para quê?

A ideia de se fazer a prisão tinha sido dele e isso lhe bastava. Nunca tinha se dado conta de que apenas a imaginação não basta a certas pessoas; elas tinham de entrar na cela, tinham de tentar abrir a porta que não se pode abrir.

— Quero ver como é — disse Kadagv, um garoto de doze anos, com o peito largo e o ar sério e prepotente.

— Ponha essa cabeça para funcionar! — disse Tirin com sarcasmo, mas os demais apoiaram Kadagv.

Shevek foi apanhar uma broca na oficina e eles fizeram um buraco de dois centímetros na “porta” na altura do nariz. Levaram quase uma hora, como previra Tirin.

— Quanto tempo quer ficar lá dentro, Kad? Uma hora?

— Escutem — disse Kadagv —, se eu sou o prisioneiro não posso decidir. Não sou livre. São vocês que têm de decidir quando vão me deixar sair.

— Justo — disse Shevek, enervado por essa lógica.

— Você não pode ficar preso muito tempo, Kad. Eu também quero experimentar! — disse Gibesh, o mais novo de todos. O prisioneiro não se dignou a responder. Entrou na cela. Levantaram a porta e a colocaram no seu lugar com um estrondo; os quatro carcereiros acunharam os esteios, martelando-os com entusiasmo. Amontoaram-se junto ao buraco-respiradouro para ver o prisioneiro, mas como só entrava luz na prisão pelo buraco, nada puderam ver.

— Não suguem o ar desse pobre imbecil!

— Sopra um pouco lá dentro.

— Peida no buraco!

— Quanto tempo vamos deixá-lo?

— Uma hora.

— Três minutos.

— Cinco anos.

— Faltam quatro horas para as luzes serem desligadas. Acho que chega.

— Mas eu quero experimentar.

— Está bem; nós deixamos você aí a noite inteira.

— Bem, eu quis dizer amanhã.

Quatro horas depois arrancaram os espeques e libertaram Kadagv. Saiu tão senhor da situação quanto entrara, disse que estava com fome e que aquilo não era nada; que tinha sobretudo dormido, apenas.

— Você toparia outra vez? — perguntou-lhe Tirin em desafio.

— Claro.

— Não, agora é minha vez...

— Cale a boca, Gib. E agora, Kad? Você entraria ali outra vez sem saber quando vamos deixá-lo sair?

— Sim.

— Sem comida?

— Eles alimentavam os prisioneiros — disse Shevek. — E isso é que é o mais estranho de tudo.

Kadagv levantou o ombro. Essa demonstração arrogante de segurança era insuportável.

— Olhe aqui — disse Shevek para o mais novo —, vá pedir umas sobras na cozinha e traga também uma garrafa de outra coisa qualquer cheia de água. — Voltou-se para Kadagv. — Vamos lhe dar uma sacola cheia de troço e você pode ficar no buraco o tempo que quiser.

— O tempo que *vocês* quiserem — corrigiu Kadagv.

— Está bem. Entre aí! — A segurança de Kadagv fez surgir a veia satírica e teatral de Tirin. — Você é um prisioneiro. Não responda a quem falar com você. Compreende? Vire-se. Ponha as mãos na cabeça.

— Para quê?

— Já quer desistir?

Kadagv encarou-o com o ar contrariado.

— Você não pode perguntar por quê. Porque se você perguntar nós poderemos espancá-lo. Porque poderemos lhe dar uns chutes nos culhões e você não poderá devolver os chutes. Porque você não é livre. Então, quer mesmo ir até o fim?

— Claro. Pode me bater.

Tirin, Shevek e o prisioneiro ficaram encarando-se, formando um grupo estranho e tenso em volta da lanterna, na escuridão, em meio às paredes maciças da fundação do edifício. Tirin sorriu, arrogante, debochadamente.

— Não me diga o que fazer, seu aproveitador! Cale-se e vá já para aquela cela! — E quando Kadagv voltou-se para obedecer, Tirin empurrou-lhe as costas com força e o fez esparramar-se no chão. Ele deu um gemido agudo de surpresa ou dor e sentou-se segurando um dedo que arranhara ou torcera na parede de fundo da cela. Shevek e Tirin ficaram em silêncio, imóveis, sem expressão nenhuma no rosto, cômicos de seus papéis de guardas. Agora não estavam mais representando esse papel, era o papel que os estava representando. Os mais jovens voltaram trazendo um pedaço de pão de holumínia, um melão e uma garrafa com água. Aproximaram-se conversando, mas o estranho silêncio da cela os atingiu de imediato. Empurraram a comida e a água para o interior e a porta foi levantada e escorada. Kadagv ficou sozinho na escuridão. Os outros reuniram-se em volta da lanterna; Gibesh sussurrou:

— E onde é que ele vai mijar?

— Na cama — respondeu Tirin com uma objetividade sardônica.

— E se ele tiver vontade de cagar? — perguntou Gibesh, dando em seguida uma gargalhada estridente e espalhafatosa.

— O que você vê de tão engraçado em cagar?

— Eu estava pensando... e se ele não puder ver no escuro... — Gibesh não soube explicar direito sua fantasia hilariante. Todos começaram a rir sem saber por quê, dando gargalhadas até ficarem sem fôlego. Todos eles sabiam que o garoto trancado podia ouvir as gargalhadas.

As luzes do dormitório infantil já estavam apagadas, e muitos adultos já tinham se recolhido, embora houvesse uma ou outra luz acesa nos domicílios. A rua estava vazia. Os garotos a desceram às carreiras, dando risadas e gritando um com o outro, excitados pela satisfação de compartilhar um segredo, de perturbar o sossego alheio, unidos pela maldade. Acordaram metade das crianças nos dormitórios, brincando de esconde-esconde pelos corredores e por entre as camas. Nenhum adulto interferiu. O tumulto não tardou a cessar.

Tirin e Shevek ficaram muito tempo sentados na cama de Tirin, aos sussurros. Chegaram à conclusão de que Kadagv tinha pedido, e iria portanto ficar duas noites inteiras preso.

O grupo reuniu-se à tarde na oficina de reciclagem de madeira e o contramestre perguntou por Kadagv. Shevek trocou um rápido olhar com Tirin. Sentiu-se esperto, teve um sentimento de poder ao não dar nenhuma resposta. E no entanto, quando Tirin respondeu calmamente que ele devia ter-se reunido a outro grupo de trabalho naquela tarde, Shevek ficou chocado com a mentira. Seu sentimento secreto de poder o deixou subitamente pouco à vontade: as pernas coçavam-lhe, suas orelhas ardiavam. Quando o contramestre dirigiu-lhe a palavra ele deu um pulo, ou de susto, ou de medo, ou por um sentimento desses qualquer, um sentimento que até então ele desconhecia, semelhante ao embaraço, mas muito pior; um sentimento profundo e abjeto. Não parou de pensar em Kadagv enquanto tapava e areava os orifícios de pregos nas pranchas triplas de holumínia e as areou até devolver-lhes a maciez de seda. Toda vez que voltava-se para seu íntimo, deparava-se com Kadagv. Era terrível.

Gibesh, que tinha ficado de guarda, aproximou-se de Tirin e Shevek depois do jantar, com um ar apreensivo.

— Acho que ouvi Kad dizer alguma coisa lá de dentro. Falou com uma voz meio esquisita.

Houve uma pausa.

— Vamos já soltá-lo — disse Shevek.

Tirin o atacou:

— Ora Shev, não me venha com pieguice, não seja altruísta! Deixe-o ficar até o final, para que possa se respeitar quando sair.

— Altruísmo nada. Eu quero é ter respeito por mim mesmo — disse Shevek e pôs-se a caminho do centro de aprendizagem. Tirin o conhecia, não perdia mais tempo discutindo com ele, mas o seguiu. Os garotos de onze anos seguiram atrás deles. Engatinharam por baixo do edifício até a cela. Shevek despreendeu um espeque e Tirin o outro. A porta da prisão caiu para trás com uma pancada surda.

Kadagv estava deitado de lado e todo enroscado no chão. Ficou sentado, depois levantou-se lentamente e saiu. Encurvava-se sob o teto baixo além do necessário e a luz da lanterna o fez piscar muito, mas não parecia mudado. O fedor que saiu com ele era insuportável. Tinha tido, por uma razão qualquer, uma diarreia. A cela estava empestada e em sua camisa havia borrões de uma matéria fecal amarela. Quando ele os percebeu à luz da lanterna, tentou escondê-los com a mão. Ninguém falou muito.

Só depois de terem quase se arrastado para sair de baixo do edifício, e quando já estavam a caminho do dormitório, é que Kadagv perguntou:

— Quanto tempo durou?

— Umás trinta horas, incluindo as quatro primeiras.

— Um bocado de tempo — disse Kadagv sem muita convicção.

Depois de levá-lo até as duchas para que se lavasse Shevek correu até as privadas. Inclinou-se sobre uma delas e vomitou. Os espasmos não o deixaram em paz por uns quinze minutos. Quando cessaram, ele estava trêmulo e exausto. Foi para o salão comum do dormitório, leu um pouco de Física e foi deitar-se cedo. Nunca nenhum dos cinco garotos voltou à prisão debaixo do centro de aprendizagem. Nenhum deles mencionou o episódio, a não ser Gibesh, que dele se gabou para alguns garotos e algumas garotas mais velhos do que ele; mas eles não entenderam nada e ele mudou de assunto.

A lua brilhava muito alta, acima do Instituto Regional de Ciências Nobres e Materiais. Quatro rapazes de quinze ou dezesseis, anos estavam sentados no topo de um monte, entre canteiros naturais de holumínia rasteira espinhosa. Baixavam o olhar para o Instituto Regional abaixo e o levantavam para ver a lua.

— Engraçado — disse Tirin —, eu nunca tinha pensado antes...

Comentários dos outros três sobre a evidência dessa declaração.

— Nunca tinha pensado — continuou Tirin tranquilamente — sobre o fato de que há pessoas sentadas num monte, lá em cima, em Urrás, olhando para nós aqui em Anarres e dizendo: “Vejam, lá está a Lua”. Nossa terra é a Lua deles, e a nossa Lua é a terra deles.

— Então, onde está a Verdade? — declamou Bedap com afetação e bocejou.

— No topo da montanha em que se estiver sentado — respondeu Tirin.

Continuaram todos a contemplar, no alto, aquela turquesa brilhante que não estava totalmente redonda pois tinha sido cheia na véspera. A calota glacial norte estava deslumbrante.

— O norte está claro — disse Shevek. — Ensolarado. Aquele bojo marrom ali é A-Io.

— Estão todas deitadas nuas pegando sol — disse Kvetur — com joias no umbigo e sem pelos.

Houve um silêncio.

Tinham vindo até o topo do monte em busca da camaradagem masculina. A presença de fêmeas era-lhes opressiva. Parecia-lhes que o mundo nos últimos tempos andava cheio de garotas. Em todo lugar para onde olhavam, estivessem acordados ou não, viam garotas. Já haviam todos tentado copular com garotas, e alguns deles, em desespero de causa, tinham também tentado não copular com garotas. Mas isso não fazia diferença. As garotas estavam por toda a parte.

Três dias antes, na aula de História do Movimento Odonista, tinham todos assistido à mesma projeção de fotos e, na intimidade, a imagem de joias iridescentes no escavado macio de mulheres untadas e bronzeadas ressurgiu no espírito de cada um deles.

Tinham visto também cadáveres de crianças, cabeludas como eles, amontoados na praia como um monte de ferro velho compacto e enferrujado, e sendo cobertos de óleo por um homem que os queimava. “A fome assolou a província de Bachifoil, na nação de Thu” — havia-lhes informado a voz de um comentarista. “Os corpos das crianças mortas de fome ou por uma doença qualquer eram queimados nas praias. Nas praias de Tius, a setecentos quilômetros de A-Io” (e foi neste ponto que os umbigos adornados apareceram), “mulheres reservadas para uso sexual dos machos da *classe proprietariada*” (foram usados termos ióticos pois em právico não havia equivalente para nenhum dos dois) “ficam deitadas na praia até a hora do jantar, que lhes é servido pelas pessoas da *classe não proprietariada*”. Um close-up de um jantar: bocas macias a mastigar e sorrir, mãos delicadas que se estendem para as iguarias amontoadas em vasilhas de prata. Corte, e novamente a imagem do rosto insensível e irreconhecível de uma criança morta, a boca aberta, vazia, negra, seca. “Uma ao

lado da outra” — disse a voz, pausadamente.

Contudo, a imagem que ressurgiu, como uma bolha iridescente e oleosa, no espírito de todos os garotos foi a mesma.

— Essas fotos são de que época? — perguntou Tirin. — São de antes do Povoamento ou são contemporâneas? Eles nunca nos dizem.

— E daí? — disse Kvetur. — Vivia-se assim em Urrás antes da revolução odonista. Todos os Odonistas saíram de lá para virem para cá, para Anarres. Então é provável que nada tenha mudado, que tudo esteja na mesma por lá. — Apontou para a grande lua de um azul esverdeado.

— E como vamos saber se ainda estão?

— O que está querendo dizer com isso, Tir? — perguntou Shevek.

— Se essas fotos têm cento e cinquenta anos, as coisas agora podem estar totalmente diferentes em Urrás. Não estou dizendo que estejam, mas se estiverem, como vamos saber? Não vamos lá, não falamos com eles, não há comunicação. Não temos na verdade nenhuma ideia de como se vive hoje em Urrás.

— Os membros do CDP têm. Eles falam com os urrastis das tripulações dos cargueiros espaciais que descem no porto de Anarres. Eles se mantêm informados. E têm de se manter, para que nós possamos continuar os intercâmbios com Urrás, e saber até que ponto representam uma ameaça para nós.

As observações de Bedap foram justas, mas o comentário de Tirin foi mordaz:

— Então o CDP pode estar informado, nós não.

— Informados! — exclamou Kvetur. — Ouço falar em Urrás desde a creche! Pouco me importa se eu nunca mais vir uma foto das escabrosas cidades urrastis, nem dos lambuzados corpos urrastis.

— É isso mesmo — disse Tirin, com o entusiasmo de quem segue a lógica de um pensamento. — Todo material relativo a Urrás que está à disposição dos estudantes é sempre a mesma coisa. Repugnante, imoral, excremental. Mas vejam só: se era tão ruim assim quando os Povoadores partiram, como pôde continuar do mesmo jeito durante cento e cinquenta anos? Se eram assim tão doentes, por que não morreram? Por que as sociedades de proprietários em que vivem não desmoronaram? De que temos tanto medo?

— De infecção — respondeu Bedap.

— Somos tão fracos assim que não podemos nos expor um pouco? De qualquer jeito, não é possível que *todos* eles sejam doentes. Seja a sociedade deles o que for, alguns devem ser decentes. Aqui há vários tipos de pessoas, não há? Somos todos Odonistas perfeitos? Vejam o caso do vadio do Pésus.

— Mas num organismo doente, mesmo uma célula sadia está condenada — disse Bedap.

— Ah, pode-se provar qualquer coisa usando a Analogia e você sabe disso. De qualquer forma, como podemos realmente saber se a sociedade deles é doente?

Bedap roeu a unha do polegar:

— Você está querendo dizer que o CDP e o sindicato para o material escolar estão nos mentindo a respeito de Urrás.

— Não. O que eu quis dizer foi que nós só sabemos o que nos contam. E sabem o que é? — Tirin voltou seu rosto moreno de nariz arrebitado para os outros garotos, iluminado pela luz azulada do luar. — Kvet já nos disse, ainda há pouco. Ele entendeu a mensagem. Vocês ouviram: detestem Urrás, odeiem Urrás, tenham medo de Urrás.

— E por que não? — inquiriu Kvetur. — Veja como eles nos trataram, a nós Odonistas.

— Mas eles nos deram a lua deles, não deram?

— Deram. Para nos impedir de destruir seus estados aproveitadores e de estabelecer uma sociedade justa. E logo que se viram livres de nós, tenho certeza de que eles começaram logo a estabelecer governos e a formar exércitos mais rápido do que nunca, pois não tinham ninguém para impedi-los. Se abrissemos o Porto para eles, pensam que viriam como amigos e irmãos? Um bilhão deles contra os nossos vinte milhões? Ou nos arrasariam ou nos fariam todos de... como se diz... como é mesmo a palavra... escravos, para trabalharmos nas minas por eles!

— Está certo. Concordo que talvez seja prudente temer Urrás. Mas por que odiar? O ódio não é funcional. Por que nos ensinar a odiar? Será que se soubéssemos como é Urrás na realidade não gostaríamos de alguma coisa, pelo menos alguns entre nós? Não será possível que o CDP não queira somente impedi-los de virem para cá, mas também que alguns de nós queiram ir até lá?

— Ir para Urrás? — perguntou Shevek, surpreso.

Discutiam pelo prazer de discutir; gostavam de ver o espírito livre a percorrer veloz as veredas da possibilidade; gostavam de questionar o que não era questionado. Eram inteligentes, com mentes já educadas para a clareza científica, e tinham dezesseis anos. Mas nesse ponto acabou-se o prazer da discussão para Shevek, como tinha antes acabado para Kvetur. Sentiu-se perturbado.

— E quem é que vai querer ir para Urrás? — perguntou. — E fazer o quê?

— Para descobrir como é um outro mundo. Para ver como é um “cavalo”.

— Isso é criancice! — disse Kvetur. — Há vida em outros sistemas solares — fez com a mão um movimento para mostrar o céu banhado de luar. — Pelo menos é o que nos dizem. E daí? Tivemos a sorte de nascer aqui!

— Se fôssemos melhores do que qualquer outra sociedade humana — disse Tirin — teríamos é de estar ajudando-as. Mas somos proibidos.

— Proibidos? Isso é uma palavra não orgânica. Você está exteriorizando a própria função integrativa — disse Shevek, inclinando-se para a frente e falando com veemência. — Ordem não significa “ordens”. Nós não saímos de Anarres porque *somos* Anarres. Você sendo Tirin não pode sair da pele de Tirin. Talvez você gostasse de tentar ser uma outra pessoa para ver como é, mas você não pode. Mas alguém nos impede pela força? Que força, que leis, que governos, que polícia? Nenhuma dessas coisas. Simplesmente nosso próprio ser, nossa natureza odonista. Sua natureza é ser Tirin, e a minha é ser Shevek, e ser Odonistas é nossa natureza comum, responsáveis uns pelos outros. E essa responsabilidade é a nossa liberdade. Evitá-la seria perder nossa liberdade. Você gostaria mesmo de viver numa sociedade onde não se tem nenhuma responsabilidade, nenhuma liberdade, nenhuma escolha além da falsa opção da obediência à lei, ou então da desobediência seguida de castigo? Você gostaria mesmo de viver numa prisão?

— Ora, que é isso, claro que não! Não posso falar? O problema com você, Shev, é que você não diz nada enquanto não tiver juntado toda a carga de tijolos para argumentar e depois descarrega tudo de uma vez, sem nunca olhar para o corpo ensanguentado e mutilado debaixo do monte...

Shevek voltou a sentar-se na posição anterior, parecendo dar-se por satisfeito.

Mas Bedap, um camarada corpulento de rosto quadrado, continuou a mastigar a unha do polegar e disse:

— Mesmo assim o raciocínio de Tirin é válido. Seria bom se soubéssemos toda a verdade sobre Urrás.

— Quem você acha que está nos mentindo? — inquiriu Shevek.

Tranquilo, Bedap voltou a olhar para ele:

— Quem, irmão? Quem senão nós mesmos?

Acima deles, o planeta irmão brilhava luminoso e sereno, um belo exemplo da improbabilidade

do real.

O reflorestamento do Litoral Tamênio foi um dos empreendimentos grandiosos do décimo quinto decênio do Povoamento de Anarres, exigindo o trabalho de quase dezoito mil pessoas, por um período de mais de dois anos.

Embora as longas praias do Sudeste fossem férteis, dando sustento a muitas comunidades pesqueiras e agrícolas, a área cultivável era uma simples faixa de terra ao longo do mar. No interior e para o oeste, até as vastas planícies do Sudoeste, a terra era inabitada, com exceção de algumas cidades mineiras isoladas. Era a região chamada Poeira.

Na era geológica anterior, Poeira tinha sido uma enorme floresta de holumínia, a espécie vegetal onipresente e predominante em Anarres. O clima atual era mais quente e mais seco. Milênios de seca tinham matado as árvores e ressecado o solo, até torná-lo num pó fino e cinzento que agora se levantava ao menor vento, formando montes de linhas puras e desnudas como as de um monte de areia. Os anarrestis esperavam reavivar a fertilidade daquela terra irrequieta com o replantio da floresta. O que estava, pensou Shevek, de acordo com o princípio da Reversibilidade Causal, ignorado pela escola de Física Sequencial correntemente em voga em Anarres, mas que permanecia um elemento intrínseco e tácito do pensamento odonista. Ele gostaria de escrever um artigo mostrando a relação das ideias de Odo com as ideias da Física Temporal, em particular sobre a influência da Reversibilidade Causal em seu enfoque do problema dos meios e dos fins. Mas aos dezoito anos ele ainda não sabia o suficiente para tal empreendimento, e nunca iria saber se não retomasse logo os estudos de física e não fosse embora da maldita Poeira.

Durante a noite, nos acampamentos do Projeto, todo mundo tossia. Durante o dia tossiam menos; estavam ocupados demais para tossir. A poeira era o seu inimigo, aquela coisa fina e seca que obstruía a garganta e os pulmões; era o inimigo, o trabalho, a esperança deles. Outrora aquele pó repousava rico e escuro à sombra das árvores. Depois do longo trabalho que iriam ter, talvez voltasse a ser assim.

*Ela extrai da pedra a folha verde,
do coração da rocha a água pura e corrente.*

Gimar costumava cantarolar essa canção, mas naquela noite quente, ao atravessar a planície de volta para o acampamento, ela a cantou em voz alta.

— Quem faz isso? Quem é “ela”?

Gimar deu um sorriso. Seu rosto largo e sedoso estava coberto de poeira, seus cabelos também empoeirados, e dela vinha um cheiro de suor penetrante e agradável.

— Eu fui criada em Sul-Nascente — disse ela —, onde os mineiros vivem. Essa é uma canção dos mineiros.

— Que mineiros?

— Não sabe? As pessoas que já estavam aqui quando os Povoadores chegaram. Alguns ficaram e reuniram-se à solidariedade. Mineiros do ouro, mineiros do estanho. Eles ainda conservam algumas festas e canções. O *pappe*^[3] era mineiro e costumava cantá-las para mim quando eu era pequena.

— Bem, e quem é “ela”?

— Não sei, a canção só diz isso. Não é isso que estamos fazendo aqui? Extraindo folhas verdes das pedras?

— Isso está me parecendo religião.

— Você e suas palavras livrescas e fantasiosas! Isso é apenas uma canção. Ah, quem dera que estivéssemos voltando para o outro acampamento e eu pudesse nadar! Estou fedendo.

— Eu também estou fedendo.

— Estamos todos fedendo.

— Em solidariedade...

Mas o campo para o qual estavam se encaminhando ficava a quinze quilômetros das praias do mar Tamênio e só havia poeira onde se nadar.

No acampamento havia um homem cujo nome era semelhante ao de Shevek: Shevet. Quando chamavam um o outro respondia. Shevek sentia uma espécie de afinidade com ele, uma relação mais pessoal do que a fraternidade, por causa dessa semelhança casual. Percebeu Shevet a olhá-lo algumas vezes. Ainda não se haviam falado.

Shevek passou as primeiras décadas do projeto de reflorestamento numa indignação silenciosa e num grande cansaço. As pessoas que haviam escolhido trabalhar em áreas essencialmente funcionais como a Física não deviam ser convocadas para esse tipo de projeto, nem durante os recrutamentos especiais. Então não era imoral se fazer um trabalho sem prazer? O trabalho precisava ser feito, mas muita gente pouco ligava em ser indicada para este ou aquele posto e vivia mudando de atividades. Deviam ter se apresentado como voluntários. Qualquer idiota podia fazer aquele trabalho. Na realidade, muita gente era capaz de fazê-lo melhor do que ele. Sempre se orgulhara de sua força e sempre se apresentava como voluntário para os “pesados”, nos revezamentos de tarefas a cada décimo dia. Mas ali era um dia atrás do outro, oito horas por dia na poeira e no calor. Passava os dias ansiando pela noite, quando poderia então ficar sozinho e pensar, mas no instante em que chegava à barraca depois do jantar, arriava-se na cama e dormia como pedra até o amanhecer, e nunca pensamento algum lhe atravessou a mente.

Achava os companheiros de trabalho enfadonhos e rudes e até os mais jovens do que ele o tratavam como criança. Ressentido e descontente, só sentia prazer em escrever aos amigos Tirin e Rovab, num código que tinham elaborado no Instituto, formado por uma série de equivalentes verbais dos símbolos da Física Temporal. Quando escritos pareciam fazer algum sentido como mensagem, mas na realidade eram apenas disparates, a não ser pela equação ou pelas fórmulas filosóficas que mascaravam. As equações de Shevek e Rovab eram exatas. As cartas de Tirin eram muito engraçadas e convenceriam a qualquer um de que aludiam a emoções e acontecimentos reais, mas a física que continham era duvidosa. Shevek passou a enviar-lhes esses enigmas com frequência, desde que descobriu que podia imaginá-los e resolvê-los enquanto cavava buracos na terra dura com uma pá sem fio em meio à tempestade de poeira. Tirin respondeu-lhe várias vezes, Rovab uma única vez. Era uma garota muito fria e ele sabia que ela era assim. Mas ninguém no Instituto sabia o quanto ele se sentia infeliz. *Eles* não tinham sido indicados (exatamente no momento em que iniciavam uma pesquisa independente) para aquele maldito projeto. Não estavam portanto desperdiçando sua função central. Já estavam trabalhando: fazendo o que gostavam. Ele não estava trabalhando. Estava sendo utilizado.

No entanto, era estranho como se tinha orgulho do que era feito assim, todos juntos, que grande satisfação isso proporcionava. E alguns companheiros de trabalho eram pessoas realmente extraordinárias. Gimar, por exemplo. A princípio a beleza vigorosa da garota amedrontou-o, mas agora se sentia bastante forte para desejá-la.

— Fique comigo hoje à noite, Gimar.

— Oh, não — ela respondeu e olhou tão surpresa que o levou a dizer, com certa dignidade em

sua mágoa:

— Pensei que fôssemos amigos.

— E somos.

— Então...

— Eu tenho um par. Ele está em minha terra.

— Você devia ter dito — afirmou Shevek, enrubescendo.

— Bom, não me ocorreu que eu devia. Sinto muito, Shev. — Ela o olhou com o ar tão penalizado que ele disse, com uma certa esperança:

— Você não acha que...

— Não. Não se pode levar uma união desse jeito; um pouco para ele, um pouco para os outros.

— Mas eu acho que a parceria permanente é na realidade contra a ética odonista — disse Shevek, num tom rude e pedante.

— Merda — disse Gimar em sua voz suave. — Possuir é errado, mas partilhar é certo. O que se pode partilhar melhor do que todo o próprio ser, toda a sua vida, todos os seus dias e noites?

Ele estava sentado com as mãos entre os joelhos e de cabeça baixa, um rapaz comprido, ossudo, desolado, inacabado.

— Não estou preparado para isso — disse depois de uma pausa.

— Você?

— Na realidade eu jamais conheci uma pessoa direito. Veja como eu não soube compreendê-la. Estou do lado de fora, não consigo integrar-me. E nunca vou conseguir. Seria bobagem pensar em união. Esse tipo de coisa é para... os seres humanos...

Timidamente, não por reserva sexual mas com a hesitação do respeito, Gimar pôs a mão em seu ombro. Ela não o consolou, não lhe disse que ele era igual a todo mundo. O que ela disse foi:

— Jamais conheci alguém como você, Shev. Nunca vou me esquecer de você.

De qualquer forma, uma rejeição é uma rejeição. Apesar de toda aquela delicadeza, ele se foi contrariado e com a alma dolorida.

O tempo estava muito quente. Só abrandava na hora que antecede o amanhecer.

O homem que se chamava Shevet aproximou-se uma noite de Shevek, depois do jantar. Era um homem parrudo e bonito, de seus trinta anos.

— Estou cansado de ser confundido com você — disse. — Arranje outro nome para usar.

Em outros tempos, aquela agressividade grosseira teria deixado Shevek confuso. Agora ele se limitou a responder, com naturalidade:

— Mude seu próprio nome se não está contente com ele — disse.

— Você é um desses aproveitadores que vão estudar só para não sujar as mãos — disse o homem. — Sempre tive vontade de pegar um de vocês com jeito.

— Não me chame de aproveitador — disse Shevek, mas essa luta não era verbal. Shevet deu-lhe dois murros. Ele revidou com vários, graças a seus longos braços e à índole menos passiva do que o adversário imaginara, mas foi derrotado. Várias pessoas pararam para observar, viram que era uma briga em pé de igualdade mas desinteressante e seguiram em frente. Não se sentiam chocadas nem atraídas pela violência. Shevek não pediu ajuda, a briga portanto não era da conta de mais ninguém. Quando ele voltou a si estava deitado de costas na terra escura, entre duas barracas.

Ficou com um zumbido no ouvido direito por uns dois dias e com um lábio ferido que demorou a sarar com a poeira, que irritava qualquer ferimento. Ele e Shevet não voltaram mais a se falar. Ele o viu a distância, em outras refeições em volta das fogueiras, sem animosidade. Shevet lhe tinha dado o que tinha para oferecer e ele aceitou a dádiva, embora durante muito tempo não a tenha avaliado nem

refletido sobre sua natureza. Quando o fez, não a considerou diferente de outra dádiva qualquer; uma outra etapa de seu amadurecimento. Uma garota, que havia recentemente se reunido à mesma turma de trabalho dele, aproximou-se exatamente como Shevet o fizera: na escuridão, no momento em que ele retornava de uma fogueira, e seu lábio ainda não estava sarado... Não conseguiu nunca se lembrar do que ela então lhe disse. Ela o provocou com gracejos e mais uma vez ele reagiu com simplicidade. Foram para dentro da noite na planície e lá ela lhe ofereceu a liberdade da carne. Foi essa a dádiva que ela lhe ofereceu e ele aceitou-a. Como todas as crianças de Anarres, ele já tinha tido experiências sexuais livremente com meninos e meninas, mas eram todos ainda muito crianças. Nunca tinha ido além do que pensava ser todo o prazer contido no sexo. Beshun, exímia nas delícias do amor, transportou-o para o âmago da sensualidade, lá onde não existe o rancor nem a inépcia, onde o empenho de dois corpos em se unirem aniquila o momento e transcende o indivíduo e o tempo.

Mas agora foi tudo fácil, tão fácil e tão agradável, naquela poeira quente à luz das estrelas. E os dias eram longos, quentes e luminosos, e a poeira tinha o cheiro do corpo de Beshun.

Trabalhou em seguida numa equipe de plantio. Os caminhões tinham vindo do Nordeste carregados de uns pezinhos de árvores, milhões de árvores novas que haviam sido plantadas em Montanhas Verdes, onde caía 40 polegadas de chuvas por ano, a região pluvial. Plantaram os pezinhos na poeira.

Quando isso foi feito, as cinquenta equipes que tinham trabalhado no segundo ano do projeto partiram nas carrocerias planas dos caminhões e ficaram olhando o que ficava para trás. Viram o que tinham feito. Havia, muito tênue, uma bruma verde sobre as curvas pálidas e os terraços do deserto. Um tênue véu de vida sobre a terra morta. Eles deram vivas, cantaram, berraram de um caminhão para o outro. Os olhos de Shevek se encheram de lágrimas. Pensou: *Ela extrai da pedra a folha verde*. Já fazia muito tempo que Gimar tinha retomado seu posto em Sul-Nascente.

— Que cara é essa? — perguntou-lhe Beshun espremida a seu lado nos sacolejos do caminhão e alisando-lhe de cima abaixo o braço rijo e empoeirado.

— As mulheres — disse Vokep, na garagem de caminhões de Tin Ore, no Sudoeste. — As mulheres pensam que somos propriedade delas. Mulher nenhuma pode ser uma odonista autêntica.

— E a própria Odo?

— Isso é teoria. E ela não teve mais vida sexual depois que Asieo foi morto, teve? De qualquer modo, sempre há exceções. Mas a única relação que a maior parte das mulheres tem com um homem é a da *posse*. Ou possuir ou ser possuída.

— Acha então que nisso elas diferem dos homens?

— Tenho certeza. O que o homem quer é liberdade. O que a mulher quer é a propriedade. Ela só lhe deixa partir se puder trocá-lo por outra coisa. Todas as mulheres são proprietárias.

— É muito esquisito poder afirmar isso sobre metade da humanidade — disse Shevek, perguntando-se se aquele homem estava certo. Beshun tinha chorado até ficar doente quando ele foi mandado de volta para trabalhar no Noroeste; ficou furiosa, soluçou, tentou forçá-lo a dizer que não podia viver sem ela, insistiu em dizer que não poderia viver sem ele e para que se tornassem pares. Pares, como se ela fosse capaz de ficar com um homem qualquer por meio ano.

A língua que Shevek falava, a única que ele conhecia, era desprovida de expressões possessivas para aludir ao sexo. Em právico não fazia sentido se um homem dissesse que “teve” uma mulher. A palavra cujo sentido mais se aproximava de “foder”, e tinha um uso secundário como insulto, era

específica, significava estupro. O verbo usual só admite o sujeito no plural e só pode ser traduzido por uma palavra neutra como copular. Aludia a algo feito por duas pessoas e não a uma coisa que era feita por uma pessoa só, ou que ela tinha. Essa estruturação das palavras não era mais capaz de conter a totalidade da vivência do que uma outra qualquer, e Shevek tinha consciência de que um vasto campo fora deixado de lado, embora não tivesse certeza do que se tratava. É certo que ele havia sentido que tivera Beshun, que a possuía, em algumas das noites estreladas, em Poeira. E ela pensou que o possuiu. Mas os dois tinham se enganado, e Beshun, com todo o sentimentalismo, sabia disso. Ela tinha se despedido dele com um beijo, conseguido finalmente sorrir e depois o deixou partir. Ele não fora propriedade dela. Foi o próprio corpo, em sua primeira explosão de paixão sensual adulta, que na realidade o possuiu — e a ela. Mas tudo isso estava acabado. Acontecera. Nunca mais — pensou ele, aos dezoito anos de idade, sentado com um companheiro de viagem na garagem de caminhões de Tin Ore, à meia-noite, bebendo um copo de suco de fruta doce e viscoso, esperando para pegar o trem rumo ao norte —, nunca mais isso voltaria a acontecer. Muita coisa ainda iria acontecer. Mas não iriam pegá-lo desprevenido uma segunda vez, não seria mais espancado, derrotado. A derrota, a entrega, tinham seus encantos. A própria Beshun talvez nunca fosse querer outras alegrias. E por que iria querer? Foi ela, em sua liberdade, que o libertou.

— Sabe de uma coisa, não concordo — disse a Vokep, um químico agrícola de rosto comprido que estava indo para Abbenay. — Acho que são os homens sobretudo que têm de aprender a serem anarquistas. As mulheres não têm de aprender.

Vokep sacudiu a cabeça inflexivelmente.

— São as crianças — afirmou —, o fato de poderem ter bebês. Isso as deixa possessivas. Depois não querem mais largar. — Suspirou. — Toque e parta, irmão, essa é a regra. Nunca se deixe possuir.

Shevek sorriu e acabou de beber o suco de fruta.

— Nunca deixarei — disse ele.

Foi para ele uma grande satisfação a de voltar para o Instituto Regional, de rever as pequenas colinas salpicadas de holumínia mirrada com suas folhas bronzeadas, os jardins das cozinhas, os domicílios, os dormitórios, as oficinas, as salas de aula e os laboratórios onde tinha vivido desde os treze anos. Ele sempre seria alguém para quem o retorno era tão importante quanto a partida. Partir não lhe era suficiente, era-lhe *meio* suficiente; ele precisava voltar. Em tal inclinação já estava prefigurada, talvez, a natureza da imensa exploração que iria empreender até os limites extremos do compreensível. Ele sem dúvida alguma não se teria deixado embarcar num empreendimento de tantos anos se não tivesse a profunda certeza de que o retorno era possível, mesmo se ele próprio não conseguisse regressar; de que na realidade a verdadeira natureza da viagem, como uma circunavegação em volta do globo, implicava retorno. Não se pode descer o mesmo rio duas vezes, nem voltar para casa. Isso ele sabia; na verdade era a base de sua visão do mundo. Entretanto, foi a partir da aceitação da natureza transitória das coisas que ele desenvolveu sua extensa teoria, onde mostra o que é mais mutável como o que há de mais carregado de eternidade, onde a relação que se tem com o rio e a relação que o rio tem com alguém ou consigo mesmo torna-se logo mais complexa e mais tranquilizadora do que a simples falta de identidade. *Pode-se* voltar para casa, afirma a Teoria Temporal Geral, desde que se compreenda que a casa é um lugar onde nunca se esteve.

Ficou então contente ao voltar para o que ele tinha e queria de mais semelhante a um lar. Mas achou os amigos que reencontrou muito imaturos. Ele havia amadurecido muito naquele ano. Algumas

garotas tinham amadurecido tanto ou até mais do que ele. Tornaram-se mulheres. Mas evitou qualquer contato menos fortuito com elas, pois de fato ele ainda não estava querendo outro porre de sexo. Tinha algumas outras coisas para fazer. Percebeu que as mais inteligentes entre elas, como Rovab, eram todas indiferentes e prudentes como ele; nos laboratórios e nos grupos de trabalho, ou nos salões comuns do dormitório, comportavam-se como boas camaradas e mais nada. Queriam aprimorar seus conhecimentos e começar a pesquisar ou então encontrar um posto que lhes agradasse antes de terem um filho; mas as experiências sexuais adolescentes não lhes agradavam mais. Queriam relações maduras, não relações estéreis; mas agora não, ainda não era hora.

Essas garotas eram boas camaradas, cordiais e independentes. Os garotos da idade de Shevek pareciam emperrados no final de uma adolescência que estava se tornando meio superficial e improdutiva. Eram por demais intelectualizados. Não pareciam querer entregar-se ao trabalho nem ao sexo. Quem ouvisse Tirin falar pensaria que era o inventor da cópula, mas todos os seus casos eram garotas de quinze ou dezesseis anos. Esquivava-se das garotas de sua idade. Bedap, que nunca fora muito enérgico para o sexo, aceitava a homenagem de um rapaz mais jovem que tinha por ele uma gamação homossexual idealista, e deixava que isso lhe bastasse. Ele parecia não levar nada a sério; tornara-se irônico e misterioso. Shevek sentiu-se cortado da amizade dele. Nenhuma amizade perdurava. Até Tirin andava muito egocêntrico, e ultimamente mal-humorado, para poderem reatar o antigo laço — se Shevek o quisesse. Mas na realidade ele não o queria. Acolheu o isolamento de todo coração. Jamais lhe ocorreu que o retraimento observado em Bedap e Tirin era uma resposta, e nem que sua natureza gentil, mas já então incrivelmente hermética, pudesse formar sua própria ambiência, à qual somente uma grande força, ou grande devoção, poderia resistir. Tudo o que ele notou, na realidade, foi que tinha finalmente bastante tempo para trabalhar.

No Sudoeste, depois de se habituar ao trabalho físico cotidiano e de ter parado de gastar o cérebro em mensagens codificadas e o sêmen em poluções noturnas, começara a ter algumas ideias. Agora estava livre para desenvolvê-las e verificar se tinham alguma substância.

A mais antiga física do Instituto chamava-se Mitis. Não era ela na ocasião a responsável pelos programas de Física, pois todos os cargos administrativos eram anualmente revezados entre os vinte titulares permanentes, mas ela trabalhava ali há vinte anos e era a mais inteligente de todos eles. Havia sempre uma espécie de espaço psicológico muito claro à sua volta, como a inexistência de multidões em volta do pico de uma montanha. A ausência de qualquer abuso ou imposição da autoridade deixava a autoridade real à mostra. A autoridade é um elemento inerente a certas pessoas. Alguns imperadores usam atualmente uma nova roupagem.

— Mandei seu estudo sobre Frequência Relativa para Sabul, em Abbenay — disse ela a Shevek, com seu jeito abrupto e camarada. Empurrou até o outro lado da mesa um pedaço de papel rasgado, visivelmente a ponta de uma folha maior. Continha uma equação, escrita nuns garranchos minúsculos.

$$ts/2 (R) = 0$$

Shevek apoiou com firmeza as mãos sobre a mesa e cravou o olhar no pedaço de papel que lá estava. Seus olhos brilhavam, e a luz que vinha da janela os deixou claros como água. Ele tinha dezenove anos, Mitis cinquenta e cinco. Ela o observava com ternura e admiração.

— É isso que está faltando — disse ele. Suas mãos tinham encontrado uma caneta sobre a mesa. Começou a rabiscar o fragmento de papel. Enquanto escrevia, o rosto pálido prateado por uma leve penugem começou a enrubescer e as orelhas ficaram escarlates.

Mitis movimentou-se furtivamente em volta da mesa para ir sentar-se. Ela tinha problemas de

circulação nas pernas e precisava sentar-se. Mas seus movimentos perturbavam Shevek. Levantou um olhar frio e aborrecido.

— Posso terminar isso dentro de uns dois dias — falou ele.

— Sabul quer os resultados quando você os tiver encontrado.

Houve uma pausa. A cor de Shevek voltou ao normal e ele voltou a tomar consciência da presença de Mitis, de quem gostava muito.

— Por que enviou esse estudo para Sabul? — perguntou ele. — Logo com uma falha desse tamanho! — Sorriu. O prazer de emendar a falha em seu pensamento o deixou radiante.

— Achei que ele poderia descobrir onde você errou. Eu não pude. Eu também queria que ele visse o tipo de pesquisa que você está fazendo... Ele vai querer que você vá para lá, para Abbenay, sabe.

O rapaz não respondeu.

— Você quer ir?

— Ainda não.

— Foi o que imaginei. Mas deve ir. Pelos livros e pelas inteligências que encontrará lá. Não deve desperdiçar essa mente num deserto! — Mitis falava com súbito ardor. — Seu dever é procurar sempre o melhor, Shevek. Nunca se deixe ludibriar por um falso igualitarismo. Vá trabalhar com Sabul; ele é competente e o fará trabalhar muito. Mas você deverá continuar livre para seguir a linha que quiser. Fique aqui mais um trimestre e depois vá. E tome cuidado em Abbenay. Não perca sua liberdade. O poder é inerente ao centro. E você vai para o centro. Não conheço Sabul muito bem. Não sei de nada contra ele, mas não esqueça disso; você será o homem dele.

As formas do singular do pronome possessivo em právico eram sobretudo usadas para dar ênfase; as pessoas evitavam-nas no uso coloquial. As crianças podiam dizer: “minha mãe”, mas logo aprendiam a dizer “a mãe”. Em vez de “minha mão está doendo” diziam “a mão me dói” e assim por diante. Para se dizer “esse é o meu e aquele é o seu” em právico, dizia-se “eu uso esse e você usa aquele”. A afirmativa de Mitis — “você será o homem *dele*” — soou estranha. Shevek a olhou com o ar intrigado.

— Você tem um trabalho a realizar — disse Mitis. Ela tinha olhos negros e estavam faiscando como encolerizados. — Faça-o! — Em seguida se retirou, pois um grupo a aguardava no laboratório. Confuso, Shevek baixou o olhar para o pedaço de papel rabiscado. Pensou que Mitis lhe tivesse dito para apressar-se em corrigir as equações. Só muito mais tarde é que compreendeu o que realmente ela quisera lhe dizer.

Na noite anterior à sua partida para Abbenay, seus colegas ofereceram uma festa em sua homenagem. As festas eram frequentes, tudo era pretexto para uma, mas Shevek ficou surpreso com a energia que foi gasta nessa e depois ficou matutando por que teria sido tão boa. Não sendo influenciado pelos outros, nunca se dera conta de que os influenciava. Não tinha ideia do quanto gostavam dele. Muitos devem ter guardado parte de suas rações durante dias para a festa. Havia uma quantidade incrível de comida. Houve tantos pedidos de guloseimas que o pasteleiro do refeitório soltou as rédeas de sua imaginação e criou iguarias até então desconhecidas: biscoitinhos condimentados, canapés apimentados para acompanhar o peixe defumado, bolos fritos, açucarados e succulentamente gordurosos. Havia coquetéis de fruta, frutos do mar Keran em compota, camarõezinhos salgados, pilhas de batata doce tostadinha. A comida farta e saborosa era embriagadora. Todo mundo ficou eufórico e poucos ficaram doentes.

Houve esquetes satíricos e variedades, ensaiados ou improvisados. Tirin arranjou uns trapos na cuba de reciclagem e ficou andando pelo salão representando um urrasti pobre, o Mendigo — uma das palavras ióticas que tinham aprendido nas aulas de História. “Me dê *dinheiro*” pediu ele suplicante, abanando a mão no nariz dos outros. “*Dinheiro, dinheiro!* Por que ninguém quer me dar *dinheiro*? Ninguém tem nada? Mentirosos! Seus proprietários imundos! Aproveitadores! Vejam toda essa comida, de onde tiraram tudo isso se não têm *dinheiro*?” Em seguida se ofereceu para venda. “Cumpre-me, cumpre-me, só por um pouquinho de *dinheiro*”, bajulou.

— Não é *cumpre*, é *compre* — corrigiu Rovab.

— Cumpre-me, compre-me, que importa? Vejam que lindo corpo eu tenho, ninguém quer? — Tirin começou a cantar todo meloso, sacudindo os quadris magros e dando piscadelas. Foi finalmente executado diante de todos e reapareceu com seus trajes normais. Entre eles havia harpistas e cantores talentosos, houve muita música e muita dança, mas houve sobretudo muita conversa. Falavam todos como se fossem ser acometidos de mudez no dia seguinte. Enquanto a noite avançava, jovens amantes começaram a sair em busca dos quartos individuais para copular. Outros ficaram com sono e se retiraram para os dormitórios.

Apenas um pequeno grupo permaneceu, em meio a taças vazias, ossos de peixe e migalhas de salgadinhos que teriam de limpar antes do amanhecer. Mas ainda faltavam horas para o amanhecer. Continuaram a conversar e mordiscavam isso ou aquilo enquanto falavam. Bedap, Tirin e Shevek estavam lá, com mais alguns rapazes e três garotas. Falaram sobre a representação espacial do tempo como ritmo e da relação existente entre as antigas teorias das Harmonias Numéricas e a moderna física temporal. Discutiram sobre qual seria a melhor braçada para se percorrer uma longa distância a nado. Se tinham ou não sido felizes na infância. Discutiram o conceito de felicidade.

— O sofrimento é um equívoco — disse Shevek, inclinando-se para a frente, os olhos muito abertos e claros. Ele continuava magricela, as mãos muito grandes e as orelhas salientes, ossudo, mas tinha a saúde perfeita e o vigor do início da maturidade, e era muito bonito. Tinha, como os demais, cabelos ruços, finos, lisos e muito longos, presos com uma fita para não lhe caírem na testa. Só havia uma pessoa entre eles que tinha o cabelo diferente: uma garota de bochechas salientes e nariz achatado. Ela tinha cortado os cabelos escuros até ficarem uma touquinha redonda e lustrosa. Observava Shevek com o olhar fixo e grave. Os bolinhos fritos deixaram-lhe os lábios lambuzados e tinha uma migalha grudada no queixo.

— Ele existe — disse Shevek, separando as mãos. — É real. Posso chamá-lo de equívoco, mas não posso fingir que não existe, ou que um dia deixará de existir. O sofrimento é a condição da nossa existência. E quando ele chega, logo se sabe. Sabe-se que é a verdade, Claro que é justo curar doenças e impedir a fome e a injustiça, como o organismo social pode fazer. Mas nenhuma sociedade mudará a natureza da existência. Não se pode evitar o sofrimento. Uma ou outra dor, sim. Mas não a Dor. Uma sociedade pode evitar o sofrimento da comunidade, o sofrimento inútil. O resto permanece. A raiz, a realidade. Nós todos vamos conhecer a dor. Se vivermos cinquenta anos, conheceremos a dor por cinquenta anos. E ao cabo morreremos. Essa é a condição em que nascemos. Tenho medo da vida! Às vezes... chego a ficar apavorado. Qualquer felicidade parece trivial. E no entanto, pergunto-me se tudo não passa de um equívoco... essa busca da felicidade, esse medo da dor... Se em lugar de temê-la, de tentar escapar-lhe, a gente pudesse... atravessá-la, ultrapassá-la. Alguma coisa existe mais além. O que sofre é o ser e há um lugar onde o ser... acaba. Não sei como expressá-lo. Mas eu creio que a realidade, a verdade que reconheço na dor e não no conforto e na felicidade, a realidade da dor não é a dor. Quando se consegue ultrapassá-la. Quando se consegue suportá-la até o fim.

— A realidade de nossas vidas está no amor, na solidariedade — disse uma garota alta de olhos aveludados. — O amor é que é a verdadeira condição da vida humana.

Bedap sacudiu a cabeça:

— Não. Shev está certo — disse ele. — O amor é apenas um dos caminhos que se pode seguir; mas pode ter desvios, pode falhar. A dor nunca falha. Por conseguinte não temos muita escolha para suportá-la ou não. Teremos de suportá-la queiramos ou não.

A garota de cabelos curtos balançou violentamente a cabeça.

— Mas não vamos! Um em cem, um em mil vai até o fim, consegue ultrapassá-la. O resto fica fingindo que é feliz, ou então se torna insensível. Nós sofremos, mas não o bastante. E por isso nosso sofrimento é inútil.

— E o que vamos fazer? — perguntou Tirin. — Ficar dando marteladas na cabeça uma hora por dia para termos certeza de que sofremos o suficiente?

— Vocês estão fazendo um culto à dor — disse outro rapaz. — Os objetivos de um Odonista devem ser positivos, não negativos. A dor é disfuncional, só é válida como alarme de perigo no corpo. Psicológica e socialmente, é apenas destrutiva.

— E o que motivou Odo além de uma excepcional sensibilidade à dor, à sua própria dor e à dor alheia? — retrucou Bedap.

— Mas todo o princípio da ajuda mútua é destinado a *impedir* o sofrimento!

Shevek estava sentado na mesa, balançando as longas pernas, com o ar tranquilo e grave.

— Vocês já viram alguém morrer? — perguntou-lhes. A maioria já tinha, num domicílio ou em trabalhos voluntários no hospital. Apenas um deles tinha uma ou outra vez ajudado a enterrar corpos.

— Quando eu estava no acampamento do Sudoeste, teve o caso de um homem, eu nunca tinha visto uma coisa assim. Houve um defeito qualquer no motor do avião e na hora da decolagem caiu e pegou fogo. O piloto foi retirado todo queimado. Viveu umas duas horas mais. Não se podia salvá-lo e não havia razão para que ainda vivesse tanto tempo, nenhuma justificativa para aquelas duas horas. Ficamos aguardando que enviassem anestésicos do litoral. Eu e duas garotas ficamos ao lado dele. Tínhamos acabado de pôr a carga no avião. Não havia médico. Não se podia fazer nada por ele, a não ser ficar lá, a seu lado. Estava em estado de choque mas bastante consciente. Sentia dores terríveis, principalmente nas mãos. Acho que ele não sabia que o resto do corpo estava carbonizado, eram sobretudo as mãos que lhe doíam. Não se podia tocá-lo para confortá-lo pois a pele e a carne se desprenderiam ao menor contato e ele gritaria. Não se podia fazer nada por ele. Não havia nenhuma ajuda a se dar. Talvez ele soubesse que estávamos a seu lado, não sei. Mas isso não lhe fazia nenhum bem. Não se podia fazer nada por ele. Então eu compreendi... sabem... compreendi que não se pode fazer nada por ninguém. Não podemos salvar uns aos outros, nem a nós mesmos.

— Então o que nos resta? A solidão e o desespero. Você está negando a fraternidade, Shevek! — gritou a garota alta.

— Não, não, não estou. Estou tentando dizer o que a fraternidade realmente significa. Ela começa... começa na dor que se partilha.

— E então onde ela acaba?

— Não sei. Não sei, ainda.

CAPÍTULO III

URRÁS

Quando Shevek acordou, depois de ter dormido por toda a sua primeira manhã em Urrás, estava com o nariz entupido, a garganta dolorida e tossia muito. Pensou que estivesse gripado — nem mesmo a higiene odonista conseguira derrotar a gripe comum —, mas o médico que o aguardava para um exame completo (um homem ilustre e de idade avançada) disse-lhe que era mais provavelmente uma forte febre alérgica, uma reação à poeira e aos pólenes de Urrás. Retirou uns comprimidos e uma seringa — que Shevek aceitou pacientemente — e deu-lhe uma bandeja com o almoço — que Shevek aceitou avidamente. O doutor pediu-lhe que permanecesse nos aposentos e partiu. Assim que terminou a refeição, iniciou sua exploração de Urrás, peça por peça.

A cama — uma cama maciça de quatro pés, com um colchão bem mais macio do que o do beliche a bordo da *Cautela* e com roupas complicadas, algumas sedosas e outras quentes e grossas, além de uma pilha de travesseiros semelhantes a cúmulos —, tinha um aposento inteiro só para ela. O piso era coberto por um tapete que parecia flutuar; havia uma cômoda em madeira lindamente esculpida e envernizada, e um armário com espaço suficiente para as roupas de um dormitório de dez homens. E tinha também a enorme sala comum que ele tinha visto na noite anterior. Num terceiro compartimento havia uma banheira, um lavatório e uma privada toda elaborada. Esse compartimento era evidentemente para o seu uso pessoal, uma vez que dava para o quarto e continha uma unidade de cada tipo de peça e aparelhos fixos, embora fossem todos de um luxo sensual que ultrapassava de longe o mero erotismo e participava, segundo visão de Shevek, de uma espécie de apoteose suprema ao excremental. Passou quase uma hora nesse terceiro compartimento, usando peça por peça, um processo que foi deixando-o cada vez mais limpo. A abundância de água era fantástica. As torneiras ficavam jorrando até serem fechadas; a banheira devia comportar uns sessenta litros e a descarga da privada gastava pelo menos uns cinco litros de uma só vez. Isso não era surpreendente; cinco sextos da superfície de Urrás eram de água. Até os desertos eram de gelo, nos polos. Nenhuma necessidade de poupança; nem secas. Mas o que era feito das fezes? Ficou cismando a respeito, ajoelhado ao lado da privada depois de examinar-lhe o mecanismo. É provável que eles as filtrassem da água, numa usina de aproveitamento de resíduos. Havia comunidades litorâneas em Anarres que utilizavam o mesmo sistema para a recuperação. Tinha a intenção de interrogar a respeito, mas nunca chegou a fazê-lo. Foram muitas as perguntas que ele nunca chegou a fazer em Urrás.

Embora a cabeça lhe pesasse, sentia-se bem, e agitado. Os compartimentos eram tão quentes que ele desistiu de vestir-se de imediato e ficou a percorrê-los totalmente despido. Foi até as janelas do salão e ficou olhando para fora por um momento. A sala era alta. A princípio ele ficou assustado e recuou, não acostumado a edifícios de mais de um andar. Era como estar olhando para baixo, num dirigível: a gente se sentia separado do solo, dominante, livre. As janelas davam para uma alameda que conduzia a um prédio branco com uma graciosa torre quadrada. Atrás do prédio a terra descia até encontrar um extenso vale. Era toda cultivada, pois as inumeráveis manchas verdes que a coloriam eram retangulares. Mesmo onde o verde se esvanecia no azul da distância, as linhas escuras das veredas, das sebes e das árvores podiam ainda ser distinguidas, formando uma rede de linhas tão finas como as de um sistema nervoso. Enfim os montes se erguiam nas orlas dos vales, suaves

ondulações a perder de vista, sob o cinzento pálido e uniforme do céu.

Era a mais bela paisagem que ele já vira. A suavidade e a vitalidade das cores, a mistura do desenho humano retilíneo com os contornos vigorosos e prolíferos da natureza, a harmonia e variedade dos elementos davam a impressão de possuir uma plenitude complexa como jamais tinha visto, a não ser, talvez, prefigurada em pequena escala em certos rostos humanos, serenos e meditativos.

Comparado àquele, qualquer panorama que Anarres pudesse oferecer, mesmo a Planície de Abbenay e as gargantas das Montanhas Ne Theras, pareceria insípido: nu, árido, inacabado. Os desertos do Sudoeste eram de uma vasta beleza, mas de uma beleza hostil, perene. Mesmo onde os homens cultivavam a terra de Anarres com todo cuidado, a paisagem era qual desenho grosseiro a giz amarelo, comparada ao esplendor daquela vida exuberante, rica de passado e de estações a vir, inesgotável.

É assim que um mundo deve ser, pensou Shevek.

E em algum lugar, naquele fausto verde e azul, alguma coisa estava cantando: uma voz fraca, vinda da altura, cantando e silenciando, incredivelmente suave e fina. O que era aquilo? Aquela voz fininha, suave e selvagem, aquela música no ar.

Ficou ouvindo e a garganta prendeu-lhe a respiração.

Escutou uma batida na porta. Voltou-se, ainda nu, perguntando-se quem poderia ser e disse da janela:

— Entre!

Um homem entrou carregando uns pacotes. Ficou parado bem no meio da porta. Shevek atravessou a sala, dizendo seu próprio nome, à maneira anarrestis, e, no estilo urrastis, estendendo-lhe a mão.

O homem, que tinha uns cinquenta anos, de rosto enrugado e cansado, disse algo do qual Shevek não entendeu uma palavra e não estendeu a mão. Talvez os pacotes o impedissem, mas ele não fez nenhum esforço para mudá-los de lugar e deixar a mão livre. A expressão de seu rosto era extremamente grave. Era possível que estivesse embaraçado.

Shevek que pensava que tinha finalmente aprendido os costumes urrastis de saudação, ficou todo desconcertado.

— Vamos, entre — repetiu, e, como os urrastis viviam usando títulos e honoríficos, acrescentou: — senhor!

O homem partiu para outro discurso ininteligível, enquanto se dirigia de viés para o quarto. Dessa vez Shevek pegou algumas palavras em iótico, mas o resto continuava a não fazer sentido. Deixou o homem prosseguir, pois ele parecia mesmo querer ir até o quarto. Seria um companheiro de quarto? Mas havia somente uma cama. Shevek o deixou de lado e voltou para a janela; o homem apressou-se em entrar no quarto, onde ficou andando e fazendo ruídos por uns minutos. No momento exato em que Shevek concluía que o homem devia ser um trabalhador noturno ocupando o quarto pela manhã — um arranjo usado em domicílios temporariamente lotados — ele voltou do quarto. Disse alguma coisa; talvez: “Está tudo em ordem, senhor”, e baixou a cabeça de um modo curioso, como se pensasse que Shevek, a cinco metros de distância, fosse dar-lhe um murro no rosto. Depois saiu. Shevek ficou parado perto da janela, apercebendo-se lentamente de que, pela primeira vez em sua vida, alguém lhe tinha feito uma reverência.

Foi até o quarto e descobriu que a cama tinha sido feita.

Começou a vestir-se, com o ar pensativo, vagarosamente. Estava calçando os sapatos quando ouviu uma outra batida na porta.

Um grupo entrou, de maneira diferente; de um modo normal, pareceu a Shevek; como se tivessem direito de estar ali, ou em qualquer lugar que quisessem. O homem dos pacotes tinha hesitado, fora quase furtivo. E no entanto, o rosto dele, as mãos e os trajes aproximavam-se mais da ideia de Shevek sobre a aparência normal de um ser humano do que os desses novos visitantes. O homem intimidado comportara-se de modo estranho, mas assemelhava-se a um anarrestis. Esses quatro comportavam-se como anarrestis mas assemelhavam-se, com seus rostos barbeados e seus trajes deslumbrantes, a criaturas de uma espécie estrangeira.

Shevek conseguiu distinguir Pae entre eles, e reconheceu os outros como os seus acompanhantes de toda a noite anterior. Explicou-lhes que não havia gravado os nomes e eles tornaram a se apresentar, sorridentes: Dr. Chifoilisk, Dr. Oiie, e Dr. Atro.

— Ora, veja só — disse Shevek. — Atro! Que prazer em conhecê-lo!

Pôs as mãos nos ombros do homem e deu-lhe um beijo no rosto, antes de pensar que essa saudação fraternal, tão comum em Anarres, talvez ali não fosse aceita.

Atro, contudo, retribuiu com um abraço caloroso e levantou para ele os olhos cinzentos e turvos. Shevek percebeu então que ele estava quase cego.

— Meu caro Shevek — disse ele —, seja bem-vindo a A-Io; bem-vindo a Urrás, bem-vindo ao lar!

— Há tantos anos nos escrevemos e destruímos as teorias um do outro!

— Você sempre foi o mais demolidor. Aqui está, espere, algo para você — disse o homem idoso apalpando os bolsos. Sob a beca aveludada ele usava um casaco, sob o casaco um colete, por baixo disso uma camisa, sob a qual provavelmente havia uma outra camada qualquer. Todos esses trajes e as calças tinham bolsos. Shevek observava fascinado, enquanto Atro procurava nuns seis ou sete bolsos cheios de pertences até retirar de um deles um pequeno cubo de metal amarelo, engastado num pedaço de madeira envernizada. — Aqui está — disse ele, contemplando o objeto. — Seu prêmio. O prêmio Seo Oen, você sabe. O dinheiro foi depositado em sua conta. Está aqui. Com nove anos de atraso, mas antes tarde do que nunca. — As mãos tremiam-lhe ao entregar o objeto para Shevek. Era pesado; o cubo amarelo era de ouro maciço. Shevek ficou segurando-o, imóvel.

— Não sei quanto a vocês, meus caros jovens — disse Atro —, mas eu vou me sentar. — Todos sentaram-se nas poltronas macias e fundas que Shevek já havia examinado, intrigado pelo material que as revestia, um tecido pardo que não fora tramado e dava sensação de pele animal. — Que idade tinha há nove anos, Shevek?

Atro era o mais importante físico vivo de Urrás. Havia nele não só a dignidade da idade, mas também a segurança franca dos habituados ao respeito. Isso não era novo para Shevek. Atro tinha exatamente o único tipo de autoridade que Shevek reconhecia. Também sentiu prazer ao ver afinal alguém tratá-lo simplesmente pelo nome.

— Eu tinha vinte e nove quando acabei os *Princípios*, Atro.

— Vinte e nove? Meu Deus! Isso o torna o mais jovem laureado do prêmio Seo Oen em mais ou menos um século. Só consegui que me dessem o meu aí pelos sessenta... Que idade tinha então quando me escreveu pela primeira vez?

— Uns vinte.

Atro deu um resmungo.

— Na época eu o tomei por um homem de quarenta anos!

— E Sabul? — perguntou Oiie. Oiie era ainda menor do que a maioria dos urrastis, que a Shevek já pareciam muito pequenos. Tinha um rosto banal e impassível e olhos ovais negro-azeviche. — Houve um período de uns seis ou sete anos em que o senhor nunca nos escreveu e Sabul manteve

contato conosco; mas ele nunca falou em nossas comunicações com o senhor pelo rádio. Já nos perguntamos que tipo de relação vocês teriam.

— Sabul é o físico decano do Instituto de Abbenay — disse Shevek. — Trabalhei com ele.

— Um rival mais velho; ciumento; intrometendo-se com seus livros; está bem claro. Não precisamos de muita explicação, Oiie — disse o quarto homem, Chifoilisk, num tom áspero. Era de meia-idade, trigueiro, atarracado, com as mãos finas de um trabalhador de gabinete. Era o único entre eles cujo rosto não era totalmente barbeado: deixara um minúsculo cavanhaque, para combinar com os cabelos curtos de um cinza ferruginoso.

— Não é preciso fingir que todos os irmãos Odonistas são cheios de amor fraternal — afirmou ele. — A natureza humana é a natureza humana.

Uma rajada de espirros de Shevek evitou que o seu silêncio parecesse significativo.

— Não tenho lenço — desculpou-se, enxugando os olhos.

— Pegue o meu — disse Atro, e retirou um lenço imaculado de um de seus vários bolsos. Shevek o aceitou, e no instante em que o pegava uma lembrança inoportuna apertou-lhe o coração. Lembrou-se de sua filha Sadik, uma garotinha de olhos negros, a dizer-lhe: “Você pode compartilhar do lenço que eu uso”. Essa lembrança, que lhe era tão cara, foi agora insuportavelmente dolorosa. Tentando afastá-la, sorriu ao acaso e disse:

— Sou alérgico ao planeta de vocês. É o que diz o médico.

— Meu Deus, você não vai ficar espirrando desse jeito o tempo inteiro, não é? — perguntou o velho Atro, fitando-o.

— Seu homem ainda não esteve aqui? — perguntou Pae.

— Meu homem?

— O criado. Ele devia trazer-lhe umas coisas; lenços inclusive. Apenas o suficiente para ir se ajeitando enquanto não pode fazer suas próprias compras. Nada de muito especial: temo que não haja muita escolha em roupas prontas para um homem de sua altura.

Depois de conseguir entender essas palavras (Pae falava rápido, alongando as vogais, o que ia bem com seus traços suaves e belos), Shevek disse:

— É muita gentileza de vocês. Sinto-me... — olhou para Atro — sabem, eu sou o Mendigo — disse ao velho homem, repetindo o que dissera ao Dr. Kimoe, a bordo da *Cautela*. — Não pude trazer dinheiro, nós não o utilizamos. Nem pude trazer presentes, não temos nada que lhes falte. Por isso eu vim, como bom Odonista, de mãos vazias.

Atro e Pae asseguraram-lhe que era um convidado, que de jeito nenhum pensasse em pagamento, que para eles era um privilégio.

— Além do mais — disse Chifoilisk em seu tom áspero —, o governo ioti paga as contas.

Pae lançou-lhe um olhar penetrante, mas Chifoilisk não o retribuiu e ficou com os olhos fixos em Shevek. Havia em seu rosto trigueiro uma expressão que ele não fazia esforço para ocultar, mas Shevek não soube interpretá-la: advertência ou cumplicidade?

— Eis as palavras de um thúvio incorrigível — disse o velho Atro com seu resmungo. — Mas você estava querendo dizer. Shevek, que não trouxe absolutamente nada consigo, nenhum escrito, nenhum novo trabalho? Eu esperava ansioso por um novo livro. Outra revolução na física. Para ver esses jovens audaciosos embasbacados como eu fiquei com os *Princípios*. Em que tem trabalhado ultimamente?

— Bem, tenho lido Pae; os estudos de Pae sobre o universo homogêneo, sobre o Paradoxo e a Relatividade.

— Tudo isso está muito bem. Saio é no momento nossa grande estrela, sobretudo em sua própria

ideia, hein, Saio? Mas o que isso tem a ver com o que realmente nos interessa? Onde está sua Teoria Temporal Geral?

— Em minha cabeça — disse Shevek, com um sorriso aberto e jovial.

Houve uma pausa muito breve.

Oiie perguntou-lhe se já tinha lido o trabalho sobre a teoria da relatividade, pelo físico estrangeiro Ainsetain, do planeta Terran. Shevek negou. Todos mostraram-se vivamente interessados por isso, exceto Atro, que já superara entusiasmos. Pae foi correndo apanhar em seu quarto uma cópia da tradução para Shevek.

— Data de várias centenas de anos, mas contém ideias bem novas para nós — disse ele.

— Talvez — disse Atro —, mas nenhum desses estrangeiros pode acompanhar *nossa* física. Os hainish a classificam de materialismo e os terranos de misticismo, mas os dois acabam cedendo. Não se deixe influenciar por essa mania passageira por tudo que seja estrangeiro, Shevek. Eles não têm nada que nos possa ser útil. Faça como meu pai costumava dizer: cultive seu próprio jardim. — Deu um resmungo senil e levantou-se com dificuldade. — Vamos, venha dar uma volta pelo Parque comigo. Não é de admirar que se sinta pesado, engaiolado aqui em cima.

— O doutor disse que eu tenho de ficar aqui uns três dias; que eu poderia ser... contagiado? contagioso?

— Não ligue nunca para o que os médicos dizem, meu caro amigo.

— Mas nesse caso, quem sabe, Dr. Atro... — sugeriu Pae em seu tom calmo e conciliador.

— Afinal o médico foi mandado pelo governo, não foi? — disse Chifoilisk com visível ironia.

— O melhor homem de que dispunham, tenho certeza — respondeu Atro sem achar graça, e foi embora sem insistir mais junto a Shevek. Chifoilisk o acompanhou. Os dois mais jovens ficaram conversando sobre física com Shevek.

Com um imenso prazer, com um profundo sentimento de familiaridade, de estar encontrando algo que é aquilo que devia ser, Shevek teve pela primeira vez em sua vida uma conversa entre iguais.

Mitis, embora fosse uma esplêndida professora, jamais fora capaz de acompanhá-lo pelos novos campos da teoria, que ele tinha, encorajado por ela, começado a explorar.

Gvarab era a única pessoa que ele conhecera com um saber e um talento comparáveis aos dele, mas se encontraram tarde demais, quando ela já estava bem próxima do fim.

Desde então Shevek trabalhara com muitas pessoas de talento, mas como nunca foi membro efetivo do Instituto de Abbenay, não pôde levá-las muito longe. Ficaram atoladas nos velhos problemas, na física sequencial clássica. Jamais ele tinha tido iguais. E no entanto aqui, nos domínios da desigualdade, ele finalmente os encontrava.

Foi uma revelação, uma liberação. Físicos, matemáticos, astrônomos, lógicos, biólogos estavam todos por lá na Universidade, e vinham vê-lo ou ele ia até eles; conversavam, e novas ideias nasciam desses diálogos. É da própria natureza da ideia a necessidade de ser comunicada: escrita, falada, realizada. A ideia é como a grama. Anseia por luz, gosta de multidões, prolifera por cruzamento, cresce mais para ser pisada.

Logo naquela primeira tarde na Universidade, com Oiie e Pae, ele soube que encontrara algo por que esperava ansioso desde a época em que, ainda garotos e num nível infantil, Tirin, Bedap e ele próprio tinham o hábito de conversar durante metade da noite, provocando-se e desafiando-se a voos mentais cada vez mais audaciosos. Lembrava-se nitidamente de algumas dessas noites. Revia Tirin, Tirin dizendo: “Se soubéssemos como é Urrás na realidade, talvez alguns de nós quissem ir até lá.” E ele ficara chocado e respondera violentamente, e Tirin foi logo recuando, sempre recuava, e estivera sempre certo, pobre Tirin.

A conversa tinha parado. Pae e Oiie estavam silenciosos.

— Desculpem-me — disse ele —, minha cabeça está pesada.

— E quanto à gravidade? — perguntou Pae com o sorriso atraente de um homem que, como as crianças espertas, conta com seu charme.

— Não noto nada — disse Shevek. — Só no... como se chama?

— Joelhos... juntas.

— Sim, nos joelhos. A função está alterada. Mas vou me acostumar. — Olhou para Pae e em seguida para Oiie. — Tenho uma pergunta, mas não gostaria de ofender ninguém.

— Não tenha receio, senhor — disse Pae.

Oiie disse:

— Não tenho certeza se o senhor saberia como nos ofender.

Oiie não era um tipo simpático, como Pae. Mesmo quando falava de física, tinha um estilo evasivo e misterioso. Contudo, atrás do estilo havia alguma coisa, sentiu Shevek, digna de confiança. Mas o que o charme de Pae ocultava? Bem, isso pouco importava. Ele tinha de confiar em todos eles, e o faria.

— Onde estão as mulheres?

Pae achou graça. Oiie sorriu e perguntou:

— Em que sentido?

— Em todos os sentidos. Conheci algumas mulheres na festa ontem à noite, umas cinco ou dez, e centenas de homens. Nenhuma era cientista, acho eu. Quem eram elas?

— Esposas. Na verdade, uma delas era minha esposa — disse Oiie com seu sorriso enigmático.

— Onde estão as outras mulheres?

— Oh, não há problema algum a esse respeito, senhor — apressou-se Pae em dizer. — Basta dizer-nos suas preferências; nada pode ser mais fácil de se conseguir.

— Ouvem-se muitas suposições pitorescas sobre os costumes de Anarres, mas acho que poderíamos conseguir-lhe tudo que lhe possa vir à mente — disse Oiie.

Shevek não tinha ideia do que estavam falando. Coçou a cabeça.

— Então todos os cientistas aqui são homens?

— Cientistas? — perguntou Oiie, incrédulo.

Pae tossiu.

— Os cientistas... ah, sim, certo, são todos homens. Há algumas professoras nas escolas femininas, é claro. Mas nunca vão além do nível do Certificado.

— Por que não?

— Não podem entender a matemática, não têm cabeça para o pensamento abstrato, não está nelas. O senhor sabe como é; o que as mulheres chamam de pensar é feito com o útero! É claro que sempre há algumas exceções. Mulheres com o cérebro horrendamente desenvolvido e com atrofia vaginal.

— Vocês Odonistas deixam as mulheres estudarem ciência? — inquiriu Oiie.

— Bem, elas dedicam-se à ciência, sim.

— Não muitas, espero.

— Bem, metade delas.

— Eu sempre disse — falou Pae — que mulheres técnicas devidamente orientadas podem diminuir muito a carga do homem em qualquer situação de laboratório. Na verdade são até mais jeitosas e mais rápidas do que os homens em tarefas rotineiras, e mais dóceis, entediam-se com menos facilidade. Poderíamos liberar o homem muito mais cedo para o trabalho criativo se usássemos as mulheres.

— No meu laboratório não — disse Oiie. — Que elas fiquem no seu lugar.

— O senhor conhece alguma mulher que seja capaz de realizar um trabalho intelectual original, Dr. Shevek?

— Bom, foram elas que me acharam capaz. Mitis foi minha professora em Norte-Poente. E Gvarab também; acho que já ouviram falar dela.

— Gvarab era mulher? — perguntou Pae com autêntica surpresa, e deu uma risada.

Oiie parecia chocado, não convencido.

— Com esses nomes de vocês, a gente nunca sabe, é claro — disse secamente. — Vocês fazem questão, suponho, de não fazer diferença entre os sexos.

Shevek disse calmamente:

— Odo era mulher.

— Pronto — disse Oiie.

Não ergueu os ombros, mas esteve perto. Pae manteve o ar sério e sacudiu a cabeça exatamente como reagiu ao resmungo do velho Atro.

Shevek percebeu que havia despertado naqueles homens uma animosidade impessoal mas muito profunda. Aparentemente havia neles, como nas mesas da espaçonave, uma mulher reprimida, calada, bestializada, uma fúria enjaulada. Ele não tinha direito de atirá-los. Não conheciam nenhuma outra relação além da posse. Eram possuídos.

— Uma mulher bela e virtuosa — disse Pae — é uma fonte de inspiração para nós; o que há de mais precioso no mundo.

Shevek não se sentia nada à vontade. Levantou-se e foi até a janela.

— O mundo de vocês é muito bonito — disse ele. — Gostaria de conhecê-lo melhor. E como tenho de ficar uns dias aqui dentro, vocês não poderiam trazer uns livros?

— Claro, senhor. Que tipo de livro?

— História, fotos, contos, qualquer coisa. Talvez seja melhor trazer livros infantis. Vocês entendem, não conheço quase nada. Estudamos sobre Urrás, principalmente sobre a época de Odo. Mas antes disso oito mil e quinhentos anos se passaram. E um século e meio já se passou desde o Povoamento de Anarres; e depois que a última nave trouxe os últimos Povoadores não sabemos mais nada. Ignoramos tudo sobre vocês e vocês sobre nós. E vocês são a nossa história. E nós talvez sejamos o futuro de vocês. Quero saber, não ignorar. Foi por esse motivo que vim. Precisamos nos conhecer uns aos outros. Não somos homens primitivos. Nossa moral não é mais tribal, nem pode ser. Essa ignorância é um erro e acarretará novos erros. Por isso vim aprender.

Falou com sinceridade e muito fervor. Pae concordou entusiasmado:

— Exatamente, senhor. Estamos todos de perfeito acordo com seus objetivos.

Oiie olhou-o com seus olhos negros, opacos, ovais, e falou:

— Então o senhor veio essencialmente como emissário de seu povo!?

Shevek saiu da janela e voltou a sentar-se no banco de mármore ao lado da lareira, que ele já considerava o seu banco, seu território. Ele precisava de um território. Sentia necessidade de prudência. Porém sentia muito mais intensamente a necessidade que o levara a sair de seu planeta para cruzar o abismo seco, a necessidade de comunicação, o desejo de derrubar os muros.

— Vim — disse cautelosamente — como representante do Sindicato da Iniciativa, o grupo que tem se comunicado pelo rádio com Urrás nesses últimos dois anos. Mas sabem, não sou um embaixador enviado por uma autoridade ou uma instituição qualquer. Espero que não tenham me convidado como tal.

— Não — disse Oiie. — Nós convidamos Shevek; Shevek, o físico. Aprovados, é evidente, pelo

nosso Governo e pelo Conselho Mundial de Governos. Mas o senhor está aqui como convidado particular da Universidade de Ieu Eun.

— Ótimo.

— Mas não sabemos ao certo se o senhor veio ou não com a aprovação de... — hesitou.

Shevek deu um sorriso largo.

— De meu governo?

— Sabemos que nominalmente não há governo em Anarres. Entretanto há obviamente uma administração. E supomos que o grupo que o enviou, o seu sindicato, seja uma espécie de facção; talvez até uma facção revolucionária.

— Todo mundo em Anarres é revolucionário, Oiie. A rede administrativa e de controle da distribuição chama-se CDP, Coordenação da Distribuição e da Produção. É um sistema de coordenação para todos os sindicatos, federações e indivíduos que se dedicam ao trabalho produtivo. Eles não governam as pessoas, apenas administram a produção. Não têm autoridade para apoiar-me nem para impedir-me. Podem apenas nos mostrar como a opinião pública nos vê, onde situamos na consciência social. É sobre isso que vocês querem saber? Pois bem, em geral eu e meus amigos somos muito reprovados. A maior parte dos anarrestis não quer saber nada de Urrás. Têm medo e não querem nada com proprietários. Desculpem-me se estou sendo rude. A mesma coisa se passa aqui com certas pessoas, não é? O desprezo, o medo, o tribalismo. Então eu vim para começar a mudar tudo isso.

— Inteiramente por sua própria iniciativa — disse Oiie.

— É a única iniciativa que eu reconheço — disse Shevek sorrindo, com a mais absoluta seriedade.

Passou os dois dias seguintes conversando com cientistas que foram vê-lo, ou então lendo os livros que Pae lhe trouxera, e às vezes ficava simplesmente parado nas janelas de arco duplo, admirando a chegada do verão no extenso vale e ouvindo os diálogos breves e suaves que se ouvia lá fora, ao ar livre. Pássaros: agora sabia o nome dos cantores e vira que imagem tinham nos livros ilustrados; mas sempre que ouvia os cantos ou percebia o movimento rápido de asas indo de uma árvore para outra, ficava maravilhado como uma criança.

Tinha pensado que iria sentir-se muito estranho ali em Urrás, tão perdido, estrangeiro e confuso, mas não sentia nada disso. Claro que havia um número infindável de coisas que ele não compreendia; somente agora começava a ter uma ligeira ideia de como eram numerosas: toda aquela sociedade incrivelmente complexa, com todas as suas nações, classes, castas, cultos, costumes, e com sua história grandiosa e aterradora ao mesmo tempo, interminável. E cada indivíduo que lhe apresentavam era um enigma cheio de surpresas, mas não eram os egoístas indisfarçáveis e frios que esperava encontrar. Eram tão complexos e diversificados quanto suas culturas e paisagens. E eram inteligentes. E gentis. Tratavam-no como a um irmão, faziam tudo o que podiam para que ele não se sentisse perdido, nem estrangeiro, mas como em sua própria casa. E ele positivamente se sentia em casa. Não podia evitá-lo. Todo aquele mundo, a brandura do ar, a luz do sol nas montanhas e os próprios puxões da gravidade lhe asseguravam que ali era de fato sua casa, o lugar de origem de sua raça, que ele herdara o direito a toda aquela beleza.

O silêncio, o silêncio absoluto de Anarres; à noite lembrava-se disso. Lá não havia pássaros a cantar. Não havia outras vozes senão as vozes humanas. O silêncio, e uma terra árida.

No terceiro dia Atro levou-lhe uma pilha de jornais. Pae, que se tornara um companheiro

constante de Shevek, não disse nada para Atro, mas depois que o velho saiu ele disse para Shevek:

— Esses jornais não valem nada, senhor. Podem ser engraçados, mas não acredite em nada do que dizem.

Shevek apanhou o primeiro jornal do monte. Era pessimamente impresso em papel ordinário. E o primeiro artefato mal-acabado que ele manuseava em Urrás. De fato, lembravam-lhe os boletins do CDP e os relatórios regionais que serviam de jornais em Anarres, cujo estilo porém era bem diferente daquelas publicações emborralhadas, superficiais e fatuais. Era cheio de exclamações e de fotos. Havia uma foto de Shevek diante da espaçonave, com Pae segurando-lhe o braço e fazendo uma carranca. O PRIMEIRO HOMEM VINDO DA LUA! diziam os enormes tipos acima da foto. Fascinado, Shevek prosseguiu a leitura.

Seu primeiro passo na Terra! O primeiro visitante que nos vem da Colônia de Anarres em 170 anos, o Dr. Shevek, foi fotografado ontem à sua chegada no Porto Espacial Peier, pelo cargueiro lunar regular. O cientista, laureado com o prêmio Seo Oen por serviços científicos prestados a todas as nações, aceitou uma cadeira na Universidade de Ieu Eun, honra nunca antes concedida a um visitante estrangeiro. Interrogado sobre suas primeiras impressões de Urrás, o físico, um homem grande e ilustre, respondeu: “É uma grande honra ser convidado a visitar vosso belo planeta. Espero que este seja o início de uma nova era da amizade unicétia, quando então os Planetas Gêmeos seguirão juntos rumo ao futuro, unidos pela fraternidade.”

— Mas eu nunca disse nada disso! — protestou Shevek, dirigindo-se a Pae.

— Claro que não. Não deixamos essa gentalha aproximar-se do senhor. Mas isso não refreia a imaginação de um jornalista da imprensa alpiste.^[4] Eles vão citá-lo como o autor do que eles querem que o senhor diga, pouco importando que tenha dito ou não.

Shevek ficou mordendo os lábios.

— Bem — disse afinal —, se eu tivesse dito alguma coisa seria mais ou menos assim. Mas o que quer dizer unicétia?

— Os Terranos nos chamam de “cétios”; creio que o termo derivou-se do nome que eles dão ao nosso sol. A imprensa popular começou a usá-lo ultimamente e a palavra está em moda no momento.

— Então unicétio refere-se a Urrás e Anarres juntos?

— Suponho que sim — disse Pae com visível desinteresse.

Shevek continuou a ler os jornais. Leu que ele era um homem gigantesco, que não estava barbeado e que tinha uma “juba” (fosse isto o que fosse) de cabelos esbranquiçados; que tinha trinta e sete, quarenta e três e cinquenta e seis anos; que escrevera um importante estudo de Física intitulado — a grafia dependia do jornal — *Principais da Simultaneidade* ou *Princípios da Simultaneidade*; que era um bem-intencionado embaixador do governo odonista, que era vegetariano e que, como todos os anarrestis, não bebia. Nesse ponto ele se descontrolou e riu até ficar com dores nas costas.

— Caramba, eles têm mesmo imaginação! Pensam que só precisamos de vapor d’água para viver, como o musgo-de-rocha?

— O que querem dizer é que o senhor não toma bebida alcoólica — disse Pae, também gargalhando. — Se há uma coisa que todo mundo sabe sobre os Odonistas, suponho, é que vocês não bebem álcool. É verdade, por sinal?

— Algumas pessoas destilam álcool da raiz de holumínia fermentada. Dizem que abre as portas do inconsciente, como no treinamento das ondas cerebrais. A maioria das pessoas prefere isso; é

muito suportável e não causa doenças. É comum aqui?

— Beber, sim. Não conheço essa doença. Como se chama?

— Alcoolismo, acho.

— Ah, sei... Mas o que fazem os trabalhadores de Anarres para se divertirem um pouco, para juntos se evadirem das aflições da vida?

Shevek parecia confuso.

— Bem, nós... não sei. Quem sabe nossas aflições sejam inevitáveis?

— Muito esquisito — disse Pae, dando um sorriso conciliador.

Shevek prosseguiu a leitura. Um dos jornais estava escrito numa língua que ele não conhecia, e o outro num alfabeto totalmente diferente. Um deles vinha de Thu, explicou Pae, e o outro de Benbili, uma nação no hemisfério ocidental. O jornal de Thu era bem impresso e de formato sóbrio; Pae explicou-lhe que se tratava de uma publicação do governo.

— Sabe, aqui em A-Io as pessoas cultas se informam das notícias pelo telefax, pelo rádio, pela televisão ou lendo os semanários. Esses jornais são lidos quase exclusivamente pelas classes inferiores e escritos por semianalfabetos para semianalfabetos, como o senhor pode ver. Temos liberdade de imprensa total em A-Io. O que inevitavelmente significa que se publica muita porcaria. O jornal thúvio é bem melhor escrito, mas relata apenas o que o Comitê Central Thúvio aprova para publicação. A censura é rigorosa em Thu. O estado é tudo e tudo é pelo estado. Um lugar nada indicado para um Odonista, não é, senhor?

— E esse jornal?

— Não tenho a menor ideia. Benbili é um país muito atrasado. Está sempre às voltas com revoluções.

— Um grupo de pessoas de Benbili nos enviou uma mensagem pelo comprimento de onda do Sindicato, pouco antes de eu deixar Anarres. Diziam-se Odonistas. Existem grupos do gênero aqui em A-Io?

— Que eu saiba não, Dr. Shevek.

O muro. Agora Shevek reconhecia o muro quando se deparava com ele. O muro era o charme, a gentileza e a indiferença daquele jovem.

— Acho que você tem medo de mim, Pae — disse ele repentinamente, cordial.

— Medo do senhor?

— Porque eu, pela minha própria existência, sou uma refutação à necessidade do Estado. Mas por que temer? Não vou lhe fazer mal, Saio Pae. Sou uma pessoa totalmente inofensiva... Ouça, não sou um doutor. Nós não usamos títulos. Eu me chamo Shevek.

— Eu sei, sinto muito, senhor, Em nossos termos, pareceria desrespeitoso, compreende? Não seria correto — desculpou-se ele com sinceridade.

— Não pode me reconhecer como seu igual? — perguntou Shevek, observando-o sem perdão nem raiva.

Pae pela primeira vez ficou embaraçado.

— Mas francamente, senhor, o senhor é, compreenda, um homem muito importante.

— Não há razão para que você mude seus hábitos por minha causa — disse Shevek. — Não tem importância. Pensei que fosse gostar de se ver livre do desnecessário, apenas isso.

Três dias de confinamento nos aposentos deixaram Shevek com uma sobrecarga de energia, e quando ele foi liberado deixou seus companheiros exaustos, com a ânsia de ver tudo de uma vez. Levaram-no

até a Universidade, que era uma cidade em si: dezesseis mil estudantes e o corpo docente. Com os dormitórios, refeitórios, anfiteatros, salões de reuniões e por aí afora, não era muito diferente de uma comunidade odonista, senão por ser muito velha, exclusivamente masculina, incrivelmente luxuosa e por não ter uma organização federativa e sim hierárquica, de cima para baixo. Mesmo assim, pensou Shevek, *parecia* uma comunidade. Precisava levar em conta as diferenças.

Levaram-no para passear no campo em carros alugados, esplêndidas máquinas de bizarra elegância. Não havia muitos pelas estradas: o aluguel era caro, e poucas pessoas possuíam um carro para uso próprio, devido a impostos muito elevados. Esses artigos de luxo, se acessíveis ao público, tenderiam a sugar recursos naturais insubstituíveis e a empestear o meio ambiente com resíduos industriais, e eram portanto rigorosamente controlados por regulamentos e pelo erário. Seus guias alongaram-se sobre o assunto com orgulho. A-Io estava há séculos na vanguarda mundial, disseram-lhe, no controle ecológico e na poupança de recursos naturais. Os excessos do Nono Milênio pertenciam ao passado histórico e o único efeito duradouro era a carência de certos metais que felizmente podiam ser importados da Lua.

Viajando de carro ou de trem, ele viu aldeias, fazendas, cidades; viu fortalezas que datavam do período feudal e as ruínas das torres de Ae, antiga capital de um império, com quatro mil e quinhentos anos. Viu as fazendas, os lagos e as colinas da Província de Avan, no coração de A-Io, e no, céu setentrional os picos da Cordilheira Metéi, brancos e gigantescos. A beleza da terra e o bem-estar de seus habitantes não cessavam de deslumbrá-lo. Os guias tinham razão: os urrastis sabiam usar o mundo que tinham. Aprendera quando criança que Urrás não passava de um monte de injustiça, iniquidade e desperdício. Mas todas as pessoas que lhe apresentavam e todas as que ele via, nas menores aldeias inclusive, eram bem vestidas, bem alimentadas e, contrariando suas expectativas, trabalhadoras. Não ficavam paradas com o ar deprimido aguardando que lhes dessem ordens para fazerem as coisas. Exatamente como os anarrestis, estavam simplesmente entregues a seus afazeres. Isso o deixou muito confuso. Ele supunha que se destituíssemos o ser humano do incentivo natural para o trabalho — de sua iniciativa, de sua energia criativa espontânea — e o substituíssemos pela motivação externa e pela coação, ele se tornaria um trabalhador preguiçoso e negligente. Mas um trabalhador negligente não conservaria a beleza daquelas lavouras, nem fabricaria aqueles esplêndidos carros e confortáveis trens. A atração compulsiva do *lucro* era evidentemente um substituto à iniciativa natural muito mais efetivo do que o tinham levado a crer.

Gostaria de ter conversado com algumas daquelas pessoas de aparência saudável e respeitável que ele via nos vilarejos, para perguntar-lhes, por exemplo, se se consideravam pobres. Se fossem estes os pobres, teria de revisar o sentido que dava à palavra. Mas nunca parecia haver tempo, com tudo o que os guias desejavam mostrar-lhe.

As outras cidades grandes de A-Io eram distantes demais para serem incluídas no roteiro de um único dia, mas levaram-no com frequência a Nio Esseia, a cinquenta quilômetros da Universidade. Ali foi oferecida toda uma série de recepções em sua homenagem. Essas recepções não lhe agradavam muito, pois de forma alguma correspondiam ao que ele entendia por festividade. Todo mundo era muito gentil e falava um bocado, mas os assuntos não tinham o menor interesse e as pessoas sorriam tanto que pareciam estar ansiosas. Mas os trajes eram deslumbrantes; na realidade, aquela gente parecia pôr toda a vibração que faltava às suas maneiras em seus trajes, nas comidas, em todas as diferentes bebidas que tomavam, e na profusão de móveis e ornamentos pelos salões dos palácios onde as recepções eram dadas.

Mostraram-lhe os pontos pitorescos de Nio Esseia, uma cidade de cinco milhões de habitantes — um quarto da população total de Anarres. Levaram-no até a Praça do Capitólio e mostraram-lhe as

imensas portas de bronze do Diretório, sede do governo de A-Io. Permitiram-lhe assistir a um debate no Senado e a uma reunião do Comitê de Diretores. Levaram-no ao Jardim Zoológico, ao Museu Nacional, ao Museu da Ciência e da Indústria. Levaram-no a uma escola primária onde crianças encantadoras em uniformes azul e branco cantaram o hino nacional em sua homenagem. Levaram-no para visitar uma fábrica de material eletrônico, uma usina siderúrgica completamente automatizada e uma usina de fusão nuclear, para que ele pudesse ver a eficiência da economia do proprietariado na indústria e no fornecimento de energia. Levaram-no para ver um novo conjunto habitacional construído pelo governo, para que constatasse como o governo cuidava bem de seu povo. Levaram-no para um passeio de barco descendo o Estuário de Suá, cheio de navios originários de toda parte do planeta. Levaram-no ao Supremo Tribunal de Justiça, onde ele passou um dia inteiro assistindo ao desenrolar de processos criminais e civis, uma experiência que o deixou perplexo e aterrorizado; mas insistiam em mostrar-lhe o que havia para se ver e em levá-lo aonde ele desejasse. Quando perguntou, meio acanhado, se poderia ver o lugar onde Odo fora enterrada, eles prontamente o conduziram ao velho cemitério do bairro Trans Suá. Permitiram até que os jornalistas dos jornais desconceituados o fotografassem, à sombra de grandes, velhos salgueiros, olhando para o túmulo simples e bem-cuidado.

Laia Asieo Odo

698-769

Ser todo é ser parte;

a verdadeira viagem é o retorno.

Foi conduzido a Rodarred, sede do Conselho Mundial de Governos, onde ele dirigiu a palavra ao conselho plenário dessa organização. Esperava conhecer, ou pelo menos ver, os estrangeiros por lá, os embaixadores de Terran e de Hain, mas o rigor excessivo na programação de sua agenda não lhe permitiu encontrá-los. Preparara seu discurso com todo cuidado, um apelo à livre comunicação e ao reconhecimento mútuo entre as nações do Novo e do Velho Mundo. Foi ovacionado de pé durante dez minutos. Os semanários mais conceituados teceram comentários favoráveis, classificando-o de “um desinteressado gesto de solidariedade humana da parte de um grande cientista”; mas não fizeram citações, e os jornais populares tampouco. Na verdade, apesar da ovação, Shevek partiu com a estranha impressão de que ninguém o escutara.

Concederam-lhe muitos privilégios e muitos direitos de entrada: para os Laboratórios de Pesquisa da Luz, para os Arquivos Nacionais, para os Laboratórios de Tecnologia Nuclear, para a Biblioteca Nacional de Nio, para o Acelerador de Meafed, para a Fundação para Pesquisa Espacial em Drio. Embora tudo o que visse em Urrás o levasse a querer ver mais coisas, diversas semanas de turismo lhe bastavam. Tudo era tão fascinante, surpreendente e maravilhoso que acabou tornando-se difícil de suportar. Ele queria ficar um pouco na Universidade, trabalhar e refletir sobre tudo aquilo, por um bom período. Mas como última visita da série, pediu que lhe mostrassem a Fundação para a Pesquisa Espacial. Pae mostrou-se muito contente com esse pedido.

Grande parte do que ele havia visto naqueles últimos dias parecia-lhe aterrador, porque era tudo muito antigo, com séculos de existência. A Fundação, pelo contrário, era nova: construída durante aqueles últimos dez anos, possuía o estilo imponente e elegante da época. A arquitetura era de grande impacto. Grandes massas de cores foram utilizadas. As alturas e as distâncias eram exageradas. Os laboratórios eram amplos e bem arejados, e as fábricas anexas e as oficinas mecânicas protegidas por extraordinários pórticos em estilo neo-saetano, com arcos e colunas. Os hangares eram cúpulas

imensas e multicoloridas, translúcidas e irreais. Os homens que ali trabalhavam, por contraste, eram calmos e sólidos. Eles afastaram Shevek de sua escolta habitual e mostraram-lhe toda a Fundação, inclusive cada estágio do sistema de propulsão interestelar experimental em que estavam trabalhando, desde computadores e pranchetas de desenho, até uma nave semiconstruída, enorme e suprarreal nas luzes amarelas, violetas e alaranjadas do vasto e geodésico hangar.

— Vocês têm tanta coisa — disse Shevek ao engenheiro que agora o acompanhava, um homem chamado Oegeo. — Vocês têm tanto material para trabalhar e o utilizam tão bem... É extraordinário; a coordenação, a cooperação, a grandeza do empreendimento.

— Vocês não poderiam construir nada nessa escala, lá de onde o senhor vem, não é? — perguntou o engenheiro com um meio sorriso.

— Espaçonaves? Nossa frota espacial é formada das naves em que os Povoadores chegaram de Urrás, construídas aqui, em Urrás, há quase dois séculos. A construção de um simples navio para o transporte marítimo de cereais, de uma barcaça, exige um ano de planejamento e um grande esforço de nossa economia.

Oegeo assentiu com um sinal de cabeça.

— Bem, nós temos o material, é certo. Mas sabe, o senhor é o homem capaz de nos dizer quando poderemos nos livrar desse troço, jogá-lo fora.

— Jogá-lo fora? O que quer dizer com isto?

— As viagens mais rápidas do que a luz — disse Oegeo. — O salto abrupto. A velha física afirma não ser possível. Os terranos afirmam o mesmo. Mas os hainish, que afinal são os inventores do sistema de propulsão que usamos no momento, afirmam que o é; só que não sabem como realizá-lo, pois ainda estão aprendendo a física temporal conosco. Evidentemente se a solução está no bolso de alguém nos mundos conhecidos, Dr. Shevek, é no seu.

Shevek o olhou com frieza, um olhar severo e claro.

— Sou um teórico, Oegeo. Não sou um projetista de naves.

— Se o senhor nos oferecer a teoria, a unificação da Sequência e da Simultaneidade num campo geral de teoria temporal, então nós desenharemos as naves. E chegaremos a Terran, em Hain, ou na galáxia seguinte no mesmo instante em que deixarmos Urrás. E esse batelão — e ele olhou nos fundos do hangar para o gigantesco esqueleto da nave semiconstruída, balançando-se nos raios de luz violeta e alaranjada — ficará superado como o carro de boi.

— Vocês sonham como constroem: de modo soberbo — disse Shevek, ainda distante e grave.

Oegeo e os outros tinham mais coisas para lhe mostrar e para com ele discutir, mas ele apressou-se em dizer, com uma simplicidade que excluía qualquer intenção de ironia:

— Acho melhor me levarem de volta para meus guardiães.

E assim o fizeram; despediram-se com mútua simpatia. Shevek entrou no carro, mas logo saiu outra vez.

— Ia esquecendo — disse ele. — Temos tempo de ver outra coisa mais, em Drio?

— Não há mais nada, em Drio — disse Pae, polido como de hábito e fazendo todo esforço para ocultar o desagrado provocado pela escapada de cinco horas de Shevek, em companhia dos engenheiros.

— Gostaria de ver o forte.

— Que forte, senhor?

— Um velho castelo da época dos reis. Foi depois usado como prisão.

— Qualquer coisa do gênero já teria sido demolida. A Fundação reconstruiu inteiramente a cidade.

Quando estavam no carro e o motorista estava fechando as portas, Chifoilisk (outra fonte provável do mau humor de Pae) perguntou:

— Por que gostaria de ver outro castelo, Shevek? Pensei que já tivesse visto velhas ruínas o suficiente para se fartar por uns tempos.

— O Forte Drio foi onde Odo passou nove anos — respondeu Shevek. Seu rosto estava grave, como estivera desde a conversa com Oegeo. — Depois da Insurreição de 747. Foi lá que ela escreveu as *Cartas do Presídio* e a *Analogia*.

— Receio que tenha sido demolido — disse Pae cortesmente. — Drio era uma cidade à beira da morte; a Fundação simplesmente a destruiu, para começar tudo de novo.

Shevek baixou a cabeça.

Mas quando o carro seguia pela estrada à beira do rio em direção à saída que conduzia a Ieu Eun, passou por uma ribanceira que dominava um meandro do Seisse, em cujo topo havia um edifício: pesado, em ruínas, implacável com suas torres em pedra escura danificadas.

Nada poderia ser menos semelhante aos magníficos e alegres edifícios da Fundação para a Pesquisa Espacial, àquelas cúpulas fantásticas e às oficinas iluminadas, aos gramados e veredas limpos e bem-cuidados. Nada poderia fazer com que tudo isso parecesse tanto a pedaços coloridos de papel.

— Aquilo, creio, é o Forte — observou Chifoilisk, com sua costumeira satisfação em fazer o menos tático dos comentários no momento em que o comentário é menos desejado.

— Totalmente em ruínas — disse Pae.

— Quer parar e dar uma olhada, Shevek? — perguntou Chifoilisk, pronto a dar uma batidinha no vidro que os separava do chofer.

— Não — respondeu Shevek.

Já tinha visto o que desejava. Ainda havia um forte em Drio. Ele não precisava entrar e procurar pelos corredores em ruína a cela onde Odo passara nove anos. Ele já sabia como era a cela de uma prisão.

Ergueu a vista, ainda com a expressão grave e distante, para as paredes maciças que agora avultavam quase acima do carro. Tenho estado aqui há muitos anos, disse o Forte, e ainda estou aqui.

De volta a seus aposentos, depois do jantar no Refeitório dos Decanos, ficou sentado sozinho ao lado da lareira apagada. Era verão em A-Io e o dia mais longo do ano se aproximava; embora já passasse das oito, o dia ainda estava claro. Para fora das janelas ogivais, o céu ainda mostrava vestígios de sua cor matinal, um azul puro e claro. O ar estava brando com o cheiro de grama recém-cortada e de terra molhada. Havia uma luz acesa na capela, do outro lado do pequeno bosque, e um murmúrio musical no ar, por onde uma leve brisa soprava. Não era o cântico dos pássaros, era um cantar humano. Shevek ficou escutando. Alguém praticava as Harmonias Numéricas no órgão da capela, tão familiares a Shevek como a qualquer urrasti. Odo não tentou renovar as relações básicas da música ao renovar as relações humanas. Ela sempre respeitou aquilo que era necessário. Os Fundadores de Anarres deixaram as leis para trás, mas levaram consigo as leis da harmonia.

A sala espaçosa e tranquila estava sombria, escurecendo. Shevek olhou à sua volta; viu os arcos duplos e perfeitos das janelas, as ripas ligeiramente cintilantes do assoalho, a curva acentuada e sombria da chaminé de pedra e as paredes apaineladas, de admiráveis proporções. Era uma sala bela e humana. Era uma sala muito velha. A residência dos Decanos, disseram-lhe, foi construída no ano 540, quatrocentos anos atrás, duzentos e trinta e cinco anos antes do Povoamento de Anarres. Gerações de eruditos tinham vivido, trabalhado, conversado, meditado, dormido e morrido naquela sala, antes mesmo do nascimento de Odo. As Harmonias Numéricas há séculos ressoavam pela

grama e pela folhagem escura do bosque. Tenho estado aqui por muito tempo, disse a sala, e ainda estou aqui. O que é que você está fazendo aqui?

Ele não teve resposta. Não tinha nenhum direito a toda a beleza e generosidade daquele mundo, conquistadas e conservadas pela devoção e pela lealdade de seu povo. O Paraíso é para os que constroem o Paraíso. Ele não fazia parte disso. Era um forasteiro, pertencia a uma raça que renegara seu próprio passado, sua própria história. Os Povoadores de Anarres desprezaram o Velho Mundo e seu passado, optaram apenas pelo futuro. Mas tão certamente como o futuro se torna em passado, o passado torna-se futuro. Renegar é não realizar. Os Odonistas que partiram de Urrás tinham errado; erraram em sua coragem desesperada ao negar sua própria história, ao renunciar à possibilidade do retorno. O explorador que não retorna, nem manda suas naves de volta para narrarem a aventura, não é um explorador; não é senão um aventureiro e seus filhos nascerão no exílio.

Ele tinha chegado a amar Urrás, mas de que servia esse amor cheio de ânsias e tristezas? Ele não fazia parte daquele lugar. Nem era parte do mundo onde havia nascido.

A solidão, a certeza do isolamento que sentiu nas primeiras horas a bordo da *Cautela* foi crescendo nele e se afirmando como sua verdadeira condição; ignorada, reprimida, mas absoluta.

Estava sozinho ali porque viera de uma sociedade que se condenara ao exílio. E estivera sempre sozinho em seu mundo porque ele mesmo se exilara de sua própria sociedade. Os Povoadores tinham dado um passo à frente. Ele dera dois. Estava sozinho porque assumira o risco metafísico.

E tinha sido bastante tolo em pensar que poderia ser capaz de aproximar dois mundos aos quais não pertencia.

Seu olhar foi atraído pelo azul do céu noturno lá fora. Para além da vaga escuridão da folhagem e da torre da capela, acima das linhas sombrias dos montes — que à noite sempre pareciam menores e mais distantes —, havia uma luz que crescia, um halo pálido, suave e arredondado. A lua está nascendo, ele pensou, com um sentimento de agradável familiaridade. Não há intervalos na totalidade do tempo. Ele via a lua nascer quando ainda era criança, das janelas do domicílio em Campina Vasta, com Palat; sobre as colinas de sua infância; nas áridas planícies de Poeira; sobre os telhados de Abbenay, com Takver a contemplá-la a seu lado.

Mas não era esta Lua.

As sombras foram chegando à sua volta, mas ele permaneceu sentado, imóvel, enquanto Anarres surgia acima dos montes estrangeiros; uma Lua cheia, salpicada de cinza pardo e de um branco azulado, irradiante. A luz de seu mundo veio inundar-lhe as mãos vazias.

CAPÍTULO IV

ANARRES

O sol que se deslocava para o oeste bateu no rosto de Shevek e o acordou, quando o dirigível, livrando-se da última passagem nos altos picos das Ne Theras, virou-se completamente rumo ao sul. A noite da festa de despedida ficara meio mundo para trás. Bocejou e esfregou os olhos sacudindo a cabeça, para tentar libertar os ouvidos do ronco da máquina do dirigível; logo ficou bem desperto e deu-se conta de que a viagem estava chegando ao fim, de que deviam estar se aproximando de Abbenay. Encostou o rosto na janela empoeirada e viu que lá embaixo havia, com certeza, entre duas montanhas baixas e ferruginosas, um campo murado: o Porto. Olhou com interesse e curiosidade, tentando ver uma espaçonave na base de aterrissagem. Apesar de tão desprezível, Urrás não deixava de ser um outro mundo, e ele queria ver uma nave do outro mundo, um viajante que tivesse cruzado o abismo seco e terrível, um engenho construído por mãos estrangeiras. Mas não havia nenhuma nave no Porto.

Os cargueiros vinham de Urrás apenas oito vezes por ano e só ficavam o tempo necessário para embarcar e desembarcar as cargas. Não eram visitantes bem-vindos. Na verdade, para certos anarrestis significavam uma humilhação perpetuamente renovada.

Traziam petróleo e derivados, certas peças delicadas de máquinas e componentes eletrônicos que a indústria anarrestis não estava aparelhada para fabricar, e traziam com frequência uma nova variedade de fruto ou de cereal para ser testada. Levavam para Urrás um grande carregamento de mercúrio, cobre, alumínio, urânio, estanho e ouro. Era para eles um ótimo negócio. A distribuição de cargas oito vezes por ano era a função mais importante do Conselho Mundial de Governos Urrastis e o grande evento da Bolsa Internacional de Valores, em Urrás. Na realidade, o Mundo Livre de Anarres era uma colônia mineira de Urrás.

E esse fato doía. A cada geração, todos os anos nos debates ao CDP, protestos veementes eram feitos: “Por que continuar essas trocas típicas de aproveitadores com proprietários amantes da guerra?”. E os de cabeça mais fria davam sempre a mesma resposta: “Seria mais dispendioso para os urrastis se eles extraíssem seus próprios minérios; por isso eles não nos invadem. Mas se quebrarmos o acordo de intercâmbio eles usarão a força.” É difícil, contudo, para pessoas que nunca pagaram nada com dinheiro, compreender a psicologia do custo, os mecanismos do comércio. Sete gerações de paz não trouxeram a confiança.

Por conseguinte, os postos de trabalho da Defesa não precisavam nunca chamar voluntários. Grande parte do trabalho da Defesa era tão monótono que não era chamado de trabalho em prático, mas de *kleggich*, trabalho enfadonho, estafante. Os trabalhadores da Defesa tripulavam as doze naves interplanetárias, mantendo-as em órbita como sistema de proteção e conservando-as em bom estado; ocupavam-se de radares e rádio-telescópios em lugares isolados; eram encarregados de tarefas rotineiras no Porto. No entanto, eles sempre tinham uma lista de espera para os voluntários. Por pragmática que fosse a moral assimilada por um jovem anarrestis, ela não o impedia de transbordar de vitalidade, dele exigindo altruísmo, sacrifício pessoal e um campo de ação para o gesto absoluto. A solidão, o estado de alerta, o perigo e as espaçonaves ofereciam os atrativos do romanticismo. Foi tão somente o romanticismo que levou Shevek a ficar achatando o nariz na janela até que o Porto

vazio sumisse detrás do dirigível, e que o deixou desapontado por não ter visto um infecto cargueiro no campo de aterrissagem.

Tornou a bocejar, espreguiçou-se e depois olhou para fora, para o que havia adiante, e para ver o que precisava ser visto. O dirigível estava sobrevoando os últimos picos baixos das Ne Theras. Defronte à serra, estendendo-se para o sul a partir dos flancos das montanhas, brilhando ao sol da tarde, o declive suave de uma baía de verdura.

Olhou-a maravilhado, como seus ancestrais, há seis mil anos, haviam-na olhado.

No Terceiro Milênio de Urrás, os padres-astrônomos de Serdonou e Dhun observavam as estações mudarem o brilho pardo do Outro Mundo, e davam nomes místicos às planícies, às cordilheiras e aos mares que refletiam a luz do sol. Uma região que verdejava antes das outras, no ano novo lunar, era por eles chamada de Ans Hos, o Jardim da Alma, o Éden de Anarres.

Nos milênios posteriores, os telescópios provaram que eles tinham toda a razão. Ans Hos era sem dúvida a região mais privilegiada de Anarres, e foi lá que a primeira nave tripulada rumo à Lua aterrissou; lá, na terra verde entre as montanhas e o mar.

Mas o Éden de Anarres revelou-se árido, frio e ventoso, e o resto do planeta era ainda pior. A vida ali não evoluíra além do estágio dos peixes e de plantas sem flores. O ar era rarefeito, como o ar de Urrás a uma grande altitude. O sol queimava, o vento congelava, a poeira sufocava.

Durante os duzentos anos que se seguiram à primeira aterrissagem, Anarres foi explorado, cartografado, esquadrihado, mas não colonizado. Por que mudar-se para um deserto uivante quando havia tanto espaço nos graciosos vales de Urrás?

Mas suas minas foram exploradas. As eras autodevastadoras do Nono e início do Décimo Milênios deixaram as minas de Urrás vazias, e com o aperfeiçoamento dos foguetes tornou-se mais barato explorar as minas da Lua do que extrair os metais necessários de minas muito profundas, ou da água do mar.

No ano urrasti IX-738, fundaram uma colônia ao pé das Montanhas Ne Theras, onde o mercúrio foi explorado, no velho Éden. Chamaram-na de cidade de Anarres. Não era uma cidade, não tinha mulheres. Os homens assinavam um contrato de dois ou três anos para trabalharem como técnicos ou mineiros e depois voltavam para casa, para o verdadeiro mundo.

A Lua e suas minas ficaram sob a jurisdição do Conselho Mundial de Governos, mas lá pelo hemisfério oriental da Lua a nação thúvia ocultava um pequeno segredo; uma base de foguetes e uma colônia de mineiros do ouro, com suas esposas e filhos. Eles realmente moravam na Lua, mas ninguém o sabia, salvo o governo da nação thúvia. Foi a derrubada desse governo no ano 771 que inspirou o Conselho Mundial de Governos a propor a doação da Lua para a Sociedade Internacional de Odonistas; livraram-se deles com a doação de um mundo, antes que fatalmente minassem a autoridade da lei e a soberania nacional de Urrás. A cidade de Anarres foi evacuada e, em meio ao tumulto que reinava em Thu, dois últimos foguetes foram enviados às pressas para apanhar os mineiros do ouro. Nem todos eles quiseram voltar; alguns gostavam do deserto uivante.

Por mais de vinte anos, as doze naves doadas aos Colonizadores Odonistas pelo Conselho Mundial de Governos iam e vinham de um mundo para o outro, até que as milhões de almas que escolheram a nova vida tivessem atravessado o abismo seco. Em seguida o Porto foi fechado à imigração e permaneceu aberto apenas para as naves cargueiras do Acordo de Intercâmbio. Nessa altura a cidade de Anarres tinha uns cem mil habitantes e fora rebatizada de Abbenay, que significava, na nova língua da nova sociedade, Espírito.

A descentralização era um dos aspectos fundamentais nos planos de Odo para a sociedade que a morte não lhe permitiu ver criada. Ela não tinha a intenção de desurbanizar a civilização. Apesar de

sugerir que o limite natural do tamanho de uma comunidade residisse em sua dependência de terras imediatas para a alimentação básica e energia, Odo pretendia que todas as comunidades fossem ligadas por redes de comunicação e transporte, a fim de que as mercadorias e ideias chegassem onde fossem necessárias, e para que a administração funcionasse com eficiência e facilidade; nenhuma comunidade deveria ser excluída do câmbio e intercâmbio. Mas a rede não devia ser dirigida de cima para baixo. Não deveria haver um centro de controle, nem capital, nem instituição oficial para perpetuar os mecanismos da burocracia ou os impulsos dominadores de indivíduos ávidos por se tornarem comandantes, patrões, chefes de Estado.

Esses planos, contudo, foram baseados na generosidade do solo de Urrás. No árido planeta Anarres, as comunidades tiveram de se dispersar por todos os cantos em busca de recursos e muito poucas podiam prover seu sustento próprio, por mais que reduzissem suas noções do que é necessário ao sustento. E eles de fato as reduziram, até um mínimo abaixo do qual não se permitiam chegar: não queriam regredir ao tribalismo pré-urbano e pré-tecnológico. Sabiam que seu anarquismo era produto de uma civilização muito evoluída, de uma cultura complexa e diversificada, de uma economia estável e de uma tecnologia altamente industrializada, capaz de manter um elevado nível de produção e o transporte rápido das mercadorias. Por mais extensas que fossem as distâncias separando os povoados, eles não renunciavam ao ideal de um complexo organicismo. Primeiro construíram estradas, depois as casas. Os recursos e produtos particulares a cada região eram incessantemente permutados com os de outras, num intrincado processo de equilíbrio: o equilíbrio da diversidade que é a característica da vida, da ecologia natural e social.

Mas, como diziam eles no modo analógico, não se pode ter um sistema nervoso sem pelo menos um gânglio e de preferência um cérebro. Era preciso haver um centro. Os computadores que coordenavam a administração das coisas, a divisão do trabalho, a distribuição de mercadorias e também as federações centrais da maior parte dos sindicatos do trabalho eram em Abbenay, desde o começo. E desde o começo os Colonizadores sabiam que essa centralização inevitável seria uma permanente ameaça, a ser combatida por uma eterna vigilância.

*Ó criança Anarquia, promessa infinita,
desvelo eterno.
Escuto, escuto dentro da noite
junto ao berço, profundo como a noite:
está tudo bem com a criança.*

Pio Atean, que adotou o nome de Tober em právico, escreveu esses versos no décimo quarto ano do Povoamento. As primeiras tentativas odonistas de poetizar sua nova língua foram formais, canhestras, emocionantes.

Abbenay, o coração e a alma de Anarres, agora estava ali, diante do dirigível, na planície verde. Esse verde profundo e brilhante dos campos era inconfundível: não era uma cor originária de Anarres. Só ali e no litoral quente do Mar Keran que as sementes do Velho Mundo conseguiam germinar. Nos outros lugares as espécies predominantes eram a holumínia rasteira e a pálida gramênia.

Quando Shevek tinha nove anos, seu dever escolar todas as tardes, durante vários meses, fora tomar conta das plantas ornamentais, na comunidade de Campina Vasta: delicados espécimes exóticos que tinham de ser alimentados e expostos ao sol, como os bebês. Ele já havia visto um velhinho executar essa tarefa tranquila e absorvente e gostou muito desse velhinho e das plantas, da

terra e do trabalho. Quando viu a cor da Planície de Abbenay lembrou-se do velho, do adubo à base de óleo de peixe, da cor dos primeiros brotos nos galhos pequenos e despídos, daquele verde viçoso e claro.

Percebeu ao longe, entre os campos resplandecentes, uma longa faixa branca enevoadada que se desfez em cubos, como grãos de sal espalhados, quando o dirigível foi se aproximando.

Uma infinidade de clarões ofuscantes lançados da extremidade oriental da cidade levou-o a ficar piscando e vendo pontinhos pretos por um momento: eram os grandes espelhos parabólicos que forneciam energia solar para as refinarias de Abbenay.

O dirigível aterrissou num depósito de cargas do limite sul da cidade, e Shevek saiu para as ruas da maior cidade do mundo.

As ruas eram largas, limpas. Não havia sombras, pois Abbenay ficava a menos de trinta graus ao norte do equador e todos os prédios eram baixos, exceto as torres delgadas e sólidas das turbinas movidas a vento.

O sol fulgurava no azul-violeta do céu escuro e inclemente. O ar estava puro e leve, sem umidade nem fumaça. Havia um vigor nas coisas, uma sensação de solidez em cada ângulo e em cada forma, uma clareza. Cada coisa distinguia-se da outra, tinha vida própria.

Os elementos que formavam Abbenay eram os mesmos de qualquer outra comunidade odonista, mas repetindo-se várias vezes: oficinas, fábricas, domicílios, dormitórios, centros de aprendizagem, auditórios, centros de distribuição, depósitos, refeitórios. Os maiores edifícios eram em geral agrupados em torno de praças muito amplas, dando à cidade uma textura celular básica: uma subcomunidade ou um bairro após outro. A indústria pesada e as fábricas de processamento de alimentos tendiam a aglomerar-se nas cercanias da cidade e a estrutura celular repetia-se nessas indústrias afins, com frequência uma ao lado da outra, numa determinada praça ou rua. O primeiro bairro por onde Shevek caminhou era uma sucessão de praças, cheias de fábricas de tratamento da fibra de holumínia e fiações, fábricas de tecidos, fábricas de corantes e centros de distribuição de roupas e tecidos. No centro de cada praça havia uma pequena floresta de estacas enfeitadas de cima abaixo com faixas e bandeirolas de todas as cores, criadas pela arte dos tintureiros, e proclamando com orgulho os méritos da indústria local. A maior parte dos edifícios da cidade era muito parecida: pouco elevados e de linhas simples, solidamente construídos em pedra ou em concreto esponjoso. Alguns pareceram muito grandes aos olhos de Shevek, mas em geral só tinham um andar devido à frequência de terremotos. Por essa mesma razão as janelas eram pequenas e em plástico de silício grosso e inquebrável. Elas eram muito pequenas mas numerosas, pois nenhuma iluminação artificial era fornecida desde uma hora antes de o sol nascer até uma hora depois do ocaso. E nenhum aquecimento era provido quando a temperatura estava acima de 55 graus Fahrenheit. Não que houvesse falta de energia em Abbenay, com suas turbinas movidas a vento e seus geradores de diferenciais de temperatura terrestre usados para aquecimento; mas o princípio de economia orgânica era por demais importante para o bom funcionamento da sociedade e não poderia deixar de afetar profundamente o lado ético e estético. “O excesso é excremento”, escreveu Odo na *Analogia*. “Excremento retido no organismo é veneno.”

Em Abbenay não havia veneno: era uma cidade limpa, luminosa, de cores claras e vivas, de ar puro. Era tranquila. Podia ser vista por inteiro, estendendo-se com a clareza de sal espalhado.

Nada era às escondidas.

As praças, as ruas austeras, os prédios baixos, as áreas de trabalho sem muros transbordavam de vida em atividade. Enquanto caminhava Shevek sentia continuamente a presença de outras pessoas: andando, trabalhando, falando, rostos que passavam, vozes que chamavam, cochichavam, cantavam;

gente viva, gente fazendo as coisas. As oficinas e fábricas davam para praças ou pátios internos e as portas ficavam abertas. Ele passou por uma vidraria e viu um trabalhador retirar com a concha uma enorme bolha de vidro fundido com a desenvoltura de um cozinheiro servindo sopa. Ao lado da fábrica havia uma área de muita atividade onde estavam derretendo pedra esponjosa para a construção. A chefe da equipe — uma mulher muito grande com a bata coberta pelo pó branco — supervisionava o derramamento de pedra fundida com uma possante torrente verbal. Havia em seguida uma pequena fábrica de arame, a lavanderia do bairro, um local para o fabrico e o conserto de instrumentos musicais, a distribuidora local de artigos caseiros, um teatro e uma fábrica de tijolos. A atividade em cada um desses lugares era fascinante e quase sempre às claras, visível para todo mundo. As crianças estavam por toda parte, algumas trabalhando com os adultos, outras no chão fazendo bonecos de barro, outras entregues aos jogos de rua, e uma delas empoleirada no teto do centro de aprendizagem com o nariz enterrado num livro. O fabricante de arame havia enfeitado a frente da fábrica com desenhos de videiras feitos em arame pintado, alegres e decorativos. O jato de vapor e de vozes saindo da lavanderia de portas escancaradas era impressionante. Nenhuma porta era trancada, poucas estavam fechadas. Não havia disfarces nem advertências. Estava tudo ali: todo o trabalho, toda a vida da cidade para ser vista e tocada. E de vez em quando, descendo a Rua do Depósito, uma coisa passava a toda velocidade com um retinir de sininhos; era um veículo apinhado, com uma guirlanda de pessoas no degrau externo que o rodeava, de onde velhinhas xingavam com toda vontade quando ele não diminuía a marcha para que pudessem descer em seus pontos; um garotinho o perseguia como louco montado num triciclo de fabricação caseira, e os fios emitiam faíscas elétricas azuladas nos cruzamentos; era como se a vitalidade intensa e tranquila daquelas ruas vez por outra atingisse um ponto de descarga e o transpusesse com o estardalhaço de uma crepitação azul e com o cheiro de ozônio. Eram os ônibus de Abbenay, e quando eles passavam a gente sentia vontade de gritar de alegria.

A Rua do Depósito terminava num lugar amplo e arejado de onde irradiavam cinco outras ruas, formando um parque triangular recoberto de grama e árvores. A maior parte dos parques de Anarres eram áreas de jogos em terra ou areia, com um pequeno bosque de arbustos e pés de holumínia. Mas esse era diferente. Shevek atravessou a rua sem movimento e entrou no parque, atraído por ele porque já o conhecia de fotografias, e também porque queria ver de perto as árvores estrangeiras, as árvores urrastis, e vivenciar o verdor daquelas folhas inumeráveis. O sol estava se pondo, o céu vasto e claro tornando-se purpúreo no zênite, e a escuridão do espaço revelava-se através da atmosfera tênue. Shevek começou a andar por baixo das árvores, alerta e desconfiado. Toda aquela multidão de folhas não seria desperdício? Os pés de holumínia cresciam muito bem com seus espinhos e suas hastes e sem excesso de folhas. Não seria toda aquela folhagem exuberante apenas excesso, excremento? Árvores assim não podiam medrar sem um solo fértil, muita água e muito trato. Ele desaprovava aquela extravagância, aquele esbanjamento. Foi caminhando por baixo e por entre elas. A grama estrangeira era macia sob os pés. Era como andar sobre uma carne viva. Voltou para a vereda, assustado. Os escuros galhos das árvores estendiam-se até acima de sua cabeça e sobre ele deixavam cair as inumeráveis mãos, verdes e largas. Um grande temor apoderou-se dele. Sentiu-se abençoado, apesar de não ter pedido para ser.

Um pouco mais a sua frente, na vereda ensombreada, havia uma pessoa que lia sentada sobre um banco de pedra. Ele se aproximou do banco e ficou olhando aquela figura sentada, com a cabeça inclinada para o livro, no verde dourado do anoitecer, debaixo das árvores. Era uma mulher de seus cinquenta ou sessenta anos, vestida de modo estranho, os cabelos bem presos atrás. A mão esquerda apoiando o queixo quase escondia a expressão austera dos lábios e a direita segurava os papéis em

seus joelhos. Eram pesados aqueles papéis, era pesada a mão que os segurava. A luz do dia ia apagando-se com rapidez, mas ela não levantou os olhos uma vez sequer. Não parava de ler as provas de *O Organismo Social*.

Shevek ficou olhando para Odo por um momento e depois sentou-se ao lado dela no banco.

O conceito de status nada significava para ele e no banco havia muito lugar sobrando. Foi simplesmente um ímpeto de companheirismo que o moveu.

Olhou aquele perfil tristonho e vigoroso e para as mãos, as mãos de uma mulher idosa. Levantou o olhar para os galhos ensombreados. Apercebeu-se pela primeira vez em sua vida de que Odo — cujo rosto ele conhecia desde a infância e cujas ideias eram centrais e permanentes em seu espírito e no espírito de todas as pessoas que ele conhecia — nunca pusera os pés em Anarres; de que ela vivera, morrera e fora enterrada à sombra de árvores de folhas verdes em cidades inimagináveis, entre pessoas que falavam línguas desconhecidas, em outro mundo. Odo era uma estrangeira, uma exilada.

O jovem ficou sentado ao lado da estátua, no crepúsculo, um quase tão tranquilo como o outro.

Finalmente, dando-se conta de que estava escurecendo, levantou-se e voltou para as ruas, pedindo informações para chegar ao Instituto Central de Ciências.

Não ficava longe; chegou logo depois que a luz foi ligada. Uma registradora ou guardiã estava lendo no pequeno escritório à entrada. Ele teve de bater na porta aberta para atrair-lhe a atenção.

— Shevek — disse ele. Era costume entre eles começar um diálogo com um estranho oferecendo-lhe o próprio nome como uma espécie de apoio onde o outro pudesse segurar-se. Não havia muitos outros apoios a oferecer: não tinham classes, nem termos designativos de classes, nem formas respeitadas e convencionais para se dirigirem uns aos outros.

— Kokvan — respondeu a mulher. — Você não tinha de chegar ontem?

— Mudaram o horário do dirigível-cargueiro. Há alguma cama livre mim dos dormitórios?

— O número 46 está livre. Do outro lado do pátio, no edifício à esquerda. Tem um bilhete de Sabul aqui para você. Pede que você o procure pela manhã no Departamento de Física.

— Obrigado — disse Shevek, e começou a atravessar o grande pátio interno acimentado, balançando a bagagem que carregava: um casaco de frio e um par de botas sobressalente. As luzes estavam acesas em todos os aposentos à volta do quadrilátero. Havia um murmúrio, uma presença de gente naquela calma. Alguma coisa vibrava no ar limpo e penetrante da noite na cidade, um sentimento de drama, de promessa.

O horário do jantar ainda não havia terminado e ele fez um pequeno desvio até o refeitório do Instituto para ver se havia alguma comida disponível para um recém-chegado. Descobriu que seu nome já estava inscrito na lista regular e achou a comida excelente. Havia até sobremesa: frutos cozidos em calda. Shevek adorava doces e como foi um dos últimos a jantar e havia muita fruta sobrando ele repetiu a sobremesa. Comeu sozinho, numa pequena mesa. Em mesas maiores à sua volta, grupos de jovens conversavam diante dos pratos vazios; ele entreouviu as conversas sobre a reação do argônio em temperaturas baixas, sobre as reações de um professor de química durante um colóquio, sobre as supostas curvaturas do tempo. Um das duas pessoas lançaram-lhe um rápido olhar; não vieram falar com ele, como as pessoas de uma pequena comunidade normalmente viriam falar a um estranho; seus olhares não foram hostis, talvez apenas um pouco desafiadores.

Achou, no domicílio, o quarto 46 num pequeno corredor de portas fechadas. Eram todos visivelmente quartos individuais e ele se perguntou por que a registradora o mandara para um deles. Ele dormia em dormitórios coletivos desde os dois anos de idade, em quartos de quatro ou dez camas. Bateu à porta do 46. Silêncio. Abriu a porta. O quarto era individual, pequeno, e estava

fracamente iluminado pela luz do corredor. Acendeu a lâmpada. Duas cadeiras, uma escrivaninha, uma régua de cálculo bastante usada, alguns livros, e cuidadosamente dobrado em cima da cama, um cobertor tecido a mão e alaranjado. Alguém morava ali, a registradora havia se enganado. Fechou a porta. Voltou a abri-la para apagar a luz. Na escrivaninha, sob a lâmpada, havia um bilhete escrito num pedaço de papel rasgado: “Shevek, Dep. Física; manhã 2-4-1-154. Sabul.”

Pôs o casaco numa das cadeiras e as botas no chão. Continuou de pé por um momento e leu os títulos dos livros; eram as habituais obras de referência em matemática e física, encadernados em verde com o Círculo da Vida na capa. Pendurou o casaco no armário, pegou as botas no chão e guardou-as. Fechou cuidadosamente a cortina do armário. Atravessou o quarto até a porta: quatro passos. Ficou ainda um minuto parado, hesitante, e depois, pela primeira vez em sua vida, fechou a porta de seu próprio quarto.

Sabul era um pequeno homem de quarenta anos, parrudo e de aparência desmazelada. O pelo de seu rosto era mais áspero e mais escuro do que o comum e engrossava até formar uma barba regular sobre o queixo. Estava usando uma grossa sobretúnica de inverno, que pelo aspecto devia estar sendo usada desde o inverno anterior. Os punhos estavam pretos de sujeira. Ele tinha modos bruscos e antipáticos. Falava aos pedaços, como rabiscava bilhetes em pedaços de papel. E resmungava.

— Você tem de aprender iótico — resmungou ele para Shevek.

— Aprender iótico?

— É o que eu disse.

— Para quê?

— Para ler a física urrasti. Atro, To, Baisk, esses homens. Não a traduziram para o právico e provavelmente ninguém o fará. Seis pessoas, talvez, em Anarres, são capazes de compreendê-la. Em qualquer língua.

— Como posso aprender iótico?

— Gramática e um dicionário!!

Shevek prosseguiu firme.

— Onde posso encontrá-los?

— Aqui — resmungou Sabul. Remexeu pelas prateleiras em desordem, com pequenos livros encadernados em verde. Seus movimentos eram bruscos e irascíveis. Localizou dois volumes desencadernados numa prateleira inferior e os jogou sobre a escrivaninha. — Avise-me quando for capaz de ler Atro em iótico. Não posso fazer nada com você antes disso.

— Que tipo de matemática esses urrastis usam?

— Nada que você não possa entender.

— Alguém por aqui está trabalhando em cronotopologia?

— Sim, Turet. Você pode consultá-lo. Não precisa assistir às aulas dele.

— Pensei em assistir às aulas de Gvarab.

— Para quê?

— Pelo trabalho dela em frequência e ciclo.

Sabul sentou-se e tornou a levantar-se. Era insuportavelmente irrequieto, irrequieto mas rígido, um homenzinho seboso.

— Não perca tempo, você está muito além dessa velha em teoria sequencial e as outras ideias que ela fica babando não valem nada.

— Estou interessado nos princípios da Simultaneidade.

— Simultaneidade! Que espécie de besteira de apropriadores Mitis andou lhe metendo na cabeça? — O físico olhou para ele com ar feroz, as veias das têmporas saltando sob o cabelo grosseiro e curto.

— Eu mesmo organizei um grupo de trabalho para estudar o assunto.

— Cresça. Amadureça. Já é hora. Agora você está aqui. Aqui nós trabalhamos com física, não com religião. Livre-se do misticismo e amadureça. Em quanto tempo será capaz de aprender o iótico?

— Levei vários anos para aprender o právico — respondeu Shevek. Essa ligeira ironia passou completamente despercebida a Sabul.

— Eu o aprendi em dez décadas. O suficiente para se ler a *Introdução*, de To. Ora que diabo, você precisa de um texto para estudar. Pode ser esse mesmo. Aqui. Espere. — Fez uma busca numa gaveta entulhada e finalmente encontrou um livro de aspecto esquisito, encadernado em azul, sem o Círculo da Vida na capa. O título era impresso em letras douradas e parecia dizer *Poilea Afio-ite*, o que não fazia sentido nenhum, e as formas de certas letras eram muito estranhas. Shevek o fitou, recebeu-o de Sabul mas não o abriu. Ficou segurando-o, o que ele queria tanto ver, um artefato estrangeiro, a mensagem de um outro mundo.

Lembrou-se do livro que Palat havia lhe mostrado, o livro de números.

— Volte quando puder ler isso — resmungou Sabul.

Shevek virou-se para sair. Sabul aumentou o resmungo.

— Guarde esses livros com você! Não são para consumo geral.

O jovem fez uma pausa, tornou a virar-se e depois de um momento disse com sua voz calma e bastante segura:

— Não compreendo.

— Não deixe mais ninguém ler isso.

Shevek não respondeu.

Sabul levantou-se outra vez e se aproximou dele.

— Ouça aqui. Você agora é um novo membro do Instituto Central de Ciências, um síndico do Departamento de Física, trabalhando comigo, Sabul. Está entendendo? Privilégio é responsabilidade. Certo?

— Vou adquirir conhecimentos que não poderei partilhar — disse Shevek depois de uma breve pausa, emitindo a frase como se fora uma proposição em lógica.

— Se você encontrasse um pacote de cápsulas explosivas na rua, você as “partilharia” com qualquer garoto que passasse por você? Esses livros são explosivos, está me entendendo agora?

— Sim.

— Muito bem. — Sabul afastou-se resmungando, com o que parecia ser uma raiva endêmica, não específica. Shevek saiu, carregando cautelosamente a dinamite, com repulsa e uma curiosidade devorante.

Iniciou a aprendizagem do iótico. Trabalhou sozinho em seu quarto, por causa da advertência de Sabul e porque era-lhe mais do que natural o trabalho solitário.

Desde que era muito novo, sabia que de certo modo ele era diferente de todo mundo que conhecia. Para uma criança, a consciência de tal diferença é muito dolorosa, já que, não tendo ainda realizado nada e sendo incapaz de realizar qualquer coisa, ela não sabe justificá-la. A presença afetuosa de adultos em quem se pode confiar e que também sejam, à sua maneira, diferentes é o único ponto de apoio que uma criança assim pode ter. E Shevek não o teve. Seu pai fora sem dúvida digno de toda a confiança e muito afetuoso. O que Shevek fosse ou fizesse ele aprovava e era-lhe muito

leal. Mas Palat não carregava o estigma da diferença. Ele era como os outros, como todos os outros, como todos os outros para quem o espírito comunitário era tão natural. Amava Shevek, mas não podia mostrar-lhe o que era a liberdade, aquela aceitação da solidão de cada um que é a única forma de transcender essa solidão.

Shevek estava portanto habituado à solidão interior, amenizada por todos os contatos cotidianos e superficiais e as trocas da vida comunitária e pela companhia de uns poucos amigos. Ali em Abbenay ele não tinha amigos e como não fora jogado num dormitório ele não fazia nenhum. Era demais consciente, aos vinte anos, das peculiaridades de sua mente e de seu caráter para andar se expondo. Arredio e introspectivo, seus companheiros de estudos, sentindo que esse distanciamento era autêntico, não se aproximavam com frequência.

A intimidade de seu quarto tornou-se logo uma coisa que lhe era muito preciosa. Saboreava sua independência total. Só deixava o quarto para ir tomar o desjejum e para jantar no refeitório, ou para um rápido passeio pelas ruas da cidade, a fim de relaxar os músculos habituados ao exercício; voltava logo para o Quarto 46 e para a gramática de iótico. A cada década ou em cada duas décadas era convocado para o trabalho rotativo comunitário dos “décimos dias”, mas as pessoas com as quais trabalhava eram desconhecidas, não eram os amigos íntimos que teria numa comunidade pequena, e portanto esses dias de trabalho manual não provocavam interrupções psicológicas em sua solidão interior, nem em seu progresso na aprendizagem de iótico.

A gramática em si, por ser complexa, ilógica e estruturada, dava-lhe muito prazer. Sua aprendizagem acelerou tão logo assimilou o vocabulário básico, pois ele já sabia o assunto que estava lendo; conhecia aquela área e seus termos, e toda vez que emperrava, sua própria intuição ou então uma equação matemática mostravam-lhe por onde prosseguir. Nem sempre eram lugares onde ele já tinha estado. A *Introdução à Física Temporal*, de To, não era nenhum manual para iniciantes. Quando afinal conseguiu chegar na metade do livro, Shevek não estava mais lendo iótico: estava lendo física. E compreendeu então por que Sabul o mandara ler os físicos urrastis antes de mais nada. Estavam muito à frente de tudo o que se havia feito em Anarres naqueles últimos trinta anos. As ideias mais brilhantes dos próprios trabalhos de Sabul eram de fato traduções do iótico, não confessadas.

Mergulhou nos outros livros que Sabul foi pouco a pouco lhe dando, as obras mais importantes da física urrasti contemporânea. Sua vida tornou-se cada vez mais eremítica. Não participava das atividades do sindicato estudantil e não comparecia às reuniões de nenhum outro sindicato ou federação, a não ser as da apática Federação de Físicos. As reuniões desses grupos — veículos ao mesmo tempo da ação social e da sociabilidade — eram a atividade básica da vida em qualquer comunidade menor, mas ali na cidade grande pareciam muito menos importantes. Ninguém lhes fazia falta, sempre havia outras pessoas dispostas a administrarem as coisas ou a fazê-las muito bem. Exceto pelo trabalho de rodízio aos décimos dias e pelos turnos habituais na portaria de seu domicílio, todo o tempo de Shevek era completamente seu. Deixava de fazer ginástica com frequência e ocasionalmente não fazia as refeições. No entanto, nunca faltou ao único curso que estava assistindo: as palestras de Gvarab sobre Frequência e Ciclo.

Gvarab já era velha o bastante para quase sempre desviar-se do assunto ou então enrolar as palavras. A frequência às suas aulas era reduzida e irregular. Ela não tardou a perceber que o rapaz magro e orelhudo era seu ouvinte mais fiel. Começou a dar suas aulas para ele. Aqueles olhos claros, fixos e inteligentes encontravam os dela, cravavam-se nela, ela despertava, tornava-se mais brilhante, reencontrava a visão perdida. Ela se empolgava e os outros estudantes na sala ficavam olhando-a com ar confuso e perplexo, amedrontados até, se fossem medrosos. Gvarab percebia um

universo muito mais vasto do que o da maioria das pessoas e isso as deixava pestanejando. O rapaz de olhos claros a olhava fixamente. No seu rosto ela podia ver sua própria alegria. O que ela oferecia, o que ela tinha oferecido a vida inteira, o que ninguém nunca partilhara com ela, ele aceitava, ele partilhava. Ele era seu irmão — separados pelo abismo de cinquenta anos — e também sua redenção.

Quando se encontravam nas salas de física no refeitório, eles algumas vezes começavam imediatamente a falar de física, mas nas outras vezes a energia de Gvarab era insuficiente para isso e eles então achavam pouco para se dizerem, pois a mulher idosa era tão tímida quanto o jovem.

— Você não come muito — ela dizia-lhe então. Ele sorria e ficava de orelhas vermelhas. Nenhum dos dois sabia mais o que dizer.

Depois que ele tinha feito meio ano no Instituto, Shevek entregou a Sabul uma tese intitulada *Uma Crítica à Hipótese de Sequência Infinita de Atro*. Sabul a devolveu uma década depois resmungando:

— Traduza-a para o iótico.

— Bem, em princípio está quase toda em iótico — disse Shevek — uma vez que uso a terminologia de Atro. Copiarei todo o original. Para que traduzir?

— Para quê? Para que esse maldito aproveitador Atro possa ler! Tem uma nave chegando no dia quinze da próxima década.

— Uma nave?

— Um cargueiro de Urrás!

Foi assim que Shevek descobriu que não era somente petróleo e mercúrio que eram trocados entre os dois mundos apartados e nem apenas livros como os que vinha lendo; trocavam-se cartas. Cartas! Cartas para proprietários, para vassallos de governos fundamentados na desigualdade de poder, para pessoas que eram inevitavelmente exploradas ou exploradoras, pois tinham consentido em ser elementos de um Estado Máquina. Poderiam essas pessoas realmente trocar ideias com gente livre, de maneira pacífica e espontânea? Poderiam de fato admitir a igualdade e participar da solidariedade intelectual, ou estariam apenas tentando dominar, afirmar um poderio, possuir? A ideia de uma troca efetiva de cartas com os proprietários o alarmou; contudo, seria interessante descobrir...

Tantas descobertas lhe tinham sido impostas durante seu primeiro meio ano em Abbenay que ele era forçado a admitir que havia sido — e possivelmente ainda era? — muito ingênuo, uma aceitação nada fácil para um jovem inteligente.

A primeira, e ainda a menos aceitável dessas descobertas, fora a de que ele deveria aprender iótico e guardar o conhecimento só para si, uma situação tão nova e moralmente tão confusa que ele ainda não conseguira habituar-se. Claro que não chegava exatamente a prejudicar as outras pessoas por não partilhar esse conhecimento. Mas por outro lado, que mal poderia fazer-lhes se soubessem que ele aprendera iótico e que elas poderiam aprendê-lo? É certo que a liberdade repousa mais na franqueza do que no sigilo e a liberdade sempre justifica o risco. Mas ele não podia ver onde estava o risco. Ocorreu-lhe uma vez que Sabul queria manter a nova física urrasti *secreta* para poder possuí-la, como uma propriedade, como fonte de poder sobre seus colegas de Anarres. Mas essa ideia era tão contrária ao modo de pensar de Shevek que ele teve muita dificuldade em torná-la clara em sua mente, e quando ela se tornou ele a repudiou imediatamente, com desprezo, como uma ideia verdadeiramente repelente.

Depois foi a vez do quarto individual: outra tortura moral. Quando crianças, se um deles dormisse sozinho num quarto individual isso significava que tinha importunado as outras crianças do

dormitório a ponto de elas não poderem mais suportá-lo; tinha egoizado. Em termos adultos, a principal justificativa para se ter um quarto individual era a relação sexual. Todos os domicílios tinham um certo número de quartos individuais e o casal que quisesse copular usava um desses quartos por uma noite, ou por uma década, ou pelo tempo que quisesse. O casal que empreendesse a parceria permanente podia ficar num quarto de casal; nas cidades pequenas, onde esses quartos não eram disponíveis, os casais com frequência tinham de anexar um à extremidade do domicílio e novos edifícios, compridos, baixos e irregulares eram assim criados, quarto por quarto, os chamados “vagões dos pares”. À parte a união sexual, não havia outra razão para não se dormir num dormitório. Podia-se escolher um dormitório grande ou pequeno e quando não se gostava dos companheiros de quarto podia-se mudar de dormitório. Todo mundo dispunha do ateliê, do laboratório, do estúdio, do celeiro ou do escritório que lhe fosse necessário para trabalhar; podia-se escolher banheiros públicos ou individuais; a intimidade sexual era livremente disponível e socialmente recomendada; em qualquer outra situação a privacidade não era considerada funcional. Era excesso, era desperdício. A economia de Anarres não podia suportar a construção, a conservação, o aquecimento e a iluminação de casas e apartamentos individuais. Uma pessoa de natureza especialmente antissociável tinha de afastar-se da comunidade e prover seu próprio sustento. Tinha toda a liberdade para fazê-lo. Podia construir uma casa para si onde quisesse (apesar de que, se estragasse uma bela paisagem ou um pedaço de terra fértil, podia sofrer forte pressão de seus vizinhos para que se mudasse). Havia muitos solitários e eremitas nos limites das comunidades anarrestis, pretendendo não serem membros de uma espécie social. Mas para os que aceitavam o privilégio e a obrigação da solidariedade humana, a privacidade só tinha valor quando servia a uma função.

A primeira reação de Shevek ao ser posto num quarto particular, então, foi metade desaprovação e metade vergonha. Por que o tinham metido ali? Logo descobriu por quê. Era o tipo certo de lugar para seu tipo de trabalho. Se as ideias lhe viessem à meia-noite, ele podia acender a luz e passá-las para o papel; se chegassem ao amanhecer, não seriam expulsas de sua mente pelas conversas ou pela agitação de quatro ou cinco companheiros de quarto que estivessem se levantando; e se de todo elas não viessem e ele tivesse de passar o dia inteiro sentado à escrivaninha olhando para fora da janela, não havia ninguém detrás dele a perguntar-se por que ele estava vadiando. A privacidade, de fato, era quase tão desejável para a física como para o sexo. Mas ainda assim, seria mesmo necessária?

Sempre havia sobremesa no refeitório do Instituto, no jantar. Shevek gostava muito, e sempre que havia porções extras ele as comia. E sua consciência, sua consciência orgânico-social, teve uma indigestão. Então todas as pessoas em todos os refeitórios, de Abbenay a Confins, não recebiam a mesma coisa, as partilhas não eram iguais? Sempre lhe disseram isso e ele sempre constatava que assim o era. Claro que havia variedades locais: especialidades regionais, racionamentos, excedentes, expedientes usados em situações como a dos Acampamentos do Projeto de Reflorestamento, maus cozinheiros, bons cozinheiros, de fato uma variedade interminável dentro de uma estrutura inalterável. Mas nenhum cozinheiro era bom a ponto de ser capaz de fazer uma sobremesa sem os ingredientes necessários. A maior parte dos refeitórios servia sobremesa uma ou duas vezes por década. Ali era servida todas as noites. Por quê? Seriam os membros do Instituto Central de Física melhores do que as outras pessoas?

Shevek não fazia essas perguntas a mais ninguém. A consciência social, a opinião alheia, era a força moral mais poderosa, para motivar o comportamento da maioria dos anarrestis, mas era um pouco menos poderosa nele do que na maior parte das outras pessoas. Tantos de seus problemas eram de um tipo que as outras pessoas não entendiam, que ele já tinha se acostumado a solucioná-los

sozinho, em silêncio. E o mesmo fez com esses problemas, que eram muito mais difíceis para ele, de certo modo, do que os problemas da física temporal. Não pediu a opinião de ninguém. Parou de pegar sobremesa no refeitório.

Contudo, não mudou-se para um dormitório. Pôs na balança o desconforto moral e as vantagens de ordem prática e constatou que as últimas tinham mais peso. Ele trabalhava melhor no quarto individual. O trabalho valia a pena ser feito e ele estava fazendo-o bem. Era um trabalho centralmente funcional para a sua mocidade. A responsabilidade justificava o privilégio.

E assim ele trabalhava.

Perdeu peso; caminhava na terra com leveza. Falta de trabalho físico, falta de variedade de ocupação, falta de relações sociais e sexuais, nada disso ele considerava como falta, mas sim como liberdade. Ele era o homem livre: podia fazer o que quisesse, quando quisesse, durante o tempo que quisesse fazê-lo. E ele trabalhava. Trabalhava/jogava.

Estava fazendo rascunhos para uma série de hipóteses que conduziriam a uma teoria da Simultaneidade, coerente. Mas isso começou a parecer-lhe insignificante como objetivo. Havia um objetivo muito maior — uma teoria temporal unificada — a ser alcançado, se ele pudesse atingi-lo. Sentiu que estava trancado num quarto, no meio de um vasto campo aberto: tudo estaria à sua volta se pudesse achar a saída, o caminho desobstruído.

A intuição tornou-se uma obsessão. Durante aquele outono e aquele inverno, foi perdendo cada vez mais o hábito de dormir. Um pouco de horas à noite e mais algumas durante o dia lhe bastavam, e esses cochilos não eram iguais ao sono profundo que sempre tivera, mas quase como uma vigília em outro plano, de tão cheios de sonhos. Sonhava intensa e nitidamente e os sonhos faziam parte de seu trabalho. Viu o tempo recuar sobre si mesmo e um rio subindo de volta para a nascente. Segurou a contemporaneidade de dois momentos na mão esquerda e na mão direita; ao separá-los um do outro, sorriu ao ver os dois momentos separados como uma bolha de sabão que se divide. Levantou-se e rabiscou, sem estar propriamente acordado, a fórmula matemática que há dias lhe vinha escapando. Viu o espaço encolhendo-se acima dele como as paredes de uma esfera que se desmorona, retraíndo-se mais e mais em direção a um vácuo central, aproximando-se, aproximando-se; e ele acordou com um grito por socorro preso na garganta, debatendo-se em silêncio para fugir da consciência de seu próprio vazio eterno.

Numa tarde fria no final do inverno, deu uma passada pelo Departamento de Física quando voltava da biblioteca para casa, para ver se havia alguma carta para ele na caixa de correspondência. Não tinha razão alguma para estar esperando uma, pois nunca tinha escrito para seus amigos do Instituto Regional de Norte-Poente. Mas há uns dois dias ele não vinha se sentindo bem, tinha provado como falsas algumas de suas mais belas hipóteses e regredido ao ponto de partida depois de meio ano de trabalho árduo, o modelo físico era simplesmente vago demais para ser útil, a garganta doía-lhe, desejava que tivesse uma carta de alguém conhecido, ou talvez alguém do Departamento de Física a quem pudesse dizer olá pelo menos. Mas não havia ninguém por lá, a não ser Sabul.

— Olhe isso aqui, Shevek.

Olhou para o livro que o homem mais velho lhe estendia: era um livro fino, encadernado em verde, com o Círculo da Vida na capa. Ele o pegou e olhou o título: *Uma Crítica à Hipótese de Sequência Infinita de Atro*. Era o ensaio que escrevera, a admissão e defesa de Atro, e sua réplica a essa defesa. Tinha sido todo traduzido ou retraduzido para o prático e impresso na gráfica do CDP em Abbenay. Havia os nomes de dois autores: Sabul, Shevek.

Sabul espichou o pescoço sobre o livro que Shevek segurava e o contemplou com maliciosa satisfação. Seu resmungo transformou-se num cacarejo gutural.

— Acabamos com Atro! Acabamos com ele, com esse maldito aproveitador. Quero ver agora eles falarem de “imprecisão pueril”!

Sabul há dez anos nutria rancores pela *Revista de Física* da Universidade de Ieu Eun, que havia se referido a seu trabalho teórico como “invalidado pelo provincianismo e pela imprecisão pueril com que os dogmas odonistas infestam toda a área do conhecimento humano”.

— Agora eles vão ver quem é provinciano! — disse ele com um sorriso largo. Em quase um ano de conhecimento, Shevek não se lembrava de já tê-lo visto sorrir.

Shevek sentou-se no outro lado da sala, retirando uma pilha de papéis de um banco para poder fazê-lo. É claro que a sala de física era comunitária, mas Sabul mantinha os fundos da sala alastrados de material que ele usava e por isso nunca parecia haver espaço para outra pessoa. Shevek baixou o olhar para o livro que ainda segurava e depois o dirigiu para fora da janela. Ele sentia-se, e parecia, muito doente. Parecia tenso também, mas com Sabul ele nunca tinha sido tímido ou desajeitado, como costumava ser com pessoas a quem ele gostaria de conhecer melhor.

— Não sabia que você o estava traduzindo — disse ele.

— Traduzi e editei. Poli algumas passagens menos claras, acrescentei transições que você tinha omitido, e por aí. Algumas décadas de trabalho. Você deveria orgulhar-se, suas ideias constituem em grande parte a base desse livro.

O livro consistia inteiramente das ideias de Shevek e de Atro.

— Sim — disse Shevek. Baixou o olhar para as mãos e não tardou a dizer: — Gostaria de publicar o estudo que escrevi sobre a Reversibilidade nesse trimestre. Deveria ser enviado a Atro. Iria interessá-lo. Ele continua a interessar-se pela causalidade.

— Publicá-lo? Onde?

— Quero dizer, em iótico, em Urrás. Envie-o para Atro, como esse último aqui, e ele o publicará em uma das revistas de lá.

— Você não pode enviar-lhes um trabalho que ainda não tenha sido publicado aqui.

— Mas foi isso que fizemos com esse outro. Tudo isso aqui, exceto minha refutação, saiu na *Revista de Ieu Eun* antes de sair aqui.

— Não pude evitar isso, mas por que você acha que me apressei em publicá-lo aqui? Você não pensa que todo mundo no CDP aprova nosso intercâmbio de ideias com Urrás, pensa? O Sindicato de Defesa insiste para que toda palavra que saia daqui nesses cargueiros passe pelo crivo de um especialista aprovado pelo CDP. E além do mais, você pensa que todos esses físicos provincianos que não têm acesso à correspondência com Urrás não são contrários a nosso intercâmbio? Pensa que não nos invejam? Há pessoas que só estão esperando, só estão esperando que demos um passo em falso. E se eles um dia nos pegam dando um, perderemos o direito a esse malote nos cargueiros urrastis. Está vendo qual a realidade agora?

— Como foi que o Instituto conseguiu o direito a esse malote?

— Com a eleição de Pegvur para o CDP, há dez anos. — Pegvur tinha sido um físico sem muito mérito. — E eu tenho tido um cuidado dos diabos para não perdê-lo, todo esse tempo. Entende?

Shevek assentiu com a cabeça.

— De qualquer jeito, Atro não vai querer ler esse troço aí. Dei uma lida nesse estudo e lhe devolvi há duas décadas. Quando vai parar de perder tempo com essas teorias reacionárias que Gvarab não larga? Não percebe que ela desperdiçou a vida inteira com isso? Se você continuar nessa, você só vai se expor ao ridículo. O que, é claro, é seu direito inalienável. Mas não vai exporá *mim* ao ridículo.

— E se eu então apresentasse o estudo para publicação aqui, em právico?

— Perda de tempo.

Shevek engoliu isso com uma ligeira inclinação da cabeça. Levantou-se, todo desengonçado e ossudo, e ficou parado um momento, distante e absorto. A luz do inverno batia em seus cabelos — que ele agora usava presos atrás numa trança — e em seu rosto. Aproximou-se da escrivaninha e retirou um exemplar de um pequeno monte de livros novos.

— Gostaria de enviar esse exemplar para Mitis — disse ele.

— Leve quantos quiser. Ouça aqui. Se acha que sabe mais o que está fazendo do que eu, então submeta esse outro estudo à apreciação da Editora. Você não precisa de minha permissão! Isso aqui não é nenhuma hierarquia, você sabe! Não posso impedi-lo. Tudo o que posso fazer é adverti-lo.

— Você é o consultor do Sindicato de Imprensa para os manuscritos de física — disse Shevek. — Pensei em ganhar tempo para todo mundo pedindo-lhe diretamente.

— Ganhar tempo, o que quer dizer com isso? — resmungou Sabul, mas Sabul também era um odonista: contorceu-se como se fisicamente atormentado por sua própria hipocrisia, afastou-se de Shevek, tornou a aproximar-se e disse com um rancor que lhe engrossava a voz: — Vá em frente! Submeta esse maldito troço! Vou declarar-me incapaz de opinar a respeito. Vou dizer-lhes para consultarem Gvarab. É ela a especialista em Simultaneidade, não eu. Essa mística gagá! O universo como uma gigantesca corda de harpa, oscilando para dentro e para fora da existência! Que nota toca essa corda, por sinal? Trechos das Harmonias Numéricas, suponho?! O fato é que não tenho competência, ou por outra, nenhuma vontade de dar meu parecer à Imprensa do CDP sobre excremento intelectual!

— O trabalho que fiz para você — disse Shevek — é parte do trabalho que fiz seguindo as ideias de Gvarab sobre a Simultaneidade. Se quiser um, terá de aguentar o outro. O grão cresce melhor na merda, como se diz lá em Norte-Poente.

Ficou parado por um momento, e como não obteve resposta verbal de Sabul, disse até logo e partiu.

Ele sabia que havia vencido uma batalha, e com facilidade, sem violência aparente. Mas a violência existiu.

Como Mitis previra, ele era o “homem de Sabul”. Sabul deixara de ser um físico atuante há muitos anos; sua grande reputação foi construída com apropriações de ideias alheias. Shevek deveria raciocinar e Sabul levaria o mérito.

Obviamente uma situação eticamente intolerável, que Shevek denunciaria e faria acabar. Só que ele não o fez. Precisava de Sabul. Queria publicar o que escrevia e enviá-lo para os homens que podiam entendê-lo, os físicos urrastis; precisava das ideias deles, de suas críticas, da sua colaboração.

Então eles tinham negociado, ele e Sabul, negociado como os aproveitadores. Não tinha sido uma batalha, mas sim uma venda. Você me dá isso e eu lhe dou aquilo. Recuse-me e eu o recusarei. Vendido? Vendido. A carreira de Shevek, como a existência de sua própria sociedade, dependia da continuidade de ajuda e solidariedade mútuas, mas de uma relação exploratória, de uma relação não orgânica, de uma relação mecânica. Uma função verdadeira poderá resultar de uma disfunção básica?

Mas tudo o que quero é somente levar o trabalho a cabo, argumentou Shevek em seu pensamento, quando atravessava a alameda era direção ao quadrilátero de domicílios, na tarde cinzenta e ventosa. É meu dever, é meu prazer, é o objetivo de minha vida. O homem com quem tenho de trabalhar é competitivo, ávido de poder, um aproveitador, mas isso eu não posso mudar; se eu quiser trabalhar, tenho de trabalhar com ele.

Lembrou-se de Mitis e de sua advertência. Lembrou-se do Instituto de Norte-Poente e da festa na

véspera de sua partida. Tudo pareceu-lhe tão distante agora e tão infantilmente tranquilo e seguro que ele quase chorou de saudade. Quando estava passando debaixo do pórtico do Edifício de Ciências Biológicas, uma garota passou por ele e olhou de viés, e ele a achou parecida com aquela garota... como era mesmo o nome dela?... aquela de cabelo curto que comeu tantos bolos fritos na noite da festa. Ele parou e virou-se, mas a garota já tinha dobrado a esquina. De qualquer forma, essa tinha cabelos longos. Passado, passado, tudo passava. Deixou o abrigo do pórtico e entrou na ventania. Havia um chuvisco no vento, intermitente. A chuva era sempre intermitente, e isso quando chovia. Aquele era um mundo seco. Seco, sem cor, hostil. “Hostil!” gritou Shevek em iótico. Ele nunca tinha ouvido falarem essa língua; soou-lhe muito estranha. A chuva ferroava-lhe o rosto como pedregulho atirado. Era uma chuva hostil. À dor de garganta juntou-se uma terrível dor de cabeça, da qual só então ele se deu conta. Chegou ao Quarto 46 e deitou-se na cama, que lhe pareceu muito mais baixa do que o normal. Estava tremendo de frio e não podia parar de tremer. Cobriu-se todo com o cobertor alaranjado e se encolheu, tentando dormir, mas não conseguiu parar de tremer porque estava exposto a um constante bombardeio atômico vindo de todos os lados, que aumentava com a temperatura.

Ele nunca ficara doente antes, nem tinha conhecido desconforto físico pior do que o cansaço. Não tendo ideia do que era uma febre alta, pensou, nos intervalos lúcidos daquela longa noite, que estava ficando louco. O medo da loucura o impeliu a buscar ajuda quando o dia nasceu. Estava por demais aterrorizado consigo mesmo para pedir ajuda aos vizinhos do corredor. Arrastou-se até a clínica local, a oito quarteirões de distância, pelas ruas frias iluminadas pelo sol nascente que rodopiava solenemente à sua volta. Na clínica sua insanidade foi diagnosticada como ligeira pneumonia e disseram-lhe para ficar de cama na Enfermaria Dois. Ele protestou.

A enfermeira o acusou de estar egoizando e explicou que se ele fosse para casa, o médico teria de se dar ao trabalho de ir vê-lo e de providenciar tratamento particular para ele. Foi para um dos leitos da Enfermaria Dois. Todas as outras pessoas na Enfermaria eram velhas. Uma enfermeira foi vê-lo e ofereceu-lhe um copo com água e um comprimido.

— O que é isto? — perguntou Shevek, cheio de suspeitas. Seus dentes tinham voltado a ranger.

— Antipirético.

— O que é isso?

— Para baixar a febre.

— Não preciso disso.

A enfermeira ergueu os ombros.

— Está bem — disse, e foi embora.

A maior parte dos jovens anarrestis achava vergonhoso ficar doente: o que era um resultado da profilaxia muito eficiente da sociedade em que viviam e talvez também por uma confusão resultante do uso analógico das palavras “sadio” e “doente”. Viam a doença como um crime, se bem que involuntário. Ceder ao impulso criminoso, servir-lhe de instrumento ao tomar remédios para a dor era imoral. Fugiam de comprimidos e de injeções. Quando a maturidade e a velhice chegavam, a maioria deles mudava de opinião. A dor ficava maior do que a vergonha. A enfermeira deu aos velhos da Enfermaria Dois seus medicamentos, e eles brincaram com ela. Shevek ficou observando, com uma expressão de estúpida incompreensão.

Mais tarde apareceu um médico com uma seringa.

— Eu não quero isso — disse Shevek.

— Pare de egoizar — disse o doutor. — Vire-se.

Shevek obedeceu.

E depois foi a vez de uma mulher que lhe estendeu um copo com água, mas ele tremia tanto que derramou a água, molhando todo o cobertor.

— Deixe-me em paz — disse ele. — Quem você é?

Ela respondeu-lhe, mas ele não compreendeu. Disse-lhe para ir embora, que se sentia muito bem. Em seguida ele explicou por que a hipótese cíclica, conquanto improdutiva em si mesma, era fundamental para conduzi-lo a uma possível teoria da Simultaneidade, era uma pedra fundamental. Falou parte disso em iótico e parte em sua própria língua, e escreveu as fórmulas e equações matemáticas com um pedaço de giz, numa lousa, para que ela e o resto do grupo pudessem entender; temia que eles entendessem a pedra fundamental de modo equivocado. Ela tocou-lhe no rosto e prendeu-lhe os cabelos atrás. Suas mãos eram frias. Ele nunca em toda sua vida tinha sentido nada mais agradável do que o contato daquelas mãos. Tentou segurá-las. Ela não estava mais lá, tinha ido embora.

Muito tempo depois, ele despertou. Podia respirar. Sentia-se perfeitamente bem. Estava tudo em ordem. Não se sentiu inclinado a fazer movimentos. O movimento perturbaria o momento estável perfeito, o equilíbrio do mundo. A luz do inverno banhando o teto inteiro era de uma beleza indizível. Ficou imóvel, contemplando-a. Nos fundos da enfermaria os velhinhos brincavam e davam risadas, umas risadas roucas e cacarejantes, um som gostoso e belo. A mulher entrou e se sentou ao lado de seu leito. Ele olhou-a e sorriu.

— Como se sente?

— Renascido. Quem é você?

Ela também sorriu.

— A mãe.

— Renascimento. Mas eu devia estar num corpo novo, não nesse velho aqui.

— De que está falando?

— De que, não. De onde, de Urrás. A reencarnação faz parte da religião deles.

— Você ainda está meio delirante. — Ela pousou a mão sobre a testa de Shevek. — Não está com febre.

Sua voz ao dizer estas palavras atingiu em cheio alguma coisa muito profunda no íntimo de Shevek, um lugar escuro, um lugar murado, onde ela ecoou repetidas vezes pela escuridão adentro. Ele olhou para a mulher e disse com terror:

— Você é Rulag!

— Já lhe disse que sim. Diversas vezes!

Ela manteve uma expressão despreocupada, bem-humorada até. Shevek não estava em condições de manter coisa alguma. Não estava com forças para se mover, mas se encolheu afastando-se dela com visível receio, como se ela não fosse sua mãe e sim sua morte. Se ela percebeu esse ligeiro movimento, não o demonstrou.

Era uma bela mulher, morena, de traços finos e bem proporcionados que não mostravam as marcas do tempo, embora devesse ter mais de quarenta anos. Tudo nela era harmonioso e controlado. A voz era baixa, de um timbre agradável.

— Não sabia que você estava em Abbenay — ela disse —, nem onde estava e nem mesmo se ainda estava vivo. Eu estava no depósito da Imprensa dando uma olhada nas novas publicações, escolhendo uns livros para a biblioteca de Engenharia, e vi um livro escrito por Sabul e Shevek. Sabul eu conhecia, é claro. Mas quem era Shevek? Por que esse nome me soava tão familiar? Levei mais ou menos um minuto para me dar conta. Estranho, não é? Mas os dados não me pareciam lógicos. O Shevek que eu conhecia devia ter apenas vinte anos, era improvável que já escrevesse

tratados de metacosmologia em coautoria com Sabul. Mas qualquer outro Shevek teria de ser ainda mais jovem que isso!... E então eu vim ver. Um rapaz do domicílio disse que você estava aqui... É chocante a deficiência de pessoal nessa clínica. Não entendo por que os síndicos não pedem mais elementos à Federação Médica, ou então que reduzissem o número de internamentos. Alguns auxiliares e médicos estão trabalhando oito horas por dia! É claro que nas artes médicas há indivíduos que na verdade querem é isso: o impulso ao sacrifício pessoal. Infelizmente isso não leva a um máximo de eficiência... Foi estranho encontrá-lo. Nunca o reconheceria... Você e Palat se correspondem? Como está ele?

— Está morto.

— Ah. — Não havia sinal de choque ou sofrimento na voz de Rulag, apenas uma espécie de aceitação tristonha, um breve lamento. Shevek ficou emocionado, capaz de vê-la, por um momento, como uma pessoa.

— Há quanto tempo ele morreu?

— Oito anos.

— Não devia ter mais de trinta e cinco.

— Houve um terremoto em Campina Vasta. Estávamos morando lá há uns cinco anos, ele era o engenheiro civil da comunidade. O terremoto danificou o centro de aprendizagem. Ele e outras pessoas estavam tentando retirar umas crianças que ficaram presas lá dentro. Houve um segundo tremor e o edifício ruiu. Trinta e duas pessoas foram mortas.

— Você estava lá?

— Eu tinha ido embora para começar os estudos no Instituto Regional, uns dez dias antes do tremor.

Ela ficou pensativa, o rosto sereno e impassível.

— Pobre Palat. De certa forma, foi típico dele: morrer juntamente com outros, uma estatística, um entre trinta e dois...

— A estatística teria sido maior se ele não tivesse entrado no prédio — disse Shevek.

Nesse ponto ela o olhou. Seu olhar não revelava as emoções que ela sentia ou não. O que disse então pode ter sido espontâneo ou deliberado, era impossível saber:

— Você gostava muito de Palat.

Ele não disse nada.

— Você não se parece com ele. Na verdade você se parece comigo, exceto na cor. Eu achava que você ia ficar parecido com Palat. Foi o que pensei. É estranho o tipo de imaginação que a mente da gente faz. Quer dizer que ele ficou junto a você?

Shevek confirmou com a cabeça.

— Ele teve sorte. — Ela não suspirou, mas havia um suspiro reprimido em sua voz.

— E eu também.

Houve uma pausa. Ela deu um ligeiro sorriso.

— Sim, eu poderia ter mantido contato com você. Você me condena por não tê-lo feito?

— Condená-la? Eu jamais a conheci.

— Conheceu. Palat e eu ficamos com você no domicílio mesmo depois do período de lactação. Nós dois quisemos. É nos primeiros anos que o contato individual é essencial; os psicólogos já provaram isso definitivamente. A plena socialização só pode ser desenvolvida a partir desse início cheio de afeto... Eu estava disposta a continuar a parceria com ele. Tentei conseguir um posto para Palat aqui em Abbenay. Mas nunca houve uma vaga para o tipo de trabalho que ele fazia, e ele não viria sem ter um posto. Tinha um lado muito teimoso... No começo ele escreveu algumas vezes para

me dizer como você estava, depois parou de escrever.

— Não tem importância — disse o rapaz. Seu rosto, abatido pela doença, estava coberto de gotinhas de suor, deixando-lhe a testa e as bochechas brilhosas, parecendo untadas.

Houve outro silêncio e depois Rulag disse, com sua voz agradável e controlada:

— Bem, teve importância sim; e ainda tem. Mas era Palat que tinha mesmo de ficar com você e acompanhá-lo em seus anos de integração. Ele era dedicado e paternal, eu não. Para mim o trabalho vem em primeiro lugar. Sempre foi assim. No entanto, estou contente que você esteja aqui, Shevek. Talvez agora eu possa lhe ser de alguma utilidade. Sei que Abbenay não é um lugar nada agradável no começo. A gente se sente isolado, perdido, carente da solidariedade simples das pequenas cidades. Conheço algumas pessoas interessantes, que talvez você queira conhecer. E pessoas que talvez possam lhe ser úteis. Conheço Sabul; faço ideia do que você teve de enfrentar dele e de todo o pessoal do Instituto. Eles vivem num jogo pela dominação, por lá. É preciso um pouco de experiência para vencê-los. De qualquer jeito, fico contente que você esteja aqui. Dá-me um prazer que nunca procurei sentir... uma espécie de regozijo... Li seu livro. É seu, não é? Por que outro motivo Sabul iria aceitar a co-autoria com um estudante de vinte anos? O assunto do livro está acima do meu alcance, sou apenas uma engenheira. Confesso me sentir orgulhosa de você. É estranho, não é? É meio ilógico. Possessivo até. Como se você fosse algo que me pertencesse! Mas quando se envelhece, precisa-se de certos reconfortos que nem sempre são completamente sensatos. Para poder ir adiante.

Ele percebeu a solidão da mulher. Viu que ela sofria e ficou imaginando. Aquela dor o ameaçava. Ameaçava a lealdade de seu pai, o amor puro e constante no qual sua vida criara raízes. Que direito ela tinha, logo ela que deixara Palat sozinho, de procurar o filho de Palat em sua carência? Ele não tinha nada, nada a lhe oferecer, nem a ninguém.

— Teria sido melhor — disse ele — se tivesse continuado a pensar em mim como uma estatística também.

— Ah — ela disse, aquela resposta habitual, doce e tristonha. E desviou o olhar.

Dos fundos da Enfermaria, os velhinhos a olhavam com admiração e se cutucavam.

— Suponho — ela disse — que eu estava tentando fazer-lhe uma reivindicação. Mas eu estava pensando que você também fosse fazer-me uma. Se quisesse.

Ele não disse nada.

— Não somos, é claro, mãe e filho, a não ser biologicamente. — Ela reencontrou seu ligeiro sorriso. — Você não se lembra de mim, e o bebê de quem me lembro não é esse homem de vinte anos. Tudo isso é passado, é irrelevante. Mas aqui, nesse momento, nós somos irmãos. E é isso que realmente importa, não é?

— Não sei.

Ficou sentada por um momento, em silêncio, e depois se levantou.

— Você precisa repousar. Você estava bem doente, da primeira vez que vim vê-lo. Eles dizem que agora você vai mesmo ficar bom. Não creio que eu vá voltar.

Ele não falou. Ela disse:

— Adeus, Shevek — e foi se virando para sair ao falar. Quando falou, ele teve a impressão breve, ou a alucinação, de que o rosto dela transformou-se, desintegrava-se, espatifava-se. Deve ter sido mesmo imaginação. Ela se retirou da Enfermaria com o andar gracioso e cadenciado de uma bela mulher e ele a viu parar e falar, sorrindo, com a enfermeira, no vestíbulo.

Ele deixou o temor que ela trouxera consigo penetrar-lhe, o sentimento de promessas quebradas, de incoerência do tempo. Desmoronou. Começou a chorar, tentando ocultar o rosto no refúgio de seus

braços pois não encontrou forças para virar-se. Um dos velhos, um dos velhinhos doentes, aproximou-se, sentou-se na beira do leito e acariciou-lhe o ombro.

— Está tudo bem, irmão. Está tudo bem, irmãozinho — ele murmurou.

Shevek o ouviu e sentiu o toque de sua mão, mas não se sentiu reconfortado por esse contato. Nem mesmo um irmão é capaz de trazer conforto na hora negra, na escuridão ao pé do muro.

CAPÍTULO V

URRÁS

Shevek acabou sua carreira de turista com alívio. O novo ano escolar estava começando em Ieu Eun; agora ele podia se instalar para viver e trabalhar, no Paraíso, em vez de ficar apenas contemplando-o, do lado de fora.

Assumi o encargo de dois seminários e de um curso livre. Não o tinham requisitado para o ensino, mas ele havia perguntado se podia dar aulas e os administradores arranjaram-lhe dois seminários. O curso livre não foi ideia dele nem dos administradores. Uma delegação de estudantes foi vê-lo e lhe pediu para dá-lo. Concordou imediatamente. Era assim que os cursos eram organizados nos centros de aprendizagem anarrestis: a pedido dos alunos, ou por iniciativa dos professores, ou então pelos alunos e professores ao mesmo tempo. Quando soube que os administradores ficaram preocupados, achou graça.

— Eles esperam que os estudantes não sejam anarquistas? — perguntou. — Que outra coisa um jovem pode ser? Quando se está na posição inferior, deve-se organizar as coisas de baixo para cima.

Ele não tinha a menor intenção de deixar que os administradores lhe tirassem o curso — já tinha enfrentado esse tipo de batalha anteriormente — e como transmitiu sua firmeza aos estudantes, eles ficaram firmes em sua posição. Para evitar uma publicidade desagradável, os Reitores da Universidade decidiram ceder, e Shevek deu a aula inaugural para uma audiência de dois mil alunos. Esse número não tardou a decrescer. Ele só falava de física, nunca se desviando para assuntos políticos ou pessoais, e de física num nível bastante avançado. Mas várias centenas de alunos continuaram a comparecer. Uns vinham por curiosidade, para ver o homem da Lua; outros se sentiam atraídos pela personalidade de Shevek, pelo homem e pelo libertário que podiam vislumbrar em suas palavras, mesmo quando não conseguiam seguir seu raciocínio matemático. E um número surpreendente entre eles era capaz de acompanhar seu raciocínio matemático e o filosófico também.

Eram maravilhosamente bem preparados esses estudantes. Tinham mentes aguçadas, perspicazes, rápidas. Quando não estavam trabalhando, descansavam. Não eram embotados nem distraídos por uma dúzia de outras obrigações. Nunca pegavam no sono durante a aula por estarem esgotados por serviços de rodízio no dia anterior. A sua sociedade os mantinha em completa liberdade de carências, de dispersão e de cuidados.

Mas o que faziam dessa liberdade, contudo, era outra questão. Pareceu a Shevek que essa falta de obrigações era exatamente proporcional à falta de iniciativa pessoal. Quando lhe explicaram o sistema de exames, ele ficou estarrecido; não podia imaginar maior coibição ao desejo natural de aprender do que um modelo que os entulhava de informações para serem expelidas por solicitação. No começo ele se recusou a dar notas ou provas, mas isso deixou os administradores da Universidade tão preocupados que ele, não desejando ser descortês com seus anfitriões, cedeu. Pediu aos estudantes que escrevessem um trabalho sobre qualquer problema de física que lhes interessasse e disse-lhes que daria a todos a maior nota, para que os burocratas tivessem o que escrever em seus formulários e listas. Para sua surpresa, uma série de estudantes foi até ele reclamar. Queriam que ele desse os problemas, formulasse as devidas questões; não queriam pensar sobre questões, mas escrever as respostas que tinham aprendido. E alguns protestaram com veemência contra sua intenção

de dar a todos a mesma nota. Como os bons alunos poderiam ser distinguidos dos negligentes? De que adiantava então estudar tanto? Se nenhuma distinção competitiva fosse feita, dava no mesmo não se fazer nada.

— Sim, claro — respondeu Shevek, perturbado. — Se não querem fazer o trabalho, não devem fazê-lo.

E eles se foram, ainda intranquilos, mas gentis. Eram rapazes agradáveis, de modos francos e civilizados. As leituras de Shevek em história urrasti levaram-no a decidir que de fato eles eram, embora a palavra fosse então raramente usada, aristocratas. Nos tempos do feudalismo, a aristocracia enviava seus filhos para a universidade, conferindo superioridade à instituição. Agora ocorria o inverso: a universidade conferia superioridade ao homem. Eles contaram a Shevek com orgulho que a competição para bolsas de estudo da Universidade de Ieu Eun tornava-se a cada ano mais renhida, provando o espírito democrático da instituição. Shevek comentou:

— Vocês põem outra fechadura na porta e chamam a isso de democracia.

Ele gostava de seus alunos inteligentes e gentis, mas não sentia muito afeto por nenhum deles. Faziam planos para suas carreiras de cientistas industriais ou acadêmicos e o que aprendiam com ele só significava para eles um meio de alcançar esse objetivo, o sucesso de suas carreiras. Ou eles tinham, ou então negavam a importância, qualquer outra coisa que ele porventura lhes oferecesse.

Descobriu-se, por conseguinte, sem nenhuma outra obrigação além da preparação de suas três aulas; o resto de seu tempo era todo seu. Não se encontrara em situação semelhante desde o início de seus vinte anos, de seus primeiros anos no Instituto de Abbenay. Desde aqueles anos, sua vida social e pessoal foram ficando cada vez mais complicadas e exigentes. Fora desde então não apenas um físico, mas também um par, um pai, um Odonista e finalmente um reformador da sociedade. Como tal, ele não ficara ao abrigo — nem tinha esperado ficar — de nenhuma incumbência ou responsabilidade que tivesse de assumir. Não fora liberado de nada: só era livre para fazer qualquer coisa. Ali ocorria o inverso. Como todos os estudantes e professores, não tinha nada a fazer senão seu trabalho intelectual, literalmente nada. Não tinham de fazer suas próprias camas, não tinham de varrer os aposentos, a rotina da universidade não era responsabilidade deles, todos os caminhos estavam desimpedidos. E não havia esposas, nem famílias. Nada de mulheres. Os estudantes da Universidade não tinham permissão de casar. Os professores casados geralmente moravam os cinco dias úteis da semana de sete em seus aposentos de solteiros, no campus da Universidade, e só iam para casa nos fins de semana. Nada dispersava. Tinha-se todo tempo livre para trabalhar, todos os materiais à mão, estímulo intelectual, discussões, conversa à vontade, nenhuma pressão. Era mesmo um Paraíso! Mas ele parecia incapaz de entregar-se ao trabalho.

Havia algo que lhe faltava, nele mesmo, pensou, não no lugar. Não se sentia à altura. Não era forte o bastante para aceitar o que lhe era tão generosamente oferecido. Sentiu-se ressequido e árido, como uma planta do deserto, naquele belo oásis. A vida de Anarres o havia marcado, trancado as portas de seu coração; a água da vida fluía à sua volta e no entanto ele não conseguia bebê-la.

Forçou-se a trabalhar, mas nem no trabalho encontrou um pouco de segurança. Parecia ter perdido a intuição que, no conceito que tinha de si mesmo, considerava sua grande vantagem sobre a maior parte dos outros físicos, a capacidade de sentir onde os problemas verdadeiramente importantes se encontram, a chave que lhe permitia chegar ao centro. Ali ele se sentia como se não tivesse sentido de direção. Trabalhava nos Laboratórios de Pesquisas da Luz, lia um bocado, e escreveu três ensaios durante aquele outono e aquele inverno; um semestre produtivo, segundo os padrões usuais. Mas sabia que de fato não fizera nada de concreto.

Na verdade, quanto mais tempo vivia em Urrás, menos real o planeta lhe parecia. Tudo parecia

escapar-lhe, todo aquele mundo cheio de vida, magnífico, inesgotável, que ele vira das janelas de seus aposentos, em seu primeiro dia de Urrás. Aquele mundo escorregava de suas mãos desajeitadas e estrangeiras, evadia-se, e quando ele voltava a olhar estava segurando algo muito diferente, algo que não queria de jeito nenhum, uma espécie de papel usado, de papel de embrulho, de lixo.

Recebeu dinheiro pelos ensaios que escreveu. Já tinha em sua conta bancária as 10.000 Unidades Monetárias Internacionais do prêmio Seo Oen e 5.000 de ajuda de custo do Governo ioti. A essa soma acrescentou o salário como professor e o dinheiro que lhe pagaram pelas três monografias. A princípio tudo isso pareceu-lhe divertido, mas depois o deixou pouco à vontade. Ele não devia rejeitar, por considerar ridículo, algo que era, afinal, tremendamente importante naquele mundo. Tentou ler um texto elementar de economia, mas achou-o de uma monotonia insuportável; era como ficar ouvindo alguém contar e recontar o mesmo sonho comprido e imbecil. Ele não podia se forçar a entender o funcionamento dos bancos e tudo mais, pois todas as operações capitalistas eram-lhe tão sem sentido quanto os rituais de uma religião primitiva, e igualmente bárbaras, rebuscadas e desnecessárias. No sacrifício de um ser humano a uma divindade podia haver pelo menos uma beleza terrível e incompreendida; os rituais dos cambistas, onde a cobiça, a preguiça e a inveja são destinadas a motivar todas as ações do homem, até o terrível torna-se banal. Shevek via essa mesquinha aberrante com desprezo e sem interesse. Não admitia, não podia admitir, que ela na verdade o assustava.

Saio Pae o tinha levado para “fazer compras”, em sua segunda semana de A-Io. Embora ele não tivesse a menor intenção de cortar o cabelo (afinal os cabelos eram parte dele), queria trajes e um par de sapatos no estilo urrasti. Não tinha nenhuma vontade de parecer mais estrangeiro do que inevitavelmente parecia. A simplicidade de seu velho traje chamava demais a atenção e suas grosseiras botas de deserto eram sem dúvida muito estranhas comparadas aos elegantes calçados iotis. E então, a seu pedido, Pae o levava à Perspectiva Saemtenevia, a rua comercial mais elegante de Nio Esseia, para que um alfaiate e um fabricante de sapatos tirassem suas medidas.

A experiência toda o deixara tão perturbado que ele a tirou do pensamento o mais rápido que pôde, mas sonhou com ela durante meses, verdadeiros pesadelos. A Perspectiva Saemtenevia tinha uns três quilômetros de comprimento e era um amontoado compacto de pessoas, transportes e coisas; coisas para serem compradas e vendidas. Casacos, vestidos, longos, túnicas, calças, cuecas, camisas, blusas, chapéus, sapatos, meias, cachecóis, xales, capas, camisetas, sombrinhas, roupas para dormir, nadar, praticar esportes, ir a uma festa de tarde, usar numa festa noturna, numa festa campestre, para viajar, ir ao teatro, montar a cavalo, para fazer jardinagem, receber convidados, passear de barco, jantar, caçar: todas às centenas, em diferentes estilos, cortes, cores, texturas e materiais. Perfumes, relógios, quebra-luzes, estatuetas, cosméticos, velas, quadros, máquinas fotográficas, jogos, vasos, sofás, chaleiras, quebra-cabeças, travesseiros, bonecos, coadores, almofadas para os joelhos, joias, tapetes, palitos, calendários, chocalhos de platina para bebês com cabo em cristal de rocha, um apontador de lápis elétrico, um relógio de pulso com os números em diamante; bibelôs e *souvenirs*, bugigangas e berloques e bricabraques. Tudo parecia sobretudo inútil ou então os enfeites disfarçavam a utilidade; acres de superfluidades, acres de excremento. No primeiro quarteirão, Shevek parou para olhar um casaco todo peludo e mosqueado, artigo central de uma vitrine resplandecente de roupas e joias. “O casaco custa 8.400 unidades?” perguntou então, estupefato, pois havia lido recentemente em um jornal que o salário-base era de cerca de 2.000 unidades anuais. “Oh, sim, esse é de pele mesmo; muito raro, agora que os animais estão sendo protegidos”, respondeu-lhe Pae. “Lindo, não é? As mulheres adoram peles.” E continuaram a andar. Depois de mais um quarteirão, Shevek sentiu-se completamente esgotado. Não podia olhar para mais

nada. Quis esconder os olhos.

E a coisa mais estranha com a rua do pesadelo era que nenhum dos milhares de artigos à venda era feito lá mesmo. Só eram vendidos. Onde estavam as oficinas, as fábricas, onde estavam os fazendeiros, os artesãos, os mineiros, os tecelões, os químicos, os entalhadores, os tintureiros, os desenhistas, os maquinistas? Onde estavam as mãos, as pessoas que faziam tudo aquilo? Fora de visão, em algum outro lugar. Atrás dos muros. Todas as pessoas em todas as lojas eram compradores ou vendedores. Não tinham nenhuma relação com aquelas coisas, fora a da posse.

Quando soube que, uma vez tiradas suas medidas, ele podia pedir o que viesse a precisar por telefone, tomou a decisão de nunca mais voltar à rua do pesadelo.

A casaca cinzenta bem ajustada, a camisa branca, as calças pretas e curtas, as meias de cano longo e os sapatos lustrosos ficavam muito bem em seu corpo comprido e esguio e em seus pés estreitos. Tocou a superfície de um sapato com toda a cautela. Era feito da mesma matéria que revestia as cadeiras da sala, que dava a sensação de pele; ele há pouco tempo havia perguntado a alguém o que era aquilo e responderam-lhe que *era* pele, de animal, couro, eles chamavam. Franziu a testa ao tocá-lo, ergueu o corpo e afastou-se do espelho, mas não antes de ser forçado a ver que, vestido assim, sua semelhança com a mãe Rulag era maior do que nunca.

Houve um longo intervalo de aulas, no meio do outono. A maior parte dos estudantes foi passar as férias em casa. Shevek passou uns dias excursionando nas montanhas Meitéis, com um grupo de estudantes e pesquisadores do Laboratório de Pesquisas da Luz e depois regressou, para solicitar algumas horas de trabalho com o computador grande, que era muito procurado durante o período de aulas. Mas farto de um trabalho que não levava a nada, não trabalhou muito. Dormia além do habitual, caminhava, lia e se disse que o problema tinha sido que ele simplesmente se apressara demais; não se pode abarcar um mundo novo inteiro, em poucos meses. Os gramados e bosques da Universidade estavam belos e ondulantes e folhas douradas cintilavam e tremulavam no vento chuvoso, sob o cinzento suave do céu. Shevek procurou as grandes obras dos poetas iotís e as leu; podia agora compreendê-los, quando falavam de flores, pássaros voando e das cores da floresta no outono. Essa compreensão trouxe-lhe um grande prazer. Era muito agradável voltar para seus aposentos ao anoitecer, aos aposentos cuja beleza calma e simétrica nunca deixou de satisfazê-lo. Agora estava habituado àquela graciosidade e àquele conforto, tinham-se tornado familiares. Como certos rostos que ele via à noite nos ambientes comuns, os colegas; de alguns ele gostava mais, de outros menos, mas eram-lhe todos, agora, familiares. E a comida também, com toda aquela variedade e quantidade que no começo o deixavam confuso. Os garçons já conheciam suas preferências e o serviam como ele mesmo se serviria. Mas ele continuava a não comer carne; já tinha provado, por delicadeza e para mostrar-se que não tinha preconceitos irracionais, mas seu estômago tinha razões que a razão desconhece e rebelou-se. Depois de algumas tentativas quase desastrosas, ele tinha desistido e permanecido um vegetariano, embora de grande apetite. Gostava muito de jantar. Já engordara três ou quatro quilos desde sua chegada a Urrás; estava agora com ótima aparência, bronzeado de suas excursões nas montanhas e descansado pelas férias. Sua figura era impressionante quando se levantou da mesa, no imenso salão de jantar com seu teto de vigas muito alto e escondido pelas sombras, suas paredes apaineladas cobertas de quadros e suas mesas iluminadas pelo brilho das velas, da prataria e da porcelana. Cumprimentou alguém em outra mesa e foi saindo com uma expressão de tranquilo desprendimento. Do outro lado do salão Chifoilisk o viu e o seguiu até alcançá-lo à saída.

— Teria alguns minutos livres para me conceder, Shevek?

— Sim. Em meu quarto? — Ele também já estava acostumado ao uso constante do pronome possessivo e o empregava sem constrangimento.

Chifoilisk parecia hesitar.

— Que tal a biblioteca? Fica em seu caminho e eu quero pegar um livro.

Começaram a atravessar o quadrilátero em direção à Biblioteca da Ciência Nobre — antigo termo para a física, que até em Anarres era preservado em certos contextos —, caminhando lado a lado na escuridão riscada; Chifoilisk abriu um guarda-chuva, mas Shevek andou na chuva como os iotis andam no sol: com uma grande alegria.

— Você está ficando ensopado — resmungou Chifoilisk. — Não tem os pulmões muito fortes, não é verdade? É melhor tomar cuidado.

— Estou muito bem — disse Shevek, e sorria ao caminhar na chuva fria e fina. — O médico do Governo, sabe, aquele, deu-me uns medicamentos, umas inalações. Funcionou, não estou mais com tosse. Pedi ao médico que descrevesse o processo e os remédios pelo rádio, para o Sindicato de Iniciativa em Abbenay, e ele me atendeu. E ficou contente em fazê-lo. É bem simples; pode aliviar muito as dores da tosse provocada pela poeira. Por que, por que não deram antes? Por que não trabalhamos juntos, Chifoilisk?

O thúvio deu um pequeno resmungo sardônico. Entraram no salão de leitura da biblioteca. Estantes de velhos livros, sob delicados arcos de mármore, repousavam numa serenidade sombria; as lâmpadas sobre as longas mesas de leitura eram globos comuns de alabastro. Não havia mais ninguém por lá, mas um funcionário apressou-se em segui-los para acender o fogo da lareira de mármore e assegurar-se de que eles não queriam nada antes de se retirar outra vez. Chifoilisk ficou parado em frente à lareira, observando o fogo pegar. Suas sobrancelhas estavam eriçadas, acima dos olhos pequeninos; seu rosto grosseiro, trigueiro e intelectual parecia mais velho do que de hábito.

— Vou ser desagradável, Shevek — disse ele com sua voz rouca. E acrescentou: — Isso não é novidade, suponho... — com uma humildade que Shevek não esperava da parte dele.

— De que se trata?

— Gostaria de saber se sabe o que está fazendo aqui.

Depois de uma pausa Shevek falou:

— Acho que sei.

— Está consciente, então, de que foi comprado?

— Comprado?

— Digamos cooptado, se prefere. Ouça aqui. Por mais inteligente que um homem seja, ele não é capaz de ver o que não sabe ver. Como pode compreender sua situação aqui, numa economia capitalista, num Estado plutocrático e oligárquico? Como pode percebê-la, vindo de uma pequena comunidade de idealistas famintos, lá do céu?

— Chifoilisk, não existem mais muitos idealistas em Anarres, posso lhe assegurar. Os Povoadores foram idealistas, é verdade, ao deixar esse mundo por nossos desertos. Mas isso foi há sete gerações! Nossa sociedade é prática, talvez até prática demais, preocupada demais somente com a sobrevivência. O que há de idealista na cooperação social, na ajuda mútua, quando é o único meio de se continuar vivo?

— Não posso discutir os valores do Odonismo com você. Não que eu não tenha tido vontade! Conheço bastante o assunto, sabe. Em meu país estamos mais próximos do Odonismo do que essa gente daqui. Somos produtos do mesmo grandioso movimento revolucionário do século dezoito... somos socialistas, como vocês!

— Mas vocês são hierarquizados. O Estado thúvio é ainda mais centralizado do que o Estado de A-Io. Uma estrutura de poder controla tudo, o governo, a administração, o exército, a educação, as leis, o comércio, a indústria. E vocês têm uma economia monetária.

— Uma economia monetária baseada no princípio de que trabalhador recebe o que merece, pelo valor de seu trabalho, e não é pago por capitalistas a quem é forçado a servir, mas sim pelo Estado, do qual ele é parte!

— É ele mesmo quem estabelece o valor de seu trabalho?

— Por que não vai a Thu para ver como funciona o verdadeiro socialismo?

— Eu sei como um verdadeiro socialismo funciona — disse Shevek. — E posso dizê-lo a você, mas será que seu governo me deixaria explicá-lo, em Thu?

Chifoilisk deu um pontapé numa tora que ainda não começara a pegar fogo. Baixou o olhar e ficou contemplando o fogo, com uma expressão amarga e as rugas entre o nariz e os cantos dos lábios muito profundas. Não respondeu à pergunta de Shevek. Finalmente disse:

— Não vou tentar usar de artimanhas com você. Não adiantaria de nada; de qualquer maneira, não o farei. O que tenho a perguntar-lhe é isto: gostaria de ir para Thu?

— Agora não, Chifoilisk.

— Mas o que poderá realizar aqui?

— Meu trabalho. E também aqui estou perto da sede do Conselho Mundial de Governos.

— O CMG? Eles estão nas mãos de A-Io, há trinta anos. Não conte com eles para salvá-lo.

Uma pausa.

— Então estou correndo perigo?

— Ainda não tinha nem se apercebido disso?

Outra pausa.

— Contra quem está me prevenindo? — perguntou Shevek.

— Contra Pae, em primeiro lugar.

— Ah, sim, Pae. — Shevek apoiou as mãos no parapeito esculpido e incrustado de ouro da lareira. — Pae é muito bom físico. E muito obsequioso. Mas não confio nele.

— E por que não?

— Bem... ele é evasivo.

— Sim. Uma observação psicológica muito justa. Mas Pae não lhe é perigoso por ser uma pessoa escorregadia, Shevek. Ele lhe é perigoso porque é um agente leal e ambicioso do governo ioti. Entrega regularmente relatórios sobre você e sobre mim ao Departamento de Segurança Nacional, a polícia secreta. Não quero subestimá-lo, Deus o sabe, mas será que você não percebe que esse seu hábito de tratar todo mundo como uma pessoa, como um indivíduo, não funciona aqui? Você tem é de perceber os poderes que estão por trás dos indivíduos.

Enquanto Chifoilisk falava, a postura descontraída de Shevek foi se tornando tensa; ele agora estava ereto, como Chifoilisk, com os olhos abaixados para o fogo.

— Como sabe disso a respeito de Pae?

— Do mesmo jeito que sei que há um microfone camuflado em seu quarto, exatamente como no meu. Porque é meu trabalho sabê-lo.

— Você também é um agente de seu governo?

O rosto de Chifoilisk fechou-se; depois ele se voltou subitamente para Shevek, falando baixo e com ódio na voz.

— Sim — respondeu —, claro que sou. Se não fosse, não estaria aqui. Todo mundo sabe disso. Meu governo só envia homens de confiança para o exterior. E ele pode confiar em mim! Porque não

fui comprado, como esses malditos professores iotis milionários. Acredito em meu governo, em meu país. Tenho fé neles! — Ele forçava a emissão das palavras como se elas o atormentassem. — Você tem de olhar à sua volta, Shevek! Você é uma criança no meio de ladrões. Eles são bons com você; proporcionam-lhe belos aposentos, conferências, estudantes, visitas a castelos, visitas a fábricas-modelo, visitas a belas aldeias. Do bom e do melhor. Tudo ótimo, tudo maravilhoso! Mas por quê? Por que o trouxeram da Lua, fazem-lhe elogios, publicam seus livros e fazem tudo para que fique tão seguro e confortável nas salas de aula, nas bibliotecas e nos laboratórios? Pensa que o fazem por desinteresse científico, por amor fraternal? Você está na economia do lucro, Shevek!

— Eu sei. E eu vim para negociar com ela.

— Negociar... o quê? Por quê?

O rosto de Shevek estava com a mesma expressão grave e fria que mostrara quando deixava o Forte Drio.

— Você sabe o que eu quero, Chifoilisk. Quero que meu povo saia do exílio. Vim para cá porque não creio que vocês queiram isso, em Thu. Vocês têm medo de nós. Temem que possamos trazer a revolução de volta, a velha revolução, a verdadeira revolução, a revolução pela justiça que vocês começaram e abandonaram no meio do caminho. Aqui em A-Io eles têm menos medo de mim porque já esqueceram a revolução. Não acreditam mais nela. Achem que se as pessoas possuem bastantes coisas, ficarão contentes de viverem em prisões. Mas eu não vou acreditar nisso. Quero derrubar os muros. Quero solidariedade, a solidariedade humana. Quero liberdade de intercâmbio entre Urrás e Anarres. Trabalhei por isso como pude em Anarres, e agora quero trabalhar por isso como posso, em Urrás. Lá eu agia. Aqui, negocio.

— Negocia o quê?

— Ora, você sabe, Chifoilisk — disse Shevek numa voz baixa, cheio de desconfiança. — Você sabe o que eles querem de mim.

— Sim, eu sei, mas não sabia que você sabia — disse o thúvio falando baixo também; sua voz rouca transformou-se num murmúrio rouco, todo ofegante e fricativo. — Então, você já tem... a Teoria Temporal Geral?

Shevek olhou para ele, com uma ponta de ironia, talvez.

Chifoilisk insistiu:

— Ela já existe por escrito?

Shevek continuou a olhá-lo por um momento e depois disse categoricamente:

— Não.

— Ótimo!

— Por quê?

— Porque se existisse por escrito, eles a teriam.

— O que quer dizer?

— Apenas isso. Escute, não foi Odo quem disse que onde há propriedade há roubo?

— “Para fazer um ladrão, façam um proprietário. Para criar um criminoso, criem leis.” *O Organismo Social*.

— Muito bem. Onde há papéis trancados em quartos, há pessoas com as chaves dos quartos.

Shevek pestanejou.

— Sim — disse logo em seguida —, isso é muito desagradável.

— Para você. Para mim não. Sabe, não tenho seus escrúpulos morais individualistas. Eu sabia que você ainda não tinha a teoria por escrito. Se eu achasse que tinha, teria feito todo o esforço para consegui-la de você; fosse por persuasão, por roubo, ou pela força, se eu achasse que poderíamos

raptá-lo, sem provocar uma guerra com A-Io. Faria qualquer coisa para tirá-la das mãos desses imundos capitalistas iotis e levá-la para as mãos do Presidium Central de meu país. Porque a maior causa a que poderei sempre servir é a da força e do bem-estar de meu país.

— Você está mentindo — disse Shevek, pacificamente. — Acho que você de fato é um patriota. Mas acima do patriotismo você põe o respeito pela verdade, pela verdade científica, e talvez também sua lealdade para com certos indivíduos. Você não seria capaz de me trair.

— Se pudesse trairia — disse Chifoilisk, enfurecido. Ia continuar a falar, parou, e finalmente disse com uma resignação ressentida: — Pense como quiser. Não posso abrir seus olhos por você. Mas lembre-se: nós o queremos. Se afinal perceber o que se passa por aqui, vá para Thu. Você escolheu as pessoas erradas para ser irmão. E se... não é de meu interesse dizer-lhe isso, mas pouco importa... se você não for para Thu, pelo menos não entregue a teoria aos iotis. Não dê nada a esses usurários. Vá embora! Volte para casa. Dê o que tiver para dar a seu próprio povo.

— Meu povo não a quer — disse Shevek, sem nenhuma expressão no rosto. — Pensa que não tentei?

Quatro ou cinco dias depois, Shevek, ao perguntar por Chifoilisk, foi informado de que ele havia voltado para Thu.

— De vez? Ele não me disse que ia embora.

— Um thúvio nunca sabe quando vai receber uma ordem do Presidium — disse Pae, pois é claro que foi Pae quem informou a Shevek. — Só fica sabendo quando a recebe, e aí é melhor dar no pé. E nada de paradas pelo caminho para despedidas. Pobre Chif! Eu me pergunto o que ele terá feito de errado.

Shevek ia ver Atro uma ou duas vezes por semana, na agradável casinha na extremidade do campus, onde ele morava com alguns criados, velhos como ele. Quase em seus oitenta anos, era, como ele próprio dizia, um monumento a um físico de primeira grandeza. Apesar de não ter visto o trabalho de toda a sua vida tornar-se ignorado, como aconteceu a Gvarab, a mera idade o levou a adquirir um pouco do desinteresse que havia nela. O interesse dele por Shevek, pelo menos, parecia ser inteiramente pessoal, uma camaradagem. Ele foi o primeiro físico trabalhando em Sequência a se converter à abordagem proposta por Shevek para a compreensão do tempo. Havia lutado, com as armas de Shevek, pelas teorias de Shevek, contra o poderio de todos os dignitários da ciência, e a batalha prosseguira por vários anos, antes da publicação sem cortes dos *Princípios da Simultaneidade* e da subsequente vitória dos Simultaneístas. Essa batalha foi o ponto culminante da vida de Atro. Ele não teria se batido por nada menor do que a verdade, mas foi da luta que ele gostou, mais do que da verdade.

Atro podia reconstituir sua árvore genealógica até onze séculos anteriores, passando por generais, príncipes, grandes proprietários rurais. Sua família ainda possuía uma propriedade de sete mil acres e quatorze aldeias na Província de Sie, a região mais rural de A-Io. Ele usava expressões do linguajar provinciano, arcaísmos aos quais aferrava-se com orgulho. A riqueza não o impressionava em nada e ele se referia a todos os governantes de seu país como “políticos servis e demagogos”. Seu respeito não podia ser comprado. No entanto ele o dava, de mão aberta, a qualquer idiota que tivesse o que ele chamava de “um nome adequado”. Em certos aspectos Shevek o considerava totalmente incompreensível, um enigma, o aristocrata. Contudo, seu desprezo sincero

pelo dinheiro e pelo poder levou Shevek a se sentir mais próximo dele do que de todas as outras pessoas que conheceu em Urrás.

Certa vez, quando estavam sentados juntos na varanda envidraçada onde ele cultivava todo tipo de flores raras e fora da estação, aconteceu de ele usar por acaso a expressão “nós os céticos”. Shevek o interrompeu no ato:

— “Céticos”? Isso não é um termo alpiste?

“Alpiste” era um termo de gíria para qualificar a imprensa popular, os jornais, programas de rádio e livros de ficção feitos para consumo dos trabalhadores urbanos.

— “Alpiste”! — repetiu Atro. — Meu caro amigo, onde é que você vai me buscar esses vulgarismos? Quero dizer com “céticos” exatamente o que os jornalistas dos cotidianos e seus soletradores entendem pelo termo: Urrás e Anarres!

— Fiquei surpreso ao ouvi-lo usar uma palavra estrangeira, uma palavra não cética na realidade.

— A definição pela exclusão — disse o velho todo animado, defendendo-se. — Há cem anos não tínhamos necessidade desse termo. “Raça humana” servia. Mas há uns sessenta e tantos anos isso mudou. Eu tinha então dezessete anos, foi num lindo dia ensolarado no começo do verão, lembro-me nitidamente. Eu estava treinando meu cavalo e minha irmã mais velha gritou da janela: “Estão falando com alguém de outro sistema solar pelo rádio!” Minha pobre querida mãe pensou que fosse o fim do mundo, que fossem diabos de outro mundo, coisas assim. Mas eram apenas os hainish, alardeando a paz e a fraternidade. Hoje em dia a expressão “raça humana” tornou-se por demais geral. O que define a fraternidade senão a falta de fraternidade? A definição pela exclusão, meu caro! Nós dois somos parentes. Sua gente talvez estivesse arrebanhando cabras nas montanhas enquanto os meus oprimiam servos em Sie, poucos séculos atrás; mas somos membros da mesma família. Para se perceber isso, basta que se veja, que se ouça falar, de um estrangeiro. De um ser de outro sistema solar. Um homem, segundo se pretende, que nada tem em comum conosco, tirante a disposição prática de duas pernas, dois braços e uma cabeça com uma espécie de cérebro lá dentro.

— Mas os hainish já não provaram que nós somos...

— Todos de origem estrangeira, os descendentes de colonizadores hainish interestelares, há meio milhão de anos, ou um milhão, ou dois ou três milhões, sim, eu sei. Provaram! Pelo Número Primal, Shevek, você está falando como um primeiranista. Como se pode falar a sério de prova histórica, com um espaço de tempo desse? Esses hainish brincam com milênios como se fossem bolas, mas isso não passa de impostura. Prova, eu sei! A religião de meus pais me informa, com igual autoridade, que eu sou um descendente de Pinra Od, a quem Deus exilou do Jardim por ter tido a audácia de contar os dedos das mãos e dos pés e ver que somavam vinte, deixando com isso o Tempo solto no universo. Prefiro essa história à história dos estrangeiros, se devo escolher.

Shevek achou graça; o humor de Atro dava-lhe prazer. Mas o velho estava falando sério. Bateu de leve no ombro de Shevek, e franzindo as sobrancelhas e mastigando os lábios como fazia quando emocionado, disse:

— Espero que sinta o mesmo, meu caro. Espero com toda a seriedade. Há muitos aspectos admiráveis, tenho certeza, em sua sociedade, mas ela não lhes ensina a discriminar, o que afinal é a melhor coisa que a civilização ensina. Não quero que esses malditos estrangeiros abusem de sua boa-fé, com essas suas ideias de fraternidade, mutualidade e tudo o mais. Eles jorrarão sobre você rios de “humanidade comum” e “ligas de todos os mundos” e por aí afora, e eu detestaria vê-lo engolir isso. A lei da existência é a luta, a competição, a eliminação do fraco, uma guerra implacável pela sobrevivência. E eu quero que os melhores sobrevivam. O tipo de humanidade que eu conheço. Os céticos. Você e eu: Urrás e Anarres. Agora estamos diante deles, de todos esses hainish e terranos

ou seja lá o que forem, e temos de continuar na liderança. Eles nos trouxeram o propulsor interestelar, mas agora fabricamos naves interestelares melhores do que as deles. E quando você for divulgar sua teoria, espero de todo coração que se lembre de seu dever para com seu próprio povo, com sua própria raça. Que não se esqueça o que a lealdade significa e a quem ela é devida.

As lágrimas fáceis da velhice haviam brotado nos olhos semicegos de Atro. Shevek pousou a mão no braço do velho homem para tranquilizá-lo, mas nada falou.

— Eles a terão, é claro. Um dia. E devem tê-la. A verdade científica se revelará. Não se pode esconder o sol debaixo de uma pedra. Mas quero que eles paguem para tê-la! Quero que ocupemos o lugar que nos é de direito. Quero respeito! E é isso o que você pode conquistar para nós. A transição instantânea... se nós conseguirmos efetuá-la, o sistema propulsor interestelar que eles nos trouxeram não passará de ferro-velho. Não é dinheiro que eu quero, você sabe. Quero é o reconhecimento da superioridade da ciência cética, a superioridade da mente cética. Se tem de haver uma civilização interestelar, então juro por Deus que não quero que o meu povo faça parte de uma casta inferior! Devemos entrar como nobres, chegar com uma dádiva preciosa em nossas mãos, isso sim. Bem, chega, esse assunto às vezes me esquento. Por sinal, como vai indo seu livro?

— Tenho trabalhado na hipótese gravitacional de Skask. Tenho a impressão de que ele está errado em usar apenas equações diferenciais parciais.

— Mas o último trabalho que você escreveu foi sobre a gravidade. Quando vai chegar ao ponto que nos interessa?

— O senhor sabe que para nós Odonistas os meios são o fim — respondeu Shevek, com o ar brincalhão. — Além do mais, eu não posso apresentar uma teoria do tempo que omita a gravidade, posso?

— Está querendo dizer que a está nos entregando aos pedaços, aos bocadinhos? — perguntou Atro, cheio de suspeita. — Isso não me havia ocorrido. É melhor eu dar outra olhada em seu último trabalho. Certos trechos não me pareceram muito claros. Meus olhos ficam tão cansados ultimamente! Acho que esse projetoreco com lentes de aumento que uso para ler está com algum defeito. Parece não projetar mais as letras com clareza.

Shevek olhou para o velho homem com um misto de remorso e afeição, mas não lhe disse mais nada sobre o andamento de sua teoria.

Shevek todos os dias recebia convites para recepções, homenagens, inaugurações e assim por diante. Aceitou alguns, pois tinha vindo para Urrás com uma missão e precisava cumpri-la: tinha de incitar à ideia de fraternidade, precisava representar, com sua pessoa, a solidariedade dos Dois Mundos. Ele falava e as pessoas o escutavam e diziam: “Isso é bem verdadeiro.”

Ele se perguntava por que o governo não o impedia de falar. Chifoilisk deve ter exagerado, para alcançar seus objetivos, quanto à extensão do controle e da censura que o governo exercia. O que ele dizia era anarquismo puro e eles não o impediam. E teriam necessidade de impedi-lo? Parecia-lhe que falava sempre com as mesmas pessoas; bem-vestidas, bem-nutridas, bem-educadas, sorridentes. Seria o único tipo de gente que existia em Urrás? “É o sofrimento que aproxima as pessoas”, dizia Shevek de pé diante delas e elas assentiam e diziam: “Isso é bem verdade”.

Ele começou a detestá-las e, ao tomar consciência disso, cessou bruscamente de aceitar os convites. Não estava fazendo o que tinha vindo fazer. Não eram os outros que o evitavam, disse para si mesmo; era ele, como sempre, que os evitava. Estava sozinho, sufocantemente só, no meio de toda aquela gente a quem via todos os dias. O problema é que ele não estava *em contato*. Sentia que não

tivera contato com nada, com ninguém, em todos aqueles meses de Urrás.

Uma noite, sentado à mesa no Refeitório dos Decanos, disse:

— Sabem, eu não sei como vocês vivem, aqui. Vejo as casas particulares do lado de fora. Mas do interior, só conheço a vida pública de vocês: as salas de reuniões, os refeitórios, os laboratórios...

No dia seguinte, Oiie, com bastante formalidade, perguntou a Shevek se ele não gostaria de ir jantar e passar a noite em sua casa, no fim de semana seguinte.

A casa ficava em Amoeno, um vilarejo a poucos quilômetros de Ieu Eun, e era, pelos padrões urrastis, uma modesta casa classe-média, mais antiga do que a maioria, talvez. Fora construída há uns trezentos anos, em pedra, com as paredes dos aposentos apaineladas em madeira. O característico arco duplo ioti fora usado nas janelas e portas. Uma relativa falta de móveis agradou logo a Shevek: os compartimentos eram austeros, espaçosos, com vastos pisos intensamente lustrosos. Ele sempre se sentia pouco à vontade em meio às decorações extravagantes e à profusão de móveis dos edifícios públicos onde as recepções e homenagens eram realizadas. Os urrastis tinham bom gosto, mas isso parecia estar frequentemente em conflito com um impulso ao exibicionismo, a um esbanjamento ostensivo. A origem natural e estética do desejo de possuir as coisas era dissimulada e pervertida por compulsões econômicas e competitivas, que por sua vez afetavam a qualidade das coisas: tudo o que alcançavam era uma espécie de exuberância mecânica. Naquela casa, ao contrário, a beleza fora alcançada pela sobriedade.

Um criado ajudou-os a tirarem os casacos, à entrada. A esposa de Oiie subiu para cumprimentar Shevek, vinda da cozinha, no porão, onde dava ordens à cozinheira.

Enquanto conversavam antes do jantar, Shevek descobriu-se falando exclusivamente com ela, com uma amabilidade, um desejo de agradá-la, que o surpreendeu. Mas era tão bom voltar a conversar com uma mulher! Não é de admirar que ele tivesse tido a impressão de estar levando uma vida isolada, artificial, entre homens, sempre homens, sem a tensão e a atração da diferença sexual. E Sewa Oiie era atraente. Olhando para as delicadas linhas de sua nuca e de suas têmporas, ele perdeu suas restrições à moda urrastis de raspar a cabeça das mulheres. Ela era reservada, bastante tímida; ele tentou deixá-la à vontade e ficou muito contente quando achou que estava conseguindo.

Entraram para jantar e duas crianças se reuniram a eles, à mesa. Sewa Oiie desculpou-se:

— Simplesmente não se encontra mais uma governanta decente, aqui nessa região — disse ela. Shevek assentiu, sem saber o que era uma governanta. Ele ficou observando os garotinhos com o mesmo alívio, com o mesmo prazer. Ele raramente havia visto uma criança desde que partira de Anarres.

Eram crianças muito limpas, sossegadas, só falavam quando se falava com elas, vestidas em casacos e calças curtas de veludo azul. Olhavam assustadas para Shevek, como a um ser do Espaço Exterior. O garoto de nove anos era muito severo com o de sete, dizia-lhe baixinho para não ficar olhando e o beliscava quando era desobedecido. O menorzinho devolvia o beliscão e tentava dar-lhe um pontapé por baixo da mesa. O Princípio da Superioridade ainda não parecia estar bem firmado em sua mente.

Oiie em casa era um homem bem diferente. Perdia o ar misterioso e não arrastava as palavras ao falar. Sua família o tratava com respeito, mas o respeito era mútuo. Shevek tinha ouvido muitas opiniões de Oiie sobre as mulheres e ficou surpreso de vê-lo tratar a esposa cortesmente, com delicadeza até. “Isso é cavalheirismo”, pensou Shevek, por ter aprendido a palavra recentemente, mas logo decidiu que era algo melhor do que isso. Oiie amava a mulher e confiava nela. Comportava-se com a mulher e os filhos de modo bem semelhante ao que um anarresti poderia se

comportar. De fato, em casa, ele subitamente parecia ser um homem simples, um homem fraternal, um homem livre.

Essa liberdade pareceu muito limitada aos olhos de Shevek, a família muito reduzida, mas ele se sentia tão à vontade, ele mesmo tão mais liberto, que desistiu de fazer críticas.

Numa pausa que se seguiu a uma conversa, o garoto mais novo disse com sua voz clara e branda:

— O Sr. Shevek não tem bons modos.

— Por que não? — perguntou Shevek antes que a mulher repreendesse a criança. — O que foi que eu fiz?

— O senhor não disse obrigado.

— Quando?

— Quando eu passei o prato de pickles.

— Ini! Fique quieto!

Sadik, não egoíze! O tom era exatamente o mesmo.

— Pensei que você estivesse partilhando comigo. Era um presente? Nós só dizemos obrigado quando recebemos presentes, em minha terra. Nós partilhamos as coisas sem falar a respeito, compreende? Você quer que eu lhe devolva o pickles?

— Não, eu não gosto de pickles — disse a criança, levantando os olhos escuros e muito límpidos para os de Shevek.

— Isso torna a partilha particularmente fácil — disse Shevek.

O garoto mais velho se contorcia com o desejo reprimido de beliscar Ini, mas Ini achou graça, mostrando os dentinhos brancos. Um pouco depois, durante outra pausa, ele inclinou-se para o lado de Shevek e disse baixinho:

— O senhor quer ver minha lontra?

— Sim.

— Ela está no quintal. Mamãe deixou ela lá fora porque acha que ela ia incomodar o senhor. Tem gente grande que não gosta de animais.

— Eu gosto de vê-los. Não existem animais em minha terra.

— Não existem? — perguntou o garoto mais velho, fitando-o. — Papai, o Sr. Shevek disse que eles não têm animais!

Ini também o olhava fixamente.

— Então o que vocês têm?

— Outras pessoas. Peixes. Vermes. E pés de holumínia.

— O que é holumínia?

A conversa prosseguiu por meia hora. Foi a primeira vez em Urrás que pediram a Shevek para descrever Anarres. As crianças faziam as perguntas, mas os pais ouviam com interesse. Shevek deixou o problema ético de lado com certo escrúpulo; não estava ali para doutrinar os filhos de seu anfitrião. Apenas lhes contou como era Poeira, como era Abbenay, que tipo de roupa se usava, o que as crianças faziam na escola. Essa última informação virou propaganda, apesar de suas intenções. Ini e Aevi ficaram fascinados com a descrição de um currículo que incluía agricultura, carpintaria, recuperação de resíduos, impressão tipográfica, conserto de estradas, arte dramática e todas as demais ocupações da comunidade adulta, e também quando ele admitiu que ninguém nunca era punido por nada.

— Embora às vezes — continuou — os outros possam levar alguém a deixar a comunidade por um período.

— Então — perguntou Oiie bruscamente, como se a pergunta, reprimida por muito tempo,

explodisse dele sob pressão — o que mantém as pessoas dentro da ordem? Por que não roubam, nem se matam uns aos outros?

— Ninguém possui nada para ser roubado. Quando se quer as coisas, basta ir pegá-las nos depósitos. Quanto à violência, bem, não sei, Oiie; normalmente, você me mataria? E se você tivesse vontade, será que alguma lei o impediria? A coação é o meio menos eficiente de se conseguir a ordem.

— Muito bem, mas como vocês conseguem que as pessoas façam os trabalhos sujos?

— Que trabalhos sujos? — perguntou a esposa de Oiie, sem compreender.

— Apanhar o lixo, cavar sepulturas — disse Oiie; Shevek acrescentou: — mineração do mercúrio — e quase disse “processamento de fezes”, mas lembrou-se dos tabus iotís quando a palavras escatológicas. Ele já tinha refletido, logo no começo de sua estadia em Urrás, sobre o fato de os urrastis viverem rodeados de montanhas de excremento e nunca mencionarem a palavra merda.

— Bem, todos nós os fazemos. Mas ninguém tem de fazê-los por muito tempo, a não ser que goste do trabalho. No décimo dia de cada década, o comitê administrativo da comunidade, ou o comitê do bloco ou qualquer pessoa que precise desses serviços pode pedir-lhe para fazê-los, fazem listas de revezamento. E nos postos de serviços desagradáveis, ou perigosos, como nas usinas e minas de mercúrio, normalmente só se fica durante meio ano.

— Então todo pessoal deve consistir de aprendizes do trabalho?

— Sim, não é eficiente, mas o que se pode fazer? Não se pode dizer a um homem que ele faça um trabalho que pode matá-lo ou aleijá-lo em poucos anos. Por que ele deveria aceitá-lo?

— Ele pode desobedecer a uma ordem?

— Não é uma ordem, Oiie. Ele vai ao escritório da Divlab, a Divisão do Labor, e diz: eu quero fazer isso ou aquilo, tem algum posto? E eles lhe dizem onde há vagas para o trabalho.

— Mas então por que as pessoas admitem fazer os trabalhos sujos? Por que os aceitam mesmo que seja apenas durante o décimo dia?

— Porque elas os fazem juntas... E por outras razões. Sabe, a vida em Anarres não é generosa como aqui. Nas pequenas comunidades não há muita distração e há muito trabalho para ser feito. Por isso, se alguém trabalha no tear mecânico a maior parte do tempo, é muito agradável sair a cada dez dias para instalar um cano ou arar os campos, com um grupo diferente de pessoas... E depois tem o desafio. Aqui, vocês acham que as finanças são o incentivo para o trabalho, a necessidade de dinheiro ou o desejo de lucro, mas onde não existe dinheiro os verdadeiros motivos talvez sejam mais claros. As pessoas gostam de fazer as coisas. E gostam de fazê-las bem. As pessoas aceitam os trabalhos perigosos, pesados, porque sentem orgulho em fazê-los, porque podem... como se diz... nós dizemos egoizar... se exhibir?, para os mais fracos. Ei, olhem só, garototes, estão vendo como sou forte?! Entende? Uma pessoa gosta de fazer o que ela sabe fazer bem... Mas na verdade, é o problema dos meios e dos fins. Afinal de contas, deve-se trabalhar por amor ao trabalho. O trabalho é o prazer mais duradouro da vida. A consciência individual sabe disso. E também a consciência social, a opinião dos vizinhos de cada um. Não há nenhuma outra recompensa em Anarres, nenhuma outra lei. Somente o prazer de cada um e o respeito de seus companheiros. É tudo. Quando é assim, pode-se ver a opinião dos vizinhos se tornar uma força muito poderosa.

— Ninguém nunca a desafia?

— Talvez não com bastante frequência — respondeu Shevek.

— Então todo mundo trabalha tanto assim? — perguntou a esposa de Oiie. — O que acontece a um homem que se recuse a cooperar?

— Bom, ele se muda, vai embora. Os outros se cansam dele, sabe. Ficam fazendo piadas com

ele, ou se tornam violentos, espancam-no; numa pequena comunidade podem até concordar em riscá-lo da lista de alimentação e ele terá de fazer sua própria comida e comer sozinho; e isso é humilhante. Então ele se muda e fica em outro lugar por certo tempo e depois talvez tenha de se mudar outra vez. Alguns passam a vida fazendo isso. São os chamados *nuchnibi*. Eu sou meio *nuchnibi*. Estou aqui, deixei meu próprio posto de trabalho. Fui para mais longe do que os outros.

Shevek falou com tranquilidade; se havia amargura em sua voz, ela não era discernível para as crianças, nem explicável para os adultos. Mas um silêncio se seguiu às suas palavras.

— Não sei quem faz esse tipo de serviço aqui — disse ele. — Nunca vejo ninguém fazê-lo. É estranho. Quem o faz? Por que o fazem? Ganham mais do que os outros?

— Por um trabalho perigoso, às vezes sim. Pelo mero trabalho doméstico, não. Ganham menos.

— E então por que o fazem?

— Porque um salário baixo é melhor do que nenhum — disse Oiie, e o amargor em sua voz era bem evidente. Sua esposa começou a falar nervosamente para mudar de assunto, mas ele prosseguiu. — Meu avô era faxineiro. Lavou chão e trocou lençóis sujos num hotel durante cinquenta anos. Dez horas por dia, seis dias por semana. Fazia isso para que ele e a família pudessem comer. — Oiie parou bruscamente de falar, lançou para Shevek aquele seu velho olhar misterioso e desconfiado e depois, quase em desafio, o lançou para a mulher. Ela não o devolveu. Sorriu e disse num tom de voz nervoso e acriançado:

— O pai de Demaere foi um homem que venceu na vida. Era dono de quatro companhias, quando morreu. — Seu sorriso era o de uma pessoa que sofre e suas mãos delgadas e morenas pressionavam-se fortemente, uma sobre a outra.

— Suponho que em Anarres não existem homens bem-sucedidos — disse Oiie num tom carregado de mordacidade. E aí entrou a empregada para trocar os pratos e ele se calou. A criança Ini, como se soubesse que a conversa séria não recomeçaria enquanto a criada estivesse lá, perguntou:

— Mamãe, o Sr. Shevek pode ver minha lontra, quando o jantar acabar?

Quando retornaram para a sala de estar, Ini teve permissão de trazer seu animal de estimação para dentro de casa: uma lontra da terra ainda pequena, um animal muito comum em Urrás. Eram domesticadas, explicou Oiie, desde os tempos pré-históricos e foram primeiramente usadas como apanhadoras de peixes, depois como animais domésticos. Era uma criaturinha de patas curtas e um lombo macio e arqueado e um pelo castanho-escuro muito brilhoso. Foi o primeiro animal em liberdade que Shevek viu de perto e ela teve menos medo dele do que ele dela. Os dentes brancos e aguçados eram muito impressionantes. Estendeu a mão com toda a precaução para acariciá-la, como Ini insistia que fizesse. A lontra se sentou sobre o traseiro e olhou para ele. Tinha olhos escuros e raiados de dourados, vivos, curiosos, inocentes. “*Ammar*”, sussurrou Shevek, conquistado por aquele olhar que atravessava o abismo da existência, “irmão”.

A lontra grunhiu, ficou de quatro e examinou os sapatos de Shevek com interesse.

— Ela gosta de você — disse Ini.

— Eu gosto dela — respondeu Shevek, um pouco triste. Toda vez que ele via um animal, ou o voo dos pássaros, ou o esplendor das árvores outonais, essa tristeza o invadia e dava ao prazer um lado cortante. Não se lembrava conscientemente de Takver nesses momentos, não pensava na ausência de Takver. Era antes como se ela estivesse lá, apesar de ele não estar pensando nela. Era como se a beleza e a singularidade dos animais e plantas de Urrás carregassem uma mensagem de Takver para ele, dela que nunca os veria e cujos ancestrais há sete gerações não haviam tocado na pele quente de um animal, nem visto o movimento célere de asas, à sombra das árvores.

Passou a noite num quarto do sótão. Era um quarto frio, o que ele acolheu com satisfação depois do eterno e excessivo aquecimento dos ambientes da Universidade, e era muito simples: a cama, estantes, uma cadeira e uma mesa de madeira pintada. Era como estar em casa, ele pensou, ignorando a altura da cama e a maciez do colchão, os belos cobertores de lã e os lençóis de seda, as quinquilharias em marfim sobre a cômoda, a encadernação de couro dos livros, e também o fato de que aquele quarto e tudo que nele havia, e a casa que o encerrava e a terra onde fora erguida era propriedade privada, o patrimônio de Demaere Oiie, embora ele não a tivesse construído nem lhe esfregasse os chãos. Shevek pôs de lado discriminações tão cansativas. Era um quarto acolhedor e não era assim tão diferente de um quarto individual nos domicílios.

Dormindo nesse quarto, ele sonhou com Takver. Sonhou que ela estava com ele na cama, que os braços dela o envolviam, o corpo encostado no dele... mas em que quarto, em que quarto eles estavam? Onde estavam? Estavam juntos na Lua, fazia frio e caminhavam juntos. Era um lugar ermo, a Lua, todo coberto por uma neve de um branco azulado, embora a neve fosse fina e fácil de afastar com um pontapé para deixar ver o luminoso solo branco. Era morto, um lugar morto. “Não é bem assim”, disse ele a Takver, sabendo que ela estava com medo. Estavam caminhando em direção a alguma coisa, uma linha longínqua de alguma coisa que parecia delicada e brilhante como plástico, uma barreira distante quase invisível, que atravessava a planície branca, de neve. No íntimo Shevek estava com medo de aproximar-se, mas para Takver ele falou: “Logo estaremos lá”. Ela não lhe respondeu.

CAPÍTULO VI

ANARRES

Quando Shevek recebeu alta, depois de uma década no hospital, o vizinho do Quarto 45 foi vê-lo. Era um matemático, alto e muito magro. Tinha um olho estrábico não corrigido, e por isso as pessoas nunca tinham certeza se ele estava olhando para elas, nem/ou se elas estavam olhando para ele. Ele e Shevek coexistiam amigavelmente há um ano, lado a lado no domicílio do pessoal do Instituto, mas nunca haviam trocado uma frase inteira.

Desta feita Desar entrou e fitou Shevek ou o que estava ao lado.

— Precisa de alguma coisa?

— Está tudo bem, obrigado.

— Que tal trazer jantar refeitório?

— Para dois? — perguntou Shevek, influenciado pelo estilo telegráfico de Desar.

— Está certo.

Desar trouxe duas bandejas com jantar do refeitório do Instituto, e os dois comeram juntos no quarto de Shevek. Por três dias fez o mesmo durante as refeições, até que Shevek se sentisse em condições de sair novamente. Era difícil entender por que Desar estava fazendo isso. Ele não era amável, e as perspectivas da fraternidade não pareciam ter muito significado para ele. Uma das razões que o levavam a manter-se afastado das outras pessoas era a intenção de ocultar sua própria desonestidade; ou ele era pavorosamente preguiçoso, ou então francamente apropriador, pois o Quarto 45 vivia abarrotado de objetos a que ele não tinha direito nem razão para guardar: pratos do refeitório, livros das bibliotecas, um conjunto de instrumentos de xilogravura do depósito de artes e artesanato, um microscópio de um laboratório, oito cobertores diferentes, um armário entupido de roupas, algumas das quais visivelmente não lhe serviam nem nunca serviram, e outras que ele devia ter usado quando tinha seis ou dez anos. Tinha-se a impressão de que ele costumava ir aos depositórios e armazéns e pegava um monte de coisas, precisasse delas ou não.

— Por que você guarda tanto troço? — perguntou-lhe Shevek, quando foi pela primeira vez admitido nesse quarto. Desar olhou para um ponto entre os dois.

— Apenas por amontoar.

O ramo da matemática escolhido por Desar era tão esotérico que ninguém no Instituto ou da Federação de Matemática podia realmente checar seu progresso. Fora precisamente por isso que ele o escolhera. Supunha que a motivação de Shevek fosse a mesma.

— Bolas — disse ele —, trabalho? Tenho bom posto aqui. Sequência, Simultaneidade, tudo merda.

Em alguns momentos Shevek gostava de Desar e em outros o detestava, pelas mesmas qualidades. Continuou deliberadamente a procurá-lo, no entanto, como parte de sua resolução de mudar de vida.

A doença o levava a tomar consciência de que, se tentasse continuar a viver só, ele iria desmoronar. Via isso em termos morais e se analisou impietosamente. Ele vinha se guardando para si mesmo, indo de encontro aos imperativos éticos da fraternidade. Aos vinte anos de idade Shevek não era a rigor um chato presunçoso, graças à sua moral arrebatada e drástica; mas essa moral ainda se ajustava a um padrão rígido, ao Odonismo ensinado às crianças por adultos medíocres, a um

sermão assimilado.

Estivera em erro. Precisava agir certo. E o fez.

Proibiu-se a física cinco noites em dez. Apresentou-se como voluntário para trabalhos de comitê na administração do domicílio do Instituto. Assistia às reuniões da Federação de Física e do Sindicato de Membros do Instituto. Matriculou-se num grupo que estava praticando exercícios de bioalimentação e de treinamento das ondas cerebrais. No refeitório, obrigava-se a sentar-se em mesas maiores, em vez de ficar numa mesa pequena, com um livro à frente.

Foi surpreendente: as pessoas pareciam estar mesmo esperando por ele. Aceitaram-no, acolheram-no com prazer, convidavam-no como companheiro de cama e camarada. Levavam-no a todo lugar e em três décadas ele aprendeu mais sobre Abbenay do que havia aprendido em um ano. Reunia-se a grupos festivos de jovens para ir a campos de esportes, centros de artes manuais, piscinas, festivais, museus, teatros, concertos.

Os concertos! Foram uma revelação, um choque de prazer.

Ele nunca tinha ido a um concerto em Abbenay, em parte porque achava que a música era algo muito mais para se fazer do que para se ouvir. Quando criança, sempre cantava ou tocava um instrumento ou outro, em conjuntos e corais regionais; essa experiência agradara-lhe muito, mas não era muito talentoso. E isso era tudo o que ele conhecia de música.

Os centros de aprendizagem desenvolviam todas as habilidades necessárias à prática da arte: ensinavam canto, métrica, o uso do pincel, do cinzel, da faca, do torno, e por aí fora. Tudo era pragmático: as crianças aprendiam a ver, a falar, a ouvir, a se movimentarem, a manusear. Não se fazia distinções entre artes e ofícios. A arte não era considerada como tendo um lugar na vida, mas como uma técnica básica da vida, como a fala. Por conseguinte a arquitetura desenvolvera, cedo e livremente, um estilo coerente, puro e simples, de proporções sutis. A pintura e a escultura eram amplamente usadas como elementos da arquitetura e do planejamento urbano. Quanto às artes das palavras, a poesia e as narrativas tendiam a ser efêmeras, ligadas ao canto e à dança; somente o teatro ocupava um lugar todo seu, e apenas o teatro era chamado “a Arte”, algo completo em si mesmo. Havia muitos grupos regionais ou itinerantes de atores e dançarinos, companhias de repertório, aos quais os dramaturgos ligavam-se com frequência. Encenavam tragédias, comédias semi-improvisadas, espetáculos de mímica. Esses grupos eram bem-vindos como a chuva nas solitárias cidades do deserto, eram a glória do ano, em qualquer lugar que chegassem. Tendo nascido do isolamento e do espírito comunitário de Anarres que ao mesmo tempo encarnava, o drama atingira uma força e um brilho extraordinários.

Shevek, contudo, não era sensível à arte dramática. Gostava do esplendor verbal, mas a ideia de representar era incompatível com a sua natureza. Foi somente em seu segundo ano de Abbenay que descobriu, finalmente, a sua Arte; a arte que é feita do tempo. Alguém o levou a um concerto no Sindicato da Música. Na noite seguinte, ele voltou. Ia a todo concerto, com seus novos conhecidos se possível, sem eles se necessário. A música era uma necessidade mais premente do que o companheirismo, uma satisfação mais profunda.

Seus esforços para romper a solidão interior eram na verdade um fracasso e ele o sabia. Não fez nenhum amigo íntimo. Copulou com muitas garotas, mas a cópula não estava sendo o prazer que deveria. Não passava de mera satisfação de uma necessidade, como evacuar, e ele se sentia envergonhado depois, porque implicava usar outra pessoa como objeto. A masturbação era preferível, o ato adequado para um homem como ele. A solidão era seu destino, estava preso na armadilha de sua própria hereditariedade. Ela já havia dito: “O trabalho vem em primeiro lugar”. Rulag afirmara isso calmamente, expressando uma realidade, impotente para mudá-la, libertar-se de

sua célula fria. E o mesmo se dava com ele. Seu coração enternecia-se e ansiava por elas, pelas almas jovens e amáveis que o chamavam de irmão, mas ele não conseguia atingi-las, nem elas a ele. Nasceria para ser sozinho, um intelectual abominavelmente frio, um egocêntrico.

O trabalho vinha em primeiro lugar, mas não levava a lugar nenhum. Como o sexo, deveria ser um prazer e não o estava sendo. Ele ficava remoendo os mesmos problemas, não se aproximando um passo sequer da solução do Paradoxo Temporal de To, e muito menos de uma Teoria da Simultaneidade, que acreditara estar quase alcançando no ano anterior. Essa segurança parecia-lhe agora quase inacreditável. Teria mesmo se acreditado capaz, aos vinte anos, de desenvolver uma teoria que mudaria as bases da física cosmológica? Deve ter ficado fora de si por muito tempo antes da febre, evidentemente. Matriculou-se em dois grupos de trabalho em matemática filosófica, convencendo a si mesmo de que lhe eram necessários, e recusando-se a admitir que poderia dirigir os dois cursos tão bem quanto os instrutores. Evitava Sabul o mais possível.

Em seu primeiro arroubo de novas resoluções, havia-se decidido a conhecer melhor Gvarab. Ela correspondeu da melhor forma que pôde, mas o inverno tinha sido duro com ela; estava doente, surda, e velha. Começou a dar um curso na primavera, mas depois desistiu. Instável, uma hora mal reconhecia Shevek e na próxima o arrastava até o seu domicílio para passarem a noite conversando. Ele de certa forma já ultrapassara as ideias de Gvarab, e achava penosas essas longas conversas. Ou tinha de deixar Gvarab entediá-lo horas a fio, repetindo o que ele já sabia ou havia em parte refutado, ou então tinha de magoá-la e confundi-la com a tentativa de retificar-lhe o raciocínio. Isso estava muito além da paciência e do tato de alguém na idade dele, e acabou por evitar Gvarab sempre que podia, e sempre com um sentimento de culpa.

Não havia mais ninguém com quem ele pudesse falar de seu trabalho. Ninguém no Instituto conhecia a física temporal pura o suficiente para discutir com ele. Ele gostaria de ensiná-la, mas ainda não lhe tinham dado um posto no magistério, nem uma sala de aula no Instituto; o Sindicato dos Membros, composto de professores e alunos, havia recusado seu pedido. Não queriam entrar em atritos com Sabul.

Com o passar do ano, adquiriu o hábito de ficar grande parte de seu tempo a escrever cartas para Atro e outros físicos e matemáticos de Urrás. Poucas foram enviadas. Algumas ele escrevia e depois simplesmente rasgava. Descobriu que o matemático Loai An, para quem ele escrevera um estudo de seis páginas sobre a reversibilidade temporal, já estava morto há vinte anos; ele havia negligenciado a leitura do prefácio biográfico às *Geometrias do Tempo*, de An. Outras cartas, que ele empreendeu enviar pelas naves cargueiras de Urrás foram interceptadas pelos administradores do Porto de Abbenay. O Porto era diretamente controlado pelo CDP, uma vez que suas operações implicavam a coordenação de muitos sindicatos, e alguns dos coordenadores tinham de falar iótico. Esses administradores do Porto, com seus conhecimentos especiais e posição importante, tendiam a adquirir a mentalidade burocrática; disseram “não” automaticamente. Desconfiavam das cartas destinadas a matemáticos, pois pareciam códigos e ninguém podia lhes assegurar que não o eram. As cartas destinadas aos físicos passavam se Sabul, o seu consultor, as aprovasse. Ele não aprovava as que tratassem de assuntos fora de seu próprio ramo da Física Sequencial. “Não é de minha competência”, resmungava ele, afastando a carta para o lado. Shevek de qualquer modo as enviava para os administradores do Porto e sempre voltava com o carimbo “Não aprovado para exportação”.

Ele levantou a questão na Federação de Física, a cujas reuniões Sabul raramente se dava o incômodo de assistir. Ninguém nessas reuniões dava muita importância ao problema da livre comunicação com o inimigo ideológico. Alguns deles criticavam Shevek por trabalhar num campo tão misterioso, que não havia, como ele admitia, mais ninguém em seu próprio mundo competente

para discuti-lo. “Mas é apenas por ser muito novo”, dizia ele, o que não o levava a nada.

— Se é novo, partilhe-o conosco, não com os apropriadores!

— Há um ano que eu a cada trimestre me ofereço para dar um curso do assunto. Você sempre dizem que não há número suficiente de interessados pelo curso. Estão com medo por ser novo?

Isso não o fez ganhar nenhum amigo. Ele os deixou furiosos.

Continuou a escrever cartas para Urrás, mesmo quando não enviava uma sequer. O fato de escrever para alguém que talvez entendesse, que talvez tivesse entendido, é que o levava a escrever, a pensar. Senão, não lhe seria possível.

As décadas se passavam, os trimestres também. Duas ou três vezes a recompensa chegava: uma carta de Atro ou de outro físico de A-Io ou Thu, uma carta longa, compactamente escrita, compactamente argumentada, só com teoria da saudação à assinatura, toda ela com noções altamente abstrusas de física temporal meta-matemático-ético-cosmológica, escrita em uma língua que ele não falava, por homens a quem não conhecia, tentando violentamente destruir suas teorias, inimigos de sua terra natal, rivais, estrangeiros, irmãos.

Durante vários dias após o recebimento de uma carta, ele ficava irascível e excitado, trabalhava dia e noite, jorrando ideias como uma fonte. Depois, lentamente, com lutas e esforços desesperados, voltava para a terra, para o solo árido, e ele secava.

Estava terminando seu terceiro ano de Instituto quando Gvarab morreu. Ele pediu para falar na cerimônia do enterro, que foi realizada, como era costume, no lugar onde o morto havia trabalhado: no caso uma das salas de aula, no edifício dos laboratórios de física. Foi o único orador. Nenhum estudante compareceu; Gvarab não dava aulas há dois anos. Alguns membros mais idosos do Instituto compareceram, e um filho de Gvarab, de meia-idade, um químico agrícola do Nordeste, estava presente. Shevek falou, do mesmo lugar onde a velha professora costumava dar suas aulas. Ele disse àquelas pessoas, com uma voz enrouquecida por um já costumeiro resfriado de inverno, que Gvarab havia assentado os alicerces da ciência do tempo, e que foi a maior cosmologista que já havia trabalhado no Instituto. “Agora temos nossa Odo em física”, ele disse. “Nós a tivemos, mas não soubemos honrá-la.” Mais tarde uma velhinha agradeceu-lhe, com lágrimas nos olhos: “Sempre fazíamos as tarefas do décimo dia juntas, ela e eu, como zeladoras de nosso bloco, e nos distraíamos tanto conversando...”, disse ela, piscando muito devido ao vento gelado, quando deixavam o edifício. O químico agrícola murmurou uns agradecimentos polidos e apressou-se para apanhar um transporte e voltar para o Nordeste. Subitamente agitado pela dor, pela impaciência e por um sentimento de inutilidade, Shevek pôs-se a caminhar a passos rápidos pela cidade, sem destino.

Estava ali há três anos, e o que tinha realizado? Um livro, do qual Sabul se apropriara, uns cinco ou seis estudos não publicados, e uma oração fúnebre por uma vida desperdiçada.

Nada do que ele fazia era compreendido. Para falar com franqueza, nada do que ele fazia tinha importância. Não estava exercendo função necessária alguma, pessoal ou social. Na verdade um fenômeno nada incomum em seu campo de trabalho — ele arrefecera aos vinte anos. Nada mais poderia realizar. Tinha esbarrado no muro de verdade.

Parou em frente ao auditório do Sindicato de Música para ver a programação daquela década. Não havia concerto programado para aquela noite. Afastou-se do cartaz e deu de cara com Bedap.

Bedap, sempre defensivo e bastante míope, não deu sinal de reconhecê-lo. Shevek segurou-lhe o braço.

— Shevek! Caramba, é você!

Abraçaram-se, beijaram-se, apartaram-se, voltaram a se abraçar. Shevek sufocava de amor. Por quê? Ele nem gostava tanto assim de Bedap, no último ano que passaram juntos no Instituto Regional.

Nunca tinham se escrito nesses três anos. Sua amizade pertencia à infância, ao passado. E no entanto o amor estava ali: chamejava como brasa reavivada.

Caminharam, conversaram, sem perceberem para onde iam. Agitavam os braços, interrompiam-se. As largas ruas de Abbenay estavam tranquilas na noite hibernal. Em cada cruzamento a fraca luz de um lampião formava uma poça prateada, por onde corriam flocos de neve como cardume de peixinhos, perseguindo sua própria sombra. E a neve era seguida por um vento cortante. Lábios dormentes e o tiritar de dentes começaram a interferir na conversa. Pegaram o ônibus das dez, o último, para o Instituto; o domicílio de Bedap ficava no extremo leste da cidade, uma caminhada longa demais para uma noite de frio.

Ele olhou para o Quarto 46 com uma expressão irônica de espanto.

— Shev, você vive como um desses corruptos aproveitadores urrastis!

— Deixe disso, não é tanto assim. Mostre uma coisa aqui que seja excrementícia!

O quarto, de fato, só continha praticamente o que já havia quando Shevek entrou ali pela primeira vez. Bedap apontou:

— Esse cobertor.

— Já estava aí quando cheguei. Alguém o fez a mão e deixou aí quando se mudou. Um cobertor será excesso numa noite dessas?

— Mas a cor é decididamente excremental — disse Bedap. — Como analista de funções, devo apontar-lhe que não há nenhuma necessidade de alaranjado. O alaranjado não serve a nenhuma função vital no organismo social, tanto no nível celular como no orgânico, e muito menos no centralíssimo nível ético; e nesse caso a tolerância é pior do que excreção. Mande tingi-lo de verde, irmão! E o que é isso tudo aí?

— Notas.

— Em código? — perguntou Bedap, folheando um caderno com a frieza que Shevek lembrava que lhe era característica. Ele tinha ainda menos senso de privacidade, de propriedade privada, do que a maior parte dos anarrestis. Bedap nunca teve um lápis favorito que carregasse para todo lugar, nem uma camisa velha da qual gostasse a ponto de detestar ter de jogá-la na cuba de reciclagem, e se ganhasse um presente tentava guardá-lo por respeito ao doador, mas sempre o perdia. Tinha consciência dessa característica e dizia que ela mostrava que ele era menos primitivo do que a maioria das pessoas, um exemplo precoce do Homem Prometido, um Odonista autêntico, de berço. Mas na realidade tinha algum senso de privacidade, de intimidade. Começava em sua própria cabeça — na dele e na dos outros — e daí por diante devia ser total. Ele nunca bisbilhotava ou se metia. Agora ele falou:

— Lembra-se daquelas cartas bobas que nos escrevíamos quando você estava no projeto de reflorestamento?

— Isso não é código, é iótico.

— Você aprendeu iótico? Por que escreve em iótico?

— Porque aqui nesse planeta ninguém entende o que eu digo. Ou não quer. A única pessoa que entendia morreu há três dias.

— Sabul morreu?

— Não. Gvarab. Sabul não está morto. Que azar!

— Qual é o problema?

— O problema com Sabul? Em parte inveja e em parte incompetência.

— Eu pensava que o livro dele sobre a causalidade fosse considerado de primeira categoria. Você mesmo disse isso.

— Eu pensava assim, antes de ler as fontes. São todas ideias urrastis. E nem novas são. Há vinte anos que ele não tem uma única ideia que seja dele. Nem toma banho.

— E as suas próprias ideias, como andam? — perguntou Bedap, pondo uma das mãos sobre o caderno, olhando para Shevek, com as sobrancelhas franzidas. Bedap tinha olhos pequenos e bastante fechados, um rosto enérgico e o corpo atarracado. Roía as unhas, e anos desse hábito as reduziram a meras listras, de ponta a outra de seus dedos grossos e sensíveis.

— Nada bem — respondeu Shevek, sentando-se sobre a cama. — Estou no campo errado.

Bedap deu um riso largo.

— Você?

— Acho que no final desse trimestre vou pedir mudança de posto.

— Para que campo?

— Pouco importa. Ensino, engenharia. Tenho de largar a física.

Bedap se sentou na cadeira da escrivaninha, roeu uma unha e disse:

— Isso é muito estranho.

— Reconheci minhas limitações.

— Não sabia que você tinha alguma. Em física, quer dizer. Você tinha todo tipo de limitações e defeitos. Mas não em física. Não sou nenhum temporalista, sei disso. Mas não se precisa saber nada para se conhecer um peixe, nem se precisa ter brilho para reconhecer uma estrela...

Shevek olhou para o amigo, e revelou, num impulso, o que nunca fora capaz de se dizer claramente.

— Já pensei em suicídio. Pensei muito. Esse ano. Parece ser a melhor solução.

— Essa dificilmente é a solução para se passar para o outro lado do sofrimento.

Shevek deu um ligeiro sorriso.

— Você ainda se lembra disso?

— Nitidamente. Foi uma conversa muito importante para mim. E para Takver e Tirin, acho eu.

— Foi mesmo? — Shevek levantou-se. Só se podia dar quatro passos no quarto, mas ele não conseguia ficar parado. — Foi importante para mim também, na ocasião — disse ele, de pé, junto à janela. — Mas aqui eu mudei. Há alguma coisa de errado por aqui. Não sei o que é.

— Eu sei — disse Bedap. — É o muro. Você esbarrou com o muro.

Shevek voltou-se, com o ar atemorizado.

— O muro?

— Em seu caso, o muro deve ser Sabul, e os que o apoiam, nos sindicatos da ciência e no CDP. Quanto a mim, estou em Abbenay há quatro décadas. Quarenta dias. O suficiente para ver que eu aqui, em quarenta anos, não vou conseguir realizar nada, absolutamente nada, do que quero fazer pela melhoria do ensino de ciências nos centros de aprendizagem. A não ser que as coisas mudem, ou então que eu me junte aos inimigos.

— Inimigos?

— Os homenzinhos, os amigos de Sabul! Os que estão no poder.

— De que está falando, Dap? Não temos estruturas de poder.

— Não? E o que faz Sabul tão poderoso?

— Não uma estrutura de poder, um governo. Afinal de contas isso aqui não é Urrás!!

— Não. Não temos governos, nem leis, certo. Mas que eu saiba, as *ideias* nunca foram controladas por leis, nem por governos, mesmo em Urrás. Se fossem, como Odo poderia ter desenvolvido as suas? Como o Odonismo se teria tornado um movimento mundial? Os hierarquistas tentaram esmagá-lo com a força e não conseguiram. Não se pode esmagar ideias reprimindo-as. Só

se pode exterminá-las ignorando-as, recusando-se a pensar, recusando-se a mudar. E é precisamente isso que nossa sociedade está fazendo! Sabul usa você quando pode, e quando não pode ele o impede de publicar, de ensinar e até de trabalhar. Certo? Em outras palavras, ele tem poder sobre você. E de onde ele o tira? Não de uma autoridade investida, pois não há nenhuma. Não da capacidade intelectual, pois ele não tem nenhuma. Ele o tira da covardia inata da mente humana média. Da opinião pública! É dessa estrutura de poder que ele é parte, e sabe como usá-lo. O governo não admitido e inadmissível que controla a sociedade Odonista pela repressão da mente individual.

Shevek apoiou as mãos no peitoril da janela, olhando através dos fracos reflexos da vidraça para a escuridão lá fora. Finalmente falou:

— Que ideia mais maluca, Dap.

— Não, irmão, estou em perfeito juízo. O que enlouquece as pessoas é tentar viver fora da realidade. A realidade é terrível. Pode matá-lo. Com o tempo, é certo que vai matá-lo. A realidade é dor, você mesmo disse! Mas são as mentiras, as fugas da realidade que enlouquecem. São as mentiras que levam você a querer se matar.

Shevek virou-se para encará-lo.

— Mas não se pode dizer seriamente que haja governo aqui!

— Das *Definições* de Tomar: “Governo: uso legal do poder para manter e estender o poder”. Substitua “legal” por “habitual” e estaremos falando de Sabul, e do Sindicato da Educação e do CDP.

— O CDP!

— O CDP na atualidade é basicamente uma burocracia hierárquica.

Depois de um momento Shevek achou graça, sem muita naturalidade, e disse:

— Ora, vamos, Dap, isso é engraçado, mas é meio doentio, não acha?

— Shev, você alguma vez já pensou que aquilo que o modo analógico chama de “doença”, dissidência social, descontentamento, alienação, poderia também analogicamente ser chamado de dor, daquilo a que você se referiu quando falou de dor, de sofrimento? E que isso, como a dor, serve a uma função no organismo.

— Não! — respondeu Shevek, violentamente. — Eu estava falando em termos pessoais, em termos espirituais.

— Mas você falou de sofrimento físico, de um homem morrendo com queimaduras. E eu estou falando de sofrimento espiritual! De pessoas que estão vendo seus talentos, seu trabalho, suas próprias vidas desperdiçadas. De mentes inteligentes submetendo-se à estupidez de outras. Da força e da coragem sufocadas pela inveja, pela avidez de poder, pelo medo de mudar. Mudança é liberdade, mudança é vida... há alguma coisa de mais essencial ao pensamento Odonista do que isso? Mas nada mais muda! Nossa sociedade está doente. Você sabe disso. Você sofre dessa doença. Dessa doença suicida!

— Chega, Dap. Mude de assunto.

Bedap não disse mais nada. Começou a roer a unha do polegar, metódica, refletidamente.

Shevek sentou de novo na cama e apoiou a cabeça inclinada em suas mãos. Houve um longo silêncio. A neve cessara. Um vento seco e sombrio batia na vidraça da janela. Fazia frio no quarto; nenhum dos dois homens tirara o casaco.

— Escute, irmão — disse Shevek afinal. — Não é a nossa sociedade que tolhe a criatividade individual. É a pobreza de Anarres. Esse planeta não era para abrigar uma civilização. Se não dermos as mãos, se não abdicarmos de nossos desejos pessoais pelo bem comum, nada, nada nesse mundo árido poderá nos salvar. A solidariedade humana é nosso único recurso.

— A solidariedade, eu sei! Mesmo em Urrás, onde a comida cai das árvores, mesmo lá Odo disse que a solidariedade humana é nossa única esperança. Mas nós traímos essa esperança. Deixamos a cooperação virar obediência. Em Urrás o governo está com a minoria. Aqui somos governados pela maioria. Mas é um governo! A consciência social não é mais algo de vivo, mas uma máquina, uma máquina de poder controlada por burocratas!

— Você ou eu poderíamos nos apresentar como voluntários e sermos sorteados para um posto no CDP, em poucas décadas. Isso nos transformaria em burocratas, em patrões?

— Não se trata dos indivíduos que ocupam cargos no CDP, Shev. A maior parte é igual a nós. São demais semelhantes a nós. Bem intencionados, ingênuos. E não se trata apenas do CDP. Trata-se de Anarres inteiro. Dos centros de aprendizagem, institutos, minas, pesqueiros, fábricas de conservas, das estações de pesquisa e desenvolvimento agrícola, comunidades de produto único, onde quer que a função exija perícia e uma instituição estável. Mas essa estabilidade dá ensejo ao impulso autoritário. Nos primeiros anos do Povoamento tínhamos consciência disso, tomávamos cuidado com isso. Naquele tempo as pessoas se empenhavam em discriminar entre administrar as coisas e governar as pessoas. E o fizeram tão bem que esquecemos que a vontade de dominação é tão central no ser humano quanto o impulso de ajuda mútua e tem de ser educada em cada indivíduo, em cada geração. Ninguém nasce mais Odonista do que se nasce civilizado. Mas nós esquecemos disso. Não educamos para a liberdade. A educação, a atividade mais importante do organismo social, tornou-se rígida, moralista, autoritária. As crianças aprendem a repetir as palavras de Odo como se fossem *leis*, a maior das blasfêmias!

Shevek hesitou. Ele conheceu bem demais o tipo de ensinamento de que Bedap estava falando, quando criança, e até ali mesmo no Instituto, para ser capaz de negar as suas acusações.

Bedap aproveitou a vantagem inexoravelmente.

— É sempre mais fácil não se pensar por si mesmo. Achar uma hierarquia bem segurinha e se acomodar. Não façam mudanças, não corram o risco de serem reprovados, não perturbem seus síndicos. É sempre mais fácil deixar-se ser governado.

— Mas não é governo, Dap! Os especialistas e os mais experientes sempre terão de dirigir qualquer equipe ou sindicato; eles conhecem melhor o trabalho. E afinal o trabalho tem de ser feito!! Quanto ao CDP, está bem, poderia tornar-se uma hierarquia, uma estrutura de poder, se não fosse organizado exatamente para evitar isso. Veja como é organizado! Voluntários, selecionados por sorteio; um ano de treinamento, depois quatro anos num posto e depois rua! Ninguém pode adquirir poder, no sentido hierarquista, num sistema desses, com apenas quatro anos para adquiri-lo.

— Alguns ficam mais de quatro anos.

— Os consultores? Mas eles não votam.

— Os votos não são importantes. Há pessoas que ficam nos bastidores.

— Ora, vamos, isso é pura paranoia! Nos bastidores... como assim? Que bastidores? Qualquer um pode assistir às reuniões do CDP, e se for um síndico participante pode debater e votar! Você está tentando insinuar que temos *políticos* aqui?

Shevek estava furioso com Bedap; suas orelhas salientes estavam em brasa e sua voz se elevava. Era tarde, não havia nenhuma luz acesa pelo quadrilátero. Desar, no Quarto 45, bateu na parede reclamando silêncio.

— O que eu estou dizendo você já sabe — retrucou Bedap, com a voz muito mais baixa. — Que é gente como Sabul que realmente manda no CDP e o dirige ano após ano.

— Se você sabe disso — acusou Shevek num sussurro áspero —, então por que ainda não o tornou público? Por que não convocou uma sessão de crítica em seu sindicato, já que você tem fatos?

Se suas ideias não poderão resistir a julgamento público, não vou querer ficar ouvindo-as como sussurros noturnos.

Os olhos de Bedap estavam pequenos como continhas de aço.

— Irmão — ele disse —, você é moralista e intolerante. Sempre o foi. Olhe para fora dessa sua maldita consciência limpa, pelo menos uma vez! Eu venho até você e sussurro porque sei que posso confiar em você, bolas! Com quem mais posso falar? Quer que eu acabe como Tirin?

— Como Tirin? — perguntou Shevek, levantando a voz de surpresa, Bedap o silenciou com um gesto em direção à parede. — O que houve com Tirin? Onde ele está?

— No asilo da Ilha Segvina.

— No asilo?

Sentado de lado na cadeira, Bedap levantou os joelhos até a altura do queixo e os envolveu em seus braços. Dessa feita ele falou calmo, com relutância.

— Tirin escreveu uma peça e a encenou, no ano seguinte ao que você partiu. Era engraçada, louca, você sabe o tipo de coisa que ele faz. — Correu a mão pelos cabelos ásperos e ruivos, soltando a trança que os prendia. — A peça podia parecer anti-Odonista para quem fosse estúpido. E muita gente é estúpida. Houve a maior confusão. Ele foi repreendido. Uma repreensão pública. Eu nunca tinha visto uma. Todo mundo vai à reunião de seu sindicato e lhe dizem para parar. Era assim que eles costumavam cortar as asas de um chefe de equipe mandão ou de um administrador. Agora eles só fazem isso para dizer a um indivíduo que deixe de pensar por si mesmo. Foi muito chato. Tirin não podia suportá-lo. Acho que o deixou mesmo um pouco fora de si. Achava que estava todo mundo contra ele, depois disso. Começou a falar demais, com amargura. Não palavras irracionais, mas sempre críticas, sempre amargas. E falava desse jeito com todo mundo. Bom, ele terminou os cursos do Instituto, qualificou-se como instrutor de matemática e pediu um posto. E conseguiu um. Para uma equipe de consertos de estradas no Sul-Poente. Protestou dizendo que havia um equívoco, mas os computadores da Divlab repetiram a indicação. E então ele foi.

— Tirin nunca trabalhou ao ar livre, durante o período inteiro que convivemos — interrompeu Shevek. — Desde que ele tinha dez anos. Sempre dava um jeito de trabalhar em escritórios. A Divlab agiu com justiça.

Bedap não deu atenção ao que ouviu.

— Não sei o que foi que houve lá pelo sul. Ele me escreveu diversas vezes e cada carta vinha de um novo posto. E era sempre indicado para trabalhos físicos, em pequenas comunidades afastadas. Ele me escreveu dizendo que iria largar o posto e ia voltar para Norte-Nascente para me ver. E não voltou. Parou de escrever. Por fim consegui localizá-lo através dos Arquivos do Trabalho em Abbenay. Eles me enviaram uma cópia da ficha dele, e a última indicação dizia apenas “Terapia. Ilha Segvina.” Terapia! Tirin assassinou alguém? Violentou alguém? Por que outro motivo pode se mandar alguém para um asilo?

— Ninguém manda ninguém para um asilo. Você é que pede para ser admitido.

— Não me venha com esse papo de merda — disse Bedap, com súbita cólera. — Ele nunca pediu que o mandassem para lá! Eles o enlouqueceram e depois o mandaram para lá. É de Tirin que eu estou falando, de Tirin, lembra-se dele?

— Eu o conheci antes de você conhecê-lo. E o que você pensa que o Asilo é? Uma prisão? É um refúgio. Se há assassinos e trabalhadores com o hábito crônico de abandonar seus postos por lá, é porque pediram para ficar lá, pois lá estarão livres de pressões e resguardados de castigos. Mas quem são essas pessoas de quem você não para de falar? Quem são “eles”? “Eles” o enlouqueceram e etc. e tal. Você está querendo dizer que o sistema social inteiro é nocivo? Que de fato “eles”, os

perseguidores de Tirin, inimigos seus, “eles”, somos nós, o organismo social?

— Se você pode afastar Tirin de sua consciência como um abandonador crônico de postos de trabalho, acho que não tenho mais nada a lhe dizer — respondeu Bedap, enroscado em cima da cadeira. Havia um tom de mágoa tão espontâneo e simples em sua voz que a ira virtuosa de Shevek estancou.

Nenhum dos dois falou por um momento.

— É melhor eu ir para casa — disse Bedap, desdobrando as pernas enrijecidas e levantando-se.

— É uma hora a pé daqui. Não seja estúpido.

— Bem, eu achava que... já que...

— Não seja estúpido.

— Está certo. Onde é a privada?

— À esquerda, terceira porta.

Quando retornou, Bedap propôs dormir no chão, mas como não havia tapete e apenas um cobertor quente, essa ideia era, como observou Shevek monotonamente, estúpida. Ambos estavam mal-humorados e zangados; magoados, como se tivessem trocado socos, sem pôr toda a raiva para fora. Shevek puxou o lençol e eles se deitaram. Quando apagaram a luz, uma escuridão prateada penetrou no quarto; a semiescuridão da noite urbana quando há neve no chão e a terra envia para o alto fracos reflexos de luz. Fazia frio. Ambos saudaram com prazer o calor do corpo um do outro.

— Retiro o que disse sobre o cobertor.

— Escute Dap, eu não quis...

— Ora, vamos deixar para falar disso amanhã de manhã.

— Certo.

Chegaram mais para perto um do outro. Shevek ficou de bruços e caiu no sono em dois minutos. Bedap lutou para ficar consciente, foi suavemente caindo no calor, mais profundo, no abandono total, na confiança do sono, e adormeceu. De madrugada um deles berrou, sonhando. O outro estendeu o braço, sonolento, e murmurou palavras tranquilizadoras; e o peso quente de seu contato na escuridão sobrepujou todo o medo.

Eles tornaram a se encontrar na noite seguinte e discutiram se deviam ou não ser pares por um período, como haviam sido quando eram adolescentes. Precisava ser discutido, pois Shevek era decididamente heterossexual e Bedap francamente homossexual; o prazer da parceria seria sobretudo para Bedap. Shevek estava perfeitamente disposto, contudo, a reafirmar a velha amizade; e quando viu que o elemento sexual dessa amizade significava muito para Bedap, era para ele uma satisfação verdadeira, tomou a iniciativa, e com ternura e obstinação consideráveis assegurou-se de que Bedap passaria a noite com ele outra vez. Foram para um quarto individual num domicílio do centro da cidade e lá viveram juntos durante cerca de uma década; depois separaram-se de novo, Bedap para seu dormitório e Shevek para o Quarto 46. Não havia um forte desejo sexual em nenhum dos dois para que a relação pudesse durar muito. Eles tinham simplesmente reafirmado a confiança mútua.

Todavia, às vezes Shevek se perguntava, pois continuou a ver Bedap quase diariamente, por que ele gostava e confiava em seu amigo. Achava as atuais opiniões de Bedap detestáveis e a sua insistência em expressá-las cansativa. Discutiam violentamente em quase todos os encontros. Causaram muito sofrimento um ao outro. Ao deixar Bedap, Shevek com frequência se acusava de estar meramente se aferrando a uma lealdade pertencente ao passado e jurava furiosamente não voltar a ver Bedap.

Mas o fato é que ele gostava mais de Bedap agora do que durante a adolescência. Inepto, obstinado, dogmático, destrutivo: Bedap podia ser tudo isso; mas ele atingira uma liberdade de pensamento que Shevek almejava, embora detestasse a expressão dessa liberdade. Ele havia mudado a vida de Shevek e Shevek sabia disso, sabia que finalmente podia prosseguir, e que foi Bedap quem o fez capaz de prosseguir. Combatia Bedap a cada passo, mas não deixava de ir vê-lo, para discutir, para ferir e ser ferido, para encontrar, atrás da raiva, da negação e da rejeição, o que ele buscava. Não sabia o que buscava. Mas sabia onde procurá-lo.

Foi, inconscientemente, um período tão infeliz para ele quanto o ano que o precedera. Continuava a não avançar em nada em seu trabalho; na verdade ele abandonara completamente a física temporal e retrocedera ao humilde trabalho de laboratório, realizando diversas experiências no laboratório de irradiações juntamente com um técnico surdo e calado, estudando velocidades subatômicas. Era um campo muito explorado e seu retardado ingresso nesse campo foi considerado por seus colegas como sinal de que ele finalmente tinha deixado de querer ser original. O Sindicato de Membros do Instituto deu-lhe uma cadeira em física matemática para iniciantes. Não teve sentimento de triunfo algum por ter conseguido afinal que lhe dessem um posto no ensino, pois não passava disso: tinham-lhe dado um posto, permitiram-lhe que ensinasse. Não encontrava muito conforto em coisa alguma. O fato de ver os muros de sua consciência puritana e inflexível abrirem-se tanto significava tudo para ele menos um conforto. Sentia-se frio e perdido. Mas não tinha para onde se retirar, não tinha abrigo, e foi então avançando no frio, perdendo-se cada vez mais.

Bedap tinha feito muitos amigos — uma gente errática e descontente — e alguns deles sentiram simpatia pelo homem tímido. Não se sentiu mais próximo a eles do que às pessoas mais convencionais que conhecia no Instituto, mas achava a liberdade de pensamento deles mais interessante. Preservavam a autonomia da consciência, mesmo se para tal tivessem de se tornar excêntricos. Alguns deles eram *nuchnibis* intelectuais que há anos não trabalhavam em postos regulares. Shevek os censurava com severidade quando não estava com eles.

Um deles era um compositor chamado Salas. Salas e Shevek queriam aprender um com o outro. Salas sabia pouca matemática, mas enquanto Shevek pudesse explicar-lhe a física no modo analógico ou no experimental, ele seria um ouvinte ávido e inteligente. Da mesma forma, Shevek ficava ouvindo tudo que Salas pudesse dizer-lhe sobre a teoria musical, e tudo que Salas tocasse para ele ouvir, no gravador ou em seu instrumento, o portátil. Mas achava algumas das coisas que Salas lhe dizia extremamente perturbadoras. Salas tinha aceitado um posto para a escavação de um canal nas Planícies do Tamênio, a leste de Abbenay. Ele vinha para a cidade nos seus três dias de folga a cada década, e ficava com uma garota ou outra. Shevek supunha que ele tivesse aceitado o posto porque quisesse um pouco de trabalho ao ar livre para variar; mas depois descobriu que Salas nunca havia sido indicado para um posto em música, nem em outra coisa qualquer senão em trabalhos não especializados.

— Em que lista você se inscreveu na Divlab?

— Equipes de Trabalho Geral.

— Mas você é especializado! Você estudou seis ou oito anos no Conservatório do Sindicato da Música, não foi? Por que não lhe dão um posto como professor de música?

— Eles me deram. Recusei. E não estarei pronto a ensinar antes de uns dez anos. Sou um compositor, lembre-se, não um intérprete.

— Mas deve haver postos para compositores.

— Onde?

— No Sindicato da Música, suponho.

— Mas os síndicos da Música não gostam de minhas composições. E ainda não tem lá muita gente que goste. Não posso formar um sindicato sozinho, posso?

Salas era um homenzinho ossudo, já calvo na frente e no crânio; o que lhe restava de cabelo ele usava curto, uma franja bege e sedosa, em volta da nuca e do queixo. Tinha um sorriso doce, que lhe enrugava o rosto expressivo.

— Compreende, eu não componho do jeito que me ensinaram no conservatório. Faço música disfuncional. — Deu um riso mais doce do que nunca. — E eles querem corais. Eu detesto corais. Eles querem peças com grandes acordes harmoniosos, como Sessur escrevia. E eu detesto a música de Sessur. Estou compondo uma peça de câmara. Achei que podia intitulá-la *O Princípio da Simultaneidade*. Para cinco instrumentos, cada um tocando um tema cíclico independente; nada de causalidade melódica; a evolução reside inteiramente na relação das partes. Isso cria uma linda harmonia. Mas eles não a ouvem. Eles não a ouvirão. Eles não podem!

Shevek ficou refletindo por um momento.

— Se você a chamasse de *As Alegrias da Solidariedade* — disse — eles a ouviriam?

— Caramba! — disse Bedap, que entreouvira a conversa. — Essa foi a primeira coisa cínica que você já disse em sua vida, Shev. Bem-vindo à turma dos trabalhadores!

Salas achou graça.

— Eles dariam uma ouvida, mas a recusariam para gravação ou para execução regional. Não é no Estilo Orgânico.

— Não é de admirar que eu nunca tenha ouvido música profissional quando morava em Norte-Poente. Mas como eles podem justificar esse tipo de censura? Você faz música! A música é uma arte cooperativa, orgânica por definição, social. Talvez seja a mais nobre forma de comportamento social de que somos capazes. É certamente um dos trabalhos mais nobres que um indivíduo pode empreender. E por sua natureza, pela natureza de qualquer arte, é uma partilha. O artista partilha, essa é a essência de sua ação. Pouco importando o que os seus síndicos digam, como a Divlab pode justificar o fato de não lhe darem um posto em seu próprio campo?

— Eles não querem partilhá-lo — disse Salas cheio de satisfação. — Estão com medo.

Bedap falou mais seriamente:

— Eles podem justificá-lo porque a música não é uma coisa útil. Cavar canais é importante, você sabe; a música é mera decoração. O círculo deu a volta e retornou ao mais baixo tipo de utilitarismo aproveitador. Jogamos fora a complexidade, a vitalidade, a liberdade de criação e de iniciativa que era o centro do ideal Odonista. Retrocedemos ao puro barbarismo. Se é novo, fuja disso; se não se pode comer, joguem fora!

Shevek pensou em seu próprio trabalho e não teve nada a dizer. No entanto, ele não podia juntar-se às críticas de Bedap. Bedap o havia forçado a conscientizar que ele era, de fato, um revolucionário; mas sentia profundamente que era assim *em virtude* de sua criação e educação como um Odonista e um anarresti. Não podia rebelar-se contra sua sociedade, porque sua sociedade, propriamente concebida, era uma revolução permanente, um processo contínuo. E para reafirmar sua validade e sua força, pensou ele, precisava-se apenas agir, sem medo de castigos e sem esperança de recompensa: agir, do centro da alma.

Bedap e alguns amigos iam passar uma temporada fora da cidade juntos, fazendo uma excursão nas montanhas Ne Theras. Ele persuadira Shevek a ir. Shevek gostou da perspectiva de passar dez dias nas montanhas, mas não lhe agradava a perspectiva de dez dias de opiniões de Bedap. As conversas de Bedap eram todas muito parecidas com uma Sessão de Críticas — a atividade comunitária da qual ele menos gostava — onde as pessoas se levantavam e reclamavam de defeitos

de funcionamento da comunidade e, em geral, de defeitos no caráter de seus vizinhos. Quanto mais as férias se aproximavam, menos ele queria que chegassem. Mas enfiou um caderno no bolso — para poder ficar afastado fingindo trabalhar — e foi.

Encontraram-se de manhã cedo atrás do depósito de mercadorias de Ponta Oriental, três homens e três mulheres. Shevek não conhecia nenhuma das mulheres, e Bedap só o apresentou a duas delas. Quando iniciavam a viagem pela estrada rumo às montanhas, ele se enfileirou ao lado da terceira.

— Shevek — disse ele.

— Eu sei — disse ela.

Deu-se então conta de que já deviam ter se encontrado antes em algum lugar e que ele deveria saber o nome dela. Suas orelhas ficaram vermelhas.

— Você está brincando? — perguntou Bedap, alinhando-se à esquerda. — Takver estava conosco no Instituto de Norte-Poente. Ela já mora em Abbenay há dois anos. Vocês ainda não tinham se visto por lá?

— Eu já o vi umas duas vezes — disse a garota, rindo-se dele. Ela tinha o riso de uma pessoa que gosta de comer bem, um riso largo de criança. Era alta e mais para magra, braços redondos e quadris largos. Não era muito bonita; tinha o rosto trigueiro, alegre e inteligente. Havia um negrume em seus olhos, não a opacidade de olhos vivos e muito escuros, mas uma profundidade, quase como cinza preto, profunda, fina, e muito suave. Ao encontrar o seu olhar, Shevek compreendeu que cometera uma falta imperdoável em esquecê-la e, no mesmo instante dessa percepção, compreendeu também que havia sido perdoado. Que ele estava com sorte. Que sua sorte havia mudado.

Começaram a subir montanha adentro.

Ao anoitecer frio do quarto dia da excursão, ele e Takver se sentaram na encosta íngreme e sem vegetação, acima de um desfiladeiro. Quarenta metros abaixo deles, uma torrente descia o barranco ruidosamente, por entre rochas salpicadas. Havia pouca água corrente em Anarres; o lençol de água era muito baixo em quase todos os lugares e os rios muito pequenos. Só havia cursos de água velozes nas montanhas. O barulho da água a gritar, a clamar e a cantar era-lhes novo.

Eles tinham passado o dia escalando e descendo aquelas gargantas, em alto campo e às apalpadelas, e estavam com as pernas exaustas. O resto do pessoal estava na Pousada da Estrada, uma casa de pedra construída por e para excursionistas e muito bem conservada; a Federação das Ne Theras era o mais ativo dos grupos de voluntários que conservavam e protegiam os tão raros “pontos pitorescos” de Anarres. Um guarda florestal que lá morava durante o verão estava ajudando Bedap e os outros a juntar coisas das despensas bem guarneçadas para fazerem um jantar. Takver e Shevek tinham saído — nessa ordem e separadamente — sem dizer para onde iam, ou, na verdade, sem saber para onde.

Ele a encontrou na encosta íngreme, sentada entre moitas delicadas de espinhos-da-lua, que cresciam formando rendados pelas vertentes das montanhas, com seus galhos finos e rijos prateados pela luz do ocaso. Em uma abertura entre picos de montes orientais, uma luminosidade descolorida do céu anunciava o luar. A torrente estava barulhenta no silêncio das montanhas altas e tão despidas. Não havia vento, nenhuma nuvem. O ar nessas montanhas era como a ametista: claro, bruto, profundo.

Eles estavam ali sentados há algum tempo sem se falarem.

— Nunca em minha vida me senti tão atraído por uma mulher como tenho me sentido por você. Desde que começamos a excursão. — Shevek falou num tom frio, quase com ressentimento.

— Não tive intenção de estragar suas férias — disse ela, com seu riso largo e infantil, alto demais para o crepúsculo.

— Você não as estragou!

— Ótimo. Pensei que estava querendo dizer que essa atração o perturbava.

— Perturbar! É como um terremoto.

— Obrigada.

— Não é você — disse ele num tom áspero. — Sou eu.

— Isso é o que você pensa — disse ela.

Houve uma pausa um tanto longa.

— Se você quer copular — disse ela — por que não me convidou?

— Porque não tenho certeza se é isso mesmo que eu quero.

— Nem eu. — O riso dela sumiu. — Escute aqui — disse ela; sua voz era suave e não tinha muito timbre; tinha a mesma maciez felpuda dos olhos. — Tenho de lhe dizer. — Mas o que ela tinha que lhe dizer pairou no silêncio por um longo momento. Ele finalmente olhou para ela, com tanta súplica e apreensão que ela se apressou em falar e disse com rapidez: — Bem, só quero dizer que não quero copular com você agora. Nem com ninguém.

— Você jurou não fazer mais sexo?

— Não! — disse ela com indignação, mas sem dar qualquer explicação.

Ele atirou uma pedrinha na torrente lá embaixo, dizendo:

— Eu deveria fazer. Ou então sou impotente. Há meio ano que não faço, e foi apenas com Dap. Já faz quase um ano, na realidade. Estava me deixando cada vez mais insatisfeito, até que parei de tentar. Não valia a pena. Não valia o esforço. E no entanto... eu lembro... eu sei como *deveria* ser.

— Bem, é isso mesmo — disse Takver. — Eu fiz muito sexo para me divertir até os dezoito ou dezenove anos. Era excitante, interessante, um prazer. Mas depois... não sei. Como você disse, foi me deixando insatisfeita. Eu não queria prazer. Não apenas prazer, quer dizer.

— Você quer ter filhos?

— Sim, quando for hora.

Ele atirou outra pedrinha na torrente lá embaixo, que estava sumindo nas sombras da ravina, deixando apenas seu barulho para trás, uma harmonia interminável composta de desarmonias.

— Eu tenho uma obra a realizar — ele disse.

— E ficar celibatário ajuda?

— Há uma relação. Mas não sei qual, não é causal. Mais ou menos na mesma época em que o sexo começou a ficar difícil e sem interesse para mim, o trabalho também foi ficando. Três anos sem chegar a lugar algum. Esterilidade. Esterilidade de todos os lados. Até onde a vista pode alcançar, estende-se o deserto estéril, sob a luz impiedosa do sol inclemente; um ermo sem vida, sem caminhos, sem vigor, sem amor, juncado dos ossos de viajantes sem sorte.

Takver não sorriu; deu uma risadinha chorosa, como se sofresse. Ele tentou ver claramente o que o rosto dela dizia. Atrás do rosto de Takver, o céu estava claro e iluminado.

— O que há de errado no prazer, Takver? Por que você não o quer?

— Não há nada de errado. E eu quero tê-lo. Só que não tenho necessidade dele. E se eu aceito o que não necessito, nunca vou ter aquilo de que realmente tenho necessidade.

— E de que você necessita?

Ela baixou o olhar para o chão, riscando a superfície de um afloramento de rocha com a unha. Não falou nada. Encurvou-se para pegar um raminho de espinho-da-lua, mas não o arrancou, simplesmente o tocou, sentiu o caule felpudo e a folha frágil. Shevek viu na tensão de seus movimentos que ela estava tentando com todas as suas forças conter ou reprimir uma torrente de emoções para poder falar. Quando ela o fez, foi com uma voz baixa e ligeiramente enrouquecida.

— Eu preciso do laço — disse ela — de uma ligação verdadeira. Corpo e alma e por todos os

anos da vida. Nada mais. Nada menos.

Levantou para ele um olhar desafiante, poderia ter sido com rancor.

Uma alegria começou a subir dentro dele, como o barulho e o cheiro da água corrente subiam pela escuridão. Ele teve um sentimento de infinidade, de claridade, de claridade total, como se o tivessem libertado. Atrás da cabeça de Takver, a lua nascente iluminava o céu; os picos flutuavam, claros e prateados.

— Sim, é isso mesmo — disse ele, sem constrangimento, sem ter consciência de estar falando a outra pessoa; disse o que lhe veio à cabeça, pensativamente. — Eu nunca o encontrei.

Ainda havia um pouco de ressentimento na voz de Takver:

— Você nunca precisou encontrá-lo.

— Por que não?

— Porque nunca viu a possibilidade de tê-lo, suponho.

— O que você quer dizer com “possibilidade”?

— A pessoa!

Ele ficou pensando sobre isso. Estavam sentados a mais ou menos um metro de distância um do outro, envolvendo os joelhos com os braços pois já começava a fazer frio. O ar entrava-lhes pela garganta como água gelada. Podiam ver a respiração um do outro, um vapor tênue no luar que não parava de crescer.

— A noite que eu vi essa possibilidade — disse Takver — foi na véspera de sua partida do Instituto de Norte-Poente. Você se lembra, houve uma festa. Alguns entre nós não foram dormir e conversaram a noite inteira. Mas isso foi há quatro anos. E você nem sequer sabia o meu nome. — Não havia rancor em sua voz; ela parecia querer desculpá-lo.

— Você viu em mim, então, o que eu tenho visto em você nesses quatro dias?

— Não sei. Não sei dizer. Não foi apenas sexual. Já tinha sentido atração por você, antes disso. Dessa vez foi diferente; vi você. Mas não sei o que você vê, agora. E naquela noite eu não soube muito bem o que eu estava vendo. Não sabia quase nada a seu respeito. Só que quando você falou, tive a impressão de poder ver claro o que havia dentro de você, no centro. Mas talvez você fosse bem diferente do que eu achei que era. Isso não seria culpa sua, afinal — acrescentou. — Só percebi que o que vi em você era o que eu necessitava; não apenas o que eu queria.

— E você está em Abbenay há dois anos e não...

— E não o quê? Estava tudo apenas em mim, em minha cabeça, você nem sequer sabia meu nome. Uma única pessoa não podia formar uma união, afinal!!

— E você tinha medo de se aproximar de mim e eu não querer o laço.

— Não era medo. Eu sabia que você era uma pessoa que... não seria forçado... Bem, sim, eu estava com medo. Estava com medo de você. Não de estar me enganando. Eu sabia que não era um engano. Mas você é... você mesmo. Você não é igual à maioria das pessoas, você sabe. Eu tinha medo de você porque sabia que éramos iguais! — O tom de sua voz era violento ao terminar de falar, mas depois de um breve momento ela disse calmamente, com delicadeza: — Isso na realidade não tem importância, sabe, Shevek.

Foi a primeira vez que ele a ouviu dizer seu nome. Voltou-se para ela e disse gaguejando, quase se engasgando:

— Não tem importância? Primeiro você me mostra... mostra o que importa, o que realmente tem importância, aquilo de que eu sempre precisei em minha vida... e depois me diz que não tem importância?

Agora eles estavam cara a cara, mas não haviam se tocado.

— Então é disso que você precisa?

— Sim. Do laço. De uma chance.

— Agora... e para toda a vida?

— Agora e para toda a vida.

Vida, disse a torrente impetuosa, correndo lá embaixo por entre rochas, na escuridão.

Quando Shevek e Takver retornaram das montanhas, mudaram-se para um quarto de casal. Não havia nenhum quarto vago nos quarteirões próximos ao Instituto, mas Takver sabia de um, não muito longe, no extremo norte da cidade, num velho domicílio. Para conseguirem o quarto foram até a administradora da habitação do bloco — Abbenay era dividida em cerca de duzentas regiões administrativas locais, chamadas blocos —, uma esmerilhadora de lentes que trabalhava em casa, onde vivia com seus três filhinhos. Guardava portanto as fichas de alojamento numa prateleira em cima do armário, para que as crianças não mexessem. Ela confirmou que o quarto constava como estando vago e Shevek e Takver assinaram seus nomes para registrá-lo como ocupado.

A mudança também não foi complicada. Shevek levou uma caixa contendo papéis, suas botas de inverno e o cobertor alaranjado. Takver teve de dar três viagens. Uma até o depósito de roupas do bairro para pegar um traje novo para os dois, gesto que ela sentia ser, de modo obscuro mas intenso, essencial para o começo da parceria. Depois foi até o seu antigo dormitório, uma vez para apanhar suas roupas e seus papéis, e outra vez, com Shevek, para pegar uma série de objetos curiosos: formas concêntricas e complexas em fio de arame, que mudavam e se movimentavam vagarosamente para o centro, quando penduradas no teto. Ela fizera essas formas com restos de arame e ferramentas do depósito de materiais de artesanato e as chamou de “Ocupações do Espaço Inabitado”. Uma das duas cadeiras do quarto estava toda quebrada e eles a levaram para a oficina de consertos e trocaram por uma em perfeito estado. Com isso estavam com a mobília completa. O novo quarto tinha o teto alto, o que o tornava arejado e dava bastante espaço para as Ocupações. O domicílio fora construído sobre uma das colinas baixas de Abbenay, e o quarto tinha uma janela de canto que pegava o sol da tarde e oferecia um panorama da cidade, das ruas e praças, dos telhados, do verde dos parques e das planícies ao longe.

A coabitação depois de longa solidão e a chegada abrupta do contentamento desafiavam a estabilidade emocional de Shevek e Takver. Nas primeiras décadas, ele passava bruscamente da euforia à ansiedade; ela tinha crises de mau-humor. Ambos eram hipersensíveis e inexperientes. A tensão não durou, pois eles foram se tornando especialistas um no outro. O apetite sexual persistiu como prazer apaixonado, e a cada dia eles renovavam o desejo de comunhão, porque a cada dia o satisfaziam.

Agora estava claro para Shevek — e ele acharia idiotice pensar de outra forma — que os anos de tanta infelicidade naquela cidade foram todos parte de sua grande felicidade atual, porque o levaram a tê-la e o prepararam para vivê-la. Tudo o que lhe havia acontecido fazia parte do que lhe acontecia agora. Takver não percebia esses obscuros encadeamentos de efeito/causa/efeito, mas ela não era especialista em física temporal: via ingenuamente o tempo como um caminho traçado. A gente seguia e chegava a algum lugar. Quando se tinha sorte, chegava-se a um lugar que valia a pena.

Mas quando Shevek considerou essa metáfora de Takver e a reformulou em seus próprios termos, explicando-lhe que, se o passado e o futuro não fossem parte do presente pela memória e pela intenção, não haveria, em termos humanos, estrada alguma, nenhum lugar para onde ir, ela assentiu com um sinal de cabeça, interrompendo-o antes da metade do raciocínio.

— Exato — disse ela —, é isso que eu estava fazendo nesses últimos quatro anos. Não foi *apenas* sorte. Só em parte.

Ela tinha vinte e três anos, meio ano mais nova do que Shevek. Foi criada em uma comunidade agrícola, o Vale Redondo, no Nordeste. Era um lugar isolado, e antes de Takver ter ido para o Instituto de Norte-Poente, ela trabalhou muito mais do que a maior parte dos jovens anarrestis. Mal havia o número suficiente de pessoas para fazer o trabalho que precisava ser feito, mas não era uma comunidade suficientemente numerosa, ou produtiva o suficiente, para justificar prioridades nas indicações dos computadores da Divlab. Tinham de prover seu próprio sustento. Takver aos oito anos tirava palha e pedras dos grãos de holumínia nas usinas, durante três horas por dia, depois de três horas de aulas. Pouco da educação prática que ela recebeu quando criança visava ao seu enriquecimento pessoal: fora parte do esforço da comunidade para sobreviver. Durante as épocas de colheita e de plantio, todo mundo acima de dez anos tinha de trabalhar nos campos o dia inteiro. Aos quinze anos, ficou encarregada de coordenar a distribuição do trabalho nos quatrocentos lotes cultivados pela comunidade de Vale Redondo, e assistia o dietista do refeitório na planificação alimentar. Não havia nada demais nisso tudo e ela se lembrava muito pouco dessas coisas, mas sem dúvida formaram certos aspectos de seu caráter e de suas opiniões. Shevek estava contente por ter feito sua parte de kleggich, pois Takver desprezava as pessoas que fugiam do trabalho físico: “Veja o caso de Tinan” — dizia ela — “choramingando e se lastimando só porque foi recrutado para quatro décadas na colheita de raiz de holumínia. Ele é tão delicado que até parece um ovo de peixe! Será que nunca pegou em terra?” Takver não era especialmente generosa em seus julgamentos e muito temperamental.

Ela havia estudado biologia no Instituto de Norte-Poente e foi tão bem sucedida que decidiu vir para o Instituto Central a fim de aprofundar seus estudos. Um ano após sua chegada, foi convidada a reunir-se a um novo sindicato, que estava montando um laboratório para estudar técnicas de aumento e melhoramento das reservas de peixes comestíveis, nos três oceanos de Anarres. Quando as pessoas perguntavam-lhe o que fazia, ela respondia: “Sou uma geneticista de peixes.” Gostava do trabalho; reunia duas coisas que ela valorizava: a pesquisa efetiva e minuciosa e o objetivo específico de aumentar e melhorar. Sem um trabalho assim ela não se sentiria satisfeita. Mas só o trabalho de forma alguma lhe bastaria. A maior parte do que se passava no coração e no espírito de Takver pouco tinha a ver com a genética dos peixes.

Seu interesse e preocupação pelas paisagens e pelos seres vivos eram passionais. Esse interesse, discretamente chamado de “amor pela natureza”, parecia a Shevek algo de muito mais vasto do que o amor. Há espíritos, pensava ele, cujo cordão umbilical nunca foi cortado. Nunca se largam do universo. Não veem a morte como inimiga; anseiam por apodrecer e virar humo. Era estranho ver como Takver segurava uma folha ou uma pedra na mão. Tornava-se uma extensão delas, e elas de Takver.

Mostrou a Shevek os tanques de água do mar, no laboratório de pesquisa; cinquenta ou mais espécies de peixes, grandes e pequenos, pardacentos ou espalhafatosos, elegantes e grotescos. Ficou fascinado e um pouco assustado.

Os três oceanos de Anarres eram tão cheios de vida como a terra era carente. Não houve ligação entre os mares por vários milhões de anos, e por isso suas formas de vida seguiram trajetórias isoladas de evolução. A variedade de espécies era estonteante. Jamais ocorrera a Shevek que a vida pudesse proliferar com tanta extravagância, tanta exuberância, e que talvez a profusão fosse de fato a característica essencial da vida.

Na terra, as plantas cresciam muito bem, embora esparsas e espinhosas, mas a maior parte dos

animais que haviam tentado viver respirando o ar desistiu do projeto quando o clima do planeta entrou em uma era milenar de poeira e estiagem. As bactérias sobreviveram, muitas delas litófagas, e algumas centenas de espécies de vermes e crustáceos.

O homem se inseriu com muita cautela e muitos riscos nessa ecologia tão exígua. Se pescasse — mas sem muita avidez — e cultivasse a terra, usando sobretudo detritos orgânicos como fertilizantes, ele poderia se inserir. Mas não podia incluir mais ninguém nessa ecologia. Não havia grama para os herbívoros. Não havia herbívoros para os carnívoros. Não havia insetos para fecundar plantas com flores; as árvores frutíferas importadas eram todas fertilizadas a mão. Não trouxeram nenhum animal de Urrás para não ameaçar o delicado equilíbrio da vida. Só vieram os Povoadores, e tão bem lavados interna e externamente que trouxeram o mínimo de sua flora e de sua fauna pessoais. Nem mesmo a pulga conseguiu chegar a Anarres.

— Gosto da biologia marinha — disse Takver a Shevek, diante dos tanques de peixes — porque é muito complexa, uma verdadeira trama. Esse peixe come aquele peixe que come peixinhos que comem os ciliados que comem bactérias e a roda continua. Na terra só há três filões, todos invertebrados se não se conta o homem. É uma situação estranha, biologicamente falando. No Velho Mundo há dezoito filões de animais terrestres; há classes, como os insetos, que têm tantas espécies que nunca foi possível contá-las, e algumas dessas espécies têm populações de bilhões. Pense bem: para onde se olha, animais, outros seres partilhando a terra e o ar com você. A gente se sentiria muito mais uma *parte*.

Seu olhar seguiu a trajetória da corrida de um peixinho azul pelo tanque embaciado. Shevek, atento, seguiu a trajetória do peixe e a dos pensamentos de Takver. Ele ficou andando por entre os tanques durante um longo tempo, e voltou com ela repetidas vezes ao laboratório e aos aquários, submetendo sua arrogância de físico àquelas vidinhas, à existência de seres para quem o presente é eterno, seres que não se explicam, nem precisam nunca justificar sua maneira de ser aos homens.

A maioria dos anarrestis trabalhava cinco a sete horas por dia, com dois ou três dias de folga a cada década. Detalhes de frequência, pontualidade, escolha dos dias de folga, e assim por diante eram decididos entre o indivíduo e sua equipe de trabalho, ou seu sindicato ou federação coordenadora, em qualquer nível em que o máximo de cooperação e eficiência pudesse ser alcançado. Takver dirigia seus próprios projetos de pesquisa, mas o trabalho e os peixes tinham seus próprios imperativos: ela passava de duas a dez horas no laboratório, e nenhum dia de folga. Shevek agora tinha dois postos no ensino: um curso de matemática avançada num centro de aprendizagem e outro no Instituto. Os dois cursos eram pela manhã e ele voltava para casa perto de meio-dia. Geralmente Takver ainda não havia chegado. O prédio estava bem silencioso. O sol ainda não conseguira alcançar a janela dupla que dava para o sul e o oeste da cidade e para as planícies; o quarto estava em geral frio e sombrio. Os delicados móveis concêntricos pendurados no teto em diferentes níveis movimentavam-se com a precisão introvertida, o silêncio, o mistério dos órgãos de um corpo, ou dos processos da mente a refletir. Shevek se sentava à mesa perto das janelas e começava a trabalhar, a ler ou a fazer anotações e cálculos. A luz do sol ia entrando gradualmente, passava pelos papéis sobre a mesa, por suas mãos sobre os papéis e enchia o quarto de resplendor. E ele trabalhava. Os falsos começos e as futilidades dos anos que se foram revelaram-se uma base, alicerces lançados no escuro mas bem assentados. Sobre esses alicerces ele ergueu — metódica e cautelosamente, mas com uma destreza e uma segurança que não pareciam pertencer-lhe e sim a um conhecimento que nele operava, usava-o como veículo — a estrutura bela e inabalável dos Princípios da Simultaneidade.

Takver, como qualquer homem ou mulher que empreende acompanhar o espírito criador, nem

sempre aceitava isso com facilidade. Embora sua existência fosse necessária para Shevek, sua presença física podia dispersá-lo. Ela não gostava de chegar em casa muito cedo, porque ele com frequência parava de trabalhar quando ela chegava, e ela sentia que isso era errado. Mais tarde, quando eles fossem de meia-idade e pançudos, ele poderia ignorá-la, mas aos vinte e quatro anos ele não conseguia. Por conseguinte ela organizou seu trabalho no laboratório de modo a não voltar do trabalho antes do meio da tarde. Esse esquema também não era perfeito pois ele precisava de cuidados. Nos dias em que não dava aulas, quando ela voltava para casa ele podia já estar trabalhando há seis ou oito horas seguidas. Quando se levantava, ele cambaleava de fadiga, as mãos tremiam, e ele mal conseguia ser coerente. O espírito criador maltrata seus servidores, esgota-os, livra-se deles, arranja outro modelo. Para Takver não havia substituições, e quando via a forma como Shevek era usado, ela protestava. Poderia ter gritado para ele o que o marido de Odo, Asieo, gritou-lhe uma vez: “Pelo amor de Deus, menina, você não pode servir a verdade *um pouquinho de cada vez?*” — só que ela era a menina, e não tinha conhecimento com Deus.

Eles conversavam, saíam para dar um passeio ou para ir aos banhos públicos, e depois iam jantar no refeitório do Instituto. Depois do jantar havia reuniões, ou um concerto, ou iam ver os amigos: Bedap, Salas e seu círculo, Desar e outros do Instituto, os amigos e colegas de Takver. Mas as reuniões e os amigos eram-lhe periféricos. Não tinham necessidade de participação social ou sociável; a parceria lhes bastava e não podiam esconder esse fato. Isso não parecia ofender os outros. Antes pelo contrário. Bedap, Salas, Desar e os demais se aproximavam deles como pessoas sedentas se aproximam de uma fonte. Os outros eram periféricos para eles: eles eram centrais para os outros. Não faziam nada demais; não eram mais benevolentes do que as outras pessoas, nem interlocutores mais brilhantes; e no entanto seus amigos os amavam, dependiam deles e não paravam de trazer-lhes presentes, as pequenas dádivas que circulavam entre essas pessoas que nada possuíam, e tudo: um cachecol tricotado, um pedaço de granito salpicado de granadas de um vermelho vivo, um vaso moldado a mão na oficina da Federação de Cerâmica, um poema sobre o amor, um jogo de botões em madeira talhada, uma concha em espiral do Mar Sorroba. Eles entregavam os presentes a Takver dizendo: “Está aqui, talvez Shev queira isso como pesa-papéis”, ou então para Shevek dizendo: “Aqui, talvez Tak vá gostar dessa cor.” Com a dádiva eles procuravam partilhar do que Shevek e Takver partilhavam, e comemorar, e homenageá-los.

Foi um longo verão, quente e luminoso, o verão do 160.º ano do Povoamento de Anarres. Copiosas chuvas tinham enverdecido as Planícies de Abbenay, na primavera, e assentado a poeira a ponto de deixar o ar extraordinariamente claro. O sol era quente de dia e à noite as estrelas fulguravam. Quando a Lua estava no céu distinguia-se nitidamente os limites de seus continentes, sob as deslumbrantes espirais brancas de suas nuvens.

— Por que parece tão bonito? — perguntou Takver, deitada ao lado de Shevek debaixo do cobertor alaranjado, com a luz apagada. No teto, as Ocupações do Espaço Inabitado, suspensas, sombrias; lá fora, a Lua no céu, suspensa, brilhante. — Quando se sabe que é um planeta igualzinho a esse, apenas com um clima melhor e pessoas piores... quando se sabe que eles são todos apropriadores, que fazem guerras, criam leis, comem enquanto os outros morrem de fome, e de qualquer forma estão ficando velhos e sofrem golpes, têm reumatismo nos joelhos e calos nos pés exatamente como as pessoas daqui... quando se sabe isso tudo, por que continua a nos parecer tão feliz, como se a vida por lá fosse feliz? Não consigo olhar para esse fulgor e imaginar um homenzinho horrendo, com as mangas da camisa lambuzadas e uma mente atrofiada como Sabul vivendo por lá; simplesmente não consigo.

Estavam com os braços e o peito desnudos enluarados. A tênue penugem do rosto de Takver

formava uma auréola indistinta sobre seus traços; seus cabelos e as sombras estavam escuros. Shevek acariciou-lhe o braço prateado com sua mão de prata, maravilhado pelo calor daquele contato naquela noite amena.

— Quando se pode ver uma coisa em sua totalidade — disse ele — ela parece sempre bonita. Os planetas, as vidas... Mas bem de perto, um planeta só tem terra e pedras. E no dia a dia, a vida é trabalho árduo, fica-se cansado, perde-se o modelo ideal. Precisa-se da distância, do intervalo. Para se ver o quanto a terra é bonita é preciso vê-la como lua. Para se ver o quanto a vida é bela, é preciso vê-la da posição vantajosa da morte.

— Isso está muito bem a respeito de Urrás. Deixe-o ficar por lá, servindo de lua, eu não quero saber dele! Mas eu não vou subir na pedra de um túmulo e dizer “Que lindo!”, olhando a vida lá embaixo. Quero ver a vida por inteiro bem dentro dela, aqui, agora. Não dou a mínima para a eternidade.

— Não tem nada a ver com eternidade — disse Shevek, com um sorriso, um homem magro e descabelado, feito de prata e sombras. — Tudo o que se tem a fazer para ver a vida em sua totalidade é vê-la como algo mortal. Eu morrerei, você morrerá; como poderíamos nos amar se assim não fosse? O sol se extinguirá; que outro motivo teria para ficar brilhando?

— Ah, essa sua conversa, essa sua maldita filosofia!

— Conversa? Não é conversa. Não é um raciocínio. É um contato. Eu toco a totalidade, posso segurá-la. O que é Takver aqui, o que é luar? Como posso temer a morte? Quando a seguro, quando seguro em minhas mãos... a luz...

— Não seja apropriador — murmurou Takver.

— Querida, não chore.

— Não estou chorando. Você sim. Essas lágrimas são suas.

— Fique deitada.

Um calafrio percorreu o corpo de Shevek quando ela o aconchegou em seus braços.

— Estou com medo, Takver — ele sussurrou.

— Irmão, querido, não diga nada.

Dormiram nos braços um do outro naquela noite, muitas noites.

CAPÍTULO VII

URRÁS

Shevek achou uma carta no bolso do casaco novo, forrado de lã, que ele havia encomendado para o inverno, na loja da rua do pesadelo. Não fazia ideia de como ele teria ido parar lá. Certamente não viera na correspondência que lhe entregavam três vezes por dia e que consistia inteiramente de manuscritos e cópias de artigos de físicos de toda a parte de Urrás, convites para recepções, e cartinhas mal-escritas por alunos da escola primária. Essa carta era em papel fino e fora enfiada em seu bolso sem envelope. Não tinha selo nem franquia de nenhuma das três companhias de correio concorrentes.

Ele a abriu, um tanto apreensivo, e leu: “Se o senhor é um anarquista, por que trabalha com o sistema de poder, traíndo seu Mundo e o Ideal Odonista, ou veio até aqui para nos trazer essa Esperança? Sofrendo injustiças e repressões, voltamos nosso olhar para o Planeta Irmão, na escuridão da noite, para encontrar a luz da liberdade. Reúna-se a nós, seus irmãos!” Não havia assinatura, nem endereço. Essas palavras sacudiram Shevek moral e intelectualmente, fizeram-no estremecer, não de surpresa, mas com uma espécie de pânico. Ele sabia que eles estavam lá; mas aonde? Ainda não havia conhecido nenhum deles, nem visto um único sequer, ainda não tinha conhecido nenhum homem pobre. Permitiu que levantassem um muro à sua volta e nem se apercebera, tinha aceitado o abrigo, como um proprietário. Fora cooptado, exatamente como Chifoilisk dissera.

Mas ele não sabia como derrubar o muro. E se soubesse, para onde iria? O pânico abateu-se sobre ele. Para quem poderia voltar-se? Estava cercado por todos os lados pelos sorrisos dos ricos.

— Gostaria de falar com você, Efor.

— Sim, senhor. Desculpe, senhor, arranjar lugar pôr isso aqui.

O criado pousou a bandeja com habilidade, retirou as campânulas dos pratos com movimentos rápidos e serviu o chocolate amargo de modo a fazê-lo espumar até a borda da xícara sem entornar e sem salpicar. Ele visivelmente gostava do ritual do desjejum e de sua própria perícia ao servi-lo, e era igualmente evidente que não queria interrupções inusitadas durante o rito. Em geral falava um iótico bem claro, mas tão logo Shevek disse que queria ter uma conversa, Efor descambou para o *staccato* do linguajar urbano. Shevek já aprendera a entendê-lo um pouco; logo que se apreendia a alteração dos valores sonoros ela se tornava coerente, mas as apóopes o deixavam desorientado. Metade das palavras eram excluídas da frase. Era como um código — ele pensou —, como se os *niotis*, segundo eles se denominavam, não quisessem ser compreendidos pelos de fora.

O criado ficou aguardando as vontades de Shevek. Ele sabia — descobriu as idiossincrasias de Shevek na primeira semana — que Shevek não queria que lhe segurassem a cadeira, e nem que o servissem enquanto comia. Sua pose ereta e atenta era o bastante para acabar com qualquer esperança de informalidade.

— Não quer sentar-se, Efor?

— Se é seu agrado, senhor — respondeu o criado; afastou uma cadeira meio centímetro, mas não se sentou.

— É sobre isso que quero lhe falar. Você sabe que não gosto de lhe dar ordens.

— Tento fazer coisas como senhor quer sem incomodar-se dar ordens.

— Certo, eu sei... não é isso que quero dizer. Sabe, em minha terra ninguém dá ordens.

— Ouvi dizer, senhor.

— Bem, quero conhecê-lo como meu igual, como meu irmão. Você é a única pessoa que eu conheço aqui que não é rica... não é um dos proprietários. Quero muito conversar com você, quero saber sobre sua vida...

Parou desesperado, vendo a indiferença estampada no rosto enrugado de Efor. Tinha cometido todos os erros possíveis. Efor o tomou por um idiota paternalista e bisbilhoteiro.

Deixou as mãos caírem sobre a mesa num gesto desesperançado e falou:

— Oh, não, sinto muito, Efor! Não consigo dizer o que quero. Esqueça, por favor.

— Como queira, senhor — Efor retirou-se.

E tudo ficou por isso mesmo. As “classes não proprietariadas” continuavam tão distantes dele como na época em que leu sobre elas nos livros de história do Instituto Regional de Norte-Poente.

Nesse meio-tempo, ele havia prometido passar uma semana com os Oiies, entre o trimestre do inverno e o da primavera.

Oiie o havia convidado várias vezes para jantar depois daquela primeira visita, sempre muito formal, como se estivesse cumprindo com o dever da hospitalidade, ou talvez uma ordem governamental. Em sua própria casa, porém, era sinceramente cordial. Já na segunda visita seus dois filhos decidiram que Shevek era um velho amigo, e a confiança que tinham nos sentimentos de Shevek deixou o pai obviamente confuso e pouco à vontade; ele não podia realmente aprová-la, mas não podia dizer que era injustificada. Shevek comportava-se com eles como um velho amigo, como um irmão mais velho. Eles o admiravam, e Ini, o mais novo, chegou a amá-lo ardorosamente. Shevek era gentil, sério, honesto, e contava histórias muito interessantes sobre a Lua; mas isso não era tudo. Ele representava algo para as crianças que Ini não podia definir. Mesmo muito tempo depois em sua vida — que foi profunda e obscuramente influenciada por essa fascinação da infância — Ini não encontrava palavras para descrevê-lo, somente termos que eram um eco desse sentimento: a palavra *viajante*, a palavra *exílio*.

A única nevada forte do inverno caiu naquela semana. Shevek nunca tinha visto uma queda de neve de mais de três centímetros mais ou menos. Ficou eufórico com a extravagância, com a pura quantidade de neve. Deleitou-se com aquele excesso. Era por demais branca, por demais fria, silenciosa e inofensiva para ser chamada de excrementícia pelo mais sincero dos Odonistas; considerá-la mais do que um luxo inocente seria mesquinhez de espírito. Assim que o céu clareou, ele saiu para a neve com os meninos, que também a apreciavam muito. Corriam pelo grande quintal da casa de Oiie, atiravam bolas de neve, construía túneis, castelos e fortalezas de neve.

Sewa Oiie ficou na janela com sua cunhada Vea, olhando as crianças, o homem e a lontrinha brincarem. A lontra havia improvisado um escorregador na parede do castelo e sobre ele deslizava sua barriguinha, louca de alegria e sem poder parar. As bochechas das crianças estavam pegando fogo. O homem — com seus cabelos longos, ásperos e de um castanho acinzentado amarrados atrás com um cordão e as orelhas vermelhas de frio — comandava operações de escavação de túneis com energia. — Aqui não! — Cavem *ali*! — Onde está a pá? — Tem gelo no meu bolso! — Os gritos agudos dos garotos ressoavam continuamente.

— É esse o nosso estrangeiro — disse Sewa sorrindo.

— O maior físico vivo — disse a cunhada. — Que engraçado!

Quando ele entrou em casa ofegante, batendo os pés para tirar a neve e emanando aquele vigor frio e renovado e o bem-estar que só as pessoas que estão vindo da neve possuem) foi apresentado à cunhada. Ele estendeu a mão fria, grande e forte e baixou para Ve a um olhar cheio de simpatia.

— Você é a irmã de Demaere? — disse ele. — Sim, você se parece com ele.

E essa observação, que a Veia pareceria chocantemente insípida se partisse de qualquer outra pessoa, agradou-lhe imensamente. “Ele é um homem”, não parava ela de pensar a tarde inteira, “um homem de verdade. O que é que ele tem de especial?”

Veia Doem Oiiie era seu nome, à maneira ioti, e Doem, o marido, era o cabeça de um grande truste industrial e viajava um bocado, passando sempre metade do ano no exterior, como representante comercial do governo. Explicaram isso a Shevek, enquanto ele a observava. Nela, a magreza, a palidez e os negros olhos ovais de Demaere Oiiie foram convertidos em beleza. Os seios, os ombros e os braços eram redondos, macios, e muito brancos. Shevek sentou-se a seu lado durante o jantar. Não parava de olhar para os seios desnudos e levantados por um corpete retesado. A ideia de sair assim meio desnuda com um tempo tão frio era extravagante, extravagante como a neve, e os pequenos seios tinham também uma brancura inocente. A linha do pescoço subia suavemente pela curva da cabeça raspada, delicada e altiva.

Ela é realmente muito atraente, comunicou Shevek a si mesmo. É como os colchões daqui: macia. Um pouco afetada, porém. Por que pronuncia as palavras com tanta afetação? Ele agarrou-se àquela voz fininha e àqueles modos afetados como se fossem balsa em águas profundas, e nunca pensou, nunca pensou que estivesse se afogando. Ela ia voltar de trem para Nio Esseia depois do jantar; tinha vindo simplesmente passar o dia e ele nunca mais a veria.

Oiiie estava resfriado, Sewa ocupada com as crianças.

— Shevek, acha que poderia acompanhar Veia até a estação?

— Meu Deus, Demaere! Não precisa fazer o pobre homem me proteger! Você não está pensando que existem lobos pelo caminho, não é? Será que emires selvagens vão assaltar a cidade e me raptar para seus haréns? Ou que então amanhã de manhã vão encontrar-me no batente do chefe da estação, com uma lágrima congelada em meus olhos, segurando com minhas delicadas mãozinhas enrijecidas um buquê de flores murchas? Oh, que ideia realmente maravilhosa! — A risada de Veia irrompeu em seu matraqueado tilintante como uma onda, uma onda profunda, suave e potente que carregou tudo consigo, deixando a praia vazia. Ela não riu de si mas em si mesma, aquela gargalhada nas entranhas que apaga as palavras.

Shevek vestiu o casaco no vestíbulo e ficou aguardando por ela na porta da frente.

Caminharam meio quarteirão em silêncio. A neve rangia, esmagada por seus pés.

— O senhor é realmente educado demais para...

— Para quê?

— Para um anarquista — disse ela, com sua voz fina e afetadamente arrastada (a mesma entonação que Pae usava, e Oiiie também, quando estava na Universidade). — Estou decepcionada; pensei que fosse perigoso e grosseiro.

— E sou.

Ela lhe lançou um rápido olhar de viés. Estava usando um xale escarlate, amarrado de modo a cobrir-lhe a cabeça; os olhos pareciam enegrecidos e brilhantes, em contraste com a cor viva do xale e a brancura da neve.

— Mas agora o senhor está docilmente me acompanhando até a estação, Dr. Shevek.

— Shevek — disse ele delicadamente. — “Doutor” não.

— Esse é seu nome completo... nome e sobrenome?

Ele respondeu com um sinal de cabeça, sorrindo. Sentia-se bem e cheio de vida e agradava-lhe o ar puro, o calor do casaco bem confeccionado que usava e a beleza da mulher a seu lado. As preocupações e os pensamentos complicados não haviam ocupado sua mente naquele dia.

— É verdade que vocês tiram os nomes de um computador?

— Sim.

— Que coisa mais sem graça, ter um nome dado por um computador!

— Sem graça por quê?

— É tão mecânico, tão impessoal.

— Mas o que pode ser mais pessoal do que um nome que nenhuma outra pessoa viva use?

— Mais ninguém? O senhor é o único Shevek?

— Enquanto eu viver. Já houve outros antes de mim.

— Parentes seus, é isso?

— Os parentes não contam muito para nós. Somos todos parentes. Não sei quem eles eram, a não ser uma, nos primeiros anos da Colonização. Ela inventou uma espécie de rolamento que é usado em máquinas pesadas e ainda hoje é chamado de “shevek”. — Ele sorriu outra vez, um sorriso mais largo. — Isso é que é uma boa imortalidade!

Vea sacudiu a cabeça.

— Meu Deus! — disse ela. — Como vocês distinguem um homem de uma mulher?

— Bem, nós descobrimos métodos...

Depois de um momento, o riso macio e profundo de Vea irrompeu. Ela enxugou os olhos que lacrimejavam ao ar frio.

— Sim, talvez o senhor seja grosseiro... Então, todo mundo pegou um nome inventado e aprendeu uma língua inventada, tudo novo?

— Os Povoadores de Anarres? Sim. Eram pessoas românticas, creio.

— E o senhor, não é?

— Não. Somos muito pragmáticos.

— Pode-se ser as duas coisas.

Ele não esperava nenhuma sutileza de espírito da parte dela.

— Sim, isso é verdade.

— O que há de mais romântico do que essa sua vinda até aqui, sozinho, sem um tostão no bolso, para interceder por seu povo?

— E para ser estragado por luxos enquanto estiver aqui.

— Luxos? Na Universidade? Meu Deus, meu pobre amigo! Eles ainda não o levaram a nenhum lugar decente?

— A muitos lugares, mas todos iguais. Gostaria de poder conhecer Nio Esseia melhor. Até agora só vi o exterior da cidade, o papel do embrulho.

Ele fez essa comparação porque desde o início ficou fascinado pelo hábito urrasti de embrulhar tudo com papel limpo, enfeitado, ou com plástico ou papelão, ou com papel laminado. A roupa lavada, os livros, os legumes, as vestes, os remédios, tudo vinha protegido por camadas e camadas de papel. Até um maço de papéis era embrulhado com diversas camadas de papel. Nada podia tocar em nada. E ele começou a sentir que, ele também, havia sido cuidadosamente embrulhado.

— Eu sei. Eles o obrigaram a ir ao Museu Nacional, visitar o Monumento Dobunnae, e a ouvir um discurso no Senado. — Ele riu, pois esse havia sido precisamente o roteiro de uma excursão, no verão anterior. — Eu sei! Eles são tão sem imaginação com os estrangeiros! Vou tomar providências para que o senhor conheça a verdadeira Nio!

— Gostaria muito.

— Conheço todo tipo de gente maravilhosa. Coleciono pessoas. Aqui o senhor está preso, com todos esses insípidos políticos e professores — continuou ela em seu matraqueado. Ele sentia prazer

em ouvir essa conversa inconsequente, o mesmo prazer que sentia com o sol e com a neve.

Chegaram à pequena estação de Amoeno; ela já tinha a passagem de volta; o trem era aguardado a qualquer momento.

— Não espere, o senhor vai congelar.

Ele não respondeu, apenas ficou ali parado, grandalhão em seu casaco forrado de lã, olhando-a com simpatia.

Ela baixou o olhar para a manga de seu próprio casaco e tirou uma pintinha de neve do bordado.

— Tem esposa, Shevek?

— Não.

— Família nenhuma?

— Ah, sim. Um par, e nossos filhos. Desculpe-me, eu estava pensando outra coisa. Eu penso em “esposa”, compreende, como algo que só existe aqui em Urrás.

— O que é um “par”? — Ela lançou um olhar rápido e travesso para o rosto dele.

— Acho que vocês chamariam de esposo ou esposa.

— Por que ela não veio com o senhor?

— Ela não quis; e a caçula só tem um ano... não, agora tem dois. E também...

Ele hesitou:

— Por que ela não quis vir?

— Bom, lá ela tem trabalho para fazer, aqui não. Se eu soubesse como ela iria gostar de tanta coisa aqui, eu a teria chamado para vir. Mas não chamei. Há o problema da segurança, entende?

— Segurança, aqui?

Ele hesitou de novo e finalmente disse:

— E também quando eu for para casa.

— O que lhe acontecerá? — perguntou Veá, arregalando os olhos. O trem estava se aproximando de uma colina, fora da cidade.

— Oh, provavelmente nada. Mas há muita gente que me considera um traidor. Porque tento fazer amizade com Urrás, compreende? Eles podem me criar problemas quando eu voltar para casa. E não quero isso para ela, nem para as crianças. Já tivemos um pouco, antes de eu vir. Chega.

— Quer dizer então que se exporá a um verdadeiro perigo?

Ele se inclinou para ouvi-la, pois o trem estava entrando na estação, com um estardalhaço de rodas e vagões.

— Não sei — disse ele sorrindo. — Sabe, nossos trens se parecem muito com esses. Um bom modelo não precisa de modificações.

Ele a acompanhou até um vagão de primeira classe. Como ele não abriu a porta, ela o fez. Depois que ela entrou, ele inclinou a cabeça para dar uma olhada dentro do compartimento.

— Por dentro eles não são nada parecidos, no entanto! Isso tudo é particular... todo seu?

— Ah sim. Detesto segunda classe. Homens mascando goma de maera e cuspiendo... As pessoas mascam maera, em Anarres? Não, claro que não. Ah, tem tanta coisa que eu adoraria saber sobre o senhor e sua terra!

— E eu adoro falar sobre isso, mas ninguém me pede.

— Então vamos sem falta nos encontrar para conversarmos a respeito! O senhor vai me telefonar quando voltar a Nio, promete?

— Prometo — respondeu ele amavelmente.

— Ótimo! Sei que não é de quebrar promessas. Ainda não sei nada a seu respeito, a não ser isso. Isso eu posso *ver*. Adeus, Shevek.

Ela pousou a mão enluvada sobre a dele por um momento, enquanto ele segurava a porta. O trem deu seu apito de duas notas; ele fechou a porta e ficou vendo o trem partir da estação; à janela, o rosto de Veá: uma forma branca e escarlata a tremular.

Caminhou de volta para a casa dos Oiies em grande euforia, e teve uma batalha de bolas de neve com Ini até o anoitecer.

REVOLUÇÃO EM BENBILI! DITADOR FOGUE!
LÍDERES REBELDES CONTROLAM A CAPITAL!
REUNIÃO DE EMERGÊNCIA DO CMG.
POSSIBILIDADE INTERVENÇÃO A-IO.

Anunciava todo excitado o jornal alpiste em letras garrafais. A ortografia e a gramática eram postas de lado; escreviam como Efor falava: “Por ontem à noite rebeldes ocupam todo oeste de Meskti e rechaçando exército com bravura...”. Era o modo verbal do nioti: futuro e passado comprimiam-se num único tempo presente, altamente carregado, controvertido e instável.

Shevek leu os jornais e consultou a Enciclopédia do Conselho de Governos Mundiais para se informar sobre Benbili. Era uma nação regida por uma democracia popular, na realidade uma ditadura militar, governada por generais. Era um vasto país do hemisfério ocidental, com montanhas e áridas savanas, subpovoado, pobre. “Eu deveria ter ido para Benbili”, pensou Shevek, pois a ideia o atraía; imaginou pálidas planícies, o vento soprando... As notícias o deixaram estranhamente agitado. Ouviu os noticiários das rádios (ele raramente ligava o rádio depois que descobriu que sua função básica era a propaganda de produtos à venda). Os noticiários do rádio e os do telefax oficial nos lugares públicos eram breves e secos; um estranho contraste com os jornais populares, que gritavam Revolução! em todas as páginas.

O General Havevert, o Presidente, fugiu ileso em seu famoso avião blindado, mas alguns generais menos importantes foram presos e emasculados, castigo que os benbilis preferiam tradicionalmente à execução. As tropas do exército, batendo em retirada, incendiavam os campos e as cidades de seu próprio povo. Os partidários da guerrilha não deram trégua aos soldados. Em Meskti, a capital, os revolucionários abriram as prisões, concedendo anistia a todos os presos. Ao ler essa notícia o coração de Shevek disparou. Havia esperança, ainda havia esperança... Acompanhou os noticiários sobre a revolução distante com crescente emoção. No quarto dia, assistindo a um debate no Conselho Mundial de Governos pelo telefax, ele viu o embaixador ioti no CMG anunciar que A-Io, num esforço para apoiar o governo democrático de Benbili, estava enviando reforços armados ao Presidente General Havevert.

A maioria dos revolucionários benbilis nem sequer tinha armas. As tropas iotis chegariam com fuzis, carros blindados, aviões, bombas. Shevek leu no jornal a descrição do equipamento e ficou enojado.

Enojado e enfurecido, e não havia ninguém com quem pudesse falar. Pae estava fora de cogitação. Atro era um militarista exaltado. Oiie era um homem de moral, mas suas inseguranças pessoais e preocupações ansiosas de proprietário o levavam a aferrar-se a noções rígidas de lei e de ordem. Ele só podia aceitar sua simpatia pessoal por Shevek recusando-se a admitir que Shevek era um anarquista. A sociedade Odonista se considerava anárquica, dizia ele, mas seus membros na realidade não passavam de meros populistas primitivos cuja ordem social funcionava aparentemente sem governo porque eram pouco numerosos, e porque não tinham estados vizinhos. Se a propriedade deles fosse ameaçada, teriam de despertar para a realidade, ou então seriam extintos. Agora os

rebeldes benbilis despertavam para a realidade: estavam descobrindo que a liberdade não serve para nada quando não se tem fuzis para defendê-la. Ele explicou isso a Shevek na única conversa que tiveram sobre o assunto. Pouco importava quem governava, ou pensava que governava, os benbilis: a política da realidade podia ignorar a luta pelo poder entre A-Io e Thu.

— A política da realidade — repetiu Shevek. Olhou para Oiie e disse: — É uma expressão curiosa na boca de um físico.

— Em absoluto. O físico e o político têm ambos de lidar com as coisas como elas são, com forças reais, com as leis básicas do universo.

— Você quer equiparar suas “leis” mesquinhas e deploráveis para proteger a riqueza, suas “forças” de fuzis e bombas com a lei da entropia e a força da gravidade? Eu tinha outro conceito de sua inteligência, Demaere!

Oiie esquivou-se dessa descarga de desprezo. Ele não disse mais nada e Shevek não disse mais nada, porém Oiie nunca se esqueceu da discussão. Ficou para todo o sempre gravada em sua mente como o momento mais vergonhoso de sua vida. Pois se foi Shevek o utopista simplório e iludido que o havia feito calar-se tão facilmente, isso era vergonhoso; mas se foi Shevek o físico e o homem de quem ele não podia evitar de gostar, de admirar, e cujo respeito ansiava por merecer como se fosse de melhor qualidade do que qualquer outro então disponível — se esse Shevek o desprezava, então a vergonha era intolerável, e ele precisava ocultá-la, trancá-la a sete chaves no recanto mais escuro de seu espírito.

A questão da revolução benbili aguçou certos problemas em Shevek também: em particular o problema de seu próprio silêncio.

Era-lhe penoso desconfiar das pessoas com quem convivia. Fora criado em uma cultura que confiava deliberadamente e sempre na solidariedade humana, na ajuda mútua. Alienado dessa cultura como ele era em certos aspectos, estranho a esta outra como se sentia, ainda assim o velho hábito persistia: contava com a ajuda das pessoas. Confiava nelas.

Mas as advertências de Chifoilisk, que ele tentou afastar, não paravam de voltar-lhe ao pensamento. Suas próprias percepções e seus instintos as reforçavam. Gostasse ou não, precisava aprender a desconfiar. Precisava ficar calado; precisava resguardar sua propriedade; tinha de manter seu poder de barganha.

Falou pouco durante aqueles dias, e escreveu ainda menos. Sua escrivaninha era um amontoado de papéis sem importância; as poucas anotações de trabalho ficavam sempre guardadas em seu bolso, em um de seus numerosos bolsos urrastis. Nunca deixava o computador da escrivaninha sem apagar-lhe a memória.

Ele sabia que estava bem próximo de completar a Teoria Temporal Geral que os iotis queriam tanto ter para os voos espaciais e para seu prestígio. Sabia também que ainda não a completara e que talvez nunca o fizesse. Ele nunca admitira esses dois fatos claramente a ninguém.

Antes de partir de Anarres, ele achava que já tinha a teoria em suas mãos. Tinha as equações. Sabul sabia que ele as tinha e lhe oferecera a reconciliação, o reconhecimento público de sua obra, em troca da oportunidade de publicá-las e de dividir a glória. Ele recusara a oferta de Sabul, mas isso não foi um grande gesto moral. O gesto moral, afinal, teria sido entregá-la à própria impressora do Sindicato da Iniciativa, mas também não o fez. Ainda não estava bem certo se já estava pronta para publicação. Havia alguma coisa que não estava bem certa, algo que precisava de um polimento. E como ele já estava trabalhando na teoria há dez anos, não faria mal algum se levasse um pouco mais de tempo para poli-la até deixá-la perfeitamente clara.

Essa coisinha não muito certa parecia-lhe cada vez mais errada. Uma pequena falha no

raciocínio. Uma grande falha. Uma rachadura em toda a fundação... Na noite anterior à sua partida de Anarres, ele queimou tudo o que havia escrito sobre a Teoria Geral. Viera para Urrás sem nada. Durante meio ano ele os havia, nos termos deles, blefado.

Ou estaria blefando a si mesmo?

Era muito possível que uma teoria geral da temporalidade fosse um objetivo ilusório. Era também possível que — mesmo se a Sequência e a Simultaneidade pudessem um dia ser unificadas em uma teoria geral — ele não fosse o homem indicado para tal empresa. Há dez anos que ele a tentava e não a tinha levado a cabo. Os matemáticos e os físicos, atletas do intelecto, realizam seus grandes trabalhos na juventude. Era mais do que possível, provável, que ele tivesse secado, se esgotado.

Estava perfeitamente consciente de que tivera as mesmas depressões e o mesmo sentimento de fracasso nos períodos que antecederam de perto seus momentos de maior criatividade. Descobriu-se tentando encorajar-se com essa lembrança e ficou furioso com a própria ingenuidade. Interpretar a ordem temporal como ordem causal era uma grande estupidez da parte de um cronósofo. Estaria ficando senil? Era melhor começar simplesmente a dedicar-se à tarefa modesta mas prática de burilar o conceito de intervalo.

Mas até nisso, mesmo falando com outros físicos a respeito, ele sentia que estava escondendo algo. E eles sabiam disso.

Estava farto de ocultar, farto de não falar, de não falar de revolução, de não falar de física, de não falar de nada.

Atravessou o campus a caminho de uma aula. Os pássaros estavam cantando nas árvores de folhagem nova. Ele não os ouvira cantar durante todo o inverno, mas agora ali estavam, a cantá-las, a jorrá-las, aquelas doces melodias. *Ti-di-ri*, eles cantavam, *ri-ti-di*. *Esse é meu territo-ri-ri, minha proprieda-di-di*.

Shevek ficou imóvel por um minuto debaixo das árvores, ouvindo.

Depois saiu da alameda, atravessou o campus era outra direção, rumo à estação, e pegou o trem diurno para Nio Esseia. Tinha de haver uma porta aberta em algum lugar daquele maldito planeta!

Pensou, sentado no trem, em tentar sair de A-Io, em ir para Benbili, talvez. Mas não levou o pensamento muito a sério. Teria de pegar um navio ou um avião, seria localizado e impedido. O único lugar onde poderia ficar longe dos olhos de seus benevolentes e protetores anfitriões era na própria cidade grande em que viviam, debaixo de suas próprias ventas.

Isso não era uma fuga. Mesmo se ele conseguisse sair do país, continuaria trancado, fechado a chave em Urrás. Não se podia chamar a isso de fuga, independente do que os hierarquistas^[5], com sua mística de limites nacionais, pudessem chamá-lo. Mas ele de repente sentiu-se eufórico, como há dias não se sentia, só em pensar que seus benevolentes e protetores anfitriões poderiam crer, por um momento, que ele havia fugido.

Era o primeiro dia realmente quente da primavera. Os campos estavam verdes, alagados e brilhosos. Nos pastos, cada rês fazia-se acompanhar de seu filhote. Os carneirinhos eram particularmente adoráveis, saltitando como bolas brancas e elásticas, enroscando os rabinhos sem parar. Sozinho num curral, o macho reprodutor do rebanho (um carneiro, ou touro ou garanhão) parecia potente como uma nuvem de trovoada, carregado de gerações. As gaivotas deslizavam sobre os lagos transbordantes, branco sobre azul, e nuvens brancas clareavam o azul pálido do céu. Os galhos das árvores frutíferas estavam salpicados de vermelho e alguns botões desabrochavam, rosados e brancos. Observando da janela do trem, Shevek percebeu que seu estado de inquietação e revolta estava pronto a desafiar até a beleza do dia. Era uma beleza injusta. O que os urrastis haviam

feito para merecê-la? Por que lhes era dada com tanta generosidade, tanto encanto, e tão pouca, tão pouquinho para seu próprio povo?

“Estou pensando como um urrasti”, disse ele consigo mesmo. “Como um maldito apropriador. Como se merecer quisesse dizer alguma coisa. Como se a gente pudesse receber a beleza ou a vida como pagamento!” Tentou não pensar em nada, deixar-se conduzir adiante, e ficar olhando a luz do sol no céu ameno e os carneirinhos saltitando nos campos da primavera.

Nio Esseia, uma cidade de cinco milhões de almas, erguia suas delicadas torres cintilantes no outro lado dos pântanos verdes do Estuário, como se fossem feitas de névoa e sol. Quando o trem foi entrando suavemente num longo viaduto, a cidade ficou mais alta, mais clara, mais sólida, até subitamente envolver o trem inteiro com a escuridão ensurdecadora de uma passagem subterrânea com vinte trilhos paralelos, para depois liberá-lo, juntamente com seus passageiros, nos espaços enormes e brilhantes da Estação Central, sob a cúpula central de marfim e lazulita, considerada a maior cúpula erguida pela mão do homem em todos os mundos.

Shevek vagou por acres de mármore lustroso sob essa imensa abóbada etérea, e finalmente alcançou a longa série de portas, por onde pessoas entravam e saíam sem cessar, todas apressadas, todas solitárias e parecendo-lhe todas ansiosas. Ele já vira muitas vezes essa ansiedade no rosto dos urrastis e se perguntava o que seria. Seria porque, por mais dinheiro que tivessem, tinham sempre de se preocuparem ganhar mais para não morrerem pobres? Seria culpa, porque por menos dinheiro que tivessem, sempre havia alguém que tinha menos? Seja lá por que fosse, essa ansiedade conferia a todos aqueles rostos uma certa semelhança, e ele se sentiu muito sozinho entre eles. Ao escapar de seus guias e guardas, ele não havia refletido sobre o que seria viver por sua própria conta numa sociedade onde os homens não confiavam uns nos outros, onde o preceito moral básico não era a ajuda mútua, mas sim a agressão mútua. Sentiu-se um pouco amedrontado.

Pensara vagamente em perambular pela cidade e começar a conversar com as pessoas, com os membros da classe não proprietariada, se é que ainda havia isso, com as classes trabalhadoras, como eles os chamavam.

Mas todas aquelas pessoas estavam apressadas, fazendo negócios, não queriam conversas ociosas, nem perder seu precioso tempo. Essa pressa o contagiou. Tinha de ir a algum lugar, pensou, ao sair para a luz do sol e para a grandiosidade apinhada da Rua Moie. Para onde? Para a Biblioteca Nacional? Para o Zoológico? Mas ele não queria fazer turismo.

Indeciso, parou em frente de uma loja perto da estação, que vendia jornais e bugigangas. A manchete do jornal dizia THU ENVIA TROPAS PARA AJUDAR REBELDES BENBILIS, mas ele não teve nenhuma reação. Em vez de olhar para os jornais, olhou os postais coloridos no mostruário. Lembrou-se de que não tinha recordação de Urrás. Quando se viaja, deve-se levar uma recordação ao regressar. Gostava das fotos, paisagens de A-Io: as montanhas que ele havia escalado, os arranha-céus de Nio, a capela da Universidade (quase como ele a via de sua janela), uma garota do campo num lindo traje típico, as torres de Rodarred, e uma foto que logo lhe atraiu o olhar: um carneirinho num prado florido, dando um coice e, aparentemente, sorrindo. A pequena Pilun iria gostar desse carneirinho. Escolheu um exemplar de cada postal e os levou até o balcão. “E cinco fazem dez e com o cordeiro fica sessenta; mais o mapa, exato, senhor, um e quarenta. Lindo dia, chegou finalmente a primavera, não é senhor? Não tem mais trocado que isso, senhor?” Shevek lhe tinha dado uma nota de vinte unidades. Tirou do bolso o troco que recebera quando comprou a passagem e, depois de estudar um pouco os valores nominais das cédulas e moedas, conseguiu somar um e quarenta. “Está certo, senhor. Obrigado e bom-dia para o senhor.”

Será que o dinheiro comprava também a gentileza, como os postais e o mapa? Até que ponto o

vendedor teria sido gentil se ele tivesse entrado na loja como os anarrestis entram nos depósitos de mercadoria, pegasse o que quisesse, cumprimentasse a registradora e saísse?

Não adianta, não adianta nada pensar desse jeito. Na Terra dos Proprietários, pense como os proprietários. Vista-se, coma, aja como um proprietário, seja um deles.

Não havia parques no centro da cidade de Nio, a terra valia demais para ser desperdiçada com amenidades. Continuou a embrenhar-se pelas mesmas ruas imensas e feéricas por onde já o haviam conduzido tantas vezes. Chegou à Rua Saemtenevia e atravessou-a às carreiras, pois não queria uma repetição do pesadelo matinal. Agora estava na zona comercial. Bancos, edifícios comerciais, edifícios de repartições públicas. Nio Esseia seria toda assim? Enormes blocos de pedra e vidro, reluzentes, imensos, decorados, embrulhos gigantescos, vazios, vazios.

Passando por uma vitrine térrea onde se lia Galeria de Arte, deu uma entrada, com a ideia de fugir da claustrofobia moral das ruas e reencontrar a beleza de Urrás num museu. Mas todos os quadros do museu tinham cartões com preços em suas molduras. Fitou um nu pintado com talento. O cartão do preço indicava: 4.000 UMI. “Isso é um Fei Feite”, disse um homem moreno que apareceu sorrateiramente a seu lado. “Tínhamos cinco a semana passada. Não vai demorar a ser o melhor negócio no mercado da arte. Um Feite é um investimento seguro, senhor.”

— Com quatro mil unidades duas famílias podem viver durante um ano, nesta cidade — disse Shevek.

O homem o olhou de cima abaixo e disse arrastando as palavras:

— Sim, bem, o senhor sabe, isso aí é uma obra de arte.

— Arte? Um homem faz arte porque tem de fazer. Por que esse quadro foi pintado?

— O senhor é artista, estou vendo — disse o homem, agora com patente insolência.

— Não, sou um homem que reconhece merda quando vejo.

O marchand recuou. Quando ele estava fora do alcance de Shevek, começou a dizer algo sobre a polícia. Shevek fez uma careta e saiu da loja. Parou na metade do quarteirão. Não podia continuar desse jeito.

Mas onde poderia ir?

Até alguém... até alguém, até uma outra pessoa. Um ser humano. Alguém que lhe desse ajuda, não vendesse. Quem? Onde?

Lembrou-se dos filhos de Oiie, dos garotinhos que gostavam dele, e durante algum tempo não pensou em mais ninguém. E então uma imagem surgiu em seu espírito, distante, pequena, clara: a irmã de Oiie. Como se chamava? Prometa que vai me telefonar, ela dissera, e desde então já lhe enviara dois convites para jantares, escritos com uma letra infantil e vigorosa, em papel grosso e perfumado. Ele os tinha ignorado, juntamente com todos aqueles convites de estranhos. Mas agora se lembrou deles.

Lembrou-se ao mesmo tempo de outra mensagem, da que tinha inexplicavelmente aparecido no bolso de seu casaco: *Reúna-se a nós, seus irmãos*. Mas não conseguia encontrar nenhum irmão, em Urrás.

Entrou na loja mais próxima. Era uma confeitaria, toda em gesso cor-de-rosa e de volutas douradas, com fileiras de mostruários de vidro cheios de caixas e latas e cestinhas de balas e docinhos, rosa claro, marrons, cremes, douradas. Ele perguntou à mulher atrás dos mostruários se ela poderia ajudá-lo a achar um número de telefone. Estava agora muito calmo, depois daquele acesso de mau humor na galeria de arte, e tão humildemente ignorante e estrangeiro que a mulher não pôde resistir. Além de ajudá-lo a procurar o nome no pesado catálogo telefônico, fez também a ligação por ele.

— Alô?

Ele respondeu:

— Shevek. — Depois parou. O telefone era para ele um veículo de comunicações urgentes, notificações de mortes, nascimentos e terremotos. Não sabia o que dizer.

— Quem? Shevek? É mesmo? Que gentileza sua em me telefonar! Não me importo em absoluto ser acordada, se é você.

— Você estava dormindo?

— Num sono profundo, e ainda estou na cama. Está adorável e quentinha. Onde é que você está?

— Na Rua Kae Sekae, creio.

— Fazendo o quê? Vamos sair. Que horas são? Meu Deus, quase meio-dia. Já sei, vamos nos encontrar a meio caminho. Perto do lago dos barquinhos, nos jardins do Velho Palácio. Poderá encontrá-lo? Olhe, você tem de ficar, vou dar uma festa absolutamente paradisíaca hoje à noite.

Continuou a tagarelar por um momento; ele concordava com tudo o que ela dizia. Quando passava pelo balcão em direção à saída, a vendedora deu-lhe um sorriso.

— Seria melhor levar-lhe uma caixa de bombons, não acha, senhor?

Ele parou.

— Acha que devo?

— Não faz mal a ninguém, senhor.

Havia algo de indecoroso e muito natural em sua voz. O ar da loja estava perfumado e quente, como se todos os perfumes da primavera estivessem ali concentrados. Shevek aguardou, parado em meio aos mostruários daqueles lindos caprichos, alto, forte, sonhador como os potentes animais encurralados, os carneiros e touros entorpecidos pelo calor envolvente da primavera.

— Vou escolher a coisa certa para o senhor — disse a mulher, e encheu uma pequena caixa de metal, delicadamente esmaltada, de folhinhas de chocolate e rosinhas de açúcar. Ela embrulhou a lata em papel de seda, pôs o embrulho numa caixa de papelão prateado, embrulhou a caixa com um grosso papel cor-de-rosa, e amarrou com uma fita de veludo verde. Podia-se sentir uma cumplicidade cheia de humor e simpatia em todos os seus hábeis movimentos, e quanto entregou o embrulho completo para Shevek e ele murmurou agradecimentos e voltou-se para sair, não havia nenhuma agressividade em sua voz ao lembrar-lhe: — São dez e sessenta, senhor. — Ela talvez até o tivesse deixado ir embora, com pena dele, como as mulheres têm pena da força; mas ele voltou obedientemente, contou o dinheiro e pagou.

Foi até os jardins do Velho Palácio de metrô, até o lago dos barquinhos, onde crianças vestidas de modo encantador faziam navegar seus navios de brinquedo, maravilhosos e delicados engenhos com cordames de seda e adornos de latão, semelhantes a joias. Ele percebeu Vea do outro lado do largo e brilhoso círculo de água e contornou o lago para ir até ela, consciente da luz do sol, do vento da primavera, e do tom escuro das árvores do parque, que mostravam suas primeiras folhas de um verde muito pálido.

Almoçaram num restaurante do parque, no terraço coberto por uma cúpula de vidro muito alta. Na parte mais ensolarada do terraço as árvores, salgueiros, já estavam recobertas de folhagem, e debruçavam os ramos sobre o lago onde aves gorduchas e brancas patinhavam, observando os que comiam, com uma gula indolente e aguardando migalhas. Vea não se encarregou de fazer os pedidos, deixando bem claro que Shevek devia encarregar-se dela, mas hábeis garçons o aconselharam com tanta cortesia e tato que ele pensou que conseguira escolher tudo sozinho; e felizmente ele estava com muito dinheiro no bolso. A comida era extraordinária. Ele nunca tinha experimentado sabores tão sutis. Habitado a duas refeições por dia, em geral dispensava o almoço urrasti, mas nesse dia ele o

comeu com toda a vontade, enquanto Veá delicadamente bicava e debicava. Ele finalmente teve de parar, e ela riu de seu ar arrependido.

— Comi demais.

— Uma pequena caminhada faria bem.

A caminhada foi muito pequena; um lento passeio de dez minutos pela grama, e depois Veá deixou-se graciosamente cair à sombra de arbustos elevados, recobertos todos de flores douradas. Ele se sentou ao lado dela. Uma expressão que Takver usava lhe veio à mente, quando olhava para os delicados pés de Veá, decorados por sapatinhos brancos de saltos muito altos. “Uma aproveitadora do corpo”, chamava Takver às mulheres que usavam a sexualidade como arma, numa luta pelo poder contra os homens. Pelo visto Veá era a campeã das aproveitadoras do corpo. Sapatos, roupas, cosméticos, joias, gestos, tudo nela reforçava a provocação. Seu corpo era tão elaborado e ostensivamente de fêmea, que ela mal parecia um ser humano. Encarnava toda a sexualidade que os iotís reprimiam e transferiam para seus sonhos, seus romances e poemas, seus intermináveis quadros de nus femininos, sua música, para as curvas e cúpulas de sua arquitetura, suas banheiras e seus colchões. Ela era a mulher que a mesa continha. Sua cabeça, inteiramente raspada, havia sido entalcada com um pó contendo minúsculos grãos de mica, e uma fraca cintilação dissimulava a nudez dos contornos. Estava usando uma estola ou um xale transparente, sob o qual as formas e a textura de seus braços desnudos pareciam suavizadas e bem abrigadas. Os seios estavam cobertos: as mulheres iotís não saíam com os seios nus, pois essa nudez reservavam para seus proprietários. Os pulsos estavam recobertos por pulseiras de ouro, e no côncavo da garganta uma única joia brilhava, um brilho azul na maciez de sua pele.

— Como isso fica seguro aí?

— O quê? — Como não lhe era possível ver a joia, ela podia fingir que não sabia de sua existência, obrigando-o a apontar e quem sabe a levantar a mão até os seios para tocar a joia. Shevek sorriu e a tocou.

— Está colada?

— Ah, isso aqui? Não; mandei implantar uma minúscula placa magnética aí e a joia tem um pedacinho mínimo de metal atrás... ou é o contrário? De qualquer jeito, ficamos sempre juntas.

— Tem um ímã debaixo de sua pele? — inquiriu Shevek, com um nojo espontâneo.

Veá sorria e tirou a safira para que ele pudesse ver que não havia nada além de uma minúscula cicatriz prateada na covinha.

— Você realmente desaprova tudo em mim... isso é tão estimulante. Sinto que independente do que eu diga ou faça, não posso rebaixar-me mais em sua opinião porque já atingi o ponto mais baixo.

— Não é assim — ele protestou. Sabia que ela estava fazendo um jogo, mas conhecia pouco as regras desse jogo.

— É sim; sei reconhecer o horror moral quando o vejo. Assim. — Fez uma carranca enjoada e os dois acharam graça. — Sou mesmo tão diferente assim das mulheres anarrestis?

— Oh, sim, muito.

— Elas são todas terrivelmente fortes, musculosas? Usam botas e têm os pés enormes e chatos, roupas sóbrias, e só se depilam uma vez por mês?

— Elas não se depilam nunca.

— Nunca? Em nenhuma parte? Meu Deus! Vamos falar de outra coisa.

— De você. — Ele se encostou no talude relvoso tão perto de Veá que foi envolvido pelos perfumes naturais e artificiais de seu corpo. — Eu queria saber se as mulheres urrastis ficam contentes por serem sempre inferiores aos homens.

— Inferiores a quem?

— Aos homens.

— Oh, isso... O que o leva a pensar que sou inferior?

— Tem-se a impressão de que tudo o que sua mocidade faz é feito pelos homens. A indústria, as artes, a administração, o governo, as decisões. E vocês usam a vida inteira o nome do pai ou do marido. Os homens estudam e vocês não; os professores, juízes, policiais e governantes são todos homens, não são? Por que vocês permitem que eles controlem tudo? Por que vocês não fazem o que gostam?

— Mas nós fazemos. As mulheres fazem exatamente o que gostam. E não têm de sujar as mãos, nem de usar capacete de cobre, nem de ficar gritando pelos Diretórios para fazê-lo.

— Mas então o que é que vocês fazem?

— Ora, dirigimos os homens, é claro! E sabe, é perfeitamente seguro dizer-lhes isso, porque eles nunca acreditam. Eles dizem “Ora, veja, que mulherzinha engraçada!”, e lhe fazem uma carícia na cabeça antes de se retirarem bem posudos e balançando as medalhas e cheios de si.

— E você também se sente satisfeita?

— Sinto-me, perfeitamente.

— Não acredito.

— Porque não está de acordo com os seus princípios. Os homens sempre têm suas teorias, e tudo tem sempre de estar de acordo com elas.

— Não, não é por causa de teorias, e sim porque posso ver que você não está contente. Que é irrequieta, insatisfeita, perigosa.

— Perigosa? — Veia deu uma gargalhada radiante. — Que elogio mais absolutamente divino! Por que sou perigosa, Shevek?

— Bem, porque aos olhos dos homens você não passa de um objeto, um objeto possuído, comprado, vendido. E por isso você só pensa em ludibriar os proprietários, em vingar-se...

Pousou a mão deliberadamente sobre a boca de Shevek.

— Silêncio — ela disse. — Sei que não tem a intenção de ser vulgar. Eu lhe perdoo. Mas agora basta.

Ele fez uma carranca selvagem para essa hipocrisia e ao dar-se conta de que poderia tê-la realmente magoado. Ainda podia sentir o breve contato da mão dela em seus lábios.

— Sinto muito — disse ele.

— Não, por nada. Como você poderia compreender, vindo da Lua? E de qualquer forma, você é apenas um homem... Mas há uma coisa que vou lhe dizer. Se você pegasse uma de suas “irmãs” lá da Lua e lhe desse uma oportunidade de tirar as botas, tomar um banho de unguento perfumado e depilar-se, pôr umas sandálias bem bonitinhas, uma joia no umbigo e perfume, ela adoraria. E você também iria adorar! E como iria! Mas vocês não o farão, coitadinhos, com essas teorias de vocês. Todos irmãos e irmãs, e nada de divertimento!

— Você tem razão — disse Shevek. — Nada de divertimento. Nunca. Em Anarres passa-se o dia cavando as entranhas das minas de chumbo, e quando a noite chega, depois de nossa refeição de três grãos de holumínia cozinhados numa colherada de água salobra, recitamos em coro antifônico a Palavra de Odo, até a hora de dormir. O que fazemos todos separadamente e usando botas.

Sua fluência em iótico não era suficiente para permitir-lhe o voo verbal que essa tirada teria sido em sua própria língua, numa daquelas súbitas fantasias que apenas Takver e Sadik já tinham escutado o bastante para se habituarem; mas com toda a imperfeição, a tirada surtiu efeito em Veia. Seu riso profundo irrompeu, forte e espontâneo.

— Meu Deus, você também é engraçado! Existe alguma coisa que você não seja?

— Um vendedor — disse ele.

Ela o estudou, sorrindo. Havia algo de profissional, de teatral em sua pose. As pessoas em geral não se olham de perto com muita atenção, a não ser que sejam mãe e filho, ou médico e paciente, ou amantes.

Ele se levantou.

— Quero andar mais um pouco — disse.

Ela estendeu a mão para que ele a ajudasse a levantar-se. O gesto foi lânguido e convidativo, mas ela disse com uma ternura incerta na voz:

— Você é realmente como um irmão... Segure minha mão. Vou deixá-lo partir outra vez!

Passearam pelas alamedas do grande jardim. Entraram no palácio, preservado como museu dos antigos tempos da monarquia, pois Vea disse que adorava olhar as joias ali expostas. Os retratos de arrogantes nobres e príncipes fitavam-nos das paredes cobertas por brocados e das lareiras entalhadas. Os aposentos eram repletos de prata, ouro, cristal, madeiras raras, tapeçarias e joias. Os guardas ficavam imóveis atrás de cordões de veludo. Seus uniformes vermelho e preto combinavam bem com os objetos esplendorosos, com as colgaduras de ouro fiado, com as colchas de penas entrelaçadas, mas não seus rostos: eram rostos entediados, cansados, cansados de ficarem o dia inteiro no meio de estranhos fazendo um trabalho inútil. Shevek e Vea se aproximaram de um mostrador de vidro onde se encontrava o manto da rainha Teaea, feito da pele morena de rebeldes esfolados vivos, e usado por essa mulher desafiante e terrível quando se reunia a seu povo dominado pela peste, para pedir a Deus que acabasse com o flagelo, há duzentos anos.

— Acho terrivelmente parecido com pele de cabra — disse Vea examinando o manto na caixa de vidro, desbotado e esfarrapado pelo tempo. Levantou o olhar para Shevek. — Você está se sentindo bem?

— Acho que gostaria de sair desse lugar.

Quando chegaram ao jardim o rosto dele ficou menos pálido, mas ele se virou para olhar os muros do castelo, com ira no olhar.

— Por que vocês se agarram ao que lhes envergonha?

— Mas isso tudo não passa de história. Coisas assim não poderiam acontecer agora!

Ela o levou para uma vespéral de teatro, uma comédia sobre jovens casais e suas sogras, cheia de piadas sobre o ato sexual que nunca mencionavam a cópula. Shevek tentava rir sempre que Vea achava graça. Depois do teatro foram a um restaurante no centro, um lugar de inacreditável opulência. O jantar custou cem unidades. Shevek comeu pouquíssimo porque já comera ao meio-dia, mas cedeu à insistência de Vea e bebeu dois ou três copos de vinho, que pareceu-lhe mais agradável do que esperava e não parecia ter efeito nocivo algum em seu raciocínio. Ele não tinha dinheiro suficiente para pagar o jantar, mas Vea não se ofereceu para dividir as despesas, sugerindo apenas que ele fizesse um cheque e ele o fez. Em seguida pegaram um carro de aluguel até o apartamento de Vea; ela também deixou que ele pagasse o motorista. Seria Vea, ele se perguntou, realmente uma prostituta, um exemplar dessa entidade misteriosa? Mas as prostitutas, segundo o que Odo escreveu, eram mulheres pobres, e Vea certamente não era pobre; a “minha” festa, ela lhe havia dito, estava sendo organizada pela “minha” cozinheira, “meu” empregado e pelo “meu” fornecedor. Além do mais os homens da Universidade se referiam às prostitutas com desprezo, como sendo criaturas obscenas, enquanto Vea, com todas as eternas provocações, mostrava tanto desagrado a qualquer conversa franca sobre sexo que Shevek media as palavras quando conversava com ela, como ele o faria em sua terra com uma tímida criança de dez anos. Tudo somado, ele não sabia exatamente o que

ela era.

Os aposentos do apartamento de Vea eram espaçados e luxuosos, com uma vista resplandecente das luzes de Nio, e inteiramente decorado em branco, inclusive o tapete. Mas Shevek já começava a ficar insensível ao luxo e além disso estava extremamente sonolento. Os convidados só eram aguardados uma hora mais tarde. Enquanto Vea trocava de roupa, ele pegou no sono, numa enorme poltrona da sala de estar. Ao pousar com barulho alguma coisa sobre a mesa, a empregada o acordou a tempo de ver a entrada de Vea, agora usando um traje ioti formal para as mulheres; uma saia pregueada a partir dos quadris, deixando o torso inteiro desnudo. No umbigo uma joia cintilava, exatamente como nas fotos que ele havia visto com Tirin e Bedap há um quarto de século, no Instituto Regional de Norte-Poente, igualzinha... Meio acordado e todo excitado, ele a fitou.

Ela retribuiu o olhar, sorrindo um pouco.

Ela se sentou numa banquetta baixa e estofada bem perto dele, para poder olhá-lo nos olhos. Ajeitou a saia branca em volta dos tornozelos e disse:

— Bom, agora me diga o que realmente se passa entre os homens e as mulheres de Anarres.

Era inacreditável. A empregada e o fornecedor estavam ambos na sala; ela sabia que ele tinha um par e ele sabia que ela tinha um, e não haviam trocado uma palavra sequer sobre sexo. No entanto, o traje que ela vestia, seus movimentos, o tom da voz... o que era senão o mais aberto dos convites?

— Entre um homem e uma mulher há o que eles querem que haja entre eles — disse um tanto ríspido. — Cada um deles e os dois.

— Então é verdade, vocês realmente não têm moral? — ela perguntou, entre chocada e deliciada.

— Não sei de que está falando. Magoar alguém lá é o mesmo que magoar alguém aqui.

— Quer dizer então que vocês têm as mesmas regras antiquadas? Sabe, eu acho que a moralidade não passa de mais uma superstição, como á religião. Tem de ser banida.

— Mas minha sociedade — disse ele completamente confuso — é uma tentativa de se *alcançar* a moralidade. Libertar-se do que é moralista está certo... das regras, das leis, dos castigos, para que o homem possa ver o bem e o mal e escolher entre os dois.

— Então vocês acabaram com todos os “façam” e “não façam”. Mas sabe de uma coisa, acho que vocês Odonistas não conseguiram o principal. Vocês se libertaram dos padres, dos juízes, das leis e do divórcio, mas conservaram o verdadeiro problema que está por trás disso tudo. Vocês apenas o esconderam aí dentro, na consciência de vocês. Mas ele ainda está aí. Vocês são tão escravos quanto antes! Não são livres, na realidade.

— Como pode saber?

— Li numa revista um artigo sobre o Odonismo — disse ela. — E nós dois passamos o dia juntos. Eu não o conheço, mas sei de umas coisas a seu respeito. Sei que tem uma... uma Rainha Teaea dentro de você. Bem aí dentro de sua cabeça, com toda essa sua cabeleira. E ela fica lhe dando ordens por aí exatamente como a velha tirana fazia com seus servos. Ela diz “Faça isto!”, e você faz. Ou então “Não faça isto!”, e você não faz.

— E é aí que é o lugar dela — disse ele sorrindo —, dentro de minha cabeça.

— Não. É melhor deixá-la num palácio. Assim você poderia rebelar-se contra ela. E você deveria! Seu bisavô se revoltou; pelo menos foi para a Lua a fim de escapar. Mas ele levou a Rainha Teaea consigo, e você ainda a tem em você!

— Talvez. Mas em Anarres ela aprendeu que se ela me manda magoar outra pessoa, vou me magoar a mim mesmo.

— A mesma velha hipocrisia. A vida é uma luta, e o mais forte vence. Tudo o que a civilização faz é ocultar o sangue e acobertar o ódio com palavras bonitas!

— A civilização de vocês, talvez. A nossa não esconde nada. Tudo é às claras. Lá a Rainha Teaea usa sua própria pele. Só seguimos uma lei, somente uma: a lei da evolução humana.

— A lei da evolução humana diz que o mais forte sobreviverá!

— Sim, e os mais fortes, na existência de qualquer espécie social, são aqueles que são mais sociáveis. Em termos humanos, os mais éticos. Sabe, não temos presas nem inimigos em Anarres. Só temos uns aos outros. Não há nenhuma força a se ganhar em nos ferirmos uns aos outros. Só fraqueza.

— Eu não me importo com isso de magoar ou não magoar. Não me importo com os outros, e os outros também não. Fingem que se importam. Eu não quero fingir. Quero ser livre!

— Mas Veá — começou ele a dizer com ternura, pois o apelo à liberdade o emocionava muito, mas a campainha da porta tocou. Veá se levantou, ajeitou a saia, e foi toda sorridente receber seus convidados.

Durante a hora seguinte, chegaram umas trinta ou quarenta pessoas. No começo Shevek se sentiu mal-humorado, insatisfeito e entediado. Era mais uma festa onde todo mundo ficava parado com um copo na mão e falando alto. Mas logo a festa começou a ficar mais divertida. As conversas e discussões foram ficando animadas, as pessoas sentavam-se para conversar, começou a ficar parecida com uma festa em casa. Delicados pasteizinhos e pedaços de carne e peixe eram oferecidos a todos, e os copos constantemente enchidos pelo atencioso garçom. Shevek aceitou um drinque. Ele há meses vinha observando os urrastis entornarem álcool, e nenhum deles parecia ficar doente por isso. A coisa tinha gosto de remédio, mas alguém lhe explicou que era sobretudo água carbonatada, o que lhe agradou. Estava com sede e bebeu tudo de vez.

Alguns homens estavam determinados a falar de física com ele. Um deles era bem-educado, e Shevek conseguiu evitá-lo por um momento, pois achava difícil falar de física com os não físicos. O outro era impositivo e não era possível escapar dele; mas a irritação, descobriu Shevek, ajudava muito a falar. O homem sabia tudo, aparentemente porque tinha muito dinheiro.

— Pelo que vejo — disse ele a Shevek — sua Teoria da Simultaneidade nega o ato mais óbvio quanto ao tempo: o fato de que o tempo passa.

— Bem, em física deve-se ter cuidado com o que se chama de “fatos”. É diferente do mundo dos negócios — disse Shevek de modo delicado e amável, mas havia algo em sua amabilidade que fez Veá, conversando com outro grupo bem próximo, virar-se para escutá-lo. — Nos termos estritos da Teoria da Simultaneidade, a sucessão não é considerada um fenômeno físico objetivo, mas subjetivo.

— Agora deixe de assustar Dearri, e diga-nos o que isso quer dizer em linguagem de bebês — disse Veá. Sua argúcia fez Shevek sorrir.

— Bem, nós pensamos que o tempo “passa”, passa correndo por nós, mas e se fôssemos nós que seguissemos adiante, do passado para o futuro, sempre descobrindo o novo? Seria um pouco como ler um livro, entende? O livro está todo aí, completo, entre as duas capas. Mas quando se quer ler a história e compreendê-la, deve-se começar pela primeira página e prosseguir, seguindo sempre uma ordem. Então o universo seria como um livro imenso, e nós seríamos leitores bem pequeninos.

— Mas o *fato* é — disse Dearri — que nós vivenciamos o universo como uma sucessão, como um fluxo. E nesse caso, de que nos serve uma teoria que diz que num plano superior qualquer ele pode ser eternamente coexistente? Pode divertir a vocês teóricos, talvez, mas não tem aplicação prática, não é relevante para a realidade da vida. A não ser que implique a construção de um máquina do tempo — acrescentou ele, com uma jovialidade severa e falsa.

— Mas nós não vivenciamos o universo somente como uma sucessão — disse Shevek. — Nunca tem sonhos, Sr. Dearri? — Sentiu-se orgulhoso de si mesmo por ter, por essa vez, se lembrado de chamar alguém de “Sr.”.

— E o que isso tem a ver com o problema?

— É apenas quando estamos conscientes, aparentemente, que vivenciamos o tempo. Um bebê não tem noção do tempo; ele não pode se distanciar do passado, nem compreender como o passado se relaciona com seu presente, nem relacionar o presente com seus planos para o futuro. Ele não sabe que o tempo passa, não compreende a morte. O inconsciente do adulto ainda é assim. Num sonho não há tempo, e a sucessão é toda alterada, e as causas e os efeitos se misturam. Nos mitos e nas lendas não há tempo. A que passado o conto se refere quando diz “Era uma vez”? E assim, quando o místico restabelece a ligação da razão e do inconsciente, ele vê tudo se tornar um único ser, e compreende o eterno retorno.

— Sim, os místicos — disse o interlocutor mais tímido, num tom ansioso. — Tebores, no Oitavo Milênio, escreveu: “O inconsciente é coextensivo ao universo”.

— Mas nós não somos bebês — interrompeu Dearri —; somos homens racionais. Sua Simultaneidade é por acaso uma espécie de regressivismo místico?

Houve uma pausa, durante a qual Shevek se serviu de um salgadinho que ele não queria e o comeu. Ele já havia perdido a calma uma vez naquele dia, e passado por tolo. Uma vez era o bastante.

— Talvez possamos considerá-la — disse ele — um esforço para alcançar um equilíbrio. Sabe, a Física Sequencial explica perfeitamente a nossa impressão de um tempo linear, e a evidência da evolução. Inclui a criação e a mortalidade. Mas não vai adiante. Trata de tudo o que se transforma, mas não pode explicar por que as coisas também perduram. Fala apenas da seta do tempo, nunca do círculo do tempo.

— O círculo? — perguntou o interlocutor de boas maneiras, com uma ânsia por compreender tão evidente que Shevek se esqueceu totalmente de Dearri e mergulhou na conversa com entusiasmo, gesticulando com as mãos e os braços como se tentasse mostrar a seu ouvinte, materialmente, as setas, os círculos e as oscilações de que falava.

— O tempo avança em ciclos e também em linha reta. Um planeta girando, entende? Um ciclo, uma órbita em volta do sol, e temos um ano, não é? E duas órbitas, dois anos e assim por diante. Pode-se contar as órbitas indefinidamente, um observador pode. De fato, é com um sistema semelhante que contamos o tempo. Trata-se do indicador das horas, do *relógio*. Mas dentro do sistema, do ciclo, onde está o tempo? Onde é o começo, onde o fim? A repetição infinita é um processo atemporal. Para ser visto como temporal, precisa ser comparado, relacionado com qualquer outro processo cíclico ou não cíclico. Bom, isso é muito estranho e interessante. Os átomos, como sabe, têm um movimento cíclico. Os compostos estáveis são formados de elementos que têm um movimento periódico, regular em relação uns aos outros. Na realidade são os minúsculos ciclos reversíveis do átomo que dão à matéria suficiente durabilidade para que a evolução se processe. As pequenas intemporalidades somadas resultam no tempo. E depois, numa grande escala, o cosmos. Bem, você sabe que pensamos que o universo inteiro é um processo cíclico, uma oscilação de expansão e contração sem antes ou depois. Apenas *dentro* de cada um dos grandes ciclos, onde nós vivemos, só aí é que há o tempo linear, a evolução, a mudança. Por conseguinte, o tempo tem dois aspectos. Há a seta, o rio que corre, sem a qual não há mudança, nem progresso, nem direção, nem criação. E há o círculo do ciclo, sem o qual haveria o caos, uma sucessão absurda de instantes, um mundo sem relógios, sem estações e sem promessas.

— Não se pode proferir duas declarações contraditórias sobre a mesma coisa — disse Dearri, com a tranquilidade do conhecimento superior. — Em outras palavras, um desses “aspectos” é real, e o outro simplesmente uma ilusão.

— Muitos físicos já disseram isso — afirmou Shevek.

— E o que o senhor diz? — perguntou o mais interessado em saber.

— Bem, acho que isso é uma maneira fácil de se fugir da dificuldade... Pode-se qualificar o ser e o devir de ilusões? O devir sem o ser não tem sentido. O ser sem o devir é um grande tédio... Se a mente é capaz de perceber o tempo dessas duas formas, então uma verdadeira cronosofia nos proporcionaria um campo no qual a relação entre os dois aspectos ou processos do tempo poderia ser compreendida.

— Mas de que adianta esse tipo de “compreensão” — perguntou Dearri — se não resulta em aplicações práticas e tecnológicas? Não passa de malabarismo verbal, ou não?

— Você faz perguntas como um autêntico aproveitador — disse Shevek, e nenhuma alma ali presente sabia que ele havia insultado Dearri, com o termo mais pejorativo de todo o seu vocabulário; na realidade Dearri fez uma ligeira inclinação de cabeça, aceitando o elogio com satisfação. Veia, contudo, sentiu a tensão no ar e disse bruscamente:

— Eu realmente não compreendo uma palavra do que estão dizendo, sabem, mas parece-me que, se eu *de fato* entendi o que estava dizendo sobre o livro, que tudo realmente existe *agora*, não seríamos então capazes de prever o futuro? Se ele já está aqui?

— Não, não — disse o interlocutor mais tímido, sem nenhuma timidez. — Não está aqui como um sofá ou uma casa. O tempo não é espaço. Não se pode caminhar por ele!

Veia assentiu com um vigoroso movimento de cabeça, como se ficasse muito aliviada por ter sido posta em seu lugar. Parecendo encorajado por ter afastado a mulher dos domínios do pensamento superior, o homem tímido se voltou para Dearri e disse:

— Parece-me que a aplicação da física temporal está na ética. Está de acordo, Dr. Shevek?

— Ética? Bem, não sei. Trabalho sobretudo com a matemática, sabe. Não se pode fazer equações do comportamento ético.

— Por que não? — perguntou Dearri.

Shevek o ignorou.

— Mas é verdade, a cronosofia de fato abrange a ética. Porque nossa noção de tempo implica nossa capacidade de separar causa e efeito, meios e fim. O bebê, usando de novo o exemplo, e o animal não veem a diferença entre o que fazem agora e o que acontecerá como consequência. Não podem fazer uma roldana, e nem uma promessa. Nós podemos. Por vermos a diferença entre *agora* e *agora não*, somos capazes de fazer uma relação. E é aí que a moral entra em cena. A responsabilidade. Afirmar-se que um bom fim decorrerá de maus meios é o mesmo que dizer que se eu puxo a corda dessa roldana, ela levantará o peso que está numa outra. Quebrar uma promessa é negar a realidade do passado, negando-se por conseguinte a esperança de um verdadeiro futuro. Se o tempo e a razão estão ligados, se nós somos criaturas do tempo, então é melhor que o saibamos e que tentemos fazer disso o melhor. Agir com responsabilidade.

— Mas olhe aqui — disse Dearri, com inefável satisfação por sua própria argúcia —, o senhor acabou de dizer que em seu sistema de Simultaneidade *não há* passado nem futuro, apenas uma espécie de eterno presente. Então como se pode ser responsável por um livro que está escrito? Tudo o que se pode fazer é ler o livro. Não nos resta outra escolha, nenhuma liberdade de ação.

— Esse é o dilema do determinismo. Tem toda a razão, isso está implícito no pensamento simultaneísta. Mas o pensamento sequencial também tem seu dilema. É mais ou menos assim, fazendo uma comparação meio tola: joga-se uma pedra na direção de uma árvore, e quando se é um simultaneísta a pedra já atingiu a árvore, e quando se é um pensador sequencial a pedra nunca pode atingi-la. Então, qual dos dois escolher? Talvez você prefira atirar pedras sem pensar, sem fazer

escolha. Eu prefiro tornar as coisas mais difíceis e escolho os dois.

— Como... como o senhor os reconcilia? — perguntou o tímido com todo o interesse.

Shevek quase riu de desespero.

— Não sei. Há muito tempo que trabalho nisso! Afinal, a pedra de fato atinge a árvore. Nem a sequência pura e nem a unidade pura poderão explicar. Não queremos pureza, mas sim complexidade, a relação de causa e efeito, de meios e fins. Nosso modelo do cosmos tem de ser tão inesgotável quanto o próprio cosmos. Uma complexidade que inclua não apenas a duração, mas a criação também, não apenas o ser, mas também o devir, e não só a geometria, mas a ética também. Não estamos atrás da resposta, e sim de saber como fazer a pergunta...

— Está tudo muito bem, mas a indústria precisa é de respostas — disse Dearri.

Shevek se voltou lentamente, baixou o olhar para ele e não disse absolutamente nada.

Houve um silêncio incômodo, no qual Vea se precipitou, graciosa e inconsequente, retomando a questão da previsão do futuro. Outros foram atraídos pelo tópico, e começaram todos a contar experiências com cartomantes e adivinhos.

Shevek decidiu não dizer nada, independente do que lhe perguntassem. Estava mais sedento do que nunca; deixou o garçom encher sua taça outra vez e bebeu o líquido agradável e borbulhante. Olhou em volta do salão, tentando dissipar a raiva e a tensão enquanto observava as outras pessoas. Mas elas também estavam agitadas demais para os padrões iotís: gritavam, riam muito alto, interrompiam-se uns aos outros. Num canto do salão, um casal estava entregue às preliminares do amor. Shevek desviou o olhar, enojado. Será que eles egoizavam até no sexo? Trocar carícias e copular na frente de pessoas que estavam sem par era tão vulgar quanto comer diante de pessoas famintas. Desviou a atenção para o grupo que estava à sua volta. Já haviam saído das previsões, e agora estavam na política. Estavam todos discutindo sobre a guerra, sobre o que Thu iria fazer, o que A-Io iria fazer, sobre o que o CMG iria fazer.

— Por que vocês só falam por abstrações? — ele inquiriu bruscamente, e ao fazê-lo se perguntou por que estava falando, quando já tinha decidido ficar calado. — Não se trata de nomes de países, trata-se de pessoas que se matam umas às outras. Por que os soldados vão para a guerra? Por que um homem vai matar estranhos?

— Mas os soldados existem *para isso* — disse uma mulher muito pequena e com uma opala no umbigo. Diversos homens começaram a explicar a Shevek o princípio da soberania nacional. Vea interrompeu.

— Mas deixem que ele fale. Como acabaria com a confusão, Shevek?

— A solução está na cara.

— Onde?

— Anarres!

— Mas o que vocês fazem na Lua não resolve nossos problemas aqui.

— O problema do homem é sempre o mesmo. A sobrevivência. Das espécies, do grupo, do indivíduo.

— A autodefesa nacional! — gritou alguém.

Eles discutiram, ele discutiu. Ele sabia o que queria dizer, e sabia que deveria convencer a todos pois era algo de claro e verdadeiro, mas por alguma razão não conseguia falar corretamente. Todo mundo estava gritando. A mulher muito pequena e clara deu umas pancadinhas no largo braço da cadeira em que estava sentada, e ele foi sentar-se no braço. A cabeça raspada e acetinada da mulher ressurgiu debaixo do braço de Shevek. “Olá, Homem da Lua!”, disse ela. Vea tinha-se reunido por instantes a outro grupo, mas agora estava de novo a seu lado. Estava muito rubra e os olhos pareciam

grandes e líquidos. Ele teve a impressão de ver Pae do outro lado do salão, mas havia tantos rostos que eles se misturavam e se tornavam indistintos. As coisas aconteciam de modo intermitente, com claros entre uma e outra; era como se estivessem lhe permitindo observar dos bastidores o funcionamento do Cosmos Cíclico da hipótese da velha Gvarab. “O princípio da autoridade legal deve ser mantido, ou então vamos degenerar em mera anarquia!”, bradou um homem gordo e carrancudo. Shevek disse: “Sim, sim, degenerem! Há cento e cinquenta anos nós aproveitamos dessa degeneração.” Os dedos dos pés da mulher clarinha, em sandálias prateadas, surgiram, saindo de baixo da saia, que era toda enfeitada de centenas e centenas de minúsculas pérolas. Veia disse: “Mas fale-nos de Anarres, diga-nos como é *realmente*. É realmente tão maravilhoso assim?”

Ele estava sentado no braço da cadeira, e Veia sentava sobre uma almofada a seus pés, ereta e dócil, com as pontas dos seios macios a fitá-lo, o rosto sorridente, complacente, rubro.

Alguma coisa muito sombria começou a revolver na mente de Shevek, escurecendo tudo. Sua boca estava muito seca. Esvaziou a taça que o garçom acabara de servir-lhe.

— Não sei — disse ele; sentiu a língua meio paralisada. — Não. Não é maravilhoso. É um mundo feio. Não é como esse aqui. Só tem poeira e montanhas áridas em Anarres. Tudo é escasso, seco. E as pessoas não são bonitas. Têm mãos e pés grandes, como os meus e os daquele garçom ali. Mas as barrigas não são grandes. Sujam-se muito e tomam banho juntas, ninguém aqui faz isso. As cidades são pequenas e sem graça, lúgubres. Não há palácios. A vida é monótona e trabalha-se muito. Nem sempre pode-se ter o que se quer, ou mesmo o que se necessita, pois não há bastante. Vocês urrastis têm o bastante. Bastante ar, bastante chuva, grama, oceanos, comida, música, edifícios, fábricas, máquinas, livros, roupas, histórias. Vocês são ricos, vocês possuem. Nós somos pobres, carecemos. Vocês têm e nós não temos. Tudo é bonito, aqui. Menos os rostos. Em Anarres, nada é bonito, nada senão os rostos. Os outros rostos, os homens e as mulheres. Não temos nada fora isso, nada a não ser uns aos outros. Aqui se olha para joias e lá para os olhos. E nos olhos pode-se ver o esplendor, o esplendor do espírito humano. Porque nossos homens e nossas mulheres são livres... nada possuindo, eles são livres. E vocês os possuidores são possuídos. Vocês vivem numa prisão, morrem numa prisão. É só o que posso ver nos olhos de vocês... o muro, o muro!!

Estavam todos olhando para ele.

Ele ouviu seu clamor ainda a ecoar no silêncio, sentiu as orelhas em brasa. A escuridão, o vazio, tornaram a remoinhar em sua mente. “Estou tonto”, disse, e levantou-se.

Veia segurava-lhe o braço.

— Venha comigo por aqui — disse ela, rindo-se um pouco e ofegante. Ele a seguiu, enquanto ela abria caminho por entre os convidados. Ele agora sentia que o rosto estava pálido e a tonteira não passava; só esperava que ela o estivesse levando até um banheiro, ou para uma janela onde pudesse respirar o ar puro. Mas o quarto em que eles entraram era grande e francamente iluminado por um reflexo. Uma cama alta e enorme estava encostada a uma parede, e um espelho cobria metade da outra. Havia no ar uma fragrância suave e envolvente, de cortinados, dos lençóis, do perfume que Veia usava.

— Você é demais — disse Veia, pondo-se bem diante dele e levantando o olhar para o dele, na penumbra, com seu sorriso ofegante. — Realmente demais... você é impossível... magnífico! — Pousou as mãos nos ombros dele. — Oh, a cara que eles fizeram! Tenho de lhe dar um beijo por isso! — E ficou então na ponta dos pés, mostrando-lhe a boca, o pescoço branco, e os seios desnudos.

Ele a agarrou e lhe deu um beijo na boca, forçando-a a inclinar a cabeça para trás, e depois a garganta e o busto. No começo ela cedeu como se não tivesse ossos, depois se contorceu um pouco, rindo e afastando-o sem muita força, e começou a falar.

— Oh, não, não, agora comporte-se — disse ela. — Vamos, deixe disso, temos de voltar para o salão. Não, Shevek, fique quieto, isso não vai dar certo! — Ele não dava a menor importância ao que ela dizia. Foi puxando-a para a cama, e ela ia, embora não parasse de falar. Ele se atrapalhou todo com as roupas complicadas que estava usando e conseguiu desamarrar a calça com uma única mão. E ainda tinha as roupas de Veá, a saia de cintura baixa mas muito bem presa por uma faixa que ele não conseguia desatar.

— Vamos, pare — disse ela. — Não, agora ouça, Shevek, não vai dar certo, agora não. Eu não tomei anticoncepcional, se eu engravidar estou perdida, meu marido só volta dentro de duas semanas! Não, solte-me!

Mas ele não conseguia soltá-la; estava com o rosto colado à carne macia, suave e perfumada.

— Escute, não amarrote minha roupa, as pessoas vão notar, pelo amor de Deus. Espere, espere aí, nós podemos combinar, vamos marcar um encontro em outro lugar, eu preciso zelar por minha reputação, não posso confiar na empregada, espere aí, agora não... Agora não! Agora não!

E finalmente amedrontada pelo desejo premente, pela força do homem, ela empurrou-lhe o peito com toda a força que tinha. Ele deu um passo para trás, confuso com o pânico súbito na voz da mulher e pela resistência que ela oferecia; mas ele não conseguia parar, a resistência o deixava ainda mais excitado. Ele a puxou e tornou a agarrá-la, e jorrou esperma na seda branca do traje que ela usava.

— Largue-me! Largue-me! — ela repetia, com o mesmo murmúrio amedrontado.

Ele a largou. Ficou parado, aturdido. Voltou a atrapalhar-se com suas calças tentando fechá-las.

— Sinto muito... pensei que você queria...

— Meu Deus do céu — disse Veá, olhando para a saia na penumbra e desfazendo o plissado para sacudi-la. — Realmente! Agora vou ter de trocar de roupa.

Shevek continuou parado, boquiaberto, respirando com dificuldade, os braços caídos; e depois ele de súbito se virou e saiu do quarto sombrio, cambaleando. De volta ao salão iluminado, seguiu cambaleando por entre a multidão de convidados, deu um tropeção, e viu que o caminho estava impedido por corpos, roupas, joias, bustos, olhos, castiçais, móveis. Correu para encostar-se a uma mesa. Nela havia uma bandeja de prata, sobre a qual pasteizinhos recheados de carne, creme e ervas estavam expostos em círculos concêntricos, formando uma enorme flor amarelada. Shevek fez um esforço para respirar, inclinou-se e vomitou a bandeja inteira.

— Eu o levarei para casa — disse Pae.

— Faça isto, pelo amor de Deus — disse Veá. — Estava procurando por ele, Saio?

— Oh, sim, um bocado. Felizmente Demaere telefonou para você.

— Ele estava precisando mesmo de encontrá-lo.

— E não vai dar muito trabalho. Está lá no vestíbulo desmaiado. Posso usar seu telefone antes de sair?

— Dê minhas lembranças ao Chefe — disse Veá maliciosamente.

Oiie tinha vindo até o apartamento da irmã com Pae, e os dois partiram juntos. Sentaram-se no assento do meio da grande limusine oficial que Pae requisitava sempre que precisava, a mesma em que apanharam Shevek no porto espacial no verão anterior. Ele agora estava deitado no assento traseiro, na mesma posição em que o jogaram.

— Ele passou o dia inteiro com sua irmã, Demaere?

— Desde o meio-dia, aparentemente.

— Graças a Deus!

— Por que você tem tanto medo que ele se meta pelos pardieiros? Qualquer Odonista já está convencido de que somos um bando de escravos oprimidos pelo dinheiro; que diferença pode fazer se ele vir um pouco de confirmação disso?

— Pouco me importa o que ele veja. Não queremos é que *ele* seja visto... Você tem lido os jornais da imprensa alpiste? Ou os folhetos que andaram circulando pela “Cidade Velha”, sobre “o Precursor”? O mito, aquele que chegará antes do Milênio, “um estrangeiro, um pária, um exilado carregando em suas mãos vazias novo tempo”. É assim que falam dele. Essa gentalha anda numa daquelas suas crises apocalípticas. Procurando por uma cabeça. Um catalisador. Andam falando em greve geral. Não vão aprender nunca. Precisam sempre de uma lição. Essa maldita corja de rebeldes devia era ser mandada para lutar contra Thu; só assim nos serviriam para alguma coisa.

Nenhum dos dois voltou a falar durante o percurso.

O vigia noturno da Residência dos Decanos os ajudou a carregar Shevek para o seu quarto. Jogaram-no em cima da cama e ele começou logo a roncar. Oiie ficou para tirar-lhe os sapatos e cobri-lo com um cobertor. O bafo de bebida era insuportável; Oiie afastou-se da cama, sentindo crescer dentro de si o carinho e o temor que sentia por Shevek, um sufocando o outro. Franziu a sobrancelha e murmurou: “Seu idiota”. Em seguida apagou a luz e voltou para o outro aposento. Pae estava de pé junto à escrivaninha, remexendo nos papéis de Shevek.

— Deixe isso aí — disse Oiie, com a expressão de nojo ainda mais acentuada. — Vamos embora. Já são duas horas da manhã. Estou cansado.

— O que é que esse cretino tem feito, Demaere? Ainda não tem nada aqui, absolutamente nada. Ele não passará de uma fraude? Estaremos sendo ludibriados por um maldito camponês imbecil da Utopia? Onde está a tal teoria? Onde está a nossa viagem espacial instantânea? Onde está a nossa vantagem sobre os hainish? Há nove, há dez meses que sustentamos esse infeliz para nada!

Apesar de tudo, ele embolsou um dos papéis antes de seguir Oiie porta afora.

CAPÍTULO VIII

ANARRES

Estavam nos campos de atletismo do Parque Norte de Abbenay, seis pessoas, no longo crepúsculo dourado, cheio de calor e poeira. Estavam todos contentes e fartos, pois o almoço havia durado quase a tarde inteira, uma festança e um banquete ao ar livre, com fogueiras para fazerem a comida. Era o feriado do meio do verão, o Dia da Insurreição, a comemoração do primeiro grande levante em Nio Esseia, no ano urrasti de 740, há quase duzentos anos. Os cozinheiros e serventes dos refeitórios eram os convidados de honra do resto da comunidade nesses dias, pois fora um sindicato de cozinheiros e garçons que havia iniciado a greve que levou à insurreição. Havia muitas tradições e festividades do gênero em Anarres, algumas instituídas pelos Povoadores e outras, como a do fim da colheita e a Festa do Solstício, nascidas espontaneamente dos ritmos da vida no planeta e da necessidade que sentem os que trabalham juntos de comemorarem juntos.

Estavam todos falando de modo um tanto desconexo, com exceção de Takver. Ela havia dançado durante horas, comido grandes quantidades de pão frito com picles e estava muito animada.

— Por que mandaram Kvigot para os pesqueiros do Mar Keran, onde ele terá de começar tudo outra vez, enquanto Turib assume a responsabilidade do projeto de pesquisa que dirigia aqui? — dizia ela. Seu sindicato de pesquisa fora incorporado a um projeto diretamente dirigido pelo CDP, e ela havia-se tornado uma adepta fervorosa das ideias de Bedap. — Porque Kvigot é um ótimo biólogo e não concorda com as teorias gagás de Simas, e Turib é um puxa-saco que fica esfregando as costas de Simas nos banheiros públicos. Adivinhem quem vai assumir a direção do projeto quando Simas se afastar? Sera ele, Turib, aposto!

— O que quer dizer aposto? — perguntou alguém que não estava com muita disposição para críticas sociais.

Bedap, que começava a ficar barrigudo e estava levando a ginástica a sério, corria todo compenetrado em volta do campo de esportes. Os outros estavam sentados num banco empoeirado, debaixo das árvores, fazendo exercícios verbalmente.

— É um verbo iótico — disse Shevek. — Um jogo que os urrastis fazem com as probabilidades. O que acerta fica com a propriedade do outro. — Há muito ele deixara de obedecer à proibição de Sabul para que não mencionasse seus estudos do iótico.

— Como é que alguns termos deles passaram para o právico?

— Através dos Povoadores — respondeu outro deles. — Eles tiveram de aprender o právico quando eram adultos; devem ter continuado a pensar na antiga língua por muito tempo. Já li em algum lugar que a palavra *maldito* não consta no dicionário právico, é um termo iótico também. Farigv não bolou termos insultuosos quando inventou a língua, e se o fez, os seus computadores não viram necessidade deles.

— E o que é *inferno*, então? — perguntou Takver. — Eu antes achava que inferno era o depósito de fezes na cidade onde eu cresci. “Vá pro inferno!” O pior lugar para se ir.

Desar, o matemático, que agora assumira um posto permanente no Instituto e que continuava a procurar Shevek, embora raramente falasse com Takver, respondeu em seu estilo criptográfico:

— Quer dizer Urrás.

— Em Urrás significa o lugar para onde se vai quando se é amaldiçoado.

— Deve ser como um posto no Sudoeste, no verão — disse Terrus, um ecologista, velho amigo de Takver.

— Pertence à categoria religiosa, no idioma iótico.

— Eu sei que você tem de ler em iótico, Shev, mas precisa ler sobre religião?

— Alguns dos velhos tratados da física urrasti são inteiramente religiosos. Conceitos como esse sempre aparecem. “Inferno” significa o lugar do mal absoluto.

— O depósito de detritos do Vale Redondo — disse Takver. — É isso que eu achava.

Bedap chegou bufando, coberto de poeira e com o suor a escorrer-lhe pelo corpo. Arriou-se pesadamente no banco ao lado de Shevek, ofegante.

— Diga alguma coisa em iótico — pediu Richat, uma aluna de Shevek. — Como é que eles falam?

— Você sabe: Que inferno! Maldito!

— Pare de me xingar — disse a garota dando risinhos —, e diga uma frase inteira.

Shevek, com todo o prazer, disse uma frase em iótico.

— Não sei direito como é pronunciado. Acho que é assim.

— E o que quer dizer?

— “*Se a passagem do tempo é um traço da consciência humana, o passado e o futuro são funções da mente.*” De um físico pré-sequencial, Keremcho.

— É esquisito pensar nos outros falando e a gente não poder entendê-los!

— Eles não se entendem nem entre eles. Falam centenas de línguas diferentes, esses loucos hierarquistas lá da Lua...

— Água, água — disse Bedap, ainda ofegante.

— Não tem água — disse Terrus. — Não chove há dezoito décadas. Há cento e oitenta dias para ser mais exato. A maior seca em Abbenay nos últimos quarenta anos.

— Se continuar, vamos ter de reciclar urina, como fizeram no Ano 20. Quer um copinho de mijo, Shev?

— Não brinque — disse Terrus. — É a corda bamba sobre a qual estamos caminhando. Será que vai chover o suficiente? As safras de folhagem do Sul-Nascente estão totalmente perdidas. Não chove por lá há trinta décadas.

Todos levantaram o olhar para o céu dourado enevoado. As folhas serreadas das árvores sob as quais estavam sentados, grandes árvores exóticas do Velho Mundo, descaíam nos ramos, empoeiradas, engelhadas pela sequeidão.

— Nunca haverá outra grande seca — disse Desar. — Usinas modernas de dessalinização. Impedirão.

— Podem ajudar a amenizar — disse Terrus.

O inverno daquele ano chegou cedo, frio e seco, no Hemisfério Norte. O vento espalhava uma poeira gelada pelas ruas baixas e largas de Abbenay. A água para os banhos era rigorosamente racionada: a sede e a fome eram mais importantes do que a limpeza. A alimentação e as roupas para os vinte milhões de pessoas de Anarres vinham dos pés de holumínia, das folhas, das sementes, da fibra e da raiz. Havia alguns estoques de têxteis nos armazéns e depósitos, mas nunca houve muita reserva de comida. A água era usada para a terra, para manter as plantas vivas. O céu sobre a cidade não tinha nuvens, e poderia ser claro, se não houvesse sido amarelecido pela poeira que o vento trazia das

terras mais secas do sul e do oeste. Às vezes, quando o vento soprava vindo do norte, das Montanhas Ne Theras, essa bruma amarelada se dissipava e deixava um céu limpo e brilhante, de um azul escuro que se tornava roxo inclemente no zênite.

Takver estava grávida. Afável e sonolenta, a maior parte do tempo. “Sou um peixe” — ela dizia — “um peixe dentro d’água. Estou dentro do bebê dentro de mim.” Mas às vezes o trabalho a deixava esgotada, ou uma pequena redução nas rações do refeitório a deixava faminta. As mulheres grávidas, como as crianças e os velhos, podiam fazer uma pequena refeição extra por dia, almoço às onze horas, mas ela com frequência a perdia por causa do horário rigoroso de seu trabalho. Ela podia privar-se de uma refeição, mas os peixinhos dos aquários do laboratório não podiam. Os amigos quase sempre levavam-lhe parte de suas próprias rações ou restos de comida dos refeitórios, uma fatia de fruta ou um pãozinho recheado. Ela comia tudo com satisfação e gratidão, mas continuava a ter desejos por doces, e os doces estavam em racionamento. Quando estava cansada ficava ansiosa e irritava-se com facilidade, encolerizava-se por uma única palavra.

No final do outono, Shevek terminou o manuscrito dos *Princípios da Simultaneidade*. Ele o entregou a Sabul para que aprovasse a publicação. Sabul o guardou durante uma década, duas décadas, três décadas, e não disse nada a respeito. Shevek pediu-lhe notícias do manuscrito. Ele respondeu que ainda não tinha tido tempo de lê-lo, que andava muito ocupado. Shevek aguardou. Estava no meio do inverno. Um vento seco soprava dia após dia; a terra estava gelada. Tinha-se a impressão de que tudo havia parado, uma pausa ansiosa, esperando a chuva, o nascimento.

O quarto estava sombrio. As luzes da cidade tinham acabado de se acenderem; pareciam fracas, sob o cinzento carregado do céu alto. Takver entrou, acendeu a luz, e se agachou, ainda de sobretudo, perto do aparelho de aquecimento.

— Ai, que frio! Que horror! Estou com os pés como se tivesse andado no gelo; quase caí no choro voltando para casa, de tanto frio que sentia neles. São essas botas de aproveitadores que não valem nada! Por que não podemos fabricar um par de botas decente? Por que você está aí sentado no escuro?

— Não sei.

— Você foi ao refeitório? Comi uma besteira no Rações Extras quando vinha para casa. Tive de ficar no trabalho; os ovos de kukuris estavam se abrindo e tivemos de tirar os recém-nascidos dos tanques antes que os maiores os comessem. Você jantou?

— Não.

— Não seja enjoado. Por favor, não me venha com essa cara hoje à noite. Se acontecer outra coisa de ruim, eu vou chorar. E já estou farta de ficar chorando. Esses malditos hormônios! Eu queria poder ter filhos como os peixes; pôr os ovos, sair nadando e acabou-se. A menos que eu voltasse e os comesse... Não tique aí parado feito uma estátua. Isso me irrita.

Ela estava começando a chorar, agachada perto do calor do aparelho, tentando desamarrar as botas com seus dedos enregelados.

Shevek não disse nada.

— O que está *havendo*? Você vai querer ficar aí parado!?

— Sabul me chamou hoje. Ele não vai recomendar o manuscrito para publicação, nem para exportação.

Takver parou de lutar com Os cadarços de suas botas e ficou imóvel. Olhou para Shevek por cima do ombro. Finalmente falou:

— O que foi exatamente que ele lhe disse?

— A crítica que ele escreveu está em cima da mesa.

Ela se levantou, foi arrastando os pés com uma única bota até a mesa e leu o papel, de pé, com a cabeça inclinada e as mãos nos bolsos do sobretudo.

“É um princípio aceito por todos, desde o Povoamento de Anarres, que a Física Sequencial seja a via principal do pensamento cronosófico na sociedade Odonista. Desvios egocêntricos desse princípio de solidariedade só poderão resultar num emaranhado estéril de hipóteses sem nenhuma utilidade para o organismo social, ou na repetição de especulações místico-supersticiosas dos irresponsáveis e lacaios cientistas do Estado Capitalista de Urrás...”

— Ai, que aproveitador! Que homenzinho invejoso e mesquinho! Fica babando as ideias de Odo em cima dos outros! Ele vai mandar essa crítica para a Imprensa?

— Já mandou.

Ela se ajoelhou e recomeçou a luta com a outra bota. Levantou brevemente o olhar várias vezes para Shevek, mas não se aproximou dele, nem tentou tocá-lo, e não disse nada durante algum tempo. Quando falou, não foi mais naquele tom elevado e agressivo, mas com sua voz natural, rouca, felpuda e macia.

— O que vamos fazer, Shev?

— Não há nada que se possa fazer.

— Vamos publicar o livro. Vamos formar um sindicato de imprensa, vamos aprender a tipografar e vamos publicá-lo.

— O papel está racionado ao máximo. Nada de publicações que não sejam essenciais. Somente as publicações do CDP, até que as plantações de holumínia estejam a salvo.

— Então você não pode dar um jeito de mudar a apresentação? Disfarce o que diz. Enfeite tudo com fórmulas da Física Sequencial. Assim ele poderá aceitar.

— Não se pode disfarçar preto com o branco.

Ela não perguntou se ele podia evitar Sabul ou passar por cima de sua autorização, fazer-se de superior. Ninguém em Anarres deveria ser superior a ninguém. Nem haver burlas. Quando não se podia trabalhar em solidariedade com seus próprios síndicos, trabalhava-se sozinho.

— E se... — ela parou. Levantou-se e pousou as botas perto do aquecimento para secarem. Tirou o sobretudo, pendurou-o, e pôs um grosso xale feito a mão sobre os ombros. Sentou-se na cama, gemendo um pouco ao se abaixar os últimos centímetros. Levantou o olhar para Shevek, que estava sentado de perfil, entre ela e as janelas.

— E se você sugerisse que ele assinasse como coautor? Como no primeiro trabalho que você escreveu.

— Sabul não vai pôr o nome dele num livro de “especulações místico-supersticiosas”.

— Tem certeza? Tem certeza de que não é exatamente isso que ele quer? Ele sabe o que é, sabe o que foi que você fez. Você sempre disse que ele era esperto. Sabe que a teoria vai mandá-lo juntamente com o resto da escola Sequencial para a cuba de reciclagem. Mas e se ele partilhá-lo com você, partilhar os méritos? Ele não passa de um egoísta. Se ele puder dizer que o livro é *dele*...

Shevek respondeu num tom amargo.

— Eu quero partilhar com ele tanto você quanto esse livro.

— Não encare as coisas dessa forma, Shev. É o *livro* que é importante, são as ideias. Escute. Nós queremos guardar um pouco essa criança conosco quando ela nascer, queremos amá-la. Mas se por alguma razão ela fosse morrer se nós a guardássemos, se ela só pudesse viver numa creche, se nós não pudéssemos vê-la nem saber o seu nome, se tivéssemos de fazer essa escolha, o que você decidiria? Guardar o recém-nascido, ou entregá-lo à vida?

— Não sei — disse ele. Encostou a cabeça em suas mãos, esfregando a testa com o ar

angustiado. — Sim, claro. Sim. Mas esse... Mas eu...

— Irmão, amor — disse Takver. Apertou com firmeza as mãos pousadas em seu colo, mas não as entendeu para ele. — Pouco importa o nome que sair no livro. As pessoas vão saber. O livro é que é a verdade.

— Eu sou esse livro — disse ele. Em seguida fechou os olhos e permaneceu sentado, imóvel. E então Takver se aproximou dele, timidamente, e o tocou suavemente como se estivesse tocando numa ferida.

Em princípios do ano de 164, a primeira, incompleta e drasticamente editada versão dos *Princípios da Simultaneidade* surgiu em Abbenay, com Sabul e Shevek como autores. O CDP só estava publicando relatórios e diretrizes essenciais, mas Sabul tinha influência na divisão de Imprensa e Informação do CDP, e os persuadiu do valor da propaganda que o livro faria no exterior. Urrás, disse ele, estava exultando com a seca e a ameaça de fome em Anarres; os últimos jornais iotís recebidos estavam repletos de profecias eufóricas sobre o iminente colapso da economia Odonista. Que melhor refutação, dizia Sabul, do que a publicação de um grande trabalho de puro pensamento, “um monumento da ciência”, disse ele na revisão de sua crítica, “sobrepujando a adversidade material para provar a inexaurível vitalidade da sociedade Odonista, e seu triunfo sobre o proprietariado hierarquista em todas as áreas do pensamento humano”.

Por conseguinte o trabalho foi publicado; quinze dos trezentos exemplares foram enviados a bordo do cargueiro ioti *Cautela*. Shevek nunca abriu um exemplar da versão editada. No pacote a ser exportado, contudo, ele colocou uma cópia completa do manuscrito original, tirada a mão. Na capa escreveu um bilhete pedindo que fosse entregue ao Dr. Atro do Colégio da Ciência Nobre, da Universidade de Ieu Eun, com os cumprimentos do autor. Era certo que Sabul, que daria a aprovação final para o envio do pacote, iria notar o acréscimo. Ele podia confiscá-lo por despeito, ou então deixá-lo seguir, por saber que seu resumo mutilador não teria sobre os físicos urrastis o impacto desejado. Não disse nada a Shevek sobre o manuscrito. Shevek não perguntou nada a respeito.

Shevek falou pouco com as pessoas durante aquela primavera. Ele assumiu um posto como voluntário na construção de uma nova usina de reciclagem de água, no sul de Abbenay, e passava a maior parte do dia nesse trabalho ou dando aulas. Retomou seus estudos das partículas subatômicas, e com frequência passava as noites trabalhando no acelerador do Instituto ou nos laboratórios, juntamente com especialistas em partículas. Junto a Takver e seus amigos comuns ele era calmo, sóbrio, gentil e frio.

A barriga de Takver cresceu muito, e ela andava como alguém que carrega um enorme e pesado cesto de roupa. Ela ficou em seu trabalho no laboratório de peixes até encontrar e treinar um substituto adequado, depois foi para casa e começou a sentir as contrações do parto, uma década depois da data prevista. Shevek chegou em casa no meio da tarde.

— É melhor você ir buscar a parteira — disse Takver. — Diga-lhe que as contrações ocorrem a cada quatro ou cinco minutos, mas elas não estão acelerando muito, e por isso você não precisa se apressar demais.

Ele se apressou, e quando viu que a parteira não estava entrou em pânico. Nem a parteira nem o médico do bloco estavam em casa, nem haviam deixado um bilhete na porta dizendo onde ser encontrados, como de hábito faziam. O coração de Shevek começou a martelar em seu peito, e de repente ele percebeu o que se passava com uma clareza impressionante. Viu nessa impossibilidade de encontrar ajuda um mau agouro. Andava afastado de Takver desde o inverno, desde a época da

decisão sobre o livro. Ela foi ficando cada vez mais calma, mais passiva, mais paciente. Agora ele podia compreender essa passividade: era uma preparação para a morte. Era ela que havia se afastado dele e ele não tentara segui-la. Ele só tivera olhos para a amargura de seu próprio coração, não vira o medo ou a coragem de Takver. Ele a tinha deixado sozinha porque queria ficar sozinho, ela então prosseguiu, foi para longe, longe demais, continuaria sozinha, para sempre.

Correu até a clínica do bloco, e chegou tão ofegante e sem firmeza nas pernas que os médicos pensaram que ele estava tendo um ataque cardíaco. E ele explicou. Mandaram avisar a uma outra parteira e disseram-lhe para voltar para casa pois o par podia estar querendo companhia. Ele foi para casa, e a cada passada o pânico dentro dele crescia, o terror, a certeza da perda.

Mas quando lá chegou não pôde ajoelhar-se ao lado de Takver e pedir-lhe perdão, como queria desesperadamente fazer. Takver não tinha tempo para cenas emotivas, estava muito ocupada. Ela havia tirado tudo de cima da cama deixando apenas um lençol limpo, e estava entregue ao trabalho de dar à luz uma criança. Não gemia nem gritava, pois não estava sentindo dor, mas a cada contração retesava os músculos e prendia a respiração, e depois soltava um grande *uff* de ar, como quem faz um esforço tremendo para levantar um grande peso. Shevek nunca havia visto um trabalho que usasse tanto toda a força do corpo.

Ele não podia ficar olhando essa cena sem tentar ajudar no trabalho. Ele podia servir de abraçadura ou suporte, quando ela precisasse erguer-se. Eles descobriram rapidamente um método, por tentativas e erros, e continuaram a usá-lo mesmo depois da chegada da parteira. Takver deu à luz de pé, acocorando-se um pouco, o rosto encostado na coxa de Shevek, agarrando-lhe os braços retesados e firmes. “Pronto”, disse calmamente a parteira, em meio às pulsações fortes e mecânicas da respiração de Takver, e pegou a criatura franzina mas visivelmente humana que acabava de surgir.

Uma golfada de sangue se seguiu, e uma massa amorfa de algo que não era humano, não era vivo. O terror que ele havia esquecido tornou a surgir dentro de Shevek, redobrado. Foi a morte que ele viu. Takver havia largado os braços dele e estava encolhida e enfraquecida a seus pés. Ele se curvou para olhá-la, enrijecido pelo horror e pela aflição.

— Isso mesmo — disse a parteira. — Ajude-a a ficar de lado para que eu possa limpar isso aqui.

— Quero me lavar — disse Takver, numa voz muito fraca.

— Tome, ajude-a a se lavar. Esses panos são esterilizados... pronto.

— Uá! Uá! Uá — disse outra voz.

O quarto parecia estar cheio de gente.

— Ora, pronto — disse a parteira. — Venha cá, dê-lhe a criança de volta, para segurar no colo, para ajudar a estancar o sangue. Quero levar essa placenta para o congelador da clínica. Volto dentro de uns dez minutos.

— Onde está... Onde está...

— No berço! — disse a parteira ao sair. Shevek localizou a caminha que estivera pronta num canto do quarto durante quatro décadas, e o bebê que nela estava. Com toda aquela avalanche de acontecimentos, a parteira tinha dado jeito de lavar o nenê e até de pôr-lhe uma camisinha, e assim ele não estava mais tão parecido com peixe e viscoso como da primeira vez que Shevek o viu. A tarde havia escurecido com a mesma rapidez insólita e singular, a mesma falta de lapso temporal. A lâmpada estava acesa. Shevek pegou o bebê para entregá-lo a Takver. Tinha um rostinho incrivelmente miúdo, e as pálpebras grandes e de aparência frágil estavam fechadas.

— Traga-o aqui — Takver estava dizendo. — Vamos, rápido, traga-o aqui por favor.

Ele atravessou o quarto com o bebê, e com todo cuidado o baixou até o colo de Takver.

— Ah!! — disse ela, uma exclamação de puro triunfo.

— É o quê? — ela perguntou depois de um momento, sonolenta.

Shevek estava a seu lado, na beira da cama. Verificou com todo cuidado, um tanto surpreendido pelo contraste entre o comprimento da camisola e as perninhas tão curtas.

— Menina.

A parteira voltou e começou a pôr tudo em seu lugar.

— Vocês fizeram um ótimo trabalho — ela observou. Eles concordaram timidamente. — Vou passar aqui amanhã de manhã — disse ela ao partir.

O bebê e Takver já estavam dormindo. Shevek inclinou a cabeça e a encostou à de Takver. Ele estava acostumado ao cheiro agradável e almiscarado da pele da mulher. Mas esse cheiro havia mudado, tornara-se um perfume, sutil e penetrante, impregnado de sono. Pousou suavemente um de seus braços sobre Takver, que dormia de lado com o bebê encostado ao peito. No quarto impregnado de vida ele adormeceu.

Um Odonista assumia a monogamia exatamente do modo com que poderia assumir um empreendimento coletivo na produção, um posto num corpo de baile, ou numa fábrica de sabão. A associação amorosa era uma federação constituída voluntariamente, como outra qualquer. Enquanto funcionava, funcionava, e quando não funcionava mais, deixava de existir. Não era uma instituição mas sim uma função. Não havia sanções, exceto a da consciência de cada um.

Isso estava perfeitamente de acordo com a teoria social Odonista. A validade de uma promessa, mesmo a de uma promessa de termo indefinido, estava no germe do pensamento Odonista; embora pudesse parecer que a insistência de Odo sobre a liberdade de mudar invalidasse a ideia de compromisso ou voto, na realidade a liberdade conferia à promessa muito mais razão de ser. Uma promessa é uma direção tomada, uma limitação voluntária da liberdade de escolha. Como a própria Odo havia assinalado, se não se toma nenhuma direção, não se vai a lugar algum, nenhuma mudança pode ocorrer. A liberdade pessoal para escolher e mudar torna-se inútil, como se o indivíduo estivesse numa prisão, uma prisão construída por ele mesmo, um labirinto no qual nenhum caminho é melhor a seguir do que o outro. E assim Odo chegou a ver a promessa, o voto, a ideia de fidelidade, como um ponto essencial na complexidade da liberdade.

Muitas pessoas achavam que essa ideia de fidelidade não era compatível com a vida sexual. A feminilidade de Odo a tinha desviado, diziam elas, para uma recusa da verdadeira liberdade sexual; sobre esse ponto, mesmo que fosse o único, Odo não escreveu para os homens. Como o mesmo número de mulheres e de homens fazia essa crítica, poderia parecer que não foi a masculinidade que Odo não conseguiu entender, mas toda uma categoria ou uma parte da humanidade, pessoas para quem a experimentação é a alma do prazer sexual.

Embora ela possa não ter conseguido compreendê-las, e provavelmente as considerasse aberrações do proprietária do — sendo a espécie humana senão propensa a formar casais duradouros, inclinada contudo a transmitir valores e memórias a gerações subsequentes — favoreceu no entanto muito mais os promíscuos com suas ideias do que aqueles que tentassem uma parceria duradoura. Nenhuma lei, nenhum limite, nenhuma penalidade, nem castigo, nada de reprovações às práticas sexuais de qualquer natureza, exceto quanto ao estupro de uma criança ou de uma mulher (o que muito provavelmente levava os vizinhos do violador a uma vingança sumária, se ele não caísse logo nas mãos mais gentis de um centro de terapia). Mas a violação era extremamente rara numa sociedade onde a satisfação total dos desejos era a norma a partir da puberdade, e o único limite imposto pela sociedade à atividade sexual era a leve pressão exercida a favor da intimidade do ato,

uma espécie de modéstia imposta pela vida comunitária.

Por outro lado, os que se propunham a formar e manter a parceria amorosa, de natureza homossexual ou heterossexual, enfrentavam problemas desconhecidos pelos que se contentavam com o sexo onde quer que o encontrassem. Eles tinham de enfrentar não somente o ciúme, o desejo de posse e outras doenças para as quais a união monogâmica constitui um excelente meio de propagação, como também as pressões externas da organização social. Duas pessoas empreendiam a parceria amorosa sabendo que a qualquer momento elas poderiam ser separadas pelas exigências da distribuição do trabalho.

A Divlab, administração da Divisão do Labor, tentava manter os casais juntos, ou então reuni-los o mais rápido possível quando o solicitavam. Mas nem sempre isso podia ser feito, especialmente durante recrutamentos especiais e urgentes, e ninguém esperava que a Divlab refizesse listas inteiras ou reprogramasse computadores para poder atendê-lo. Para sobreviver, para levar a vida adiante, um anarrestista sabia que tinha de estar pronto para ir aonde ele fosse necessário, ou a fazer um trabalho que precisasse ser feito. Crescia sabendo que a distribuição do trabalho era um fator de sobrevivência da maior importância, uma necessidade social imediata e permanente; enquanto que a união amorosa era uma questão pessoal, uma escolha que só podia ser feita dentro dos limites da escolha maior.

Mas quando se escolhe um caminho em liberdade e por ele se segue com alegria, pode parecer que tudo favorece a que se prossiga. E assim a possibilidade e a realidade de uma separação serviam com frequência para fortalecer a lealdade dos pares. Manter uma fidelidade genuína e espontânea numa sociedade onde não havia sanções morais nem legais contra a infidelidade, e mantê-las durante separações voluntariamente aceitas, que poderiam ocorrer a qualquer momento e durar anos, era uma espécie de desafio. Mas o ser humano gosta de ser desafiado, procura a liberdade na adversidade.

No ano de 164, muitas pessoas que nunca a tinham buscado provaram um pouco desse tipo de liberdade, e gostaram, gostaram do sentimento de provação e perigo. A seca que havia começado no verão de 163 não se abrandou durante o inverno. No verão de 164 a vida se tornou muito dura, e havia ameaça de uma catástrofe se a seca continuasse.

O racionamento era rigoroso; as convocações ao trabalho eram imperativas. A luta para plantar alimento suficiente e para distribuí-lo tornou-se convulsiva e desesperada. E no entanto as pessoas não ficaram nem um pouco desesperadas. Odo escreveu: “Uma criança liberta da culpabilidade ligada à propriedade e do fardo da competição econômica crescerá com a vontade de fazer o que precisa ser feito, e com a capacidade de sentir a alegria de fazê-lo. É o trabalho inútil que amargura o coração. O prazer da mãe ao cuidar dos filhos, do estudioso, do caçador bem-sucedido, do bom cozinheiro, do criador talentoso, de qualquer pessoa que realize um trabalho necessário e o faça bem — essa alegria duradoura talvez seja a mais profunda fonte de afeto humano e de sociabilidade.” Nesse sentido, havia uma subcorrente de alegria em Abbenay, naquele verão. Por árduo que fosse, o trabalho era feito com toda a satisfação, e estavam prontos a se libertarem de toda a preocupação no instante em que concluíam o que precisava e podia ser feito. O velho lema da “solidariedade” reavivara-se. Fica-se muito feliz quando se descobre que o laço, afinal, é mais forte do que tudo que ameaça parti-lo.

No início do verão o CDP afixou cartazes sugerindo que as pessoas reduzissem seu dia de trabalho em cerca de uma hora, pois a quantidade de proteínas nos refeitórios era insuficiente para compensar o desgaste normal de energia. A exuberante atividade nas ruas da cidade já se tornara menos intensa. As pessoas que largavam o trabalho cedo ficavam passeando pelas praças, jogavam bola nos parques ressequidos, sentavam-se à porta das oficinas e puxavam conversa com os que

passavam. A população da cidade estava visivelmente diminuída, pois diversas centenas haviam-se apresentado como voluntários ou sido indicados para serviços agrícolas de emergência. Mas a confiança mútua apaziguava a depressão ou a ansiedade. “Nós nos ajudaremos até a vitória” diziam eles, serenamente. E grandes impulsos de vitalidade corriam, logo abaixo do solo. Quando os poços dos subúrbios da parte norte da cidade secaram, canalizações temporárias ligadas a outros bairros foram instaladas por voluntários que trabalharam em suas horas livres, qualificados ou não, adultos e adolescentes, e o trabalho foi concluído em trinta horas.

No final do verão Shevek foi indicado para um posto de emergência na agricultura, na comunidade Fontes Vermelhas, em Sul-Nascente. Estimulados por alguns chuviscos que caíram durante a estação chuvosa equatorial, eles estavam tentando acabar o plantio de grãos de holumínia para recolhê-los antes que a seca recomeçasse.

Ele vinha aguardando indicação para um posto de emergência desde o término de seu trabalho na construção, pois alistara-se como voluntário para trabalhos não especializados. Durante o verão inteiro não fizera nada senão dar suas aulas, ler, atender a todo tipo de convocação de voluntários para serviços em seu bloco ou na cidade, e voltava para casa a fim de ficar com Takver e o bebê. Takver reassumira o trabalho no laboratório cinco décadas depois do parto, somente pela manhã. Como estava amamentando, ela tinha direito a suplementos de proteínas e carboidratos às refeições, e não os dispensava; os amigos não podiam mais compartilhar rações extras com ela, pois não havia mais rações extras. Ela estava magra mas muito bem disposta, e o bebê era pequeno mas sólido.

A criança dava muito prazer a Shevek. Como ele ficava tomando conta dela sozinho pela manhã (eles só a deixavam na creche quando ele tinha aulas ou um trabalho voluntário a fazer), ele sentia aquele sentimento de ser necessário que é o fardo e a recompensa da paternidade. Sendo uma criança esperta e receptiva, ela era o público ideal para que Shevek liberasse suas fantasias verbais reprimidas, o que Takver chamava de seu lado louco. Ele colocava o bebê sentado em seus joelhos e fazia-lhe delirantes e empolgadas conferências de cosmologia, explicando-lhe que o tempo era na realidade o espaço virado ao avesso, e que o *cronon* era portanto a víscera invertida do quantum, e que a distância era uma das propriedades acidentais da luz. Ele dava ao bebê apelidos extravagantes e sempre diferentes e recitava-lhe exercícios mnemônicos: o Tempo é algema, o Tempo é tirânico, supermecânico, superorgânico — POFF! — e nesse poff o bebê se erguia um pouquinho de nada, dando gritinhos e agitando os punhos gorduchos. Ambos sentiam muita alegria com esses exercícios. Foi para ele um grande golpe a indicação para o posto. Esperava ser indicado para alguma coisa perto de Abbenay, não para tão distante como o Sul-Nascente. Mas juntamente com a desagradável necessidade de ficar longe de Takver e do bebê por sessenta dias, veio a firme convicção de que voltaria para elas. Enquanto essa certeza existisse, ele não tinha nada a lastimar.

Na noite anterior à partida, Bedap foi vê-los e jantaram juntos no refeitório, e depois voltaram juntos para o quarto. Ficaram sentados conversando na noite quente, de luz apagada e com as janelas abertas. Bedap, que fazia refeições num pequeno refeitório onde ajustes especiais não representavam grandes problemas para os cozinheiros manterem, havia guardado suas rações de bebidas especiais durante uma década e trouxe tudo num litro de suco de fruta. Ele a entregou com orgulho: uma festa de despedida. Eles foram passando-a e saborearam a bebida com volúpia, lambendo os beiços.

— Vocês se lembram — disse Takver — de toda aquela comida, na véspera de sua partida de Norte-Poente? Comi nove daqueles bolinhos fritos.

— Na época você usava o cabelo curtinho — disse Shevek, admirado dessa lembrança, que ele nunca havia ligado a Takver. — Era você mesma, não era?

— Quem você pensava que fosse?

— Caramba, como você era criança nessa época!

— E você também era, já faz dez anos isso. Cortei o cabelo para ficar diferente e interessante. Não adiantou de nada! — Ela deu sua gargalhada alta e cheia de alegria, abafando-a rapidamente para não acordar o bebê, que dormia em seu berço, atrás de um biombo. Nada, contudo, acordava o bebê depois que ele pegava no sono. — Antes eu queria tanto ser diferente. Só queria saber por quê.

— Há uma época, aí pelos vinte anos — disse Bedap —, em que se tem de escolher entre ser igual a todo mundo o resto da vida, ou fazer de suas peculiaridades uma virtude.

— Ou pelo menos aceitá-las com resignação — disse Shevek.

— Shevek anda com mania de resignação — disse Takver. — É a velhice chegando. Deve ser horrível ter trinta anos.

— Não se preocupe, você não vai ficar resignada nem aos noventa — disse Bedap, dando-lhe umas pancadinhas nas costas. — Você pelo menos já se conformou com o nome da criança?

Os nomes de cinco ou seis letras escolhidos pelo computador do registro central — sendo usado cada um por uma única pessoa viva — substituíam os números que uma sociedade que se utiliza de computadores teria então de dar a seus membros. Os anarrestis não precisavam de nenhuma outra prova de identidade além do nome. O nome, por conseguinte, era considerado uma parte importante de cada um, embora não o escolhessem mais do que o nariz ou a altura que tinham. Takver não gostava do nome dado ao bebê: Sadik.

— Parece que se está com a boca cheia de pedregulho — ela dizia —, não *vai* com ela.

— Eu gosto — disse Shevek. — A gente imagina uma garota alta, esguia e de cabelos negros e longos.

— Mas é uma garota baixinha e de cabelo invisível — observou Bedap.

— Dê-lhe tempo, irmão! Escutem, eu vou fazer um discurso.

— Um discurso! Um discurso!

— Psiu!

— Por que psiu? Essa criança não acorda nem com um cataclisma.

— Fiquem quietos. Estou muito emocionado — Shevek levantou o copo de suco de fruta. — Quero dizer... O que eu quero dizer é que... Estou feliz por Sadik ter nascido agora. Num ano difícil, numa época difícil, quando necessitamos de nossa fraternidade. Estou feliz por ela ter nascido agora e aqui. Estou feliz por ela ser um dos nossos, uma Odonista, nossa filha e nossa irmã. Fico contente que ela seja irmã de Bedap. Que ela seja irmã de Sabul, até de Sabul! Bebo a essa esperança: de que enquanto ela viver, Sadik amará a seus irmãos e a suas irmãs, com a mesma intensidade, com a mesma alegria que eu sinto hoje à noite. E de que a chuva cairá...

O CDP, cujos membros eram os principais usuários do rádio, do telefone e do correio, coordenava os meios de comunicação interurbana, bem como os meios de transporte para viagens longas e o embarque de cargas e encomendas. Não havendo “negócios” em Anarres em termos de promoção, publicidade, investimentos, especulações e por aí afora, a correspondência consistia sobretudo de informações e diretivas trocadas entre os sindicatos industriais e profissionais, mais as do CDP, e um pequeno volume de cartas pessoais. Vivendo numa sociedade onde todo mundo podia ir aonde e quando quisesse, um anarrestis tendia a procurar pelos amigos do lugar onde estava e não os dos lugares onde estivera. Os telefones eram raramente usados em ligações dentro da mesma comunidade; as comunidades não eram tão grandes assim. Mesmo Abbenay conservou esse estrito padrão regional em seus *blocos*, os bairros semiautônomos onde se podia ir a pé para ver ou apanhar

qualquer pessoa ou qualquer coisa, quando se precisava. As ligações eram portanto sobretudo interurbanas e controladas pelo CDP; um telefonema pessoal tinha de ser combinado por escrito com antecedência, ou então deixavam recados a serem transmitidos, no centro do CDP. As cartas não eram fechadas, não por imposição legal, é claro, mas por convenção. A comunicação pessoal a longa distância exige muita mão de obra e dispêndio de materiais, e como a economia privada e a pública não eram separadas, havia considerável reação contra cartas e telefonemas desnecessários. Era considerado um hábito fútil, cheirava a egoização, a privatismo. Provavelmente por isso que as cartas não eram fechadas; não se tinha direito de pedir às pessoas que levassem qualquer mensagem escrita que elas não pudessem ler. Uma carta podia seguir num dos dirigíveis postais do CDP quando se tinha sorte, ou ser levada por um trem de abastecimento, quando não se tinha. Finalmente chegava à cidade para onde fora endereçada, e ficava guardada no depósito de correspondência, não havendo carteiros, até que alguém dissesse para o destinatário que havia uma carta para ele no depósito e ele fosse apanhá-la.

Eram os indivíduos, no entanto, que decidiam o que era ou não necessário. Shevek e Takver escreviam-se com regularidade, uma vez por década, mais ou menos. Ele escreveu:

A viagem não foi ruim, três dias, num caminhão de passageiros direto. Esse recrutamento foi muito grande, umas três mil pessoas, segundo dizem. Os efeitos da seca são muito piores aqui. Os racionamentos não. As rações de comida são as mesmas que em Abbenay; só que aqui se come gará-verde cozido nas duas refeições, todo dia, porque eles têm estoque local excedente. Nós também começamos a sentir que tivemos excesso. Mas é o clima daqui que nos faz sofrer. Essa é a Poeira. O ar é seco e o vento não para de soprar. Há chuvas breves, mas uma hora depois da chuva a terra se torna fofa e a poeira recomeça a se levantar. Tem chovido metade da média anual nessa época do ano por aqui. Todo mundo do projeto fica de lábios rachados, sangrando pelo nariz, com os olhos irritados e tosse. Muitas das pessoas que vivem em Fontes Vermelhas pegaram a tosse da poeira. Os bebês são especialmente sofredores; muitos ficam com a pele e os olhos inflamados. Pergunto-me se eu observaria isso há meio ano. A gente se torna mais atento com a paternidade. O trabalho é só trabalho e o pessoal é muito camarada, mas o vento nos desgasta. Ontem à noite me lembrei das Ne Theras, e o som do vento dentro da noite me faz lembrar o barulho da torrente. Não vou lamentar essa separação. Ela me permitiu ver que eu estava começando a me dar menos, como se eu possuísse você e você a mim e não houvesse mais nada a ser feito. Mas a realidade nada tem a ver com a posse. O que fazemos é a afirmação da integralidade do Tempo. Conte-me o que Sadik tem feito. Estou dando aulas nos dias livres para algumas pessoas que o pediram; uma das garotas tem um talento nato para a matemática, vou recomendá-la ao Instituto. Seu irmão. Shevek.

Takver escreveu para ele:

Ando preocupada com uma coisa meio esquisita. Os postos para seminários do 3.º Trimestre foram dados há três dias e eu fui ver que horário você teria no Instituto, mas seu nome não constava das listas de cursos e nem na distribuição de salas. Achei que eles o tinham deixado de fora por engano e então fui ver os Membros do Sindicato e eles disseram que sim, que eles queriam lhe dar o curso de Geometria. Então fui até o escritório da Coordenação do Instituto para perguntar àquela velha do narigão e ela disse que não sabia de nada, não, não, não sei de nada, vá à Central de Distribuição de Postos! Isso é um absurdo, respondi, e fui ver Sabul.

Mas ele não estava no Departamento de Física, e ainda não consegui encontrá-lo embora eu já tenha voltado lá duas vezes. Fui com Sadik, que anda usando um maravilhoso chapeuzinho branco que Terrus tricotou para ela com fios de lã e fica uma verdadeira graça. Recuso-me a ficar andando atrás de Sabul no quarto, na toca de minhocas ou onde quer que ele more. Talvez ele esteja fora da cidade fazendo trabalho-voluntário, quá! quá! quá! Talvez você devesse telefonar para o Instituto e descobrir que tipo de engano eles fizeram. O fato é que eu fui até a Central de Indicação de Postos da Divlab, mas você não estava em nenhuma das novas listas. As pessoas lá foram simpáticas, mas aquela velha do narigão é ineficiente e de má vontade, e ninguém se interessa. Por favor, volte (com a garota que é gênio em matemática se for necessário); a separação educa a gente, está certo, mas sua presença é a educação que eu quero. Estou tendo direito a meio litro de suco de fruta adicionado de uma porção de cálcio por dia, pois meu leite está querendo acabar e S. gritava um bocado. Ai que doutores queridos! Tudo, sempre, T.

Shevek nunca recebeu essa carta. Ele havia partido de Sul-Nascente quando ela chegou ao depósito de correspondência de Fontes Vermelhas.

Fontes Vermelhas ficava a cerca de quatro mil quilômetros de Abbenay. Uma pessoa para viajar tinha apenas de pedir uma carona, pois todos os veículos de transporte de provisões ficavam à disposição de quantos passageiros pudessem levar, mas como quatrocentas e cinquenta pessoas estavam retornando a seus postos regulares no Nordeste, puseram um trem à sua disposição. Tinha vagões de passageiros, ou pelo menos os vagões estavam sendo usados para passageiros naquele momento. O menos popular era o vagão de mercadorias que há pouco havia transportado um carregamento de peixe defumado.

Depois de um ano de seca, as linhas de transporte normais eram insuficientes, apesar do empenho dos trabalhadores do transporte em atenderem a todos os pedidos. Era a maior federação da sociedade Odonista: auto-organizada, é claro, em sindicatos regionais coordenados por representantes que faziam contatos e trabalhavam com o CDP local e com o CDP central. A rede mantida pela federação de transportes era eficiente em tempos normais e para emergências limitadas; era flexível, adaptável às circunstâncias, e os Síndicos do Transporte tinham excelente pessoal e muito orgulho profissional. Davam a seus trens e dirigíveis nomes como *Indomável*, *Resistência*, *Papa-Vento*; tinham lemas: “Sempre chegamos lá”, “Nada é demais!” Mas agora, quando regiões inteiras do planeta estavam ameaçadas de fome imediata se a alimentação não chegasse de outras regiões, e quando um grande número de trabalhadores dos recrutamentos de emergência precisava ser deslocado, a demanda de transporte era excessiva. Não havia veículos o suficiente, nem pessoas suficientes para dirigi-los. Tudo o que a federação tinha que tivesse asas ou rodas foi posto às pressas para funcionar, e os aprendizes, os trabalhadores inativos, os voluntários e os convocados de emergência ajudavam no funcionamento de caminhões, navios, portos, e pátios de manobras ou consertos.

O trem no qual Shevek viajava prosseguia alternando breves etapas com longas esperas, já que todos os trens de víveres tinham prioridade sobre ele. E depois ficou totalmente parado durante vinte e quatro horas seguidas. Um despachante sobrecarregado ou inexperiente cometera um erro, e tinha havido um desastre na linha.

A pequena cidade onde o trem ficou parado não tinha rações extras em seus refeitórios e armazéns. Não era uma comunidade agrícola, mas uma pequena cidade industrial que fabricava

cimento e fundia pedra esponjosa, construída na feliz confluência de um rio navegável e depósitos de cal. Havia hortas, mas era uma cidade que dependia de transportes para a sua alimentação. Se as quatrocentas e cinquenta pessoas do trem comessem, os cento e cinquenta habitantes do local não comeriam. Em termos ideais eles partilhariam a comida, comeriam pela metade ou ficariam meio mortos de fome juntos. Se houvesse apenas umas cinquenta, ou mesmo umas cem pessoas no trem, a comunidade teria partilhado pelo menos uma fornada de pão com elas. Mas quatrocentas e cinquenta? Se eles dessem qualquer coisa para tanta gente, ficariam em jejum por vários dias. E depois desses dias, o trem de víveres chegaria? E que quantidade de cereal ele iria trazer? Não deram nada a ninguém.

Os viajantes, não tendo tido nada à guisa de desjejum naquele dia, jejuaram por conseguinte durante sessenta horas. Só foram fazer uma refeição depois que a linha foi desobstruída, e de terem viajado mais duzentos e cinquenta quilômetros, até uma estação com estoques reservados para passageiros em seus refeitórios.

Foi a primeira vez que Shevek passou pela experiência da fome. Ele às vezes deixava de comer quando estava trabalhando porque não queria se preocupar com alimentação, mas duas refeições completas por dia sempre estiveram à sua disposição: constantes como o nascer e o pôr do sol. Nunca havia nem sequer pensado em como seria se tivesse de passar sem elas. Ninguém em sua mocidade, ninguém no mundo, tinha de passar sem elas. Enquanto ele ia ficando mais faminto, enquanto o trem aguardava imóvel no desvio entre uma pedreira muito marcada e empoeirada e uma fábrica temporariamente fechada, ele teve pensamentos negros sobre a realidade da fome e sobre o possível despreparo de sua sociedade para enfrentar uma grande fome, sem perder a solidariedade, que era a sua força. Era fácil compartilhar quando havia comida suficiente, mesmo que fosse apenas o suficiente, para alimentar a todos. Mas e quando não havia o suficiente? Então a força entrava em ação; o poder prevalecia sobre o direito; o poder e sua arma, a violência, e seu mais fiel aliado, o olhar que se desvia.

O ressentimento dos passageiros contra os habitantes da cidade foi aumentando, mas era menos ameaçador do que o comportamento da população local, o modo como eles se escondiam atrás de “seus” muros com “suas” propriedades, e ignoravam o trem, nunca o olhavam. Shevek não era o único passageiro preocupado e aborrecido; uma longa discussão propagou-se pelos vagões parados, de onde as pessoas entravam e saíam, discutindo ou chegando a um acordo, falando todas sobre o mesmo tema geral que lhes ocupava os pensamentos. Um assalto às hortas foi seriamente proposto e ferozmente debatido, e teria sido levado a cabo se o trem não tivesse finalmente apitado para anunciar a partida.

Mas quando afinal o trem foi lentamente entrando na próxima estação da linha e eles depois conseguiram fazer uma refeição — meio pão de holumínia e uma tigela de sopa — a preocupação e o aborrecimento deram lugar ao júbilo. Quando se chegava ao fundo da tigela se notava que a sopa era bem rala, mas o primeiro gole, o primeiro gole era maravilhoso, valia a pena ter jejuado. Todos concordaram sobre isso. Voltaram para o trem rindo e brincando juntos. Eles tinham se ajudado até a vitória.

Um trem de provisões pegou os passageiros com destino a Abbenay na Colina do Equador e os levou pelos setecentos quilômetros restantes. Chegaram à cidade muito tarde, numa noite ventosa do começo do outono. Era quase meia-noite; as ruas estavam vazias. O vento corria por elas como um rio seco e revoltoso. Acima da luz fraca dos lampiões, estrelas reluziam, um brilho intenso e trêmulo. A tempestade seca e a paixão carregaram Shevek pelas ruas, quase correndo, cinco quilômetros até a parte norte da cidade, sozinho na escuridão da cidade. Subiu os três degraus da entrada num salto,

correu pelo corredor, alcançou o quarto, abriu a porta. O quarto estava escuro. As estrelas chamejavam na escuridão das janelas. “Takver”, disse ele, e ouviu o silêncio. Antes de acender a luz, ali no escuro, no silêncio, de repente, ele compreendeu o que era a separação.

Nada tinha ido embora. Não havia nada para ir embora. Somente Takver e Sadik tinham ido embora. As Ocupações do Espaço Inabitado giravam com lentidão, brilhando fracamente na corrente de ar que entrava pela porta.

Havia uma carta na mesa. Duas cartas. Uma era de Takver. Era muito curta. Ela havia recebido um posto nos Laboratórios de Desenvolvimento Experimental de Algas Comestíveis no Nordeste, por tempo indeterminado. Escrevera:

Eu agora realmente não podia recusar. Fui até a Divlab e conversei com eles e também li o projeto enviado para o Departamento de Ecologia do CDP e é verdade que eles precisam de mim, porque eu já trabalhei exatamente com esse ciclo; algas-ciliados-camarão-kukuri. Pedi na Divlab que o indiquem para um posto em Rolny, mas claro que eles não vão agir nesse sentido enquanto você também não o requisitar, e se não for possível por causa de seu trabalho no Instituto, então não peça. E se isso finalmente for durar demais, vou dizer-lhes que arranje outro geneticista e eu voltarei. Sadik está muito bem e já sabe chamar a luz de iuz. Não vai durar muito. Tudo, para sempre, sua irmã Takver. Por favor, venha, se puder.

O outro bilhete tinha sido escrito em garranchos num pedaço de papel rasgado: “Shevek: Dep. Física s/ retorno. Sabul.”

Shevek ficou vagando pelo quarto. A tempestade, o ímpeto que o havia impelido pelas ruas, ainda estava dentro dele. Tinha ido de encontro a um muro. Ele não podia seguir em frente, e no entanto precisava movimentar-se. Olhou dentro do armário. Não havia nada lá dentro além de seu casaco de frio e uma camisa que Takver, que apreciava belos trabalhos manuais, bordara para ele. As poucas roupas que ela tinha não estavam lá. O biombo estava fechado, deixando ver o berço vazio. A cama não estava arrumada, mas o cobertor alaranjado cobria a roupa de cama cuidadosamente enrolada. Shevek aproximou-se da mesa outra vez, leu a carta de Takver outra vez. Seus olhos se encheram de lágrimas revoltadas. Um acesso de cólera e decepção o fez estremecer, uma ira, uma espécie de mau pressentimento.

Ninguém era culpado. Isso era o pior de tudo. Necessitavam de Takver, precisavam dela para trabalhar contra a fome: dela, dele, de Sadik. A sociedade não estava contra eles. Estava a favor deles, com eles, era eles.

Mas ele havia renunciado a seu livro, a seu amor, a sua filha. Quanta renúncia pode-se exigir de um homem?

— Que inferno! — disse ele em voz alta. O právico não era uma boa língua para xingamentos. Torna-se difícil xingar quando o sexo não é visto como sujeira e a blasfêmia não existe. — Ai, que inferno! — ele repetiu. Embolou o bilhete de Sabul com toda a raiva, depois cerrou os punhos e deu um murro na ponta da mesa, dois, três murros, buscando a dor em sua paixão. Mas não havia nada. Não havia nada a fazer nem para onde ir. Só lhe restava afinal a roupa de cama para desenrolar, deitar-se sozinho e adormecer, com sonhos maus, sem consolo.

Logo a primeira coisa de manhã, as batidas de Bunub na porta. Ele a recebeu no meio da porta e não se afastou para deixá-la entrar. Era a vizinha do quarto no final do corredor, uma mulher de cinquenta anos, maquinista na Fábrica de Motores para Veículos Aéreos. Takver sempre se divertia

com ela, mas ela deixava Shevek furioso. Por um motivo: ela queria o quarto deles. Ela o havia requisitado da primeira vez que vagou, dizia ela, mas a inimizade da administradora do bloco a impediu de consegui-lo. No quarto dela não havia janela de canto, o objeto de sua inveja imorredoura. Era um quarto de casal, no entanto, e ela o ocupava sozinha, o que, levando em conta os problemas de alojamento, era uma atitude egoísta de sua parte. Shevek porém não teria perdido tempo em reprová-la se ela não o tivesse forçado a fazê-lo, com as desculpas que ficava dando. Ela explicava, e explicava. Ela tinha um par, um par para toda a vida, “exatamente como vocês dois”, sorriso afetado. Mas por onde andava o tal par? Por alguma razão ela só falava dele no pretérito. Enquanto isso, o quarto de casal ia sendo muito bem justificado pela sucessão de homens que passavam pela porta de Bunub, um homem diferente por noite, como se Bunub fosse uma estonteante garota de dezessete anos. Takver comentava sobre esse cortejo com admiração. Bunub ia vê-la e lhe falava dos homens, e reclamava, reclamava. O fato de não ter o quarto do canto era apenas um de seus incontáveis males. Tinha um espírito ao mesmo tempo insidioso e invejoso, que podia ver o mal em tudo e logo a levava a remoer suas dores. A fábrica onde trabalhava era uma horrenda massa de incompetência, favoritismo e sabotagem. As reuniões de seu sindicato eram verdadeiras bagunças onde se fazia todo o tipo de insinuação injusta, dirigidas todas contra ela. O organismo social inteiro se dedicava à perseguição de Bunub. Tudo isso fazia Takver dar gargalhadas, às vezes escandalosas, bem na cara de Bunub. “Ah, Bunub, você é tão engraçada!” dizia ela, arquejante; e a mulher, com seus cabelos grisalhos, sua boca fina e os olhos mortos, dava um ligeiro sorriso, não ofendida, de jeito nenhum, e continuava sua monstruosa recitação. Shevek sabia que Takver tinha razão de achar graça disso tudo, mas ele não conseguia fazer o mesmo.

— É terrível — disse ela, dando um jeitinho de entrar e indo direto até a mesa para ler a carta de Takver. Ela a pegou; Shevek a tirou de suas mãos com uma rapidez calma pela qual ela não esperava. — Realmente terrível. Nem mesmo uma década de prazo. Apenas “Venha cá! Imediatamente!”, e eles ainda dizem que somos pessoas livres, que devemos ser pessoas livres. Que piada! Acabar com uma parceria feliz dessa forma. Foi por isso que eles o fizeram, sabia. São contra as parcerias amorosas, isso acontece o tempo inteiro, mandam os pares para postos distantes um do outro de propósito. Foi isso que aconteceu comigo e Labeks, exatamente a mesma coisa. Nunca vamos conseguir nos juntar outra vez. Não com a Divlab inteira se unindo contra nós. E esse bercinho vazio. Pobre coisinha! Não parava de chorar nessas últimas quatro décadas, dia e noite. Não me deixava dormir durante horas. São esses racionamentos, é claro; Takver simplesmente não tinha leite suficiente. E ainda por cima mandar uma mulher que está amamentando para um posto a centenas de quilômetros de distância daqui, imagine só! Não creio que você vá conseguir se reunir a ela nesse lugar, para onde foi mesmo que eles a mandaram?

— Para o Nordeste. Eu agora quero ir fazer meu desjejum, Bunub. Estou com fome.

— É bem típico deles, fazerem isso enquanto você estava fora.

— Fizeram o que, enquanto eu estava fora?

— Mandá-la para longe, acabar com a parceria. — Ela estava lendo o bilhete de Sabul, que conseguira desamassar com cuidado. — Eles sabem quando podem se meter. Acho que agora você vai ter de mudar de quarto, não vai? Eles não vão deixá-lo ficar num quarto de casal. Takver falou em voltar logo, mas pude perceber que ela só estava tentando não desanimar. Liberdade! Eles querem que sejamos livres, grande piada! Ficam empurrando a gente de um lugar para o outro...

— Ora essa, Bunub! Se Takver não quisesse o posto ela o teria recusado. Você sabe que estamos enfrentando uma grande fome.

— Bom. Eu me pergunto se ela não estava mesmo querendo mudar. Isso acontece muito depois

que se tem filho. Eu sempre achei que vocês deviam ter entregue o bebê a uma creche. Chorava tanto! As crianças atrapalham os pares. Escravizam-nos. É mais do que natural, como você diz, que ela tenha procurado uma mudança, e que tenha agarrado a primeira oportunidade que apareceu.

— Eu não disse isso. Vou para o refeitório. — Ele saiu do quarto às pressas, sentindo latejar cinco ou seis pontos sensíveis, que Bunub havia ferido e tocado. O horror com aquela mulher é que ela exprimia todos os temores mais desprezíveis de Shevek. Ela ficou sozinha no quarto, provavelmente fazendo planos para a mudança.

Ele tinha dormido demais e chegou ao refeitório quase no momento de fecharem as portas. Ainda faminto por causa da viagem, ele se serviu de porções duplas de mingau e de pão. O garoto que ficava atrás da mesa de distribuição o olhou franzindo as sobrancelhas. Ninguém estava pegando porções duplas naqueles dias de racionamento. Shevek o fitou com o mesmo sinal de desagrado e não disse nada. Ele havia-se aguentado oitenta e tantas horas com apenas duas tigelas de sopa e um quilo de pão, agora tinha o direito de compensar o que havia perdido, mas queria morrer se fosse dar explicação. A existência justifica-se por si mesma, a necessidade faz o direito. Ele era um Odonista, deixava o sentimento de culpa para os proprietários aproveitadores.

Sentou-se à mesa sozinho, mas Desar foi reunir-se a ele imediatamente, sorrindo, olhando para ele ou para o que estava ao lado, com seus olhos vesgos e desconcertantes.

— Andou um tempo sumido — disse Desar.

— Convocação agrícola. Seis décadas. Como andam as coisas por aqui?

— Escassas.

— E ainda vão ficar mais — disse Shevek, mas sem muita convicção, pois estava comendo, e o mingau estava gostoso demais. Frustração, ansiedade, fome! dizia seu cérebro anterior, sede do intelecto; mas o cérebro posterior, esse selvagem sem remorsos que se instalara na mais profunda escuridão de seu crânio, dizia: Comida, agora! Comida, agora! Boa! Boa!

— Visto Sabul?

— Não. Cheguei muito tarde ontem à noite. — Levantou rapidamente o olhar para Desar e disse com fingida indiferença. — Takver recebeu um posto de emergência no combate à fome. Teve de partir há uns quatro dias.

Desar assentiu com um movimento de cabeça e genuína indiferença.

— Ouvi dizer. Ouviu sobre reorganização do Instituto?

— Não. O que está havendo?

O matemático espalmou as mãos longas e magras sobre a mesa e baixou o olhar para elas. Ele sempre falava pouco e em estilo telegráfico; na verdade, ele gaguejava; mas Shevek nunca pôde dizer se era uma gagueira verbal ou moral. Assim como ele sempre gostara de Desar sem saber por que, havia momentos em que ele não gostava nada de Desar também sem saber por quê. E aquele foi um desses momentos. Havia um cinismo meio sonso na expressão de seus lábios, em seus olhos mortos, como nos olhos mortos de Bunub.

— Expurgo. Retorno a uma equipe funcional. Shipeg saiu.

Shipeg era um matemático notoriamente imbecil que sempre dava um jeito, através de constantes bajulações aos estudantes, de conseguir um curso requisitado pelos próprios estudantes, a cada trimestre.

— Mandado embora. Algum instituto regional.

— Seria melhor que pegasse a enxada e fosse plantar holumínia — disse Shevek. Como ele agora estava alimentado, parecia-lhe que a seca poderia, afinal, prestar um grande serviço ao organismo social. As prioridades estavam-se tornando óbvias outra vez. Fraquezas, os pontos enfraquecidos, os

lugares doentes seriam varridos, os órgãos preguiçosos recuperariam sua força total, a gordura excessiva seria cortada do organismo político.

— Falei seu favor na reunião do Instituto — disse Desar, levantando os olhos que não encontraram, porque não podiam encontrar, os de Shevek. Quando ele falou, embora Shevek ainda não tivesse entendido o que ele estava querendo dizer, sabia que Desar mentia. Sabia com toda a certeza. Desar não falara a seu favor e sim contra ele. A razão de seus momentos de antipatia por Desar tornou-se então clara para ele: o reconhecimento, até então recusado, de um traço de pura maldade no seu caráter. Que Desar também o amava e estava tentando adquirir poderes sobre ele era igualmente claro e, para Shevek, igualmente detestável. Os tortuosos caminhos da posse, os labirintos do amor/ódio nada significavam para ele. Arrogante, intolerante, ele atravessava esses muros. Ele nada mais disse ao matemático, mas acabou a refeição e foi andando pelo quadrilátero, na luminosa manhã do começo do outono, para ir até o Departamento de Física.

Chegou à sala dos fundos, a que todos chamavam de “escritório de Sabul”, a sala onde eles se viram pela primeira vez, onde Sabul lhe havia dado a gramática e o dicionário iótico. Sentado à escrivaninha, Sabul levantou um olhar desconfiado, baixou os olhos outra vez, ocupado com seus papéis, a imagem do cientista trabalhador e alheio a tudo; depois permitiu que a percepção da presença de Shevek penetrasse lentamente em seu cérebro sobrecarregado, e tornou-se então, para quem era, efusivo. Parecia magro e envelhecido, e quando se levantou mostrou que estava ainda mais corcunda do que antes, uma espécie de corcunda pacificadora.

— Dias difíceis, hein? — disse ele. — Muito difíceis.

— E ainda vai ficar pior — disse Shevek com toda a tranquilidade. — E as coisas por aqui, como andam?

— Mal, muito mal — disse Sabul, sacudindo a cabeça grisalha. — É uma época muito ruim para a ciência pura, para o intelectual.

— E já teve alguma que fosse boa?

Sabul deu um cacarejo meio forçado.

— Veio alguma coisa para nós nos carregamentos do verão chegados de Urrás? — perguntou Shevek, retirando uns livros do banco para poder sentar. Sentou-se e cruzou as pernas. Durante o trabalho no Sul-Nascente sua pele clara ficara bronzeada e a penugem que lhe cobria o rosto tornara-se prateada. Parecia especialmente bem disposto, sadio e jovem, comparado a Sabul. Todos dois estavam conscientes desse contraste.

— Nada de interesse.

— Nenhuma crítica sobre os *Princípios*?

— Não — o tom de Sabul agora foi ríspido, bem mais do que o seu feitio.

— Nem cartas?

— Não.

— Estranho.

— O que há de estranho nisso? Você esperava o quê? Uma cátedra na Universidade de Ieu Eun? O prêmio Seo Oen?

— Esperava críticas e respostas. Já era tempo — ele disse isso enquanto Sabul dizia:

— Ainda não tiveram tempo para críticas.

Houve uma pausa.

— Você terá de meter na cabeça, Shevek, que a mera convicção de se estar certo não é uma justificativa. Você trabalhou muito no livro, eu sei. Tive muito trabalho para editá-lo também, tentando deixar claro que não se tratava apenas de um ataque irresponsável à teoria sequencial, mas

que tinha aspectos positivos. Mas se outros físicos não veem nenhum valor em seu livro, então você tem de começar a examinar os valores que defende e ver onde está a discrepância. Se não significa nada para outras pessoas, para que serve então? Que função pode ter?

— Sou físico, não um analista de funções — disse Shevek, polidamente.

— Todo Odonista tem de ser um analista de funções. Você tem trinta anos, não é? Nessa idade um homem deveria saber não apenas qual a sua função celular, mas também a sua função orgânica, qual o melhor papel que pode desempenhar no organismo social. Você talvez não tenha tido de pensar tanto a esse respeito, como a maioria das pessoas...

— Não. Desde os doze anos eu sabia que tipo de trabalho eu tinha de fazer.

— O que um garoto acha que gosta de fazer nem sempre é o que a sociedade precisa que ele faça.

— Já tenho trinta, como você disse. Sou um garoto bem velhinho.

— Você chegou a essa idade num meio ambiente excepcionalmente abrigado, protegido. Primeiro no Instituto Regional de Norte-Poente...

— E num projeto de reflorestamento, e em projetos agrícolas, e em comitês de blocos e trabalhando como voluntário desde o começo da seca; a quantidade normal de kleggich necessário. E gosto de fazê-lo, na realidade. Mas sou um físico. Onde está querendo chegar?

Como Sabul não respondeu e se limitou a lançar-lhe um olhar feroz por baixo de suas sobrancelhas grossas e gordurosas, Shevek acrescentou:

— É melhor você falar bem claro, pois não vai conseguir chegar aonde quer fazendo apelo à minha consciência social.

— Você considera o trabalho que tem feito aqui como funcional?

— Sim. “Quanto mais organizado for, mais central será o organismo: centralidade significando aqui o âmbito da função real.” Das *Definições* de Tomar. E como a física temporal tenta organizar tudo o que seja compreensível à mente humana, é por definição uma atividade centralmente funcional.

— Mas não dá de comer às pessoas.

— Acabo de passar seis décadas ajudando a fazer isso. E quando me chamarem de novo, irei. Enquanto isso, quero ficar no meu campo. Se alguém tem de trabalhar em física, reivindico o direito de fazê-lo.

— O que você tem de admitir é o fato de que nesse momento não se precisa de física. Não do tipo de física a que você se dedica. Temos de nos orientar pelo senso prático — Sabul mexeu-se na cadeira. Parecia irritadiço e pouco à vontade. — Tivemos de liberar cinco pessoas para que assumam outros postos. Lamento dizer-lhe que você é uma delas. Aí está.

— Exatamente o que eu pensava que fosse — disse Shevek, embora na realidade ele até esse momento não tivesse ainda percebido que Sabul estava pondo-o para fora do Instituto. Mas assim que o ouviu, contudo, pareceu-lhe algo de muito familiar, e ele não daria a Sabul o prazer de vê-lo fraquejar.

— Houve toda uma série de fatores que trabalharam contra você. A natureza abstrusa e irrelevante da pesquisa que você vem realizando nesses últimos anos. Além de uma certa impressão, não necessariamente justificada, mas existente entre muitos estudantes e professores do Instituto, de que o seu ensino e seu comportamento refletem uma certa deslealdade, uma tendência ao secreto e egoísta, um lado não altruísta. Isso foi discutido numa reunião. Falei a seu favor, é claro. Mas sou apenas um síndico entre muitos outros.

— Desde quando o altruísmo é uma virtude odonista? — perguntou Shevek. — Bem, pouco importa. Estou entendendo o que você quer dizer — levantou-se. Ele não conseguia ficar sentado mais tempo, embora conseguisse ficar perfeitamente calmo e falar com naturalidade. — Pelo que

vejo você não me recomendou para nenhum outro posto no ensino?

— E de que adiantaria? — disse Sabul, num tom quase meloso de autojustificação. — Ninguém está admitindo novos professores. Os professores e os alunos estão trabalhando lado a lado nos projetos de combate à fome, por todo o planeta. Claro que essa crise não vai durar muito. Daqui a um ano mais ou menos vamos olhar para trás e julgá-la, orgulhosos dos sacrifícios e do trabalho que fizemos, dando a mão uns aos outros, compartilhando em igualdade, Mas nesse exato momento...

Shevek estava de pé, a cabeça ereta, o corpo descontraído, olhando para fora através da pequena janela de vidraça arranhada para o céu sem nuvens. Havia nele um desejo muito forte de dizer a Sabul, finalmente, que fosse para o inferno. Mas foi um impulso diferente e mais profundo que encontrou palavras.

— Na verdade — disse ele — você provavelmente está certo. — Ao dizer isso, inclinou a cabeça para despedir-se de Sabul e saiu.

Pegou um ônibus no centro da cidade. Ainda se sentia apressado, impelido. Ele estava seguindo uma linha e queria chegar ao fim, poder parar. Foi até a Central de Indicação da Divlab, para requerer um posto na comunidade para onde Takver partira.

A Divlab, com seus computadores e seu enorme trabalho de coordenação, ocupava toda uma praça; seus edifícios eram bonitos, imponentes para os padrões anarrestis, com linhas harmoniosas e simples. No interior, a Central de Indicações de Postos tinha o teto alto e evocava um pouco um celeiro. Estava cheia de gente e de atividade, com as paredes cobertas de cartazes referentes a postos de trabalho ou com diretivas sobre a que departamento dirigir-se para resolver isso ou aquilo. Enquanto Shevek aguardava numa das filas, ficou ouvindo o que diziam as pessoas à sua frente, um garoto de dezesseis anos e um velho de seus sessenta. O garoto ia apresentar-se como voluntário para um posto no combate à fome. Estava cheio de sentimentos nobres, transbordava de fraternidade, de intrepidez, de esperança. Estava todo satisfeito porque iria viajar sozinho, deixar a infância para trás. Falava um bocado, como uma criança, com uma voz ainda não acostumada a seus tons mais graves. Liberdade, liberdade! ecoava cada palavra de sua falação excitada; e a voz do velho resmungava e retumbava intrometendo-se o tempo inteiro, provocando sem ameaçar, caçoando sem desencorajar. A liberdade, a capacidade de ir a algum lugar e fazer alguma coisa, a liberdade era o que o velho mais admirava e queria encorajar no jovem, mesmo quando zombava de sua vaidade. Shevek os escutou com prazer. Foram uma pausa na sucessão de coisas grotescas daquela manhã.

Assim que Shevek explicou para onde queria ir, a funcionária fez um ar preocupado, foi apanhar um atlas, e o abriu no balcão entre eles dois.

— Olhe aqui — ela disse. Era uma mulher pequenina, feia e dentuça; suas mãos pareciam ágeis e macias, sobre as páginas coloridas do atlas. — Aqui fica Rolny, veja, a península que faz essa saliência descendo para o Tamênio Norte. Não passa de um enorme areal. Não existe nada por lá, fora os laboratórios marinhos bem aqui na ponta, está vendo? E depois a costa é toda de pântanos e marnotas, tudo isso, até aqui, quando se chega em Harmonia, a uns mil quilômetros. A oeste fica Areão da Costa. O lugar mais perto de Rolny para onde você poderia ir seria uma das cidades das montanhas. Mas eles não estão pedindo indicações de emergência para lá, são completamente autossuficientes. Claro que mesmo assim você pode ir para lá — acrescentou, num tom ligeiramente diferente.

— Fica longe demais de Rolny — disse ele olhando para o mapa, percebendo Vale Redondo, a pequena cidade isolada nas montanhas no Nordeste, onde Takver crescera. — Eles não precisam de um zelador, nos laboratórios de estudos marinhos? De um estatístico? De alguém para dar comida aos peixes?

— Vou verificar.

A rede humana/eletrônica que controlava os arquivos da Divlab funcionava com muita eficiência. A funcionária não levou nem cinco minutos para retirar a informação desejada da quantidade enorme e contínua de dados que passavam pelo computador, referentes a postos ocupados, aos disponíveis, a cada tipo de trabalhador requisitado, e às prioridades de cada um na economia geral da sociedade do planeta.

— Acabaram de preencher um posto de emergência, foi o par, não foi? Já têm todo o pessoal de que necessitam: quatro técnicos e um pescador experiente. Pessoal completo.

Shevek apoiou os cotovelos no balcão e baixou a cabeça, e a ficou coçando, um gesto de confusão e derrota, mascarado pela consciência.

— Bem — disse ele —, não sei o que fazer.

— Escute, irmão, quanto tempo o par vai ficar nesse posto?

— Tempo indefinido.

— Mas o trabalho faz parte do combate à fome, não é? Isso não vai durar a vida inteira. Não pode! Vai chover, nesse inverno.

Ele levantou o olhar para o rosto grave, compassivo e marcado da irmã. Sorriu um pouco, pois não podia deixar sem resposta o esforço daquela irmã em devolver-lhe a esperança.

— Vocês vão ficar juntos de novo. Enquanto isso...

— Sim. Enquanto isso... — disse ele.

Ela aguardou uma decisão.

Era ele que tinha de fazê-la, e as opções eram intermináveis. Ele podia ficar em Abbenay e organizar um curso de física se pudesse achar alguns voluntários. Poderia ir para a Península Rolny e ficar junto a Takver, mesmo sem qualquer posto na estação de pesquisa. Poderia morar em qualquer lugar e não fazer nada senão levantar-se duas vezes por dia e ir ao refeitório mais próximo para alimentar-se. Podia fazer o que bem entendesse.

A identidade entre as palavras “trabalho” e “jogo, recreação” em právico tinha, é claro, uma forte significação ética. Odo percebera o perigo de um moralismo rígido resultante do uso da palavra “trabalho” em seu sistema analógico: as células devem trabalhar juntas, o trabalho mais importante do organismo, o trabalho feito por cada elemento, e assim por diante. Cooperação e função, conceitos essenciais na *Analogia*, implicavam ambas trabalho. A prova da validade de uma experiência, feita com vinte tubos de ensaio num laboratório ou vinte milhões de pessoas na Lua, era simplesmente: o trabalho funciona? Odo percebera a armadilha moral. “O santo nunca está ocupado”, ela afirmara, talvez com uma certa tristeza e pensativa.

Mas as escolhas de um ser social nunca são feitas na solidão.

— Bem — disse Shevek. — Acabei de voltar de um posto no projeto de combate à fome. Tem alguma coisa no gênero que precise ser feita?

A funcionária lhe deu um olhar de irmã mais velha, incrédulo mas indulgente.

— Há uns setecentos pedidos urgentes afixados por esse salão — disse ela. — Qual é o que você quer?

— Tem algum que exija conhecimentos de matemática?

— Precisam sobretudo de mão de obra qualificada e trabalhadores agrícolas. Você teve algum estudo de engenharia?

— Não muito.

— Bem, há um posto na coordenação do trabalho. Isso certamente exige uma boa cabeça para números. Que tal esse?

— Está bem.

— É lá no Sudoeste, em Poeira, sabe.

— Já estive em Poeira. Além do mais, como você disse, um dia vai chover...

Ela assentiu com a cabeça, sorrindo, e datilografou na ficha de Shevek na Divlab: *DE ABBENAY,*

Inst. Cent. Cien., PARA Cotovelo, SO, coord. trab., usina fosfato n.º 1: POST. EMERG.: 5-1-3-165

— *indefinido.*

CAPÍTULO IX

URRÁS

Shevek foi acordado pelos sinos da capela que ressoavam a Harmonia Prima para o serviço religioso da manhã. As notas eram como pauladas levadas no crânio. Estava tão doente e trêmulo que não conseguia nem ficar sentado por muito tempo. Conseguiu finalmente arrastar-se até o banheiro e tomou um banho frio e demorado que aliviou-lhe a dor de cabeça; mas o corpo inteiro continuou a parecer-lhe estranho, a parecer-lhe, por alguma razão, abjeto. Quando começou a sentir-se capaz de raciocinar outra vez, fragmentos e momentos da noite anterior ressurgiram em seu pensamento, breves cenas da festa de Vea, nítidas, sem sentido. Ele tentou afastá-las de seu espírito mas depois não foi mais capaz de pensar sobre outra coisa qualquer. Tudo, tudo parecia-lhe abjeto. Sentou-se à escrivaninha e passou meia hora sentado, imóvel, com o olhar fixo e distante, completamente perdido, infeliz.

Já se sentira muitas vezes embaraçado e confuso em sua vida, e também como um idiota. Quando era rapaz, sofria com a impressão de que os outros o achavam esquisito, diferente deles; anos depois, sentira, pois havia deliberadamente despertado, a raiva e o desprezo de muitos de seus companheiros de Anarres. Mas ele nunca havia de fato respeitado a opinião dos outros. Nunca tinha-se sentido envergonhado.

Ele não sabia que esse sentimento de humilhação paralisante era uma consequência química da bebedeira, como a dor de cabeça. E nem esse conhecimento lhe teria feito muita diferença. A vergonha — a sensação de degradação e de estranhar a si mesmo — foi uma revelação. Ele via com uma nova clareza, uma horrenda clareza; e viu muito além das lembranças incoerentes do final da noite na casa de Vea. Não foi apenas a pobre Vea que o traiu. Não foi apenas o álcool que ele tentou vomitar; foi todo o pão que ele havia comido em Urrás.

Apoiou os cotovelos na escrivaninha e pôs a cabeça entre as mãos, fazendo pressão sobre as têmporas, na posição contraída e acabrunhada da dor; e examinou sua vida à luz da vergonha.

Em Anarres, ele havia escolhido, desafiando as expectativas de uma sociedade, realizar a obra que se sentia destinado a fazer individualmente. Realizá-la era rebelar-se: pôr em risco sua individualidade pelo bem da sociedade.

Ali em Urrás, esse ato de rebeldia era um luxo, uma regalia. Ser um físico em A-Io não significava servir à mocidade, nem à espécie humana, nem à verdade, mas sim ao Estado.

Na primeira noite que passara naquela sala, ele lhes havia perguntado, desafiante e curioso: “O que vão fazer de mim?” Agora sabia o que tinham feito dele. Chifoilisk lhe dissera a pura verdade. Eles o possuíam. Ele tinha pensado em fazer uma troca com eles, uma ideia de anarquista e muito ingênua. O indivíduo não pode permutar com o Estado. O Estado não reconhece outra moeda senão o poder: e é o próprio Estado que emite as moedas.

Ele agora percebia — com detalhes, ponto por ponto desde o começo — que havia cometido um erro ao vir para Urrás, seu primeiro grande erro, cujas consequências poderiam durar pelo resto da vida.

No instante em que o admitiu, assim que acabou de recapitular todas as provas desse erro que ele havia reprimido e negado durante meses (e levou muito tempo nisso, ali sentado, imóvel, à

escrivaninha, até chegar àquela última cena grotesca e abominável com Veá, e reviver tudo isso também, sentir o rosto arder e os ouvidos zumbirem), ele então se libertou. Mesmo naquele vale de lágrimas pós-alcoólico, não sentia nenhuma culpabilidade. Agora isso tudo estava feito, acabado, e o que ele tinha de se perguntar era: o que deveria fazer agora? Depois de ter trancado a si mesmo numa prisão, como poderia agir como um homem livre?

Não faria física para os políticos. Isso agora era bem claro.

Se parasse de trabalhar, eles o deixariam ir embora?

Nesse ponto, deu um suspiro profundo e levantou a cabeça, olhando a paisagem verde e ensolarada lá fora, com olhos vedados pela alma. Foi a primeira vez que se permitiu pensar em voltar para casa como uma possibilidade real. Esse pensamento ameaçou derrubar os portões e inundá-lo de ansiedade e sentimento de urgência. Falar právico, falar com amigos, ver Takver, Pilun, Sadik, pegar na poeira de Anarres...

Eles não iriam deixá-lo partir. Ele não pagara a passagem. Nem ele mesmo podia se permitir a partida: desistir e fugir.

Ali sentado à escrivaninha na forte luz do sol da manhã, ele baixou a mão para golpear a ponta da escrivaninha, com deliberação e violência, duas, três vezes; seu rosto estava calmo e parecia cheio de pensamentos.

— Para onde vou? — disse ele em voz alta.

Uma batida na porta. Efor entrou com o desjejum e os jornais da manhã.

— Entrei seis horas como costume mas recuperando seu sono — observou ele, pousando a bandeja com admirável habilidade.

— Eu me embedei ontem à noite — disse Shevek.

— Maravilhoso enquanto dura — disse Efor. — Mais alguma coisa, senhor? Muito bem — e foi-se retirando com a mesma agilidade inclinando-se no meio do caminho para cumprimentar Pae, que entrava quando ele ia saindo.

— Não tinha a intenção de perturbar seu desjejum! Quando estava voltando da igreja, pensei em dar uma olhada por aqui.

— Sente-se. Tome um pouco de chocolate. — Shevek seria incapaz de comer, a não ser que Pae pelo menos fingisse comer alguma coisa. Pae pegou um pãozinho de mel e ficou discretamente esmigalhando-o sobre um prato. Shevek ainda se sentia muito trêmulo mas agora com bastante fome, e atacou a refeição com energia. Pae dava a impressão de estar achando ainda mais difícil entabular uma conversa do que habitualmente ele achava.

— O senhor ainda recebe esse lixo? — perguntou finalmente, em tom de brincadeira e tocando os jornais que Efor deixara dobrados sobre a mesa.

— Efor os traz.

— Ah, sim?

— Eu que pedi — disse Shevek, lançando um rápido olhar, um olhar penetrante e indagador, de fração de segundo, em direção a Pae. — Eles aumentam a minha compreensão de seu país. Interesso-me pelas classes inferiores. A maior parte dos anarrestis vem das classes inferiores.

— Sim, naturalmente — disse o homem mais jovem, com o ar respeitoso e inclinando a cabeça. Comeu um pedacinho de pão de mel. — Pensando bem acho que gostaria de uma gotinha de chocolate — disse ele, e tocou a sineta que estava sobre a bandeja. Efor apareceu à porta: — Outra xícara — disse Pae, sem voltar-se para olhá-lo. — Sabe, senhor, nós estávamos com vontade de levá-lo para passear mais um pouco, agora que o tempo está ficando bom, e mostrar-lhe mais de nosso país. Talvez até fizéssemos uma visita ao exterior. Mas essa maldita guerra acabou com todos

esses nossos planos, é pena.

Shevek olhou a manchete do jornal no topo da pilha: CHOQUES ENTRE IO E THU PRÓXIMO A BENBILI.

— Há notícias mais recentes do que essas no telefax — disse Pae. — Liberamos a capital. O General Havevert será reempossado.

— Então a guerra acabou?

— Não enquanto Thu ocupar as duas províncias orientais.

— Sei. Então o exército de vocês e o de Thu vão se enfrentar em Benbili. E aqui, não?

— Não, não. Seria loucura total se eles nos invadissem, ou nós a eles. Já superamos o tipo de barbárie que costumava levar a guerra ao coração das grandes civilizações! O equilíbrio do poder é mantido por essa espécie de Policiamento. No entanto, estamos oficialmente em guerra. Por conseguinte todas as velhas restrições desagradáveis voltarão a ter efeito, receio.

— Restrições?

— Classificação das pesquisas feitas no Colégio da Ciência Nobre, por exemplo. Nada demais, realmente, apenas um carimbo do governo. E às vezes demora-se a conseguir a publicação de um estudo, quando os chefões acham que deve ser perigoso porque não o entendem!... E as viagens são um pouco limitadas, lamento, principalmente para o senhor e outros estrangeiros que vivem aqui. Enquanto o estado de guerra durar, na realidade o senhor não poderá ultrapassar o campus, creio eu, sem permissão do Reitor. Mas não ligue para essas coisas. Comigo o senhor poderá sair a hora que quiser, sem passar por toda essa trapalhada.

— Você escondeu suas chaves — disse Shevek, com um sorriso ingênuo e espontâneo.

— Ah, sou um grande especialista nisso. Adoro burlar a lei e passar a perna nas autoridades. Talvez eu seja naturalmente anarquista, não é? Por onde anda aquele imbecil com a xícara que pedi?

— Ele tem de descer até a cozinha para buscá-la.

— Mas não precisa levar metade do dia para isso. Bem, não vou mais esperar. Não quero ocupar o que lhe resta da manhã. Por sinal, o senhor viu o último *Boletim da Fundação para a Pesquisa Espacial*? Eles publicaram os planos de Reumere para o ansível.

— O que é ansível?

— É como ele anda chamando o aparelho de comunicação instantânea. Ele diz que se os temporalistas (isso é o senhor, é claro) acharem as equações da inércia temporal, os engenheiros (ele, evidentemente) serão capazes de construir o maldito aparelho, testá-lo, e incidentalmente provar a validade da teoria em poucas semanas ou meses.

— Os próprios engenheiros são a prova da existência da reversibilidade causal. Como pode ver, Reumere já construiu o efeito, antes de eu entregar a causa. — Ele tornou a sorrir, um sorriso bem menos espontâneo e ingênuo. Depois que Pae fechou a porta ao sair, Shevek levantou-se bruscamente. — Seu aproveitador mentiroso de merda! — disse ele em prático, lívido de raiva, fechando bem as mãos para impedi-las de agarrar um objeto qualquer e jogá-lo atrás de Pae.

Efor entrou, trazendo uma xícara e um pires numa bandeja. Parou subitamente, com o ar apreensivo.

— Está tudo bem, Efor. Ele não... ele não queria a xícara. Pode levar tudo.

— Está certo, senhor.

— Ouça, não quero receber visitas por um momento. Você pode evitar que elas entrem?

— Facilmente, senhor. Alguém em especial?

— Sim, ele. Qualquer pessoa. Diga que estou trabalhando.

— Ele vai gostar de ouvir isso, senhor — disse Efor, unindo maliciosamente as rugas por um

instante; e depois, com uma familiaridade respeitosa: — Não vou deixar passar ninguém que o senhor não queira ver — e finalmente, com a devida formalidade: — Obrigado, senhor, e bom dia.

A comida e a adrenalina haviam dissipado a paralisia de Shevek. Ficou andando de um lado para o outro do quarto, irritável e inquieto. Queria agir. Tinha passado quase um ano sem fazer nada, a não ser bancar o idiota. Estava na hora de fazer alguma coisa.

Bem, o que tinha vindo fazer ali?

Física. E afirmar, com seu talento, os direitos de qualquer cidadão, em qualquer sociedade: o direito de trabalhar, de ser sustentado enquanto trabalha, e de partilhar o produto de seu trabalho com todos os que o quiserem. Os direitos de um Odonista e de um ser humano.

Seus generosos e protetores anfitriões deixavam-no trabalhar e o mantinham enquanto trabalhava, é certo. O problema surgia no terceiro item dos direitos. Mas ele ainda não tinha chegado lá. Não havia feito seu trabalho. Não podia partilhar o que não tinha.

Voltou para a escrivaninha, sentou-se e retirou alguns pedaços de papel inteiramente rabiscados do menos acessível e menos útil dos bolsos da calça muito justa e bem talhada que estava usando. Desenrugou os papéis com os próprios dedos e fitou-os. Ocorreu-lhe então a reflexão de que estava ficando igual a Sabul: escrevendo em letra miúda, em abreviações, em pedacinhos de papel. Agora compreendia por que Sabul o fazia; ele era possessivo, sigiloso e furtivo. O que era considerado psicopatia em Anarres era tido como comportamento racional em Urrás.

Ficou novamente sentado, quase imóvel, com a cabeça baixa, estudando os dois pedacinhos de papel onde havia anotado alguns pontos essenciais da Teoria Temporal Geral, ainda não concluída.

Passou os três dias seguintes sentado à escrivaninha, fitando os dois pedaços de papel.

Às vezes se levantava e ficava andando pela sala, ou escrevia alguma coisa, ou recorria ao computador da escrivaninha, ou então pedia a Efor que lhe trouxesse algo para comer, ou finalmente deitava-se e adormecia.

Na noite do terceiro dia ele estava sentado, para variar um pouco, no banco de mármore perto da lareira. Sentara-se ali na primeira noite que entrou naquela casa, naquela graciosa prisão, e era ali que costumava sentar-se quando recebia visitas. Naquele momento não estava com visitas, mas estava pensando em Saio Pae.

Como todo indivíduo que ambiciona o poder, Pae tinha o espírito assustadoramente míope. Revelava uma certa banalidade, um lado atrofiado em sua mente: faltava-lhe profundidade, vibração, imaginação. Era na verdade um instrumento primitivo. Sua potencialidade, contudo, já havia sido real, e, embora deformada, ainda não tinha sido perdida. Pae era muito sagaz como físico. Ou mais exatamente, tinha muita sagacidade, muita esperteza para a física. Ele nunca fizera nada de original, mas seu oportunismo, sua intuição, sua capacidade de perceber onde estava a vantagem, conduziram-no quase sempre ao ramo mais promissor. Ele instintivamente sabia *em que era preciso trabalhar*, exatamente como Shevek, e Shevek respeitava esse instinto nele como respeitava em si mesmo, pois trata-se de um atributo especialmente importante para o cientista. Foi Pae quem deu a Shevek o livro traduzido do idioma terrano, o simpósio sobre a teoria da Relatividade, cujas ideias vinham lhe ocupando cada vez mais o pensamento ultimamente. Seria possível que ele afinal de contas tivesse vindo para Urrás simplesmente para encontrar Saio Pae, seu inimigo? Que tivesse vindo à procura dele, sabendo que talvez recebesse do inimigo o que não podia receber de seus irmãos e de seus amigos, o que nenhum anarrestí podia dar-lhe: o conhecimento do estrangeiro, com outras raças: *informações*.

Esqueceu Pae. Começou a pensar no livro. Ele não sabia afirmar-se com clareza o que, exatamente, achara de tão estimulante no livro. A maior parte das ideias de física ali contidas

estavam superadas; afinal, os métodos eram complicados e a atitude dos estrangeiros era algumas vezes muito desagradável. Os terranos tinham sido imperialistas intelectuais, cobiçosos e ciumentos construtores de muros. Mesmo Ainstein, o autor da teoria, sentiu-se compelido a advertir que sua física não abrangia nenhum outro modo além do modo físico e não podia ser considerada como algo que implicasse metafísica, filosofia ou ética. O que, evidentemente, era de uma verdade superficial; e no entanto ele havia utilizado o *número*, a ponte entre o racional e o que é percebido pelos sentidos, entre psique e matéria, “número, o Indiscutível”, como era chamado pelos antigos fundadores da Ciência Nobre. Usar matemática nesse sentido era usar o modo que precedeu e conduziu a todos os outros modos. Ainstein percebera isso; ele tinha admitido, com emocionante cautela, acreditar que sua física de fato descrevia a realidade.

Estranheza e familiaridade: em cada movimento do pensamento terrano Shevek percebia essa combinação, ficava constantemente intrigado. E atraído: pois Ainstein, também, buscava uma teoria unificadora. Tendo explicado a força da gravidade como função da geometria do espaço-tempo, ele procurara estender a síntese para nela incluir as forças eletromagnéticas. Não conseguiu fazê-lo. Mesmo durante sua vida, e por muitas décadas depois de sua morte, os físicos de seu próprio planeta desviaram-se de seus esforços e de seu fracasso, perseguindo as magníficas incoerências da teoria dos quanta com seu considerável rendimento tecnológico, até finalmente se concentrarem tão exclusivamente no modo tecnológico que chegaram a um impasse, a um catastrófico fracasso da imaginação. No entanto a intuição original desses físicos era bem fundada: no ponto em que haviam chegado, o progresso residia na indeterminação do que o velho Ainstein recusara-se a aceitar. E sua recusa revelou-se igualmente correta, a longo prazo. Faltaram-lhe apenas os instrumentos necessários para prová-la: as variáveis de Saeba, e as teorias da velocidade infinita e da causa complexa. Seu campo unificado existia, na física cética, mas em termos que ele talvez não se dispusesse a aceitar, pois a velocidade da luz como fator limitativo fora essencial a suas grandes teorias. Suas duas teorias da Relatividade continuavam a ser tão belas, tão válidas e tão úteis quanto antes, depois de todos aqueles séculos, e no entanto as duas se fundamentavam numa hipótese cuja veracidade não se podia provar, e da qual se podia demonstrar — o que havia sido feito, em certas circunstâncias — a inexatidão.

Mas uma teoria cujos elementos fossem *todos* provadamente verdadeiros não seria então uma simples tautologia? Nos domínios daquilo que não pode ser provado, ou mesmo do que é refutável, residia a única chance de se partir o círculo para poder ir adiante.

E nesse caso, a impossibilidade de provar a hipótese da coexistência real — o problema com o qual Shevek vinha desesperadamente quebrando a cabeça naqueles últimos três dias, na realidade naqueles últimos dez anos — teria realmente importância?

Estivera tateando, à procura de uma certeza para apoiar-se, como se a certeza fosse algo que ele pudesse possuir. Vinha exigindo uma segurança, uma garantia que não se outorga, e que, quando concedida, torna-se prisão. A simples admissão da validade da coexistência real o deixava livre para poder usar as belas geometrias da relatividade, e seria então possível ir adiante. A próxima etapa tornou-se perfeitamente clara. A coexistência da sucessão podia ser resolvida por uma série de transformações saebanas; abordadas dessa maneira, a sucessão e a presença não ofereciam nenhum caráter antitético. A unidade fundamental dos pontos de vista da Sequência e da Simultaneidade tornava-se evidente; o conceito de intervalo servia para fazer a conexão entre os aspectos estático e dinâmico do universo. Como fora capaz de fixar os olhos na realidade durante anos e não vê-la? Não encontraria nenhuma dificuldade para continuar. Na realidade, ele já estava adiante. Já estava lá. Viu tudo o que iria suceder-se, nessa primeira visão breve e aparentemente casual do método que sua

compreensão de um fracasso no passado proporcionara. O muro caiu. A visão era ao mesmo tempo clara e total. O que ele viu era simples, mais simples do que qualquer outra coisa. Era a própria simplicidade, e continha em si toda a complexidade, toda a promessa. Era uma revelação. Era o caminho desimpedido, o caminho de casa, a luz.

O espírito que o habitava era como uma criança correndo para a luz do sol, penetrando-a cada vez mais, e não havia fim, não havia fim...

E apesar desse estado de alívio total e bem-aventurança, foi sacudido pelo temor; suas mãos tremiam, seus olhos encheram-se de lágrimas, como se ele tivesse ficado olhando para dentro do sol. Afinal a carne não é transparente. E é estranho, excessivamente estranho o que sente um indivíduo ao descobrir que acabou de preencher a finalidade de sua própria vida.

Entretanto ele continuou a olhar, a ir adiante, com o mesmo contentamento de criança, até bruscamente não ser mais capaz de prosseguir; voltou, e, olhando à sua volta através das próprias lágrimas, percebeu que a sala estava escura e que as janelas tão altas estavam cheias de estrelas.

O momento se fora, ele o vira passar. Não tentou agarrar-se ao momento. Ele sabia que ele era parte desse momento, e não o contrário. Era o momento que o guardava.

Depois de certo tempo levantou-se, muito trêmulo, e acendeu a luz. Vagou um instante pelo quarto, tocando nos objetos, na capa de um livro, na cúpula de um quebra-luz, feliz por estar de volta ao convívio desses objetos familiares, de volta a seu próprio mundo; sim, porque naquele instante a diferença entre aquele planeta e o seu, a diferença entre Urrás e Anarres, não lhe era mais significativa do que a diferença entre dois grãos nas areias do mar. Não havia mais abismos, acabaram-se os muros. O exílio terminara. Ele vira as fundações do universo e elas eram sólidas.

Entrou no quarto, com um andar vagaroso e um pouco cambaleante, e jogou-se na cama sem se despir. Ficou ali deitado, com os braços dobrados detrás da cabeça para apoiá-la, ocasionalmente prevendo ou planejando um ou outro detalhe do trabalho que teria de fazer, mergulhando numa solene e deliciada gratidão, que foi gradualmente se diluindo até transformar-se num sereno devaneio, e depois em sono.

Dormiu durante dez horas. Acordou pensando nas equações que exprimiriam o conceito de intervalo. Foi para a escrivaninha e pôs-se a trabalhar nas equações. Ele tinha uma aula naquela tarde e foi dá-la. Jantou no Refeitório dos Decanos e conversou com seus colegas sobre o tempo, a guerra, ou outro assunto qualquer que eles trouxessem à baila. Se eles o estavam achando diferente, não sabia dizer, pois não estava realmente prestando atenção ao que diziam. Voltou para seus aposentos e trabalhou.

O dia urrasti era de vinte e quatro horas. Durante dez dias, passava de dez a dezesseis horas trabalhando, ou andando à toa pelo quarto, e de vez em quando dirigia o olhar para as janelas, e via lá fora o sol quente da primavera a brilhar, ou as estrelas ou a Luz, fulva e minguante.

Ao entrar com a bandeja do desjejum, Efor encontrou-o deitado seminu, com os olhos fechados, falando numa língua estrangeira. Acordou-o. Shevek despertou com um sobressalto, levantou-se e foi cambaleando para a outra peça, para a escrivaninha, que estava completamente vazia. Ficou olhando para o computador, cuja memória havia sido apagada, e ficou ali parado, como um homem que tivesse levado um murro na cabeça e ainda não o soubesse. Efor conseguiu convencê-lo a voltar para a cama e disse:

— Febre, senhor. Chamo médico?

— Não!

— Certeza, senhor?

— Não! Não deixe ninguém entrar aqui. Diga que estou doente, Efor.

— Aí é certo eles chamarem o médico. Posso dizer que ainda está trabalhando, senhor. Gostam de saber isso.

— Tranque a porta quando sair — disse Shevek. Seu corpo não transparente o deixara por baixo; sentia-se fraco e esgotado, o que o deixava intranquilo e em pânico. Sentia medo de Pae, de Oiie, de uma batida da polícia. Tudo o que ele tinha ouvido falar da polícia urrasti, a polícia secreta, voltou-lhe à mente com terrível nitidez, a nitidez de alguém que admite estar doente e começa a relembrar cada palavra que já tenha lido sobre o câncer. Levantou para Efor um olhar de uma angústia febril.

— Pode confiar em mim — disse o homem, com seu jeito submisso, rápido e careteiro. Trouxe um copo com água para Shevek, saiu, e ouviu-se um ligeiro clique na fechadura externa da porta.

Ele cuidou de Shevek durante os dois dias seguintes, com um tato e uma habilidade que pouco deviam à sua experiência de camareiro.

— Você devia ser médico, Efor — disse Shevek, quando sua grande fraqueza transformou-se numa lassidão meramente física, e nada desagradável.

— É o que diz minha velhota. Ela não quer ninguém cuidando dela fora eu, quando fica arriada. Ela fala, “você tem muito jeito”. Acho que tenho mesmo.

— Você já trabalhou no tratamento de doentes?

— Não, senhor. Não quero me meter com hospitais. Maldita a hora que eu morrer num desses pardieiros.

— Os hospitais? O que há de errado com eles?

— Nada, senhor. Não esses para onde levariam o senhor se piorasse — disse Efor, com delicadeza.

— Então de que tipo de hospital estava falando?

— Dos nossos. Imundos. Tipo rabo de lixeiro — disse Efor, sem violência, descritivamente. — Velhos. Criança morreu num. Tem buracos no chão, buracos grandes, dá pra ver as vigas, sabe como é? Eu perguntei, “Como pode?”. Entende, os ratos subindo pelos buracos, bem debaixo das camas. Eles responderam, “edifício antigo, já é hospital há seiscentos anos”. Casa da Divina Harmonia para os Necessitados, é o nome de lá. Uma boa merda, isso sim.

— Foi um filho seu que morreu no hospital?

— Sim, minha filha Laia.

— De que foi que ela morreu?

— Válvula do coração. Foi o que disseram. Não viveu muito. Dois anos de idade quando morreu.

— Você tem outros filhos?

— Vivos não. Nasceram três. Foi duro pra minha coroa. Mas agora ela fala, “bem, pelo menos não se está sofrendo com pena deles sofrerem, foi bom assim, afinal de contas”. Mais alguma coisa que eu possa fazer, senhor? — a mudança brusca para a sintaxe das classes privilegiadas sobressaltou Shevek; ele disse com impaciência:

— Continue falando.

Por ter falado espontaneamente, ou porque Shevek não estava bem e precisava ser animado, dessa feita Efor não se retesou.

— Numa época queria ser médico do exército. Mas eles me pegaram primeiro. Recrutamento. Disseram, “você vai ser ordenança, ordenança.” Aí eu fui. Aprende muito, ordenança. Saí do exército direto para serviço senhor fino trato.

— Mas você poderia ter se formado em medicina no quartel? — A conversa continuou. Shevek a

seguia com dificuldade, tanto pela linguagem como pela substância. Estavam lhe falando de coisas com as quais nunca tivera experiência alguma. Ele nunca tinha visto um rato, nem casernas, nem um hospício, nem um asilo de indigentes, nem uma casa de penhores, nem uma execução, nem um ladrão, nem um cortiço, um cobrador de aluguel, um homem que quisesse trabalhar e não encontrasse trabalho para fazer, e nem um bebê morto numa vala. Todas essas coisas surgiam em meio às reminiscências de Efor como lugares-comuns ou horrores-comuns. Shevek teve de apelar para a sua imaginação e juntar cada fragmento da informação que tinha sobre Urrás para pelo menos tentar entender. E no entanto todas essas coisas eram-lhe familiares de uma forma que nada que já tivesse visto em Urrás podia ser, e ele as compreendeu.

Foi sobre esse Urrás que ele aprendeu nas escolas de Anarres. Foi desse mundo que seus ancestrais evadiram-se, preferindo a fome e o deserto, e um exílio interminável. Foi esse mundo que formou o espírito de Odo e aprisionou-a oito vezes por tê-lo denunciado. Era nesse tipo de sofrimento humano que os ideais de sua sociedade estavam enraizados, o solo de onde nasceram.

Não era “o verdadeiro Urrás”. A dignidade e a beleza do quarto em que ele e Efor se encontravam eram tão reais quanto o pardieiro em que Efor nascera. Para ele a missão do pensador não era negar uma realidade em detrimento de outra, mas incluí-las e ligá-las. Não era nada fácil.

— Parecendo cansado de novo, senhor — disse Efor. — Melhor descansar.

— Não, não estou cansado.

Efor ficou observando-o por um momento. Quando Efor assumia o papel de criado seu rosto enrugado e bem barbeado era bastante inexpressivo; durante aquela última hora, Shevek o viu passar por transformações extraordinárias, expressando revolta, humor, cinismo e sofrimento. Naquele instante tinha uma expressão de simpatia, embora um tanto desprendida.

— Muito diferente de tudo lá de onde o senhor vem — disse Efor.

— Muito diferente.

— Ninguém nunca fica sem trabalho, lá — disse Efor.

Havia uma ponta de ironia, ou de interrogação, em sua voz.

— Não.

— Ninguém passa fome?

— Ninguém passa fome enquanto outro come.

— Ah.

— Mas já passamos fome. Já morremos de fome. Houve uma grande fome, sabe, há oito anos. Conheci uma mulher, nessa época, que matou seu bebê porque ela não tinha mais leite, e não havia nada mais, nada mais que ela pudesse lhe dar. Nem tudo é... nem tudo é leite e mel em Anarres, Efor.

— Não tenho dúvidas, senhor — disse Efor, num de seus curiosos retornos à linguagem mais polida. E depois disse, fazendo uma careta, apartando os lábios dos dentes: — Mesmo assim não tem nenhum *deles*, por lá!

— Deles?

— O senhor sabe, Sr. Shevek. Aquilo que o senhor disse uma vez. Os possuidores.

Na noite seguinte, Atro passou para vê-lo. Pae deve ter estado à espreita, pois logo alguns minutos depois que Efor recebeu o velho ele entrou, descontraidamente, e foi perguntando pela saúde de Shevek com um interesse envolvente.

— O senhor tem trabalhado demais, nessas últimas semanas, senhor — disse ele —; o senhor não deve se cansar desse jeito. — Ele não se sentou e não falou muito; a encarnação da urbanidade. Atro

continuou a falar da guerra de Benbili, que estava se tornando, segundo disse, “uma operação de larga envergadura”.

— O povo aqui de seu país aprova essa guerra? — perguntou Shevek, interrompendo um discurso sobre estratégias militares. Ele ficara atônito pela falta de julgamento moral sobre a questão, nos jornais da imprensa alpiste. Eles haviam abandonado o tom excitado e pomposo; agora com frequência usavam exatamente a mesma linguagem dos boletins governamentais transmitidos pelo telefax.

— Aprovar? Você não pensa que vamos ficar de braços cruzados e deixar esses malditos thúvios nos arrasarem!? É nosso status de potência mundial que está em jogo!

— Mas eu me referi ao povo, não ao governo. As... as pessoas que têm de combater.

— E o que têm eles? Eles estão acostumados aos recrutamentos em massa. É para isso que estão aí, meu caro amigo! Para lutarem por nosso país. E permita que lhe diga, não há melhor soldado no mundo do que os do exército ioti, depois que são treinados para obedecerem as ordens. Nos tempos de paz, podem ficar berrando um pacifismo sentimental, mas a bravura está neles, pronta a manifestar-se. O soldado raso sempre foi nosso maior recurso como nação. Foi graças a eles que nos tornamos os líderes desse planeta.

— Escalando um monte de crianças mortas? — disse Shevek, mas a revolta ou, quem sabe, uma relutância inconfessada em magoar os sentimentos do velho físico abafou-lhe a voz, e Atro não o escutou.

— Não — continuou Atro —, pode-se ver que o espírito do povo é verdadeiro e forte como aço quando o país é ameaçado. Há uns desordeiros em Nio e nos centros industriais que ficam fazendo estardalhaço, entre uma guerra e outra, mas é grandiosa a emoção que se sente ao ver o povo cerrando fileiras, quando a bandeira está em perigo. Sei que não quer acreditar nisso, eu sei. O problema com o Odonismo, meu caro amigo, é que é uma ideologia feminil. Simplesmente ignora o lado viril da existência. “Sangue e aço, clarões da batalha”, como diz o velho poeta. O Odonismo não entende a coragem, o amor à bandeira.

Shevek ficou em silêncio por um minuto; depois disse, delicadamente:

— Isso talvez seja verdade, em parte. Pelo menos não temos bandeiras.

Depois que Atro saiu, Efor entrou para apanhar a bandeja do jantar. Shevek o deteve. Aproximou-se dele, dizendo:

— Desculpe-me, Efor — e pôs um pedaço de papel sobre a bandeja. No papel ele escrevera: “Há um microfone nessa sala?”

O criado baixou a cabeça e leu o papel, vagorosamente, e depois levantou o olhar para Shevek, um longo olhar, a curta distância. Em seguida seus olhos lançaram um breve olhar para a chaminé da lareira.

“E no quarto?”, inquiriu Shevek com o mesmo recurso.

Efor sacudiu a cabeça, pousou a bandeja e seguiu Shevek até o quarto. Fechou a porta ao entrar, com o silêncio discreto de um criado eficiente.

— Localizei aquele primeiro dia, espanando — disse ele com um sorriso largo que acentuou-lhe as rugas do rosto transformando-as em profundas estrias.

— Aqui dentro não tem?

Efor levantou os ombros:

— Nunca localizei. Podemos deixar a torneira aberta ali dentro, senhor, como fazem nas histórias de espões.

Prosseguiram até o magnífico templo de ouro e marfim da privada. Efor abriu as torneiras e

revistou as paredes.

— Não — disse ele —, não creio. E um olho-espia eu localizava logo. Descobri uns quando trabalhei uma vez com um homem aqui em Nio. Depois que se conhece, sempre se descobre.

Shevek tirou outro pedaço de papel de seu bolso e mostrou-o a Efor.

— Você sabe de onde isso veio?

Era o bilhete que ele havia encontrado em seu casaco: “Reúna-se a nós, seus irmãos!”

Depois de uma pausa — ele leu devagar, movendo os lábios fechados — Efor disse:

— Não sei de onde vem.

Shevek ficou desapontado. Já tinha lhe ocorrido que Efor ocupava uma excelente posição para furtivamente enfiar algo no bolso de seu “patrão”.

— Sei quem mandou. De certa maneira.

— Quem foi? Como posso entrar em contato com eles?

Outra pausa.

— Transação perigosa, Sr. Shevek. — Virou-se e aumentou o jato de água que vinha das torneiras.

— Não quero lhe causar problemas. Se você puder, diga-me... diga-me apenas aonde ir. Por quem devo procurar. Pelo menos um nome.

Uma pausa ainda mais longa. O rosto de Efor parecia tenso e crispado.

— Eu não... — disse ele e parou. E depois, abruptamente, disse baixinho: — Escute, Sr. Shevek, só Deus sabe o quanto querem a sua presença, precisamos do senhor, mas olhe, o senhor não sabe como é isso aqui. Como vai se esconder? Um homem como o senhor? Com a aparência que o senhor tem? Aqui é uma armadilha, mas há uma armadilha em todo lugar. O senhor pode fugir mas não pode se esconder. Não sei o que lhe dizer. Posso dar nomes, claro. Pergunte a qualquer nioti, ele dirá aonde ir. Já estamos cheios. Precisamos respirar um pouco. Mas aí eles lhe pegam, matam, como vou me sentir? Trabalho pro senhor há oito meses, já gosto do senhor. Admiro o senhor. Eles ficam me procurando o tempo inteiro e eu digo: “não, deixem ele em paz. É uma boa pessoa e não tem nada com os problemas da gente. Deixem ele voltar pro lugar de onde veio, onde as pessoas são livres. Deixem alguém ficar livre dessa maldita prisão que a gente tá vivendo!”

— Não posso voltar. Ainda não. Quero conhecer essa gente.

Efor ficou imóvel, calado. Talvez tenha sido seu velho hábito de criado, de alguém que obedece, que o levou a finalmente fazer um sinal com a cabeça e dizer sussurrando:

— Tuio Maedda, é ele que o senhor quer. Beco da Brincadeira, na Cidade Velha. Na Mercearia.

— Pae disse que estou proibido de sair do campus. Eles podem me deter, se me virem pegar o trem.

— Táxi, talvez — disse Efor. — Chamo um, o senhor desce pela escada. Conheço Kae Oimon lá no ponto. Ele tem juízo. Mas não sei.

— Está bem. Agora mesmo. Pae acabou de sair daqui, ele me viu, pensa que não vou sair do quarto porque estou doente. Que horas são?

— Sete e meia.

— Se eu for agora, tenho o resto da noite para descobrir o lugar onde devo ir. Chame o táxi, Efor.

— Vou pôr alguma coisa numa mala pro senhor.

— O quê?

— O senhor vai precisar de roupas.

— Mas já estou vestido! Vamos.

— O senhor não pode ir assim, sem nada — protestou Efor. Isso o deixou mais ansioso e

preocupado do que tudo o mais. — O senhor tem dinheiro?

— Ah, é. Isso eu tenho de levar.

Shevek já estava preparando-se para sair; Efor coçou a cabeça, com o ar preocupado e relutante, mas foi até o telefone do corredor para chamar um táxi. Voltou e encontrou Shevek aguardando diante da porta da entrada, no corredor, já vestido em seu casaco.

— Pode descer — disse Efor, ainda relutante e contrariado. — Kae vai estar na porta dos fundos, daqui a cinco minutos. Diga pra ele sair pela Alameda dos Bosques, lá não tem controle como no portão principal. Não saia pelo portão, lá eles lhe detêm na certa.

— Eles podem culpá-lo por isso, Efor?

Estavam ambos sussurrando.

— Não vi o senhor sair. De manhã digo que o senhor ainda não levantou. Que está dormindo. Despistar um pouco.

Shevek segurou-lhe os ombros, deu-lhe um abraço e um aperto de mão.

— Obrigado, Efor!

— Boa sorte — disse o homem, desnortado. Shevek já tinha ido embora.

O dia muito dispendioso que Shevek tinha passado com Veá levava-lhe quase todo o dinheiro disponível, e a corrida de táxi até Nio custou-lhe mais dez unidades. Saltou numa das principais estações de metrô, e orientando-se pelo mapa conseguiu achar o metrô para a Cidade Velha, uma parte da cidade que nunca tinha visto. O Beco da Brincadeira não constava no mapa, e então ele desceu do trem na estação central da Cidade Velha. Quando saiu da espaçosa estação de mármore para a rua, sentiu-se confuso e parou. Aquilo não parecia Nio Esseia.

Uma chuva fina e brumosa caía, e a noite estava muito escura; não havia lampiões nas ruas. Os postes estavam lá, mas as luzes não estavam acesas, talvez quebradas. Uma luz amarela muito fraca filtrava-se pelas frestas das persianas fechadas de uma ou outra janela. No fim da rua, a luz irradiava-se por uma porta aberta, onde um grupo de jovens conversava ociosamente, falando muito alto. As calçadas, escorregadias com a chuva, estavam alastradas de papéis e de lixo de toda espécie. As vitrines das lojas, pelo que ele conseguia distinguir, eram baixas, e estavam todas protegidas por pesadas portas corrediças de metal ou venezianas de madeira, exceto uma que tinha sido consumida pelo fogo e permanecia enegrecida e vazia, e onde cacos de vidro ainda apontavam nos marcos das vitrines quebradas. As pessoas passavam, sombras silenciosas e apressadas.

Uma senhora de idade vinha subindo a escada atrás dele, e ele voltou-se para pedir-lhe informação sobre o caminho a seguir. À luz do globo amarelo que indicava a entrada da estação, ele pôde ver o rosto dela com nitidez: pálido e enrugado, com o olhar morto e hostil dos combalidos. Uns enormes brincos de vidro bamboleavam e batiam-lhe de leve nas bochechas. Ela subiu a escada com dificuldade, encurvada pela fadiga, ou pela artrite, ou por uma deformação qualquer na coluna. Mas não era velha como ele pensara; não tinha nem trinta anos.

— Pode me dizer onde fica o Beco da Brincadeira? — ele perguntou-lhe, gaguejando. Ela dirigiu-lhe um olhar breve e indiferente, acelerou o passo ao chegar ao topo da escada, e continuou seu caminho sem dizer uma palavra.

Foi caminhando pela rua ao acaso. A excitação provocada pela súbita decisão e por sua fuga de Ieu Eun havia se transformado em apreensão, num sentimento de estar sendo impelido, caçado. Evitou o grupo de homens que conversavam perto da porta, advertido pelo sentimento instintivo de que um estranho não deve se aproximar sozinho desse tipo de ajuntamento. Quando viu um homem

caminhando sozinho à sua frente, acelerou o passo para alcançá-lo e repetiu a pergunta. O homem disse “não sei”, e virou-lhe o rosto.

Não havia nada a fazer senão prosseguir. Chegou a uma transversal mais bem iluminada; do cruzamento a transversal estendia-se a perder de vista em ambas as direções, para dentro da chuva enevoada, com um profusão lúgubre de pálidos letreiros e anúncios luminosos. Havia muitas adegas e casas de penhor, e algumas delas ainda estavam abertas. Havia muita gente na rua, acotovelando-se e apressadas, entrando ou saindo, em todas as adegas. Havia um homem estendido no chão, deitado no rego, com o casaco arregaçado cobrindo-lhe a cabeça, debaixo da chuva, dormindo, doente, morto. Shevek ficou olhando-o horrorizado, ou para os outros, que passavam sem olhar.

Ali ficou, paralisado, e enquanto isso alguém parou perto dele e levantou a vista para encará-lo, um homem muito baixo, de seus cinquenta ou sessenta anos, de pescoço torto e com a boca desdentada aberta num riso. Continuou parado e começou idiotamente a rir-se do homem grandalhão e aterrorizado, para quem apontava com a mão trêmula.

— Onde foi arranjar todo esse cabelo, quá, quá, quá, quá, todo esse cabelo, onde arranjou todo esse cabelo — rosnou ele.

— Pode... pode me dizer como faço para chegar ao Beco da Brincadeira?

— Brincadeira, claro, estou, brincando, brincadeira quebradeira, estou quebrado. Ei, tem um trocadinho aí, para um traguinho, nesse frio? Claro que tem um trocado.

Chegou-se mais para perto. Shevek afastou-se, vendo aquela mão aberta, sem nada entender.

— Ora, vamos, uma brincadeira cavalheiro, só um trocadinho — rosnou o homem, sem ameaça ou súplica, mecanicamente, com aquele riso idiota ainda em sua boca, e a mão estendida.

Shevek compreendeu. Apalpou o bolso do casaco, achou sua última nota e apressou-se em colocá-la sobre a mão do mendigo; depois, gelado por um medo que não era por si mesmo, foi rapidamente se afastando do outro homem, que estava resmungando e tentando agarrar-lhe o casaco, até chegar à mais próxima porta aberta. A porta ficava abaixo de um cartaz que dizia: “Penhor e objetos usados. Melhores preços”. Lá dentro, em meio às prateleiras de casacos surrados, sapatos, xales, instrumentos danificados, quebra-luzes partidos, pratos avulsos, vasilhas, colheres, contas, destroços e fragmentos, e preços marcados em cada velharia e inutilidade, ele tentou recobrar-se.

— Deseja alguma coisa?

Fez sua pergunta mais uma vez.

O vendedor, um homem moreno da mesma altura de Shevek mas corcunda e muito magro, examinou-o de cima abaixo.

— Por que está querendo ir lá?

— Estou procurando uma pessoa que mora lá.

— De onde o senhor é?

— Eu preciso ir a essa rua, ao Beco da Brincadeira. É longe daqui?

— De onde o senhor é?

— Sou de Anarres, da Lua — disse Shevek num tom enervado. — Tenho de ir ao Beco da Brincadeira, agora, hoje à noite.

— O senhor é ele? O cientista? Que diabo está fazendo por aqui?

— Fugindo da polícia! Quer avisá-los que estou aqui ou vai me ajudar?

— Caramba — disse o homem —, caramba! Olhe... — hesitou; ia dizer alguma coisa, alguma coisa diferente, mas disse — Basta seguir em frente — e no mesmo alento, embora aparentemente com uma mudança total de atitude, falou: — Está certo. Vou fechar. Levo o senhor lá. Espere um pouco. Caramba!

Inspecionou os fundos da loja, apagou a luz, saiu com Shevek, arriou as venezianas metálicas, trancou-as, trancou a porta com um cadeado, e começou á andar com passos rápidos, dizendo:

— Vamos!

Andaram uns vinte ou trinta quarteirões, entranhando-se no emaranhado de becos e ruas tortuosas da Cidade Velha. A chuva brumosa caía de mansinho na escuridão da noite irregularmente iluminada, acentuando o cheiro de detritos, de pedra e de metal molhados. Viraram num beco sem iluminação e sem placa, entre velhas e elevadas casas de cômodos, cujos térreos eram sobretudo pequenas lojas. O guia de Shevek parou e bateu nas venezianas fechadas de uma delas: V. Maedda, Mercadorias de Qualidade. Depois de muito tempo a porta se abriu. O penhorista conferenciou com alguém no interior da loja, depois fez um sinal para Shevek e os dois entraram. Foi uma garota que os deixou entrar:

— Tuio está lá nos fundos — disse ela, levantando o olhar para o rosto de Shevek, na luz fraca que vinha do corredor dos fundos.

— O senhor é ele? — o tom de sua voz era fraco e ansioso; sorriu de um modo estranho. — O senhor é mesmo ele?

Tuio Maedda era um homem moreno de seus quarenta e tantos anos, com um rosto tenso e intelectual. Fechou um livro no qual estava escrevendo e levantou-se rapidamente quando eles entraram. Cumprimentou o penhorista pelo nome, mas não tirou os olhos de Shevek.

— Ele foi na minha loja perguntar como chegava aqui, Tuio. Ele diz que é o, sabe, o que veio de Anarres.

— É o senhor mesmo, não é? — disse Maedda, vagarosamente —, Shevek. O que está fazendo aqui? — Olhava fixamente para Shevek com olhos assustados, luminosos.

— Procurando ajuda.

— Quem lhe mandou aqui?

— O primeiro homem a quem perguntei. Não sei quem você é. Perguntei-lhe aonde poderia ir e ele mandou vir procurá-lo.

— Tem mais alguém que saiba que está aqui?

— Eles ainda não sabem que eu saí. Amanhã vão saber.

— Vá chamar Remeivi — disse Maedda para a garota. — Sente-se, Dr. Shevek. É melhor me contar o que está se passando.

Shevek sentou-se numa cadeira de madeira mas não desabotoou o casaco. Estava tão cansado que tremia.

— Fugi — disse ele. — Da Universidade, da prisão. Não sei para onde ir. Talvez aqui seja tudo uma prisão. Vim aqui porque eles falam nas classes inferiores, na classe trabalhadora, e eu pensei, essa gente parece ser igual à minha. Pessoas que podem se ajudar umas às outras.

— Que tipo de ajuda está querendo?

Shevek fez um esforço para recobrar a calma. Olhou em volta do escritório pequeno e entulhado, e para Maedda.

— Eu tenho algo que eles querem — disse ele. — Uma ideia. Uma teoria científica. Vim de Anarres para cá porque achava que aqui eu poderia escrevê-la e publicá-la. Não compreendia que aqui uma ideia é propriedade do Estado. Não trabalho para nenhum Estado. Não posso aceitar o dinheiro nem as coisas que eles me dão. Quero sair disso. Mas não posso voltar para casa. Por isso vim até aqui. Vocês não querem minha ciência, e talvez vocês também não gostem do governo.

Maedda sorriu.

— Não. Não gosto. Mas nosso governo também não gosta muito de mim. O senhor não escolheu o

lugar mais seguro para se esconder, nem para o senhor nem para nós. Não se preocupe. Hoje à noite é hoje à noite. Depois decidiremos o que fazer.

Shevek retirou o bilhete que havia encontrado no bolso de seu casaco e o entregou a Maedda.

— Foi isso que me trouxe. É de alguém que você conheça?

— “Reúna-se a nós, seus irmãos”... Não sei. Pode ser.

— Vocês são Odonistas?

— Em parte. Somos sindicalistas, libertários. Trabalhamos com os thuvianistas, com o Sindicato dos Trabalhadores Socialistas, mas somos anticondicionistas. O senhor veio numa hora bem quente, sabe.

— A guerra?

Maedda confirmou com a cabeça.

— Estão anunciando uma passeata para daqui a três dias. Contra o recrutamento, os impostos de guerra, o aumento nos preços dos alimentos. Há quatro mil pessoas desempregadas em Nio Esseia, e eles arrocham nos impostos e nos preços. — Ficou observando Shevek o tempo inteiro que falou; agora, como se o exame tivesse terminado, ele desviou o olhar, recostando-se em sua cadeira. — A cidade está mais ou menos pronta para qualquer coisa. Precisamos é de uma greve, de uma greve geral, e de manifestações em massa. Como a Greve do Nono Mês que Odo liderou — acrescentou, com um sorriso seco e tenso. — Poderíamos usar uma Odo, agora. Mas dessa vez eles não têm uma lua para se livrarem de nós. Temos de fazer justiça aqui, ou em parte alguma. — Tornou a olhar para Shevek e imediatamente falou numa voz mais suave: — O senhor faz ideia do que a sua sociedade tem significado, aqui, para nós, nesses últimos cento e cinquenta anos? Sabe, aqui quando as pessoas querem desejar boa sorte a alguém, dizem: “que você renasça em Anarres!” Saber que existe, saber que há uma sociedade sem governo, sem polícia, sem exploração econômica, e que nunca mais se poderá repetir que ela não passa de uma fantasia, de sonhos de uma idealista! Eu me pergunto se o senhor pode realmente compreender por que lhe deixaram tão bem escondido lá por Ieu Eun, Dr. Shevek. Por que nunca lhe permitiram aparecer em nenhum tipo de reunião aberta ao público. Nem por que vão persegui-lo feito cães atrás da presa, quando descobrirem que o senhor foi embora. Não é apenas porque eles querem essa ideia sua. Mas porque o senhor é uma ideia. E perigosa. A ideia do anarquismo em pessoa. Misturando-se a nós.

— Então vocês já têm uma Odo — disse a garota em seu tom de voz baixo e insistente. Ela havia retornado durante a tirada de Maedda. — Afinal, Odo não foi mais do que uma ideia. O Dr. Shevek é a prova.

Maedda ficou em silêncio por um minuto.

— Uma prova indemonstrável — disse ele.

— Por quê?

— Se as pessoas sabem que ele está aqui a polícia também saberá.

— Deixa eles virem para cá e tentarem pegá-lo — disse a garota, e sorriu.

— A manifestação tem de ser absolutamente sem violência — disse Maedda. — Até o STS já concordou com isso.

— Eu não aceitei, Tuió. Não vou deixar os boinas-pretas me quebrarem a cara nem me esmagar os miolos. Se eles me agredirem, eu avanço em cima.

— Reúna-se a eles então, já que gosta dos métodos deles. A justiça não é feita com a força!

— E não se toma o poder com a passividade.

— Não estamos atrás de poder. Estamos querendo o fim do poder! O que o senhor acha? — perguntou Maedda a Shevek. — Os meios são os fins. Odo repetiu isso a vida inteira. Só a paz gera a

paz, e só os atos justos levam à justiça. Não podemos ficar divididos a esse respeito às vésperas da ação!

Shevek olhou para ele, para a garota e para o penhorista, que estava muito tenso, de pé, junto à porta, ouvindo a discussão. E disse numa voz cansada e calma.

— Se posso ser útil, podem me usar. Talvez eu possa publicar uma declaração a esse respeito, num dos jornais de vocês. Não vim a Urrás para me esconder. Se todas as pessoas souberem que estou aqui, quem sabe o governo fique com medo de me prender diante de todos? Não sei.

— É isso mesmo — disse Maedda. — Claro! — Seus olhos negros chamejavam de entusiasmo. — Onde se meteu o Remeivi? Vá chamar a irmã dele, Siro, peça-lhe que dê um jeito de localizá-lo e trazê-lo aqui... Escreva dizendo por que veio para Urrás, escreva sobre Anarres, diga por que não se venderá ao governo, diga o que quiser e nós publicaremos. Siro! Chame Meisthe, também..

— Nós vamos escondê-lo, mas juro por Deus que vamos fazer todo mundo em A-Io saber que o senhor está aqui, que está conosco!

As palavras pareciam jorrar de sua boca, agitava e levantava as mãos enquanto falava, e ficou andando rápido de um lado para o outro da sala.

— E aí, depois da manifestação, depois da greve, veremos o que fazer. Talvez as coisas fiquem diferentes! Talvez o senhor não tenha de se esconder!

— Talvez as portas de todas as prisões de repente se abram! — disse Shevek. — Bem, dê-me umas folhas de papel; vou escrever.

A garota chamada Siro aproximou-se dele. Sorrindo, curvou-se como se fosse reverenciá-lo, um tanto cerimoniosa, timidamente, e deu-lhe um beijo no rosto; em seguida saiu. O contato de seus lábios foi refrescante e agradável, e ele o sentiu em seu rosto durante muito tempo.

Passou um dia no sótão de uma casa de cômodos no Beco da Brincadeira, e duas noites e um dia no porão de uma loja de móveis usados, um lugar estranho e sombrio, cheio de molduras de espelho vazias e armações de camas quebradas. E escreveu. Levaram-lhe o que havia escrito, já impresso, poucas horas depois que acabara: primeiro no jornal *Idade Moderna*, e mais tarde, depois que a gráfica do *Idade Moderna* foi fechada e os editores presos, em forma de panfletos rodados numa gráfica clandestina, juntamente com planos e incitações à manifestação e à greve geral. Ele não conseguiu ler o que escrevera até o fim. Não prestou muita atenção ao que Maedda e os outros lhe diziam, falando-lhe do entusiasmo com que os jornais eram lidos, da crescente adesão aos planos da greve, do efeito que sua presença na manifestação teria, diante dos olhos do mundo inteiro. Depois que o deixaram sozinho, ele de vez em quando tirava um caderninho do bolso da camisa e ficava olhando para as anotações em código e as equações da Teoria Temporal Geral. Ele as olhava e não conseguia lê-las. Não as compreendia. Tornava a guardar o bloco e ficava sentado com a cabeça entre as mãos.

Anarres não tinha bandeira para ser erguida ou agitada, mas em meio aos cartazes proclamando a greve e a faixas azuis e brancas dos Sindicalistas e dos Trabalhadores Socialistas, havia muitas bandeirinhas improvisadas em casa, mostrando o verde Círculo da Vida, o velho símbolo do Movimento Odonista de duzentos anos atrás. Todas as bandeiras e cartazes brilhavam destemidamente à luz do sol.

Era bom estar no meio da rua, depois dos quartos de portas trancadas, dos esconderijos. Era bom

estar caminhando, agitando os braços, respirando o ar puro da manhã primaveril. Estar no meio de tantas pessoas, daquela multidão imensa, de milhares de pessoas que marchavam juntas, enchendo todas as transversais e a larga avenida por onde avançavam, era assustador, mas era também um regozijo. Quando elas cantavam, o regozijo e o temor transformavam-se em cega exaltação; seus olhos enchiam-se de lágrimas. Era possante, profundo, naquelas ruas profundas, atenuado pelo ar livre e pelas distâncias, era indistinto, esmagador, aquele levantar de milhares de vozes numa só canção. O cântico dos que vinham na vanguarda da passeata, lá para o fim da rua, e o cântico das intermináveis multidões que vinham atrás eram defasados pela distância que o som devia percorrer; e assim a melodia parecia estar sempre ficando para trás e depois tornando a alcançar a si mesma, numa espécie de cânone, e todas as partes da canção eram cantadas ao mesmo tempo, no mesmo momento, embora cada cantor a cantasse do começo ao fim.

Ele não conhecia as canções deles, apenas ouvia e deixava-se transportar pela música, até que bem lá da frente veio refluindo, onda por onda, ao longo daquele rio de pessoas, vagaroso e imenso, uma canção que ele conhecia. Ergueu a cabeça e cantou com eles, em sua própria língua, como ele o tinha aprendido: o Hino da Insurreição. Tinha sido cantado naquelas ruas, naquela mesma rua, duzentos anos atrás, por aquelas pessoas, sua gente.

*Ó luz do oriente, desperta
desperta os que ainda dormem!
A treva será rompida,
Vem cumprir a promessa.*

Todas as fileiras em volta de Shevek fizeram silêncio para ouvi-lo, e ele cantou em voz alta, sorrindo, seguindo em frente com eles.

Devia haver umas cem mil pessoas na praça do Capitólio, ou o dobro desse número. Os indivíduos, como as partículas da física atômica, não podiam ser contados, nem suas posições determinadas, e suas reações não podiam ser previstas. Contudo, a massa, aquela enorme multidão, fazia o que os organizadores da greve esperavam que fizesse: estava unida, avançava em ordem, cantava, enchia a Praça do Capitólio e todas as ruas das redondezas, e ficou parada, em sua imensidão inquieta apesar de paciente, na forte luz do meio-dia, ouvindo os oradores, cujas vozes ecoavam e estrepitavam de encontro às fachadas ensolaradas do Senado e do Diretório, vibravam e silvavam sobre o murmúrio contínuo, vasto e suave da própria multidão.

Havia mais seres humanos reunidos ali na Praça do que habitantes em Abbenay inteira, pensou Shevek, mas esse pensamento não teve importância, foi apenas uma tentativa de quantificar a experiência direta. Ele ficou com Maedda e os outros na escadaria do Diretório, todos de pé em frente às colunas e às altas portas de bronze, e contemplava aquele campo de rostos sombrio e tremulante, e ouvia aos oradores como eles: não ouvindo e compreendendo da maneira como a mente racional individual percebe e compreende, mas antes à maneira como alguém olha, fica escutando os próprios pensamentos, ou como um pensamento percebe e compreende o eu. Quando foi sua vez de falar, falar não foi muito diferente de ouvir. Nenhum desejo consciente o movia, não havia nele nenhuma consciência de si mesmo. Os múltiplos ecos de sua voz vindos dos alto-falantes distantes e das fachadas em pedra dos maciços edifícios perturbavam-no um pouco, contudo, levando-o por vezes a hesitar e a falar muito lentamente. Mas em nenhum momento hesitou quanto às palavras. Ele

disse àquelas pessoas coisas que o coração e o pensamento delas abrigavam, no idioma delas, embora não lhes dissesse nada além do que tinha dito a si mesmo, em sua própria solidão, do centro de seu ser, há muito tempo.

“É nosso sofrimento que nos reúne. Não é o amor. O amor não obedece à mente, e vira ódio quando é forçado. O laço que nos une está muito além das escolhas. Somos irmãos. Somos irmãos naquilo que compartilhamos. Na dor, que cada um deve suportar sozinho, na fome, na pobreza, na esperança, sabemos que somos irmãos. Sabemos, porque tivemos de aprender. Sabemos que não há ajuda para nós senão a que podemos oferecer uns aos outros, que mão alguma nos salvará se não estendermos nossas próprias mãos. E a mão que vocês estendem está vazia, e a minha também. Vocês nada têm. Vocês nada possuem. Não são donos de nada. São livres. Vocês só têm o que são, e o que concedem.

“Eu estou aqui porque vocês veem em mim a promessa, a promessa que fizemos há duzentos anos nesta cidade, a promessa que se cumpriu. Nós a cumprimos em Anarres. Não temos nada senão nossa liberdade. Não temos nada a lhes dar senão a liberdade de vocês mesmos. Não temos lei alguma, exceto o princípio da ajuda mútua entre os indivíduos. Não temos nenhum governo senão o princípio da associação livre. Não temos estados, nem nações, nem presidentes, nem ministros, nem chefes, nem generais, nem patrões, nem banqueiros, nem senhorios, nem salários, nem caridade, nem polícia, nem soldados e nem guerras. Nem temos muito. Partilhamos, não somos proprietários. Não somos prósperos. Nenhum de nós é rico. Nenhum de nós é poderoso. Se é Anarres que vocês querem, se é o futuro que vocês procuram, então devo dizer-lhes que vocês têm de vir de mãos vazias. Devem chegar ao futuro sozinhos e nus como a criança chega ao mundo, a seu futuro, sem nenhum passado, sem nenhuma propriedade, inteiramente dependente das outras pessoas para viver. Vocês não podem receber o que não deram, e é o próprio ser que vocês devem dar. Vocês não podem comprar a Revolução. Não podem fazer a Revolução. Podem apenas ser a Revolução. Ela está no espírito de vocês, ou em nenhum outro lugar.”

Quando ele estava acabando de falar, o barulho espalhafatoso dos helicópteros da polícia que se aproximavam começou a abafar-lhe a voz.

Ele se afastou dos microfones e olhou para o alto, entrecerrando os olhos à luz do sol. Como muitas pessoas da multidão fizeram o mesmo, o movimento de suas cabeças e de suas mãos foi semelhante à passagem do vento sobre um campo de trigo ensolarado.

O barulho das palhetas rotativas, na enorme caixa de pedra que era a Praça do Capitólio, era insuportável: uma crepitação insistente, uns ganidos agudos como os da voz de um monstruoso robô. Abafou também a própria crepitação das metralhadoras, dos tiros que vinham dos helicópteros. E mesmo quando o barulho da multidão elevou-se num verdadeiro tumulto, os estalidos dos helicópteros ainda podiam ser ouvidos, a gritaria absurda das armas, a palavra sem nenhum sentido.

Os tiros dos helicópteros concentraram-se nas pessoas que estavam na escadaria do Diretório ou mais perto delas. O pórtico do edifício com suas colunas ofereceu refúgio imediato aos que estavam na escadaria, e em poucos minutos ficou totalmente apinhado. O barulho da multidão — enquanto as pessoas corriam em pânico em direção às oito ruas que desembocavam na Praça do Capitólio — foi crescendo e transformando-se num som plangente e uivante como o de um forte vento. Os helicópteros estavam sobrevoando muito baixo, mas era impossível saber se ainda estavam metralhando ou se tinham parado de atirar; a multidão comprimia-se a tal ponto que os mortos e feridos não podiam cair.

As portas recobertas de bronze do Diretório cederam com um estrondo que ninguém ouviu. As pessoas empurravam-se e esmagavam-se, indo em direção às portas para se abrigarem, para saírem

daquela chuva de metal. Empurravam-se às centenas para dentro dos grandes corredores de mármore, algumas escondendo-se amedrontadas no primeiro refúgio que encontravam, outras continuavam empurrando-se edificio adentro tentando encontrar uma saída pelos fundos, outras paravam pelo caminho e quebravam e danificavam o que podiam, antes que os soldados chegassem. Quando eles chegaram, subindo as escadarias com seus garbosos uniformes pretos, por entre homens e mulheres agonizantes, encontraram uma palavra escrita nas paredes cinzentas altas e lustrosas do grande vestibulo, escrita em enormes manchas de sangue: *ABAIXO!*

Atiraram no homem morto que estava estirado bem perto da palavra, e, tempos depois, quando o Diretório foi novamente posto em ordem, a palavra foi apagada com água, sabão e pedaços de pano; mas ela permaneceu: tinha sido dita; tinha muito significado.

Ele tomou consciência de que não podia ir adiante com seu companheiro, que estava ficando fraco demais, começando a cambalear. Não havia para onde ir, a não ser para longe da Praça do Capitólio. Nem tampouco havia onde ficar parado. A multidão tornara a reunir-se duas vezes no Bulevar Mese, tentando enfrentar a polícia, mas os carros blindados do exército se seguiram à polícia e a impeliram a recuar em direção à Cidade Velha. Os boinas-pretas não atiraram durante nenhuma das duas tentativas, embora se pudesse ouvir o barulho dos fuzis nas outras ruas. Os helicópteros crepitando iam de um extremo ao outro das ruas, ninguém podia sair do seu alcance.

Enquanto ele tentava desesperadamente abrir caminho por entre a multidão, seu companheiro arquejava, respirava com sofreguidão. Shevek quase teve de carregá-lo por diversos quarteirões, e eles agora estavam muito atrás do grosso da multidão. Não adiantava tentar alcançá-la. “Aqui, sente-se aqui”, disse ele ao homem, e ajudou-o a sentar-se no degrau superior de uma escada que dava para a entrada de um porão, de um tipo qualquer de armazém, em cujas vitrines fechadas com venezianas estava escrito a giz em letras garrafais a palavra GREVE. Ele desceu até a entrada do porão e tentou abri-la: estava trancada. Todas as portas estavam trancadas. A propriedade era privada. Ele pegou um pedaço de pedra que tinha se soltado da ponta de um degrau e arreventou o cadeado e o trinco da porta, e agiu sem ocultar-se, sem vingar-se, mas com a segurança despreocupada de quem destranca a porta de entrada de sua própria casa. O porão estava cheio de engradados e sem ninguém. Ajudou o companheiro a descer a escada, fechou a porta depois que entraram e disse:

— Sente-se aqui, deite-se se quiser. Vou ver se tem água.

O lugar, visivelmente um entreposto químico, tinha uma série de tintas e um sistema de mangueiras para combater o fogo. O companheiro de Shevek estava desmaiado quando ele voltou para seu lado. Aproveitou para lavar a mão do homem com um fio de água que saía da mangueira e para dar uma olhada no ferimento. Era pior do que ele tinha pensado. Deve ter sido atingido por mais de uma bala, pois dois dedos tinham sido arrancados, e a palma e o pulso estavam esmigalhados. Estilhaços de osso salientavam-se como palitos de dente. O homem estava perto de Shevek e de Maedda quando os helicópteros começaram a metralhar a multidão, e, atingido, cambaleou e agarrou-se a Shevek para apoiar-se. Shevek amparou-o com um braço durante toda a fuga através dos salões do Diretório; duas pessoas podiam sustentar-se de pé melhor do que uma sozinha, naqueles primeiros momentos de pressa e confusão.

Fez o que pôde para estancar o sangue com um torniquete e para proteger com uma atadura, ou pelo menos cobrir, a mão espatifada, e conseguiu fazer o homem beber uns goles d’água. Ele não sabia como o outro se chamava; pela braçadeira branca devia ser um Trabalhador Socialista; parecia ter mais ou menos a idade de Shevek, quarenta anos, ou ser um pouco mais velho.

Nas usinas do Sudoeste, Shevek vira homens bem mais feridos do que aquele, em acidentes, e aprendera que as pessoas podem ser incrivelmente capazes de suportar a dor e de sobreviver muito tempo aos ferimentos graves e profundos. Mas lá elas eram tratadas. Havia um cirurgião para amputar, plasma para compensar a perda de sangue, uma cama onde podiam deitar-se.

Sentou-se no chão ao lado do homem, que continuava estirado semiconsciente em seu estado de choque, olhou à sua volta, para as pilhas de engradados, para as longas e escuras passagens entre as fileiras de engradados, a luz pálida do dia entrando pelas frestas das venezianas fechadas na parede da frente, para os brancos traços de salitre no teto, para as marcas das botas dos trabalhadores e das rodas das carretas, no empoeirado chão de cimento. Uma hora, milhares de pessoas cantando debaixo de um céu limpo e claro; na hora seguinte, dois homens escondendo-se num porão.

“Vocês são desprezíveis”, disse Shevek em prático, olhando para o companheiro. “Vocês não podem deixar as portas abertas. Vocês nunca serão livres.” Pousou delicadamente a mão na testa do ferido; estava fria e suada. Afrouxou um pouco o torniquete por um momento, depois levantou-se, atravessou o porão sombrio até a porta de entrada e subiu a escada que dava pata a rua. A frota de carros blindados havia passado. Uns poucos desgarrados da manifestação iam passando, apressados, de cabeça baixa, em território inimigo. Shevek tentou falar com dois deles; um terceiro finalmente parou para ouvi-lo.

— Preciso de um médico, há um homem ferido. Você poderia mandar um médico vir até aqui?

— É melhor trazê-lo aqui para fora.

— Ajude-me a carregá-lo.

O homem continuou subitamente a andar.

— Eles estão vindo pra cá — disse o homem, voltando um pouco a cabeça. — É melhor se mandar.

Ninguém mais passou, e Shevek não tardou a perceber um pelotão de boinas-pretas, no final da rua. Voltou para o porão, fechou a porta, foi de novo para junto do ferido, sentou-se no chão empoeirado.

— Que inferno! — disse.

Depois de certo tempo, tirou o bloco do bolso da camisa e começou a estudá-lo.

De tarde, deu uma olhada na rua com todo o cuidado, viu um carro blindado estacionado do outro lado da rua, e dois outros que davam a volta no cruzamento. Isso explicava os gritos que ele andara ouvindo: eram os soldados que estavam sem dúvida dando-se ordens.

Atro uma vez explicara-lhe como isso funcionava, como os sargentos podiam dar ordens aos soldados rasos, como os tenentes podiam dar ordens aos sargentos e aos soldados rasos, como os capitães... e assim por diante e por aí afora até chegar aos generais, que podiam dar ordens a todo mundo e não precisavam receber ordens de ninguém a não ser do comandante em chefe. Shevek tinha ouvido isso com um nojo cheio de incredulidade.

— Vocês chamam a isso de organização? — perguntara ele na ocasião. — E chamam até de disciplina? Mas não é uma coisa nem outra. É um mecanismo de coação de uma ineficiência extraordinária, uma espécie de máquina a vapor do sétimo milênio! Com uma estrutura tão rígida e frágil, o que se pode fazer que valha a pena? — Essa observação deu a Atro um pretexto para argumentar a favor da guerra como fomentadora de coragem e de virilidade e como erradicadora dos ineptos, mas seus próprios argumentos obrigaram-lhe então a reconhecer a eficácia das guerrilhas, organizadas a partir de baixo e autodisciplinadas.

— Mas isso só funciona quando as pessoas pensam que estão lutando por alguma coisa sua, você sabe, por suas casas, seus lares, ou qualquer outra ideia do gênero — dissera-lhe então o velho

homem, levando Shevek a mudar de assunto. Agora ele o retomava, no porão que estava escurecendo, em meio a pilhas de engradados de produtos químicos sem etiqueta. Explicou a Atro que agora ele compreendia por que o exército era organizado daquela maneira. Era sem dúvida muito necessário que assim fosse; nenhuma forma de organização racional serviria para alcançar aquele objetivo. Ele simplesmente na ocasião não compreendera que o objetivo era capacitar os homens a usarem armas para matar homens e mulheres desarmados em grande número, quando lhes mandassem. Só que ele ainda não podia perceber onde a coragem, a virilidade ou a aptidão entravam nisso.

Ele ocasionalmente também falava com seu companheiro, enquanto a escuridão aumentava. O homem agora estava deitado de olhos abertos, e gemeu umas duas vezes de um jeito que emocionou Shevek; um gemido infantil, paciente. Ele fizera um esforço admirável para manter-se de pé e continuar a caminhar, durante todo o tempo em que estivera naqueles primeiros momentos de pânico da multidão que forçava a entrada e a travessia do Diretório, e depois correndo, e finalmente caminhando para a Cidade Velha; durante todo esse tempo ele havia escondido a mão ferida debaixo do casaco, pressionando-a contra a ilharga, e fez tudo para não parar de andar e para não deter Shevek. Na segunda vez que ele gemeu, Shevek segurou-lhe a mão e sussurrou:

— Não, não se desespere. Fique calmo, irmão — apenas porque ele não podia suportar ouvir a dor do homem e não ser capaz de fazer alguma coisa por ele. O homem provavelmente pensou que ele o tivesse calado para evitar que a polícia os descobrisse, pois assentiu com um fraco movimento de cabeça e juntou os lábios.

Os dois conseguiram passar três noites naquele porão. Durante todo esse tempo, houve combates esporádicos no bairro do entreposto, e as tropas de bloqueio permaneceram do outro lado daquele quarteirão do Bulevar Mese. Os combates não se aproximaram do quarteirão em nenhum momento, mas como estava ocupado por muitos soldados, os dois homens não tinham como sair sem se entregarem. Num determinado momento em que o companheiro estava acordado, Shevek perguntou-lhe:

— E se saíssemos e nos entregássemos à polícia, o que eles fariam com a gente?

O homem sorriu e murmurou:

— Nos matariam.

Como tinham ouvido tiros de metralhadoras de vez em quando, próximos ou distantes, durante horas, e uma sólida explosão ocasional, e a crepitação dos helicópteros, a opinião do homem parecia bem fundamentada. A razão daquele sorriso é que era menos clara.

Morreu por ter perdido sangue naquela noite, enquanto os dois dormiam lado a lado para se aquecerem, no colchão feito da palha que Shevek tirara dos engradados. Ele já estava enrijecido quando Shevek acordou e ficou sentado no colchão, escutando o silêncio no porão comprido e escuro, na rua lá fora em toda a cidade; o silêncio da morte.

CAPÍTULO X

ANARRES

A maior parte das ferrovias do Sudoeste seguia por aterros de mais ou menos um metro de altura, dominando a planície. Havia menos nuvens de poeira em leitos mais elevados, e ofereciam aos viajantes um amplo panorama do deserto e da desolação.

O Sudoeste era a única das oito Divisões de Anarres sem qualquer extensão de água importante. Degelos polares formavam pântanos durante o verão, no extremo sul; nas proximidades do equador só havia rasos lagos alcalinos, nas extensas caldeiras salinas. Não havia montanhas; a cada cem quilômetros mais ou menos uma cadeia de colinas estendia-se em sentido norte-sul, áridas, com rachaduras, castigadas pelo ar, que as deixava rochosas e pontudas. Eram enfeitadas por listras vermelhas e violetas, e nos flancos dos rochedos, o musgo-da-rocha, planta capaz de suportar os rigores de qualquer calor, frio, aridez ou vento, crescia em vigorosos galhos verticais de um cinza esverdeado, formando uma composição axadrezada com as estrias dos rochedos. Não havia nenhuma outra cor na paisagem além de um castanho acinzentado, que nas caldeiras salinas semicobertas de poeira tornava-se esbranquiçado. Raras nuvens de trovoada moviam-se sobre as planícies, um branco intenso no céu purpúreo. Não mandavam para a terra nenhuma chuva, apenas sombras. O aterro e os trilhos cintilantes estendiam-se a perder de vista adiante do trem, e para trás.

— Não há nada que se possa fazer no Sudoeste — disse o maquinista — a não ser atravessá-lo.

Seu companheiro não respondeu, pois já havia adormecido. Sua cabeça sacudia, ao ritmo das vibrações do trem. As mãos, ulceradas e queimadas pelas geadas, descansavam relaxadas sobre as coxas; o rosto em repouso estava enrugado e tristonho. Ele tinha apanhado carona na Montanha do Cobre, e como não havia nenhum outro passageiro, o maquinista pediu-lhe que viajasse na cabina, para fazer-lhe companhia. O maquinista de vez em quando lançava-lhe um rápido olhar, desapontado mas compreensivo. Já vira tantas pessoas esgotadas naqueles últimos anos que a exaustão lhe parecia o estado normal.

No final da longa tarde o homem despertou, e depois de contemplar o deserto por um momento, perguntou:

— Você sempre faz esse trajeto sozinho?

— Nos últimos três, nos últimos quatro anos.

— Nunca teve nenhum enguiço por aí?

— Algumas vezes. Tem um armário aí cheio de provisões e de água. Falar nisso, você não está com fome?

— Ainda não.

— Eles sempre mandam a locomotiva de socorro em dois ou três dias; vem de Isolamento.

— Esse é o próximo povoado?

— Exato. São sete mil quilômetros das Minas Sedep para Isolamento. É o maior percurso entre duas cidades, em Anarres. Já faço esse trajeto há onze anos.

— E ainda não se cansou?

— Não. Gosto de trabalhar sozinho.

O passageiro mostrou seu acordo com uma inclinação de cabeça.

— E é uma coisa regular. Gosto de rotina; a gente tem tempo para pensar. Quinze dias na estrada e quinze dias de folga junto do par em Nova Esperança. Sai ano, entra ano; com seca, fome, o que for. Nada altera, a seca é eterna por aqui. Gosto do percurso. Quer pegar a água no armário, por favor? O congelador fica nos fundos da parte de baixo.

Tomaram ambos uma boa golada na garrafa. A água tinha um gosto alcalino e choco, mas estava bem gelada.

— Ah, que bom! — disse o passageiro, cheio de satisfação. Repôs a garrafa no armário e, ao retomar seu lugar próximo ao maquinista, espreguiçou-se e esticou-se, firmando as mãos no teto. — Então você tem um par. — disse ele. Havia uma naturalidade na maneira como ele disse isso que agradou ao maquinista, e ele respondeu:

— Há dezoito anos.

— Estão apenas começando.

— Poxa, concordo com você! Mas isso é uma coisa que algumas pessoas não veem. No meu modo de entender, quando se é adolescente e se fica copulando por aí é quando se aproveita mais, mas é também como se descobre que é tudo a mesmíssima coisa! E uma coisa muito boa! Mas mesmo assim, o que é diferente na parceria não é o sexo, a cópula; é a outra pessoa. E dezoito anos é apenas um começo, é verdade, quando se quer compreender *essa diferença*. Pelo menos quando é uma mulher que se está querendo conhecer e compreender. Uma mulher não demonstra se está encucada com um homem, mas talvez elas saibam fingir... De qualquer modo, é isso que é o prazer da coisa. Os quebra-cabeças, as jogadas e tudo mais. A variedade. A variedade não se consegue só em ficar andando com uma ou com outra por aí. Andei por Anarres inteiro, quando eu era jovem. Já conduzi esses trens e distribuí cargas por todas as oito Divisões. Devo ter conhecido umas cem garotas em cidades diferentes. Acabou ficando monótono. Voltei para cá, e faço esse trajeto de três em três décadas, sai ano entra ano, por esse mesmo deserto onde não se distingue uma colina da outra, e é tudo a mesma coisa pelos sete mil quilômetros em qualquer direção que se olhe, e volto para casa, para o mesmo par, e nunca achei isso monótono. Não é ficar mudando de lugar o tempo inteiro que faz a gente se sentir vivo. E sim ter o tempo a seu lado. Trabalhar com o tempo, não contra ele.

— É isso mesmo — disse o passageiro.

— Onde está o par?

— No Nordeste. Há quatro anos.

— Tempo demais — disse o maquinista. — Vocês deviam ter sido indicados para postos no mesmo lugar.

— Não onde eu estava.

— Onde era?

— Primeiro em Cotovelo, depois em Vale Grande.

— Ouvi falar de Vale Grande — ele desta feita olhou para o passageiro com o respeito devido a um sobrevivente. Viu o aspecto ressequido da pele bronzeada do outro homem, como se o ar a tivesse ressecado até os ossos, e que ele já vira em outros passageiros que haviam enfrentado os anos da fome em Poeira. — Nós não devíamos ter tentado manter aquelas usinas em funcionamento.

— Precisávamos dos fosfatos.

— Mas dizem que na época que o trem de provisões ficou parado em Portal, as usinas continuaram a funcionar e as pessoas morriam de fome no trabalho; apenas se afastavam um pouco, deitavam-se e morriam. Foi mesmo?

O passageiro aquiesceu com uma inclinação da cabeça. Não disse nada. O maquinista não insistiu, mas depois de certo tempo falou:

— Não sei o que faria se meu trem fosse atacado pelas pessoas.

— Nunca lhe aconteceu?

— Não. Não transporto comida, sabe; no máximo um vagão de carregamentos para Sedep do Norte. Este trem é de minérios. Mas se eu conduzisse um trem de provisões e as pessoas me parassem, o que é que eu ia fazer? Passar por cima delas e levar os alimentos até seu destino? Mas poxa, vou passar por cima de velhos, crianças? Elas podem estar erradas, mas precisa-se *matá-las* por isso? Não sei.

Os trilhos diretos e brilhosos pareciam correr debaixo do trem. A oeste, as nuvens formavam miragens tremulantes na planície, sombras dos lagos que haviam secado há dez milhões de anos.

— Um síndico, um camarada que eu conheço há anos, fez exatamente isso, mais para o norte, em 66. Eles tentaram tirar um carregamento de cereal do trem dele. Ele recuou o trem e matou duas pessoas, antes delas desimpedirem a linha; era como vermes em cima de peixe podre, ele me disse, pululavam. Ele pensou: tem oitocentas pessoas esperando por esses cereais, e quantas podem morrer se eles não chegarem lá? Mais de duas, muito mais. Então talvez ele estivesse certo. Mas poxa! Não sou capaz de fazer esse tipo de soma. Não sei se é direito contar as pessoas como se conta números. Mas aí, o que é que se vai fazer? Quais você vai matar?

— No segundo ano que eu estava em Cotovelo, eu fazia as listas de trabalho, e o sindicato da usina reduziu as rações. As pessoas que trabalhavam seis horas na maquinaria recebiam uma ração completa, o mínimo necessário para aquele tipo de trabalho. As que trabalhavam meio período recebiam três quartos de ração. Se elas ficassem doentes ou fracas demais para trabalhar, ganhavam apenas meia ração. Com meia ração ninguém podia melhorar. Não se podia voltar a trabalhar. Podia se conseguir apenas ficar vivo. Eu era encarregado de fazer as listas de meia ração das pessoas que estavam doentes. Trabalhava tempo integral, oito, algumas vezes dez horas, em escritório, e por isso eu ganhava rações completas; e eu as merecia. Merecia por fazer listas de quem deveria ficar faminto. — Os olhos do homem fitavam a luz seca diante de si. — Como você disse, eu tinha de fazer contas com pessoas.

— Você largou?

— Sim, larguei. Fui para Vale Grande. Mas outra pessoa ficou responsável pelas listas em Cotovelo. Tem sempre alguém querendo fazer listas.

— Isso não está certo — disse o maquinista, franzindo o cenho, na luz ofuscante que ele fitava. Tinha o rosto bronzeado e liso como o crânio, nenhum pelo entre as bochechas e o occipício, embora não devesse passar dos quarenta e cinco. Era um rosto vigoroso, duro, inocente. — Está totalmente errado. Eles deviam ter fechado as usinas temporariamente. Não se pode exigir que um homem faça isso. Então não somos Odonistas? Um homem pode perder a paciência, está certo. Foi isso que as pessoas que atacaram o trem não evitaram. Estavam famintas, as crianças também, ficaram com fome tempo demais, e você vê a comida passando e não é para você, perde a cabeça e vai atrás. A mesma coisa com meu amigo; aquelas pessoas queriam pilhar o trem sob responsabilidade dele, ele perdeu a calma e inverteu a marcha. Não contou as cabeças. Não na hora! Talvez mais tarde o tenha. Porque ele ficou doente quando viu o que tinha feito. Mas isso que eles mandavam você fazer, a pessoa dizer quem morre e quem vive, isso não é um trabalho que uma pessoa tenha o direito de fazer, nem de pedir a ninguém que o faça.

— Foi uma época muito difícil, irmão — disse o passageiro suavemente, contemplando a planície fulgurante, onde as sombras da água tremulavam e eram levadas pelo vento.

O velho dirigível de cargas foi-se balançando acima das montanhas e fundeou no Aeroporto da Montanha Rim. Três passageiros desembarcaram. No momento exato em que o último deles pisou o solo, a terra começou bruscamente a trepidar e tremer.

— Terremoto — disse ele; morava naquele lugar e estava voltando para casa. — Caramba, vejam só quanta poeira! Qualquer dia a gente vai descer aqui e não vai ter nem montanha.

Dois dos passageiros preferiram esperar que os caminhões acabassem de ser carregados e viajar neles. Shevek preferiu caminhar, pois o habitante da região disse-lhe que Chakar ficava apenas uns seis quilômetros montanha abaixo.

A estrada seguia por uma série de longas curvas, terminando cada uma num ligeiro declive. As encostas que se erguiam à esquerda da estrada e os declives que desciam à direita estavam recobertos de holumínia rasteira; fileiras de grandes pés de holumínia, espalhados com tal harmonia que pareciam ter sido plantados, acompanhavam os veios de água subterrâneos, por toda a encosta. Do topo de um ligeiro declive, Shevek viu o clarão dourado do ocaso, acima das colinas escuras e ondulantes. Não havia nenhum sinal de vida humana naquele lugar, exceto pela presença da estrada, descendo pela escuridão. Quando ele recomeçou a descida, o ar estrondeou um pouco e ele sentiu alguma coisa de muito estranho: não um sobressalto, nem tremor, mas um deslocamento, uma convicção de que as coisas estavam erradas. Concluiu o passo que começara a dar, e o solo estava lá para sustentar seus pés. Prosseguiu; a estrada continuava a descer. Ele não estivera em perigo, mas nunca, em perigo algum, ele se sentira tão perto da morte. A morte estava nele, debaixo dele; a própria terra era incerta, instável, inconstante. O duradouro, o estável, firme, era uma promessa feita pela alma humana. Shevek sentiu o ar frio e puro em sua boca, em seus pulmões. E ouviu. Longínqua, uma corrente ressoava em algum lugar da montanha, caindo nas trevas.

Chegou a Chakar no final do anoitecer. O céu estava de um roxo profundo, sobre as cristas sombrias das montanhas. Os lampiões tremeluziam nas ruas, um brilho intenso e solitário. As fachadas das casas pareciam meros esboços na luz artificial; detrás delas, a escuridão de selvagens descampados. Havia muitos terrenos vazios, numerosas casas solitárias: era uma cidade velha, uma cidade confinada, isolada, espalhada. Uma mulher que passava ao lado de Shevek indicou-lhe o caminho para o Domicílio Oito:

— Nessa direção irmão, depois do hospital, no final da rua. — A rua estendia-se pela escuridão da cidade ao pé da montanha e acabava num edificio baixo. Entrou e viu o vestíbulo de um domicílio rural que o levou de volta à infância, aos domicílios e outros lugares de Liberdade, Monte Drum, Campina Vasta; os lugares onde ele e seu pai haviam morado: a luz muito fraca, as esteiras de remendos; um folheto com dados sobre um grupo local para a formação de maquinistas, um aviso de reuniões do sindicato, um cartaz de uma peça que tinha sido encenada há três semanas, presos com tachas, no quadro de avisos; acima do sofá da sala comum, um retrato de Odo feito por um pintor amador, emoldurado; um harmônio feito por um artesão; uma lista de residentes e um aviso com os horários de fornecimento de água quente nos banheiros da cidade afixados perto da porta.

Sherut, Takver, N.º 3.

Bateu, observando o reflexo da luz do corredor na superfície sombria da porta que não parecia bem ajustada no caixilho.

Uma mulher disse: “Entre”, e ele abriu a porta. A lâmpada mais forte do quarto estava bem atrás da mulher. Por um momento, ele não pôde ver direito se era mesmo Takver. Ela ficou parada, de pé, fitando-o. Estendeu a mão, como se fosse empurrá-lo ou agarrá-lo, um gesto incerto, inacabado. Ele segurou-lhe a mão, em seguida abraçaram-se, apertaram-se, ficaram abraçados naquela terra sem firmeza.

— Entre — disse Takver — oh, por favor entre, entre.

Shevek abriu os olhos. Nos fundos do quarto, que no entanto pareceu-lhe muito claro, ele viu o rosto sério e atento de uma pequena criança.

— Sadik, esse é Shevek.

A criança foi para perto de Takver, agarrou-se à perna da mãe, e caiu no choro.

— Mas não chore, por que você está chorando, amorzinho?

— E por que você está? — choramingou a criança.

— Porque estou feliz. Somente porque estou feliz. Sente no meu colo. Mas Shevek, Shevek! Sua carta só chegou ontem. Eu ia até a telefônica, quando fosse levar Sadik para dormir em casa. Você disse que ia *telefonar*, hoje à noite, e não *vir*, hoje à noite! Oh, não chore, Sadikiki, veja, eu não estou mais, estou?

— O homem também chorou.

— Claro que chorei.

Sadik o olhou com uma curiosidade cheia de desconfiança. Ela tinha quatro anos. Tinha a cabeça redonda, o rosto redondo, era redonda, morena, macia, felpuda.

Não havia nenhuma mobília no quarto fora as duas camas. Takver havia se sentado em uma com Sadik no colo, Shevek sentou-se na outra e estirou as pernas. Enxugou os olhos com as costas das mãos, e depois estendeu-as para mostrá-las a Sadik.

— Está vendo — disse ele —, estão molhadas; e o nariz está escorrendo. Você usa lenço? Guarda algum?

— Sim; você não?

— Sim, mas perdi numa lavanderia.

— Você pode compartilhar o lenço que eu uso — disse Sadik depois de uma pausa.

— Ele não sabe onde está — disse Takver.

Sadik saiu do colo de sua mãe, foi apanhar e trouxe um lenço da gaveta do armário embutido. Entregou-o a Takver que depois o passou para Shevek.

— Está limpo — disse Takver, com seu sorriso aberto. Sadik ficou observando de perto, enquanto Shevek assoava o nariz.

— Houve um tremor de terra por aqui, há pouco tempo? — perguntou ele.

— Treme o tempo inteiro, a gente até deixa de notar — disse Takver, mas Sadik, encantada em poder dar informações, disse com sua voz aguda mas enrouquecida:

— Sim, teve um bem grande, antes do jantar. Quando tem terremoto as janelas ficam dando tremedeira e o chão balança e a gente tem de ficar na porta ou lá fora.

Shevek olhou para Takver; ela retribuiu o olhar. Ela parecia ter envelhecido mais de quatro anos. Nunca tivera os dentes muito bons, e agora faltavam-lhe dois, bem atrás do canino superior, e então as falhas apareciam quando ela sorria. Sua pele perdera a textura macia, a solidez da juventude, e os cabelos presos atrás pareciam sem vida.

Shevek percebeu claramente que Takver tinha perdido a graciosidade de sua juventude e parecia uma mulher sem atrativos, cansada, aproximando-se do meio da vida. Ele viu isso com uma clareza que mais ninguém poderia ter visto. Ele percebeu tudo em Takver de uma maneira como mais ninguém poderia ter percebido, à luz de anos de intimidade e de uma espera saudosa. Ele a viu exatamente como ela era.

Seus olhares se encontraram.

— Como... as coisas têm andado por aqui? — ele perguntou, ficando de repente muito vermelho e obviamente falando ao acaso. Ela sentiu aquela onda palpável, o escoamento potente do desejo dele.

Ficou também ligeiramente ruborizada, e sorriu. E disse com sua voz rouca: — Ah, na mesma que estava quando falamos pelo telefone.

— Isso foi há seis décadas!

— As coisas por aqui não mudam muito.

— O lugar é muito bonito. — Ele viu nos olhos de Takver a escuridão dos vales das montanhas.

Seu desejo sexual tornou-se abruptamente mais agudo, deixando-o tonto por um momento; depois dominou temporariamente a crise, tentou obrigar a ereção a diminuir. — Você acha que vai querer ficar por aqui? — disse ele.

— Não faço questão — disse ela, com sua voz estranha, profunda e rouca.

— Seu nariz ainda está escorrendo — observou Sadik, com vivacidade, mas sem predisposição a emotividades.

— Ainda bem que é só isso — disse Shevek.

Takver disse:

— Cale a boca, Sadik, não egoíze! — Os dois adultos acharam graça. Sadik continuou a estudar Shevek.

— Eu gosto muito da cidade, Shev. As pessoas são simpáticas, são todas elas bacanas. Mas não há muito trabalho. Só faço trabalho de laboratório, no hospital. Como a carência de técnicos está quase para acabar, eu poderia em breve ir embora sem deixá-lo em aperto. Gostaria de voltar para Abbenay, se é sobre isso que você está pensando. Eles voltaram a lhe dar um posto no Instituto?

— Não pedi nenhum, e ainda não verifiquei. Só vejo estrada, há uma semana.

— O que é que você estava fazendo na estrada?

— Viajando por ela, Sadik.

— Ele atravessou metade do mundo, veio lá do sul, dos desertos, para ficar conosco — disse Takver. A criança sorriu, arranjou uma posição mais confortável no colo da mãe e bocejou.

— Você já jantou, Shevek? Está muito cansado? Tenho de levar essa criança para dormir, estávamos justamente pensando em ir embora quando você bateu.

— Ela já fica no dormitório?

— Desde o começo deste trimestre.

— Eu já tinha quatro anos — declarou Sadik.

— Não, diga: eu já tenho quatro anos — disse Takver, tirando-a gentilmente do colo, para ir apanhar seu casaquinho no armário.

Sadik levantou-se do chão, de perfil para Shevek; ela estava extremamente consciente da presença dele, e foi para ele que dirigiu a observação:

— Mas eu *tinha* quatro, agora tenho mais.

— Uma temporalista, igual ao pai.

— Não se pode ter quatro e mais de quatro anos ao mesmo tempo, não?

— Pode sim, facilmente. E se pode ter quatro e quase cinco anos, também. — Sentado na cama baixa, ele podia manter a cabeça no mesmo nível da cabeça da criança, e assim ela não precisava levantar os olhos para vê-lo. — Mas eu já tinha esquecido que você já está quase com cinco, sabe. Quando vi você pela última vez, você era uma coisinha de nada.

— É mesmo? — perguntou a criança, num tom francamente coquete.

— Sim. Você era mais ou menos desse tamanho. — Afastou as mãos uma da outra, não muito.

— Eu já podia falar?

— Você dizia uauá e algumas outras coisas.

— Eu acordava todo mundo no dormitório, como o bebê de Cheben? — ela interrogou, com um

sorriso muito aberto, radiante.

— Claro.

— Quando foi que eu aprendi a falar de verdade?

— Com um ano e meio, mais ou menos — respondeu Takver —, e não calou a boca nunca mais.

Onde está o chapéu, Sadikiki?

— Na escola. Detesto esse chapéu que eu uso — informou Sadik a Shevek.

Foram caminhando com a criança pelas ruas cheias de vento até o dormitório do centro de aprendizagem, e entraram com ela no saguão. Esse também era pequeno, velho, malconservado, mas alegrado pelas pinturas das crianças, por diversos e delicados modelos de máquinas, em bronze e em miniatura, e por uma barafunda de casas de brinquedo e bonecos em madeira pintada. Sadik deu um beijo de despedida na mãe, depois se virou para Shevek e levantou os braços; ele curvou-se, ela o beijou sem maiores carinhos mas com firmeza e disse:

— Boa noite! — Foi-se embora com a assistente noturna, bocejando. Eles ouviram a voz da criança, e a assistente carinhosamente mandando-a calar-se.

— Ela é linda, Takver. Linda, inteligente, cheia de vida.

— Tenho medo de que ela esteja mal-acostumada, mimada.

— Não, não. Você fez um belo trabalho, fantástico até... numa época tão...

— Aqui não estive tão ruim, não como lá no sul — ela disse, levantando o olhar para o dele, quando estavam saindo do dormitório. — Aqui as crianças comiam. Não muito bem, mas o suficiente. Aqui nessa região uma comunidade pode plantar seu alimento. Quando nada tem-se a holumínia rasteira. Pode-se juntar as sementes da holumínia silvestre e socá-las para serem comidas. Aqui ninguém morreu de fome. Mas acho que mimei Sadik demais. Fiquei tomando conta dela até os três anos, claro; e por que não, quando não havia nada de bom para levá-la? Mas eles me reprovavam muito, lá na estação de pesquisas de Rolny. Queriam que eu a deixasse na creche tempo integral. Diziam que eu estava sendo apropriadora com a criança, que não estava pondo todas as minhas forças no combate social à fome. Eles tinham mesmo razão. Mas eram tão moralistas e certinhos! Nenhum deles entendia o que era ficar sozinho. Eram todos espíritos grupais, nenhum indivíduo. Eram as mulheres que ficavam me chateando por causa da criança. Umas verdadeiras aproveitadoras do corpo! Eu fiquei por lá porque a comida era boa; como a gente fazia experiências com algas para ver se eram comestíveis, às vezes recebia-se rações bem maiores do que a normal, mesmo que as algas tivessem um gosto de cola; fui ficando até que eles pudessem me substituir por uma pessoa mais indicada para o lugar. Depois fui para Recomeço e fiquei lá umas dez décadas. Isso foi no inverno, há dois anos, naquele período em que as cartas não chegavam, quando as coisas andavam tão ruins, lá onde você estava. Em Recomeço vi esse posto daqui numa lista de pedidos e vim para cá. Sadik ficou comigo no domicílio até esse outono. Ainda sinto falta dela. O quarto ficou tão silencioso!

— Você não tem companheira de quarto?

— Sherut; ela é muito simpática, mas trabalha no turno da noite, no hospital. Já era mesmo hora de Sadik ir embora, é bom para ela viver com outras crianças. Estava começando a ficar muito inibida. Ela aceitou muito bem a ida para o dormitório, foi muito estoica. As criancinhas são sempre estoicas. Podem chorar por uma quedinha à toa, mas aceitam as coisas mais difíceis como elas se apresentam, não ficam choramingando como tantos adultos.

Estavam caminhando lado a lado. As estrelas do outono tinham saído, incríveis em número e brilho, cintilando, piscando quase por causa da poeira levantada pelo terremoto e pelo vento, e eram tantas que o céu inteiro parecia tremer: um tremular de pedrinhas de brilhantes, reflexos de sol num

mar negro. Sob esse esplendor inquieto, os montes pareciam sombrios e sólidos, os tetos muito angulosos, a luz dos lampiões muito fraca.

— Há quatro anos — disse Shevek —, foi há quatro anos, quando eu voltei para Abbenay vindo daquele lugar que fica em Sul-Nascente... como é mesmo o nome?... Fontes Vermelhas. Era uma noite assim, ventosa, de estrelas. E eu corri, fui correndo por toda a Rua da Planície até o domicílio. E você não estava lá, tinha ido embora. Quatro anos!

— No momento em que deixei Abbenay, percebi que estava sendo idiota em partir. Fome ou não, eu não devia ter aceitado o posto.

— Não teria feito muita diferença. Sabul só estava me aguardando para me dizer que eu tinha sido cortado do Instituto.

— Se eu estivesse lá, você não teria ido para Poeira.

— Talvez não, mas é muito provável que não conseguíssemos postos no mesmo lugar. Teve uma época em que parecia que nada conseguia ficar junto, não era? Nas cidades do Sudoeste... não ficou nenhuma criança por lá. E continuam a não ter. Mandaram todas para o norte, para regiões onde houvesse comida, ou pelo menos uma possibilidade. E os adultos ficaram para manterem as minas e usinas em funcionamento. É inacreditável que tenhamos resistido e sobrevivido, não acha?... Todos nós. Mas caramba, agora vou me dedicar um pouco a meu próprio trabalho.

Ela segurou-lhe o braço. Ele parou bruscamente de andar, como se o contato daquela mão o tivesse eletrocutado no mesmo instante. Ela o sacudiu um pouco, sorrindo.

— Você ainda não comeu, já?

— Não. Ah, Takver, como tenho sentido sua falta!

Eles se aproximaram, abraçaram-se apertadamente, na rua sombria entre lampiões, debaixo de estrelas. Afastaram-se com o mesmo ímpeto, e Shevek encostou-se na parede mais próxima.

— É melhor eu comer alguma coisa — disse ele, e Takver disse:

— Sim, ou você vai cair de cara no chão! Vamos.

Andaram um quarteirão até o refeitório, o maior prédio em Chakar. O horário do jantar já tinha acabado, mas os cozinheiros estavam comendo e deram ao viajante uma tigela de cozido e todo o pão que ele quis. Todos estavam sentados à mesa mais próxima da cozinha. Todas as outras mesas já estavam limpas e postas para a manhã seguinte. O grande salão parecia uma caverna, com o teto alto confundindo-se com as sombras e a outra extremidade toda obscurecida, a não ser pela cintilação de uma xícara ou uma tigela sobre uma mesa sombria, refletindo a luz. Os cozinheiros e serventes formavam uma equipe calma e calada, cansados, depois de um dia de trabalho; comiam depressa, sem falar muito, sem prestar muita atenção a Takver e ao estranho. Foram acabando um depois do outro, levantavam-se e levavam seus pratos para os lavadores na cozinha. Uma mulher idosa disse ao levantar-se: “Não se apressem, ammari, eles ainda têm uma hora de lavagem de louça.” Ela tinha um rosto severo e soturno, nada de maternal, nenhuma benevolência; mas ela falou com uma ternura compreensiva, com a boa vontade solidária de iguais. Ela nada podia fazer por eles senão dizer: “Não se apressem”, e olhá-los por um momento, com o olhar do amor fraternal.

Eles nada mais podiam fazer por ela, e apenas um pouco mais um pelo outro.

Voltaram para o Domicílio Oito, Quarto 3, e ali o longo desejo foi satisfeito. Eles sequer acenderam a luz; gostavam ambos de fazer amor no escuro. Na primeira vez, os dois atingiram o orgasmo no instante em que Shevek penetrou, da segunda vez debateram-se e gritaram num acesso de contentamento, prolongando o clímax como se retardassem a hora da morte, e na terceira vez estavam ambos meio adormecidos, e giravam em torno do centro do prazer infinito, em redor da alma um do outro, como planetas girando cegamente, suavemente, no clarão do sol, em torno do centro de

gravidade comum, rodopiando, girando, interminavelmente.

Takver acordou-se ao amanhecer. Ficou apoiada sobre um cotovelo e olhou para o quadrado cinzento da janela, do outro lado de Shevek, e depois para ele. Ele estava deitado de frente, respirando tão calmo que o peito mal levantava, a cabeça ligeiramente jogada para trás, o ar distante e grave na luz fraca. Nós viemos, pensou Takver, de uma longa distância, um para o outro. Sempre foi assim. Atravessamos grandes distâncias, anos, os abismos da possibilidade. É porque ele vem de tão longe que nada poderá nos separar. Nada, nem as distâncias, nem os anos podem ser maiores do que a distância que já existe entre nós; a distância de nosso sexo, a diferença de nosso ser, de nossas almas: esse vácuo, esse abismo que nós transpomos com um olhar, com uma carícia, com uma palavra, a coisa mais fácil do mundo. Veja como ele está distante, adormecido. Veja como ele está distante, ele sempre está. Mas ele volta, ele volta, ele volta...

Takver avisou sua partida no hospital de Chakar, mas continuou trabalhando até que pudessem substituí-la. Ela trabalhava oito horas por dia; no terceiro trimestre do ano de 168 muitas pessoas ainda tinham o horário de trabalho dos postos de emergência, pois embora a seca tivesse acabado no inverno de 167, a economia de forma alguma já havia retornado ao normal. “Muito trabalho e pouca comida” ainda era a regra para as pessoas em trabalho especializado, mas agora a comida compensava os dispêndios de um dia de trabalho, o que não era o caso dois anos antes.

Shevek não fez muita coisa durante um certo tempo. Não se considerava doente; depois de quatro anos de fome, todo mundo estava tão acostumado aos efeitos das privações e da desnutrição que já os consideravam normais. Ele estava com a tosse da poeira, endêmica nas comunidades dos desertos do sul, uma irritação crônica nos brônquios semelhante à silicose e a outras doenças comuns entre mineiros, mas isso era também algo que se aceitava como normal, no lugar em que ele estivera vivendo. Ele simplesmente sentia prazer no fato de que se tivesse vontade de não fazer nada, não havia nada para ele fazer.

Por alguns dias ele e Sherut partilharam o quarto durante o dia, e os dois dormiam até o final da tarde; depois Sherut, uma serena mulher de quarenta, mudou-se para um quarto com uma mulher que trabalhava no turno da noite, e Shevek e Takver ficaram com o quarto para eles, durante as quatro décadas que permaneceram em Chakar. Enquanto Takver estava no trabalho ele dormia, ou ia passear pelo campo ou nas montanhas áridas e ressequidas que dominavam a cidade. Dava uma passada no centro de aprendizagem no final da tarde e ficava observando Sadik e as outras crianças nos pátios, ou se envolvia, como os adultos faziam com frequência, num dos projetos das crianças: um grupo de loucos carpinteiros de sete anos de idade, ou sóbrios agrimensores de doze anos de idade enfrentando problemas de triangulação. Depois caminhava com Sadik até o quarto; pegavam Takver na saída do trabalho e iam juntos para os banheiros e refeitórios comuns. Uma ou duas horas depois do jantar, ele e Takver levavam a criança de volta para o dormitório e retornavam ao quarto. Os dias eram de uma paz total, à luz do outono, no silêncio das colinas. Foi para Shevek um tempo fora do tempo, ao lado da corrente, irreal, duradouro, encantado. Ele e Takver às vezes ficavam conversando até bem tarde: outras noites iam para a cama logo depois do anoitecer e dormiam nove, dez horas, no silêncio da noite nas montanhas, profundo, cristalino.

Ele trouxera bagagem: uma valise surrada, com seu nome escrito com letras garrafais em tinta preta; quando viajavam, todos os anarrestis carregavam papéis, lembranças, o par de botas extra, no mesmo tipo de mala: em fibra plástica alaranjada, denteada e muito arranhada. A dele continha uma camisa nova que ele havia apanhado ao passar por Abbenay, uns dois livros e alguns papéis, e um

curioso objeto que, dentro da valise, parecia consistir de uma série de argolas de arame achatadas, e algumas contas de vidro. Ele o mostrou a Sadik, com certo mistério, na noite seguinte à sua chegada.

— É um colar — disse a criança com ar de espanto e admiração. As pessoas das cidades pequenas usavam muitas joias. Na sofisticada Abbenay havia mais consciência da tensão entre o princípio da não posse e o impulso pessoal ao uso de enfeites, e lá um anel ou um broche era o limite do bom gosto. Mas em outros lugares, a profunda relação entre o estético e o aquisitivo simplesmente não era motivo de preocupação; as pessoas se enfeitavam à vontade, tranquilamente. A maioria dos bairros tinha um joalheiro profissional que fazia esse trabalho por amor e pela celebridade, e havia também as oficinas de artesanato, onde se podia fazê-las segundo o gosto de cada um, com os modestos materiais disponíveis: cobre, prata, contas, espinélios, e as granadas e os diamantes amarelos do Sul-Nascente. Sadik nunca tinha visto muitas coisas delicadas e brilhantes, mas ela conhecia colares, e foi como tal que o identificou.

— Não, olhe — disse o pai da criança, e, com habilidade e certa solenidade, levantou o objeto pelo fio que ligava as argolas. Suspenso, o objeto tornou-se vivo, as argolas começaram a girar livremente, descrevendo esferas etéreas e concêntricas, as contas de vidro refletindo a luz da lâmpada.

— Oh, que lindo! — disse a criança. — Que é isso?

— Fica pendurado no teto; tem um prego? O gancho de pendurar casacos serve, até eu apanhar um prego no Provisões. Sabe quem fez isso, Sadik?

— Não... Foi você.

— Foi ela. A mãe. Foi ela quem fez. — Voltou-se para Takver. — É o meu predileto, o que estava acima da escrivaninha. Dei os outros para Bedap. Eu não ia deixá-los para a velha, como se chama, a Mãe Inveja, lá do final do corredor.

— Oh, Bunub! Não me lembrava dela há anos! — deu uma gargalhada, estremecendo-se toda. Olhou para o móbile como se ele a deixasse com medo.

Sadik ficou parada, observando-o, enquanto ele silenciosamente volteava, em busca de seu equilíbrio.

— Queria — disse ela enfim, com muita cautela — partilhar dele uma noite, em cima da cama que eu durmo, no dormitório.

— Vou fazer um para você, amor. Para todas as noites.

— Sabe mesmo fazer, Takver?

— Bem, eu sabia. Acho que posso fazer um para você. — Agora as lágrimas eram visíveis nos olhos de Takver. Shevek aproximou-se e deu-lhe um abraço. Os dois ainda se sentiam esgotados, tensos. Sadik ficou olhando os dois se abraçarem por um momento, com um olhar calmo e observador, e depois ficou novamente admirando as Ocupações do Espaço Inabitado.

Quando ficavam sozinhos, nas primeiras horas da noite, Sadik era com frequência o assunto das suas conversas. Takver andava um tanto preocupada demais com a criança, excessivamente absorvida por ela — carência de outros convívios íntimos — e seu forte senso prático foi obscurecido por ambições e ansiedades maternas. Isso nela não era uma coisa natural; nem a competição nem a proteção eram motivações importantes na vida de um anarresti. Ela ficou contente em pôr essas inquietações para fora, em livrar-se delas, o que a presença de Shevek permitiu-lhe fazer. Nas primeiras noites, foi ela quem falou a maior parte do tempo, e ele a escutava, como teria escutado música ou o barulho de uma fonte: sem tentar responder. Ele não havia falado muito, durante aqueles últimos quatro anos; perdera o hábito de conversar. Ela o liberou desse silêncio, como tinha sempre feito. Depois, era sobretudo ele quem falava, embora sempre dependente das

respostas dela.

— Você se lembra de Tirin? — perguntou ele uma noite. Fazia frio; o inverno tinha chegado, e o quarto, o mais afastado da caldeira do domicílio, nunca ficava bem aquecido, mesmo com o registro todo aberto. Eles haviam tirado as cobertas de ambas as camas, e estavam bem juntinhos e agasalhados na cama mais próxima ao registro. Shevek estava usando uma camisa muito velha e desbotada para aquecer o peito, pois gostava de ficar sentado na cama. Takver, que não estava usando nada, ficou debaixo dos cobertores, da orelha para baixo.

— O que foi feito do cobertor alaranjado? — ela perguntou.

— Que apropriadora! Eu o deixei.

— Para a Mãe Inveja? Que tristeza. Não sou apropriadora. Sou apenas sentimental. Foi o primeiro cobertor com que nos cobrimos juntos.

— Não, não foi. Nós devemos ter usado um cobertor, lá nas Ne Theras.

— Se usamos, eu não me lembro — Takver achou graça. — Sobre quem você perguntou?

— Tirin.

— Não me lembro.

— Do Instituto Regional de Norte-Poente. Um rapaz moreno, de nariz arrebitado...

— Ah, Tirin! Claro. Eu estava pensando em Abbenay.

— Eu encontrei com ele no Sudoeste.

— Você viu Tirin? Como ele estava?

Shevek por um momento não disse nada, e ficou seguindo a trama do cobertor com um dedo.

— Lembra-se do que Bedap nos falou dele?

— Que ele não parava de receber postos em kleggich, e ficou indo de um lado para outro até ir parar na Ilha Segvina, não foi? E depois Dap não sabia mais por onde ele andava.

— Você viu a peça que ele encenou, aquela que deu tanto problema?

— No Festival de Verão, depois que você foi embora? Oh, sim. Não me lembro da peça, já faz muito tempo. Era meio boba. Era espirituosa, Tirin era muito espirituoso. Mas era boba. Era sobre um urrasti, exato. Esse urrasti se esconde num tanque de plantas no cargueiro da Lua, e respira por um canudo, e come as raízes das plantas. Eu disse a você que era boba! E dessa forma ele consegue entrar clandestinamente em Anarres. E depois ele fica correndo de um lado para o outro, tentando comprar as coisas nos depósitos, e tentando vender as coisas para as pessoas, e ficou juntando pepitas de ouro até não poder mais se mexer. E por isso ele tem de ficar sentado sempre no mesmo lugar, e constrói um palácio e fica dizendo que é o Dono de Anarres. E tinha uma cena terrivelmente engraçada, quando ele e aquela mulher querem copular, e ela ficou logo de perna bem aberta e pronta, mas ele não consegue fazer nada se não der as pepitas de ouro para ela, antes de pagar-lhe. E ela não as queria. Essa parte foi engraçada, ela arriou-se no chão e ficou agitando as pernas e ele se jogava em cima dela e depois dava um pulo como se tivesse levado uma mordida e gritava “Eu não devo! Não é *moral*! Não é bom *negócio*!” Pobre Tirin! Ele era tão engraçado e tão cheio de vida!

— Foi ele quem fez o papel do urrasti.

— Sim. Ele estava maravilhoso.

— Ele me mostrou a peça. Diversas vezes.

— Onde foi que você encontrou com ele? Em Vale Grande?

— Não, antes disso, em Cotovelo. Ele era o zelador da usina.

— Foi ele que escolheu isso?

— Não creio que Tirin fosse capaz de escolher nada, naquela altura... Bedap sempre achou que ele foi forçado a ir para Segvina, que ele foi intimado a pedir para fazer uma terapia. Não sei.

Quando eu o vi, vários anos depois da terapia, ele estava uma pessoa destruída.

— Acho que fizeram alguma coisa com ele, em Segvina?

— Não sei; acho que o Asilo tenta de fato oferecer um abrigo, um refúgio. A julgar pelas publicações sindicais, eles são pelo menos altruístas. Tenho minhas dúvidas se foram eles que deixaram Tirin nesse estado.

— Então por que ele ficou desse jeito? Somente por não receber um posto como ele queria?

— Foi a peça que acabou com ele.

— A peça? O escândalo que aquele bando de velhos de merda fizeram a respeito? Ora, escute, para ficar louco com aquele tipo de sabão moralista precisa-se já estar louco. Ele só tinha era de ignorá-los.

— Tir já estava louco. Pelos padrões de nossa sociedade.

— O que você quer dizer?

— Bem, eu acho Tirin um artista nato. Não um artífice... um criador. Um inventor-destruidor, do tipo que precisa virar tudo de cabeça para baixo e pelo avesso. Um satirista, um homem que louva os feitos e as virtudes em tom de raiva.

— A peça era tão boa assim? — perguntou Takver num tom ingênuo, saindo uns dois ou três centímetros do cobertor, e estudando o perfil de Shevek.

— Não, acho que não. Deve ter sido engraçada no palco. Afinal ele só tinha vinte anos quando a escreveu. E ele não para mais de reescrevê-la. Nunca escreveu nada mais.

— Ele fica escrevendo a mesma peça?

— Fica escrevendo a mesma peça.

— Uh! — disse Takver, com um misto de pena e repulsa.

— A cada duas décadas, ele vinha e me mostrava. E eu lia ou fazia de conta que estava lendo e tentava conversar com ele a respeito. Ele queria desesperadamente conversar sobre a peça, mas não conseguia. Estava muito amedrontado.

— Com o quê? Não entendo.

— De mim. De todo mundo. Do organismo social, da raça humana, da fraternidade que o rejeitava. Quando um homem se sente sozinho contra todo o resto, tem mesmo de ficar com muito medo.

— Quer dizer que apenas porque algumas pessoas chamaram a peça dele de imoral e disseram que ele não devia receber um posto no ensino, ele decidiu que estava todo mundo contra ele? Isso é meio idiota.

— Mas quem era a favor dele?

— Dap era... todos os amigos dele.

— Mas ele os perdeu. Foi mandado para um posto distante.

— E por que ele não recusou, então?

— Escute, Takver. Eu pensava exatamente a mesma coisa. Nós sempre dizemos isso. Você mesma disse que deveria ter recusado o posto em Rolny. Eu disse a mesma coisa assim que cheguei em Cotovelo: sou um homem livre, não tinha de vir para cá!... Nós sempre pensamos isso, dizemos isso, mas não o fazemos. Deixamos nossa iniciativa bem guardadinha e segura em nossas mentes, como um quarto aonde se pode ir e dizer: “Não tenho de fazer nada. Faço minhas próprias escolhas. Sou livre.” E depois saímos desse quartinho em nossas mentes e vamos para onde o CDP nos mandar, e ficamos lá até que nos indiquem um outro posto.

— Oh, Shev, isso não é verdade. Somente desde o início da seca. Antes disso não havia nem metade dos postos atuais para serem indicados. As pessoas simplesmente organizavam seus trabalhos

onde quisessem, e reuniam-se a um sindicato ou formavam um, e depois registravam-se na Divlab. A Divlab fazia sobretudo indicações para as pessoas que preferiam fazer trabalhos não especializados. Agora vai voltar a ser assim outra vez.

— Não sei. Deveria voltar, é claro. Mas mesmo antes da fome as coisas não estavam tomando esse rumo, mas outro bem diferente. Bedap tinha razão; toda emergência, até mesmo cada convocação de trabalhadores, tende a acarretar um incremento da maquinaria burocrática dentro do CDP, e uma espécie de rigidez: é assim que foi feito, é assim que é feito, é assim que *tem* de ser feito... Já havia muito disso, antes da seca. Cinco anos de controle rigoroso podem ter fixado, essa estrutura de modo bem permanente. Não faça essa cara tão cética! Escute aqui, me diga quantas pessoas você conhece que tenham se recusado a aceitar uma indicação de posto, mesmo antes da fome?

Takver considerou a pergunta.

— Sem contar com os *nuchnibi*?

— Não, não. Os *nuchnibi* são importantes.

— Bem, vários amigos de Dap; aquele compositor simpático, o Salas, e alguns daqueles caras de sujo também. E uns *nuchnibi* de verdade costumavam passar por Vale Redondo, quando eu era criança. Só que eles trapaceavam, foi o que sempre achei. Contavam umas histórias e mentiras adoráveis e liam a sorte, todo mundo gostava de vê-los e hospedá-los e alimentá-los, enquanto eles ficassem por lá. Mas nunca ficavam muito tempo. Mas naquela época, as pessoas só tinham de pegar uma carona e deixar a cidade, os jovens em geral; alguns deles detestavam o trabalho nas fazendas, e eles simplesmente abandonavam o posto e partiam. As pessoas fazem isso por toda a parte, o tempo inteiro. Elas se mudam, procurando alguma coisa de melhor. Mas isso não se *chama* recusar um posto.

— E por que não?

— Onde você está querendo chegar? — perguntou Takver, escondendo-se ainda mais sob o cobertor.

— Bem, a isso. Que temos vergonha de dizer que recusamos um posto. Que a consciência social domina completamente a consciência individual, em vez de juntas conseguirem um equilíbrio. Nós não cooperamos, nós *obedecemos*. Temos medo de sermos marginalizados, de sermos chamados de preguiçosos, de disfuncionais, de egoizadores. Tememos mais a opinião do vizinho do que respeitamos nossa própria liberdade de escolha. Você não me acredita, Tak, mas tente, apenas tente sair da linha, apenas em imaginação, e veja como você se sente. Aí você percebe o que Tirin é, e porque ele é um desastre, uma alma perdida. Ele é um criminoso! Nós criamos o crime, exatamente como os apropriadores fizeram. Forçamos um homem a sair da esfera de nossa aprovação e depois o condenamos por isso. Criamos leis, leis de comportamento convencionais, construímos muros à nossa volta e não podemos vê-los, porque são parte de nosso pensamento. Tir nunca fez isso. Eu o conheço desde que tínhamos dez anos de idade. Nunca fez isso, nunca pôde construir muros. Era um rebelde natural. Era um Odonista natural, um Odonista de verdade! Ele era um homem livre, e o restante de nós, irmãos dele, o enlouquecemos como castigo por seu primeiro ato livre.

— Eu não acho — disse Takver, cobrindo-se bem, defensivamente — que Tir era uma pessoa muito forte.

— Não, ele era extremamente vulnerável.

Houve um longo silêncio.

— Não é de admirar que ele não lhe saia da cabeça — disse ela. — A peça dele. O seu livro.

— Mas eu tenho mais sorte. Um cientista pode fingir que seu trabalho não é parte dele mesmo,

que é meramente uma verdade impessoal. Um artista não pode esconder-se atrás da verdade. Não pode esconder-se em lugar algum.

Takver o observou com o canto do olho por um momento, em seguida virou-se e ficou sentada, suspendendo o cobertor para cobrir os ombros.

— Brr! que frio!... Eu estava errada, não era, sobre o livro? E também por ter deixado Sabul cortá-lo e pôr o nome dele. Parecia certo. Parecia que estávamos pondo o trabalho acima do trabalhador, o orgulho do trabalho acima da vaidade, a comunidade acima do ego e tudo mais. Mas na realidade não foi nada disso, foi? Foi uma capitulação. Nós nos rendemos ao autoritarismo de Sabul.

— Não sei. A verdade é que o livro foi publicado.

— O fim certo, mas os meios errados! Pensei nisso durante muito tempo em Rolny, Shev. Vou lhe dizer o que houve de errado. Eu estava grávida. As mulheres grávidas não obedecem a nenhuma ética. Somente ao tipo mais primitivo de impulso ao sacrifício. Que vão pro inferno, o livro, a parceria, e a verdade se eles ameaçam o precioso feto! É um instinto de preservação da espécie, mas pode funcionar exatamente contra a comunidade; é biológico, não é social. O homem pode se dar por feliz de nunca ser uma presa desse instinto, desse ímpeto. Mas é melhor que tome consciência de que a mulher pode ser, e ficar atento. Acho que era por isso que os velhos hierarquistas usavam a mulher como propriedade. E por que razão as mulheres permitiam? Porque estavam grávidas o tempo inteiro, porque elas já eram possuídas, escravizadas!

— Está bem, é possível; mas nossa sociedade, essa aqui, é uma comunidade verdadeira, sempre que concretiza os ideais de Odo. Foi uma mulher quem fez a Promessa! O que é que você está fazendo? Cultivando sentimentos de culpa? Emporcalhando-se com remorsos? — A palavra que ele usou não foi “emporcalhando-se”, pois não havia animais em Anarres e portanto não havia porcos; usou uma palavra composta, significando literalmente “cobrindo-se continuamente com uma grossa camada de excremento”. A flexibilidade e precisão do právico prestavam-se à criação de vívidas metáforas, que seus inventores puderam prever.

— Bom, não. Foi lindo ter Sadik. Mas eu *estava* errada quanto ao livro.

— Nós dois estávamos errados. Nós sempre erramos juntos. Você não está pensando mesmo que tomou a decisão por mim.

— Nesse caso, acho que tomei sim.

— Não. A verdade é que nenhum de nós dois tomou decisão alguma. Nenhum dos dois fez uma escolha. Deixamos Sabul escolher por nós. Nosso próprio Sabul interiorizado: as convenções, o moralismo, o medo do ostracismo social, o medo de ser diferente, o medo de ser livre! Bom, nunca mais! Eu aprendo devagar, mas aprendo!

— O que você vai fazer? — perguntou Takver, com um agradável tremor excitado na voz.

— Vou para Abbenay com você e vou criar um sindicato, um sindicato de imprensa. Vou publicar os *Princípios* sem cortes. E o que tivermos vontade. O *Esboço de uma Educação Científica Aberta*, de Bedap, que o CDP não poria em circulação. E a peça de Tirin. Devo isso a ele. Ele me ensinou o que são as prisões, e quem as constrói. Os que constroem muros são seus próprios prisioneiros. Vou exercer minha própria função no organismo social. Vou derrubar os muros.

— Pode fazer muito barulho e nos deixar muito expostos — disse Takver, encolhida nos cobertores. Ela se encostou a ele, ele a envolveu em seu braço. — Espero que vá.

Muito tempo depois de Takver ter adormecido naquela noite, Shevek ainda estava acordado com as

mãos debaixo da cabeça, olhando a escuridão e ouvindo o silêncio. Pensou em sua longa viagem de volta de Poeira, lembrando-se da paisagem plana e das miragens do deserto, do maquinista do trem com sua careca bronzada e a candura do olhar, e que havia-lhe dito que se deve trabalhar com o tempo e não contra ele.

Shevek havia aprendido alguma coisa sobre sua vontade própria, naqueles últimos quatro anos. Na frustração de sua vontade ele aprendeu a força que tinha. Nenhum imperativo social ou ético igualava-se a ela. Nem mesmo a fome podia reprimi-la. Quanto menos ele tinha, mais absoluta se tornava sua necessidade de ser.

Ele reconhecia essa necessidade, em termos Odonistas, como sendo sua “função celular”, o termo analógico para designar a individualidade do indivíduo, o melhor trabalho que ele pode fazer e por conseguinte sua melhor contribuição à sociedade. Uma sociedade saudável que lhe permitiria exercer essa melhor função livremente, pois é na coordenação de todas as “funções celulares” que ela encontra sua adaptabilidade e sua força. Era uma ideia central na *Analogia* de Odo. O fato de a sociedade Odonista em Anarres não ter realizado ou ter perdido o ideal não diminuía, a seus olhos, sua responsabilidade para com ela; era justamente o contrário. Uma vez afastado o mito do Estado, a verdadeira mutualidade, a interdependência e a reciprocidade do indivíduo e da sociedade tornavam-se claras. Pode-se exigir um sacrifício ao indivíduo, mas nunca o compromisso: pois embora somente a sociedade possa dar a segurança e a estabilidade, só o indivíduo, a pessoa, tem o poder da escolha moral, o poder de mudar, a função essencial da vida. A sociedade Odonista era concebida como uma revolução permanente, e a revolução começa no espírito pensador.

Shevek refletira sobre todas essas coisas nestes termos, pois sua consciência era inteiramente Odonista.

Ele portanto estava certo, nessa altura, de que seu desejo radical e irrestrito de criar era, em termos Odonistas, sua própria justificativa. O sentimento de responsabilidade primordial em relação a seu trabalho não o apartava de seus companheiros, de sua mocidade, como ele antes pensava. Ligava-o a eles de forma absoluta.

Percebeu também que um homem que tinha esse sentimento de responsabilidade para com uma coisa era obrigado a estendê-lo a todas as coisas. Era um engano ver a si mesmo como um veículo desse sentimento e nada mais, a ele sacrificar qualquer outra obrigação.

Foi esse tipo de sacrifício que Takver dissera ter reconhecido nela mesma quando estava grávida; e ela tinha dito isso com um certo horror, com nojo de si mesma, porque ela também era uma Odonista, e a separação dos meios e do fim era, também para ela, uma coisa falsa. Para ela como para ele não havia fim. Havia um processo: o processo era tudo. Podia-se ir numa direção cheia de promessa ou enganar-se, mas não se podia partir com a expectativa de um dia parar num lugar qualquer. Todas as responsabilidades, todas as entregas e compromissos compreendidos assim adquiriam substância, durabilidade.

E assim seu compromisso mútuo com Takver, a relação deles, manteve-se intensamente viva durante aqueles quatro anos de separação. Todos dois sofreram com ela, e sofreram muito, mas jamais ocorreu a nenhum dos dois a ideia de escapar do sofrimento pela negação do compromisso, da entrega.

Pois afinal, pensou ele agora, deitado no calor do sono de Takver — era a alegria que eles dois procuravam, a totalidade do ser. Quando se foge do sofrimento, foge-se também da possibilidade de alegria. Pode-se ter prazer, ou prazeres, mas não se pode alcançar a plenitude. Não se saberá o que é voltar para casa.

A realização, pensou Shevek, a plenitude, é uma função do tempo. A busca do prazer é circular, é

repetitiva, atemporal. A procura de variedade empreendida pelo espectador, pelo caçador de emoções, pelo sexualmente promíscuo, acaba sempre no mesmo lugar. Tem um fim. Chega a um ponto final e ele tem de recomeçar tudo outra vez. Não é uma viagem e um retorno, mas um círculo fechado, um quarto trancado, uma cela.

Fora do quarto trancado está a paisagem do tempo, na qual o espírito pode, com sorte e coragem, construir os caminhos e as cidades da fidelidade, frágeis, temporários, improváveis: uma paisagem habitável por seres humanos.

Um ato só é humano quando praticado na paisagem do passado e do futuro. A lealdade — que afirma e assegura a continuidade do passado e do futuro, ligando o tempo, fazendo dele um todo — é a raiz da força humana; sem ela nada de bom pode ser feito.

Assim, ao rememorar e considerar aqueles últimos quatro anos, Shevek não os viu como perdidos, mas como parte do edifício que ele e Takver estavam construindo com suas vidas. O que há de bom nisso de se trabalhar com o tempo, pensou, é que assim não é perdido. Até a dor conta.

CAPÍTULO XI

URRÁS

Rodarred, a velha capital da Província de Avan, era uma cidade pontiaguda: uma floresta de pinheiros e, acima das flechas dos pinheiros, uma floresta de torres ainda mais elevadas. As ruas eram sombrias e estreitas, musgosas, quase sempre enevoadas, ladeadas de árvores. As sete pontes que atravessavam o rio eram os únicos lugares de onde se conseguia ver as pontas das torres, ao levantar o olhar. Algumas delas tinham dezenas de metros de altura, outras eram meros rebentos, como casas comuns que vingaram. Algumas eram de pedra, outras de porcelana, mosaico, folhas de vidro, colorido, placas de cobre, de ferro ou de ouro, inacreditavelmente decoradas, delicadas, reluzentes. Era nessas ruas alucinantes e encantadoras que o Conselho Mundial de Governos Urrastis tinha sua sede, em seus trezentos anos de existência. Muitas embaixadas e consulados junto ao CMG e A-Io também se apinhavam em Rodarred, a apenas uma hora de Nio Esseia e da sede do governo.

A Embaixada terrana junto ao CMG estava situada no Castelo do Rio, que se escondia entre a autoestrada de Nio e o rio, erguendo apenas uma torre, achaparrada e reticente, com um teto quadrado e estreitas janelas laterais que evocavam olhos semicerrados. Há duzentos anos seus muros e paredes resistiam a armas e intempéries. Era orlado por numerosas árvores sombrias perto do lado da terra, e entre elas uma ponte levadiça atravessava um fosso. O fosso, o rio, a grama verde cintilavam tenuemente, enquanto o sol se infiltrava pela névoa do rio e os sinos de todas as torres começaram sua tarefa de soar as sete horas, prolongada e insanamente harmoniosa.

No interior do castelo, um funcionário sentado à moderníssima escrivaninha da recepção estava ocupado em dar um tremendo bocejo.

— Não abrimos para o público antes das oito horas — disse ele numa voz cavernosa.

— Quero ver o Embaixador.

— A Embaixadora está tomando o desjejum. O senhor terá de marcar uma audiência. — Ao dizer isto o funcionário esfregou os olhos umedecidos e foi então capaz de ver claramente o visitante, pela primeira vez. Ficou fitando-o, mexeu a queixada diversas vezes e disse: — Quem é o senhor? De onde... O que deseja?

— Quero ver o Embaixador.

— Aguarde um momento — disse o funcionário no mais puro sotaque nioti, ainda fitando-o e estendendo a mão para alcançar o telefone.

Um carro tinha acabado de estacionar entre a grande porta da ponte levadiça e a entrada da Embaixada, e dele diversos homens estavam saindo, com os adornos e botões de seus casacos pretos reluzindo à luz do sol. Dois outros homens tinham acabado de entrar no saguão, vindos da parte principal do edifício; conversavam, eram pessoas estranhas, vestidas de modo muito extravagante. Shevek apressou-se em contornar a escrivaninha para ir até eles, tentando correr.

— Ajudem-me! — disse ele.

Eles o olharam com espanto. Um deles recuou, franzindo o cenho. O outro olhou para um ponto atrás de Shevek, para o grupo uniformizado que nesse exato momento estava entrando na Embaixada.

— Por aqui — disse ele com toda a calma, segurou Shevek pelo braço, e em seguida fechou-se juntamente com ele num escritório lateral, com dois passos e um gesto, precisos como os de um

bailarino.

— O que está havendo? Você é de Nio Esseia?

— Quero ver o Embaixador.

— Você é um dos grevistas?

— Shevek. Meu nome é Shevek. De Anarres.

Os olhos do estrangeiro esbugalharam-se, brilhantes e inteligentes, em seu rosto azeviche.

— *Meo-dio!* — disse o terrano num sussurro ofegante, e depois em iótico: — O senhor está pedindo asilo?

— Não sei. Eu...

— Venha comigo, Dr. Shevek. Vamos para um lugar onde o senhor possa sentar-se.

Havia corredores, escadas, a mão negra do homem segurando-lhe o braço.

Algumas pessoas estavam tentando tirar-lhe o casaco. Ele debateu-se para impedi-las, temendo que estivessem querendo o pequeno bloco em seu bolso. Alguém falou num tom autoritário, numa língua estrangeira. Outra pessoa disse-lhe:

— Está tudo bem. Ele está tentando ver se o senhor está ferido. Seu casaco está ensanguentado.

— É de outro homem — disse Shevek. — É sangue de outro homem.

Conseguiu ficar sentado, embora sua cabeça girasse. Estava num divã, numa sala espaçosa e ensolarada; aparentemente ele havia desmaiado.. Dois homens e duas mulheres estavam de pé a seu lado. Ele os olhou, sem nada entender.

— O senhor está na Embaixada de Terran, Dr. Shevek. Aqui o senhor está em solo terrano. Está perfeitamente a salvo. Pode permanecer aqui o tempo que quiser.

A pele da mulher era de um moreno amarelado, cor de terra ferruginosa, e sem pelos, a não ser na cabeça; não era depilada; era sem pelos. Os traços eram estranhos e infantis, a boca pequena, um nariz achatado, os olhos com pálpebras longas e cheias, as bochechas e o queixo redondos, gorducha. Toda a sua figura era redonda, fofa, infantil.

— Aqui o senhor está a salvo — ela repetiu.

Ele tentou falar, mas não pôde. Um dos homens o empurrou delicadamente pelo peito dizendo:

— Deite-se, deite-se. — Ele tornou a deitar-se, mas murmurou:

— Quero ver o Embaixador.

— Eu sou a Embaixadora. Meu nome é Keng. Estamos contentes por nos ter procurado. Aqui o senhor está seguro. Por favor, agora descanse, Dr. Shevek, conversaremos mais tarde. Não há pressa.

— Havia uma ressonância musical e insólita em sua voz, mas era rouca, como a voz de Takver.

— Takver — disse ele, em sua própria língua. — Eu não sei o que faço.

Ela disse “Durma” — e ele dormiu.

Depois de dois dias de sono e de boas refeições, novamente vestido em seu traje ioti cinzento — que eles haviam lavado e passado para ele — levaram-no ao gabinete particular da Embaixadora, no terceiro andar da torre.

A Embaixadora não se inclinou para cumprimentá-lo, nem apertou-lhe a mão, mas juntou as palmas de suas próprias mãos diante do peito e sorriu.

— Fico contente em saber que se sente melhor, Dr. Shevek. Não, devo dizer simplesmente Shevek, não é mesmo? Por favor, sente-se. Lamento ter de falar-lhe em iótico, uma língua estrangeira para nós dois. Disseram-me que é extremamente interessante, o único idioma racionalmente inventado e que se tornou a língua materna de um grande povo.

Ele se sentia enorme, pesado, peludo, diante daquela suave estrangeira. Sentou-se numa das poltronas macias e fundas. Keng também se sentou, mas fez uma expressão de dor ao sentar-se.

— Tenho problemas de coluna — disse ela — de tanto ficar sentada nessas confortáveis cadeiras e poltronas!

E Shevek deu-se então conta de que ela não era uma mulher de mais ou menos trinta anos, como ele pensara, mas que devia ter sessenta ou mais; sua pele macia e a figura infantil o haviam iludido.

— Em minha terra — ela prosseguiu — nós quase sempre nos sentamos em almofadões, no chão. Mas se eu fizesse isso aqui, teria de levantar ainda mais a cabeça para olhar as pessoas. Vocês célios são tão altos!... Temos um pequeno problema. Isto é, nós propriamente não, mas o governo de A-Io sim. Seus amigos de Anarres, as pessoas que mantêm comunicação pelo rádio de Urrás, sabe, andam pedindo com insistência para falar-lhe. E o governo ioti está embaraçado. — Ela sorriu, um sorriso de puro prazer. — Eles não sabem o que dizer.

Ela era calma. Era calma como pedra erodida que, se contemplada, acalma. Shevek recostou-se na poltrona e levou um tempo considerável para responder.

— O governo ioti sabe que estou aqui?

— Bem, oficialmente não. Nós não dissemos nada e eles nada nos perguntaram. Mas temos diversos funcionários e secretários iotis trabalhando aqui na Embaixada. Então eles sabem, é claro.

— É perigoso para vocês que eu esteja aqui?

— Oh, não. Essa é uma embaixada junto ao Conselho Mundial de Governos, não junto à nação de A-Io. O senhor tinha todo o direito de nos procurar, o que o resto do Conselho forçaria A-Io a admitir. E, como já lhe disse, esse castelo é solo terrano. — Ela tornou a sorrir; seu rosto macio franziu-se, mostrando um grande número de pequenas rugas, e voltou-se a alisar-se. — Uma deliciosa fantasia de diplomatas! Esse castelo, a onze anos-luz de meu mundo, esta sala numa torre em Rodarred, em A-Io, no planeta Urrás do sol Tau Ceti, tudo isso é solo terrano.

— Então pode dizer-lhes que estou aqui.

— Ótimo. Isso simplificará a questão. Queria apenas seu consentimento.

— Não há nenhuma... nenhuma mensagem para mim, de Anarres?

— Não sei. Não perguntei. Não considere essa informação do seu ponto de vista. Se há alguma coisa que o preocupa, nós poderíamos tentar comunicação com Anarres. Sabemos qual o comprimento de onda que vocês usam, é certo, mas ainda não o utilizamos porque não fomos convidados a fazê-lo. Pareceu-nos melhor não termos pressa. Mas podemos facilmente providenciar uma comunicação para o senhor.

— Vocês têm um transmissor?

— Nossa nave a retransmitiria, a nave hainish que fica em órbita em volta de Urrás. Hain e Terran trabalham juntos. O Embaixador hainish sabe que o senhor está conosco; ele é a única pessoa que foi oficialmente informado. Portanto, o rádio está à sua disposição.

Ele agradeceu-lhe, com a simplicidade dos que não procuram ver os motivos atrás de uma oferta. Ela o estudou por um momento, com seus olhos vivos, diretos, tranquilos.

— Ouvi seu discurso — disse ela.

Ele a olhou como se o fizesse de uma certa distância.

— Discurso?

— Quando o senhor falou na grande manifestação, na Praça do Capitólio. Há uma semana. Nós sempre ouvimos a rádio clandestina, as transmissões dos Trabalhadores Socialistas e dos Libertários. Claro que eles estavam transmitindo a manifestação. Ouvi o senhor falar. Fiquei muito emocionada. Depois houve um ruído, um barulho muito estranho e podia-se ouvir a multidão

começando a gritar. Não deram explicações. Ouviu-se muita gritaria. E em seguida saiu do ar de repente. Era terrível, terrível, o que se ouvia. E o senhor estava lá. Como conseguiu fugir de lá? Como conseguiu sair da cidade? A Cidade Velha ainda está cercada; há três regimentos de soldados em Nio; eles arrebanham dezenas e centenas de grevistas e suspeitos todos os dias. Como veio para cá?

Ele deu um pequeno sorriso.

— De táxi.

— E passou por todos os pontos de revista? E com esse casaco ensanguentado? E todo mundo sabe como o senhor é fisicamente.

— Eu estava debaixo da poltrona traseira. O táxi era sequestrado, é assim que se diz? Foi um risco que certas pessoas correram por mim. — Baixou o olhar para as mãos, cruzadas sobre os joelhos. Ele estava sentado perfeitamente calmo, falando lentamente, mas havia nele uma tensão interior, um esforço, visível nos olhos e nas rugas em volta dos lábios. Refletiu um pouco, e prosseguiu no mesmo tom de desligamento. — No começo foi sorte. Quando saí do esconderijo, tive sorte de não ser imediatamente preso. Mas consegui chegar à Cidade Velha. Depois disso, não foi apenas sorte. Eles pensaram por mim para onde eu deveria ir, planejaram como fazer-me chegar até lá, correram riscos. — Ele disse uma palavra em sua própria língua, e depois a traduziu: — Solidariedade...

— É muito estranho — disse a Embaixadora de Terran. — Não sei quase nada sobre seu mundo, Shevek. Sei apenas o que os urrastis nos dizem, já que seu povo não nos permite ir até lá. Sei, é claro, que o planeta é árido e deserto, sei como a colônia foi fundada, que é uma experiência de comunismo não autoritário, e que sobrevive há cento e setenta anos. Li alguns escritos de Odo, poucos, não muitos. Eu achava que era uma experiência sem muita importância para os problemas atuais de Urrás, muito longínqua, apenas interessante. Mas eu estava errada, não estava? É importante. Talvez Anarres seja a chave de Urrás... Os revolucionários de Nio seguem a mesma tradição. Não estavam apenas fazendo greve por melhores salários, ou protestando contra a convocação militar. Não são apenas socialistas, são anarquistas; estavam fazendo greve contra o poder. Sabe, a extensão da manifestação, a força do sentimento popular e a reação de pânico do governo, parecia tudo muito difícil de entender. Por que tanta comoção? O governo aqui não é despótico. Os ricos são sem dúvida muito ricos, mas os pobres não são muito pobres. Não são escravizados, nem morrem de fome. Por que não se satisfazem com pão e discursos? Por que estão hipersensíveis?... Agora começo a entender por quê. Mas o que continua a ser inexplicável é que o governo de A-Io, sabendo que essa tradição libertária ainda estava viva, e sabendo o descontentamento nas cidades industriais, tenha mesmo assim trazido o senhor para cá. Foi como trazer um fósforo para uma fábrica de pólvora!

— Mas eu não deveria aproximar-me da plebe. Era para eu ter ficado afastado da plebe, vivendo apenas entre eruditos e ricos. Não ver os pobres. Não ver nada de feio. Tinha de ficar envolto em algodão dentro de uma caixa embrulhada protegida por um estojo de cartolina embalado em plástico, como tudo aqui fica. E nessa caixa eu deveria ser feliz e fazer meu trabalho, o trabalho que eu não pude fazer em Anarres. E quando o tivesse terminado, teria de entregá-lo a eles, para que pudessem ameaçar vocês.

— Ameaçar-nos? O senhor está se referindo a Terran, a Hain e às outras potências interespaciais, não é? Ameaçar-nos com o quê?

— Com o aniquilamento do espaço.

Ela ficou em silêncio, por um momento.

— É isso que o senhor faz? — ela perguntou, com sua voz suave e alegre.

— Não. Não é isso que eu faço! Em primeiro lugar, não sou um inventor, um engenheiro. Sou um teórico. E é uma teoria o que eles querem de mim. Uma teoria do Campo Geral em física temporal. Sabe o que é isso?

— Shevek, a física cética, a Ciência Nobre de vocês, está muito além da minha compreensão. Não tenho conhecimentos profundos em matemática, em física, em filosofia, e parece que se compõe de todas essas coisas, e de cosmologia, e mais ainda. Mas sei o que quer dizer quando fala em teoria da Simultaneidade, do modo que compreendo o que significa teoria da Relatividade; isto é, eu sei que a teoria da Relatividade trouxe resultados práticos da maior importância, supondo portanto que sua física temporal possa tornar uma nova tecnologia possível.

Ele concordou com uma inclinação da cabeça.

— O que eles querem — disse ele — é a transferência instantânea da matéria através do espaço. A transição instantânea. Uma viagem espacial, compreende, sem atravessar o espaço e sem intervalo de tempo. Eles talvez um dia consigam; mas não com minhas equações, creio. Mas eles com minhas equações poderão construir o ansível, se quiserem. O homem não pode transpor os grandes abismos, mas as ideias podem.

— O que é um ansível, Shevek?

— Uma ideia. — Sorriu sem muito humor. — Será um aparelho que permitirá a comunicação sem qualquer intervalo de tempo entre dois pontos no espaço. O aparelho não transmitirá mensagem, é claro; simultaneidade é identidade. Mas para nossa percepção essa simultaneidade funcionará como uma transmissão, como um envio de mensagem. Seremos então capazes de conversar entre mundos, sem essa longa espera que os impulsos eletromagnéticos exigem, para que a mensagem vá e a resposta retorne. É uma coisa realmente muito simples. Será uma espécie de telefone.

Keng achou graça.

— A simplicidade dos físicos! Então eu poderia pegar o... ansível?... e falar com meu filho em Delhi? E com minha neta, que tinha cinco anos quando eu parti, e que viveu onze anos enquanto eu viajava de Terran para Urrás, numa nave que tinha quase a velocidade da luz. E eu poderia saber o que está se passando em minha casa *agora* e não há onze anos. E decisões poderiam ser tomadas, e acordos realizados, e a informação partilhada. Eu poderia falar com diplomatas em Chiffewar, o senhor poderia falar com os físicos em Hain; as ideias não levariam gerações para irem de um mundo a outro... Sabe, Shevek, eu acho que essa ideia poderia mudar a vida de todos os bilhões de pessoas que vivem nos nove Mundos Conhecidos?!

Ele fez outra inclinação de cabeça.

— Tornaria uma liga de planetas possível. Uma federação. Temos vivido separados pelos anos, por décadas entre partidas e chegadas, entre perguntas e respostas. E como se tivesse inventado a fala humana! Nós podemos falar; finalmente podemos falar juntos.

— E o que você dirá?

O tom amargo de sua voz surpreendeu Keng. Ela o olhou e não disse nada.

Ele se inclinou para a frente em sua cadeira e esfregou a testa com uma expressão dolorida.

— Olhe — disse ele —, tenho de explicar-lhe por que vim procurá-los e também por que vim para esse mundo aqui. Eu vim por causa da ideia. Por amor à ideia. Para aprender, para ensinar, para partilhar a ideia. Nós, anarrestis, sabe, nos isolamos do resto. Não falamos com outros povos, com o resto da humanidade. Não pude terminar o meu trabalho lá. E se eu tivesse sido capaz de terminá-lo, eles não iriam querê-lo, não viam nele nenhuma utilidade. Por isso vim para cá. Aqui existe o que eu preciso: as conversas, a partilha, uma experiência no Laboratório de Pesquisas sobre a Luz que

prova algo que ela não estava destinada a provar, um livro sobre a teoria da Relatividade vindo de um mundo estrangeiro, o estímulo de que necessito. E assim finalmente pude terminar o trabalho. Ainda não está escrito, mas já tenho as equações e o raciocínio já está pronto. Mas as ideias que tenho em minha mente não são as únicas importantes para mim. Minha sociedade também é uma ideia. Fui criado por ela. Uma ideia de liberdade, de mudança, de solidariedade humana; uma ideia importante. Embora eu tenha sido muito estúpido, pude finalmente ver que ao perseguir uma, a Física, eu estava traindo a outra. Estava permitindo que os proprietários *comprassem a verdade* de mim.

— E o que mais poderia ter feito, Shevek?

— Não há outra alternativa senão vender? Não existe alguma coisa de semelhante a uma dádiva?

— Sim...

— Vocês não compreendem que eu quero ofertar isso a vocês, e a Hain, e aos outros mundos... e aos países de Urrás? Mas para vocês todos!! Para que ninguém possa usá-lo, como A-Io quer fazer, para ter um poder sobre os outros, para ficar mais rico ou vencer mais guerras. Para que não se possa usar a verdade em proveito próprio, mas apenas para o bem comum.

— No final, a verdade geralmente acaba servindo apenas ao bem comum.

— No final, sim, mas não estou disposto a esperar pelo final. Só tenho uma vida, e não vou desperdiçá-la com as ambições e mentiras dos aproveitadores. Não servirei a *nenhum* mestre.

A calma de Keng era agora uma atitude muito mais forçada, controlada, do que havia sido no começo da conversa. A força da personalidade de Shevek — não reprimida por nenhuma forma de constrangimento nem por considerações defensivas — era extraordinária. Ele a impressionava, e ela o olhava com uma compaixão enternecida e um certo temor.

— E como é — ela disse —, como será a sociedade que o formou? Eu o ouvi falar de Anarres, na Praça, e chorei ao ouvi-lo, mas na realidade não acreditei no senhor. Os homens sempre falam assim de suas terras, da terra distante... Mas o senhor *não é* como os outros homens. Há alguma coisa diferente no senhor.

— A diferença da ideia — disse ele. — Foi também por essa ideia que eu vim para cá. Por Anarres. Já que meu povo recusa-se a olhar para fora, achei que poderia levar os outros a olharem para nós. Eu pensava que seria melhor não ficarmos isolados atrás do muro, que seria melhor sermos uma sociedade entre as outras, um mundo entre os outros, dando e recebendo. Mas nisso eu estava errado... eu estava absolutamente errado.

— Por quê? Certamente...

— Porque não há nada, nada em Urrás de que nós, anarrestis precisemos! Nós partimos com as mãos vazias, há cento e cinquenta anos, e estávamos certos. Não levamos nada. Pois não há nada aqui além de Estados com suas armas, dos ricos com suas mentiras e dos pobres com sua miséria. Não se tem como agir com justiça, com o coração puro, em Urrás. Não há nada que se possa fazer que não envolva o lucro, o medo de perder, o desejo de posse. Não se pode dar bom dia a ninguém sem saber quem é superior a quem, ou sem tentar prová-lo. Não se pode tratar as outras pessoas como irmãos, precisa-se manipulá-las, comandá-las, ou obedecê-las, ou enganá-las. Não se pode tocar em outra pessoa, e no entanto elas não o deixam em paz. Não há liberdade. É uma caixa, Urrás é uma caixa, um embrulho, com todos os lindos invólucros do céu azul, dos prados, das florestas e das grandes cidades. E quando se abre a caixa, o que se vê lá dentro? Um porão sombrio e cheio de poeira, o cadáver de um homem. Um homem que teve a mão estilhaçada por tê-la estendido para os outros. Conheci o Inferno, finalmente, Desar tinha razão; é Urrás; o Inferno é Urrás.

Apesar de toda a intensidade de seus sentimentos, ele falou com simplicidade, com uma espécie de humildade, e mais uma vez a Embaixadora de Terran o observou com um assombro discreto

embora cheio de simpatia, como se ela não tivesse ideia de como receber aquela simplicidade.

— Nós dois somos estrangeiros aqui, Shevek — disse ela afinal. — E eu venho de muito mais longe no espaço e no tempo. E no entanto, começo a achar que sou muito menos, estrangeira em Urrás do que você... Deixe-me dizer-lhe como vejo esse mundo. Para mim, e para todos os meus companheiros terranos que já viram esse planeta Urrás é o mais ameno, o mais variado, o mais belo de todos os mundos habitados. É o mundo que se aproxima o mais possível de um Paraíso.

Ela o fitou com um olhar calmo e receptivo; ele não disse nada.

— Sei que está cheio de maldade, cheio de injustiça humana, cobiça, demência, desperdício. Mas também cheio de coisas boas, de beleza, de vitalidade, e de grandes realizações. É aquilo que um mundo deve ser. É *vivo*, incrivelmente cheio de vida, vivo, apesar de todas as maldades, e tem esperança. Não é verdade?

Ele fez outro sinal afirmativo com a cabeça.

— Agora, você que é um homem vindo de um mundo que eu não consigo nem sequer imaginar, você que vê meu Paraíso como Inferno, gostaria de saber como é o *meu* mundo?

Ele ficou calado, observando-a, os olhos claros bem fixos.

— Meu mundo, minha terra é uma ruína. Um planeta desperdiçado pela raça humana, arrasado. Nós nos multiplicamos e nos empaturramos e nos batemos até que nada mais nos restasse, e depois morremos. Não controlamos nosso apetite nem a violência; não nos adaptamos. Nós nos destruímos. Mas primeiro destruímos nosso mundo. Não existem mais florestas em minha terra. O ar é cinza, o céu é cinza e o calor é eterno. É habitável, ainda é habitável, mas não como esse mundo aqui. Esse aqui é um mundo vivo, uma harmonia. O meu é uma dissonância. Vocês Odonistas escolheram um deserto; nós terranos criamos um deserto... Nós sobrevivemos, lá, como vocês. As pessoas são resistentes! Agora somos quase meio bilhão. Em outros tempos, havia nove bilhões. Ainda se pode ver as antigas cidades por toda a parte. Os ossos e os tijolos viram pó, mas os pedacinhos de plásticos nunca; eles também não se adaptam. Nós fracassamos como espécie, como espécie social. E agora estamos aqui, relacionando-nos como iguais com outras sociedades humanas de outros mundos, somente por causa da caridade dos hainish. Eles chegaram, levaram-nos sua ajuda. Eles construíram naves e as deram a nós, para que pudéssemos sair de nosso mundo arruinado. Tratam-nos com delicadeza, com bondade, da forma como um homem forte trata um doente. São pessoas muito estranhas, os hainish; mais velhos do que todos nós; infinitamente generosos. São altruístas. Impulsionados por um sentimento de culpa que nós nem sequer compreendemos, apesar de todos os nossos crimes. São motivados em tudo o que fazem, creio eu, pelo passado, por um passado interminável... Bom, nós salvamos o que nos foi possível salvar e edificamos uma espécie de vida entre as ruínas de Terran, da única maneira que podíamos fazê-lo: com uma total centralização. Controle total sobre o uso de cada acre de terra, de cada pedaço de metal, de cada gota de petróleo. Racionamento total, controle da natalidade, eutanásia, conscrição universal para o aumento das forças produtivas. A arregimentação de cada vida para assegurar a sobrevivência da raça. Tínhamos conseguido alcançar esse objetivo, quando os hainish chegaram. Eles nos trouxeram... um pouco mais de esperança. Não muita. Não tanta quanto precisávamos... Só podemos contemplar esse mundo esplêndido do lado de fora; essa sociedade tão cheia de vida, esse Urrás, esse Paraíso. Somos apenas capazes de admirá-lo, e talvez de invejá-lo um pouco. Não muito.

— E então Anarres, pelo que me ouviu dizer, o que Anarres representa para você, Keng?

— Nada. Nada, Shevek. Perdemos nossa oportunidade de ser Anarres séculos atrás, antes mesmo de Anarres nascer.

Shevek levantou-se e foi até a janela, uma das longas seteiras horizontais da torre. Havia um

nicho na parede, abaixo da seteira, sobre o qual um arqueiro podia subir para observar e visar os agressores que se aproximassem da entrada do castelo; se não subisse nesse nicho, não se podia ver nada pela fenda senão o céu banhado de sol, com uma tênue bruma. Shevek ficou parado abaixo da janela, contemplando o exterior; seus olhos encheram-se de luz.

— Você não compreende o que é o tempo — disse ele. — Diz que o passado se foi, que o futuro não é real, que não há mudança, não há esperança. Acha que Anarres é um futuro que não pode ser alcançado, como seu passado não pode ser mudado. E portanto não há nada a não ser o presente, esse Urrás, o presente rico, real, estável, esse momento aqui. E pensa que é algo que pode ser possuído! E o inveja um pouco. Acha que é alguma coisa que você gostaria de ter. Mas ele não é real, sabe? Não é estável, não é sólido, nada é. As coisas mudam, mudam. Não se pode ter coisa alguma... E muito menos o presente, a não ser que ele seja aceito com o passado e com o futuro. Não apenas o passado, mas o futuro também; não somente o futuro, mas o passado também! Porque eles são reais: somente a realidade deles pode tornar o presente real. Vocês não conseguirão chegar a ser, e nem sequer a compreender Urrás, se não aceitarem a realidade, a realidade duradoura de Anarres. Você está certa, nós somos a chave. Mas quando você o afirmou, na realidade não estava acreditando no que dizia. Você não acredita em Anarres. Você não acredita em mim, embora eu esteja aqui com você, nessa sala, nesse momento... Meu povo estava certo e eu estava errado a respeito de uma coisa: não podemos vir até vocês. Vocês não nos deixarão vir. Vocês não acreditam em mudança, na oportunidade, na evolução. Vocês prefeririam nos destruir a admitir nossa realidade, a admitir que há esperança! Não podemos vir até vocês. Podemos somente esperar que venham até nós.

Keng permanecia sentada, com uma expressão assustada e meditativa, talvez ligeiramente atordoada.

— Não compreendo... Não compreendo — disse ela afinal. — Você é como alguém de nosso próprio passado, como os velhos idealistas, os visionários da liberdade; e no entanto eu não o compreendo, como se você estivesse tentando falar-me de coisas futuras; porém, como você disse, estamos aqui, agora! — Ela não tinha perdido a agudeza de espírito. Depois de um momento acrescentou: — Então, por que veio procurar-nos, Shevek?

— Oh, para dar-lhe a ideia. Minha teoria, entende. Para impedir que ela se torne uma propriedade dos iotis, um investimento, ou uma arma. Se você quiser, a coisa mais simples a fazer seria transmitir as equações, dá-las aos físicos desse mundo inteiro, e aos hainish e aos outros mundos, o mais rápido possível. Estaria disposta a fazer isso?

— Mais do que disposta.

— Serão apenas algumas páginas. As provas e algumas das implicações exigiriam mais, mas isso pode ser feito depois, e outras pessoas poderão trabalhar nelas se eu não puder.

— Mas o que você fará depois? Tenciona voltar para Nio? A cidade agora está calma, aparentemente; a insurreição parece ter fracassado, pelo menos por enquanto; mas receio que o governo ioti o considere um sublevador. Há Thu, é claro...

— Não. Não quero ficar aqui. Não sou nenhum altruísta! Se me ajudasse nisso também, eu poderia voltar para casa. Talvez, os iotis estejam até dispostos a me mandarem para casa. Seria coerente, acho: fazer-me desaparecer, negar minha existência. Mas é claro que eles poderiam achar mais fácil consegui-lo matando-me, ou pondo-me numa prisão para o resto da vida. Ainda não quero morrer, e não quero de jeito nenhum morrer aqui nesse Inferno. Para onde vai a alma, quando se morre no Inferno? — Ele achou graça. Tinha reencontrado toda a delicadeza de seus modos. — Mas você poderia me mandar para casa, acho que eles ficariam aliviados. Anarquistas mortos viram mártires, sabe, e continuam vivos durante séculos. Mas os ausentes podem ser esquecidos.

— Eu pensava que sabia o que era “realismo” — disse Keng. Ela sorriu, mas não foi um sorriso natural.

— E como pode saber, se não sabe o que é a esperança?

— Não nos julgue com tanta severidade, Shevek.

— Eu não os julgo de forma alguma. Só estou pedindo que me ajudem, e não tenho nada a dar como retribuição por essa ajuda.

— Nada? Você chama sua teoria de nada?

— Ponha-a numa balança juntamente com a liberdade de um único espírito humano — disse ele, voltando-se para ela — e veja qual dos dois pesará mais. Você sabe dizer? Eu não sei.

CAPÍTULO XII

ANARRES

— Quero apresentar um projeto — disse Bedap — do Sindicato de Iniciativa. Vocês sabem que mantemos contato pelo rádio com Urrás, há cerca de vinte décadas...

— Contra as recomendações desse conselho, contra a Federação da Defesa, e contra o voto majoritário da Lista!

— Sim — disse Bedap, olhando o oponente de cima abaixo, mas sem protestar pela interrupção. Não havia nenhuma regra de procedimento parlamentar durante as reuniões do CDP. As interrupções às vezes eram mais frequentes do que as exposições. O processo, comparado a uma bem conduzida convenção de um poder executivo, era como um pedaço de carne crua comparado a um diagrama de ligações. A carne crua, contudo, funciona melhor do que um diagrama de ligações funcionaria em lugar dela... dentro de um animal vivo.

Bedap conhecia todos os seus opositores no Conselho de Importação e Exportação; há três anos ele frequentava essas reuniões e os combatia. Esse orador era novo, um rapaz, talvez um dos últimos sorteados para um posto no CDP. Bedap estudou-o com um olhar benevolente e prosseguiu.

— Não vamos retomar velhas discussões, certo? Proponho uma questão nova. Recebemos uma mensagem muito interessante de um grupo de Urrás. Veio no comprimento de onda que nossos contatos iotís usam, mas não veio em hora combinada, e era um sinal muito fraco. Parece ter sido enviada de um país chamado Benbili, não de A-Io. O grupo se denomina “A Sociedade Odonista”. São aparentemente Odonistas surgidos depois do Povoamento, conseguindo de alguma forma existir nas falhas da lei e do governo de Urrás. A mensagem era dirigida “aos irmãos de Anarres”. Pode ser lida no boletim do Sindicato, é interessante. Perguntam se permitiríamos que mandassem pessoas para cá.

— Mandar pessoas para cá? Deixar os urrastis virem aqui? Como espíões?

— Não, como colonos.

— Eles querem que o Povoamento seja reaberto, não é isso, Bedap?

— Dizem que estão sendo acossados pelo governo e que esperam...

— Reabrir o Povoamento! Para qualquer aproveitador que se diga Odonista?

Fazer um relato completo de um debate diretorial anarresti seria muito difícil; transcorriam num ritmo muito rápido, quase sempre diversas pessoas falavam ao mesmo tempo e as exposições nunca eram longas; muito sarcasmo, muitas frases não eram terminadas; o tom era exaltado, com frequência violentamente pessoal; chegava-se a um fim, e entretanto não havia nenhuma conclusão. Era como uma discussão entre irmãos, ou entre os pensamentos de uma mente indecisa.

— Se deixarmos esses pseudo-Odonistas virem para cá, como pretendem chegar até aqui?

Agora falou a oponente que Bedap mais temia, a mulher fria e inteligente chamada Rulag. Ela vinha sendo seu inimigo mais hábil em todas as reuniões de seus três anos de conselho. Ele lançou um rápido olhar para Shevek, que assistia pela primeira vez a uma reunião desse conselho, a fim de chamar-lhe a atenção para ela. Alguém dissera a Bedap que ela era uma engenheira, e ele descobriu nela a clareza e o pragmatismo do engenheiro, mais o ódio à complexidade e a irregularidades do especialista em mecânica. Ela se opunha ao Sindicato de Iniciativa em todos os pontos, inclusive ao

direito de ele existir. Tinha bons argumentos e Bedap a respeitava. Quando ela às vezes falava da força de Urrás e de como é perigoso permutar com os fortes estando-se numa posição de fraqueza, ele acreditava nela.

Pois havia ocasiões em que Bedap se perguntava, interiormente, se ele e Shevek não haviam desencadeado toda uma série de acontecimentos incontrolláveis, ao se reunirem no inverno de 68 para discutirem os meios pelos quais um físico frustrado poderia imprimir seu trabalho e comunicá-lo aos físicos de Urrás. Quando eles finalmente conseguiram estabelecer contato por rádio, os urrastis mostraram-se muito mais desejosos de falar, de trocar informações do que esperavam; e quando eles posteriormente publicaram relatórios dessas comunicações, a reação em Anarres foi muito mais virulenta do que esperavam. As pessoas dos dois planetas estavam com a atenção demais voltada para eles, o que não podia de fato deixá-los muito à vontade. Quando se é acolhido pelo inimigo com entusiasmo e implacavelmente rejeitado pelos próprios compatriotas, é muito difícil não se perguntar se não se é, realmente, um traidor.

— Suponho que eles viriam numa das naves cargueiras — ele replicou. — Como bons Odonistas, eles pediriam carona. Se o governo deles, ou o Conselho Mundial de Governos, permitir. Será que eles permitiriam? Será que os hierarquistas fariam um favor a anarquistas? É isso que eu gostaria de saber. Se convidássemos um pequeno grupo, seis ou oito dessas pessoas, o que iria acontecer depois?

— Louvável curiosidade — disse Rulag. — Saberíamos melhor o quanto há de perigo, certo, se soubéssemos melhor como as coisas realmente funcionam em Urrás. Mas o perigo reside no próprio fato de descobrir. — Ela ficou de pé, mostrando com isso que queria ter a palavra durante mais de uma ou duas frases. Bedap pestanejou e lançou outro rápido olhar para Shevek, que estava sentado a seu lado.

— Cuidado com essa aí — murmurou ele. Shevek não respondeu, mas ele em geral ficava tímido e reservado em reuniões, nada à vontade, a não ser que alguma coisa o emocionasse profundamente, e aí então mostrava-se um orador surpreendentemente bom. Ficou imóvel em seu lugar, baixando o olhar para as mãos. Mas quando Rulag falou, Bedap notou que embora ela estivesse se dirigindo a ele, não parava de lançar rápidos olhares para Shevek.

— Esse Sindicato de Iniciativa de vocês — disse ela, enfatizando o pronome — prosseguiu na construção de um transmissor, no envio e na recepção de mensagens, e na publicação de comunicações dessa troca com Urrás. Vocês têm feito isso tudo contra a opinião da maioria do CDP, e apesar dos crescentes protestos de todos os nossos irmãos. Ainda não houve nenhuma represália contra o equipamento de vocês ou contra vocês próprios, em grande parte, creio, porque nós Odonistas ficamos desabitoados à simples ideia de que alguém possa adotar uma conduta nociva aos demais e nela persistir apesar de advertências e protestos. É fato muito raro. Na realidade vocês são os primeiros entre nós a se comportarem do modo como os críticos hierarquistas sempre afirmaram que as pessoas se comportariam numa sociedade sem leis: com total irresponsabilidade quanto ao bem-estar da sociedade. Não proponho que se volte a discutir o mal que já nos fizemos, a transmissão de informações científicas a um inimigo poderoso, a confissão de fraqueza que cada comunicação de vocês com Urrás representa. Mas agora, achando que já nos acostumamos com tudo isso, vocês vêm nos propor algo de muito pior. Qual a diferença, perguntarão vocês, entre falar com alguns urrastis na onda-curta e falar com alguns deles aqui em Abbenay? Que diferença faz? Qual a diferença entre uma porta fechada e uma porta aberta? Vamos abrir as portas, é isso que ele está nos dizendo, ammari. Abramos as portas, deixemos os urrastis entrarem! Seis ou oito pseudo-Odonistas na próxima nave cargueira. Sessenta ou oitenta aproveitadores iotis na nave seguinte, para nos

estudarem e verem como poderemos ser divididos como propriedades entre as nações de Urrás. E na viagem seguinte virão em seiscentas ou oitocentas naves de guerra armadas: com fuzis, soldados, uma força de ocupação. O fim de Anarres, o fim da Promessa. Nossa esperança reside, e tem residido há cento e setenta anos, nos Termos do Povoamento: nenhum urrasti pode desembarcar em Anarres, a não ser os Povoadores, naquela época, e sempre. Nada de misturas. Nada de contatos. Abandonar esse princípio agora seria o mesmo que dizer aos tiranos a quem um dia derrotamos: a experiência fracassou, venham reescravizar-nos!

— Em absoluto — disse prontamente Bedap. — A mensagem é clara: a experiência foi bem sucedida; agora somos suficientemente fortes para encará-los como iguais!

A discussão continuou como antes: uma sucessão rápida e viva de argumentos. Não durou muito. Não houve votação, como de hábito. Quase todas as pessoas presentes eram francamente favoráveis à aplicação dos Termos do Povoamento, e tão logo isso se tornou patente, Bedap afirmou:

— Está certo, considero a questão decidida. Ninguém virá na *Forte Kuieo*, nem tampouco na *Cautela*. Quanto à questão de trazer urrastis para Anarres, os objetivos do Sindicato devem estar perfeitamente de acordo com a opinião da sociedade como um todo; nós pedimos a opinião de vocês e a seguiremos. Mas há outro aspecto da mesma questão. Shevek?

— Bem, há o problema — disse Shevek — do envio de um anarrestis para Urrás.

Houve exclamações e protestos. Shevek não levantou a voz, que não estava muito diferente de um sussurro, mas insistiu:

— Não prejudicaria nem ameaçaria ninguém que viva em Anarres. E parece ser uma questão de direito individual; uma espécie de teste desse direito, na realidade. Os Termos do Povoamento não nos proíbem. Proibi-lo agora seria uma afirmação da autoridade do CDP, um cerceamento ao direito do indivíduo Odonista de tomar iniciativas que não prejudiquem os demais.

Rulag inclinou-se para a frente em sua cadeira. Estava com um ligeiro sorriso:

— Qualquer um pode sair de Anarres — disse ela. Seus olhos claros iam rápido de Shevek para Bedap e tornavam a olhar Shevek outra vez. — Ele pode ir para onde quiser, se os cargueiros dos apropriadores o levarem. Não pode é voltar.

— E quem disse que não pode? — inquiriu Bedap.

— “Os Termos de Fechamento do Povoamento”. Ninguém vindo em naves cargueiras poderá ultrapassar os limites do Porto de Anarres.

— Bem, ora, isso certamente referia-se aos urrastis e não aos anarrestis — disse um velho conselheiro, Ferdaz, que deixava o barco correr mas gostava de dar suas remadinhas, mesmo que elas desviassem o barco do rumo que ele gostaria que tomasse.

— Uma pessoa vinda de Urrás é um urrasti — disse Rulag.

— Legalismos, legalismos! Para que tanto rodeio inútil? — disse uma mulher calma e forte, chamada Trepil.

— Rodeio inútil?! — gritou o novo membro, o jovem. Ele tinha o sotaque de Norte-Nascente, e uma voz forte e profunda. — Já que não gosta de rodeios, experimente isto: se há pessoas aqui que não gostam de Anarres, deixem que elas se vão. Eu ajudarei. Posso carregá-las até o Porto, posso até dar-lhes um pontapé para que cheguem mais rápido. Mas se tentarem dar um jeitinho de voltar, vão encontrar alguns de nós esperando por elas. Alguns Odonistas de verdade. E não vão nos encontrar sorridentes e dizendo: “Bem-vindos a nossa casa, irmãos”. Vão é ver como se engole os dentes com uns bons murros e como é bom levar uns bons pontapés no saco. Você pode entender esse rodeio? Ficou bastante claro?

— Claro, não; óbvio, sim. Óbvio como um peido fedorento — disse Bedap. — A clareza é uma

função do pensamento. Você devia era aprender um pouco de Odonismo antes de vir falar aqui.

— Vocês não são dignos nem de mencionar o nome de Odo! — berrou o rapaz. — Vocês são uns traidores, você e o resto do Sindicato! Tem gente de olho em vocês por Anarres inteiro. Vocês pensam que nós não sabemos que Shevek foi convidado para ir a Urrás, para ir vender a ciência anarresti para os aproveitadores? Vocês pensam que nós não sabemos que todo esse bando de hipócritas que vocês são adoraria ir para lá e viver como ricos e deixarem os apropriadores ficarem lhes dando umas pancadinhas carinhosas no rabo? Pois vão! Já vão tarde! Mas se tentarem voltar para cá, vão ter de enfrentar a *justiça*!

Ele estava de pé, inclinando-se para a frente, apoiando as mãos na mesa e gritando diretamente para Bedap. Bedap levantou o olhar para ele e disse:

— Você não está falando de justiça, está falando é de castigo; pensa que querem dizer a mesma coisa?

— Ele está falando de violência — disse Rulag. — E se houver violência, vocês a terão provocado. Você e esse seu Sindicato. E a terão merecido.

Um pequeno homem franzino e de meia-idade, sentado ao lado de Trepil, começou a falar; no começo a voz enrouquecida pela tosse da poeira estava tão baixa que poucas pessoas puderam escutá-lo. Era um delegado do sindicato de mineiros do Sudoeste em visita a Abbenay, e não esperavam que se manifestasse sobre o assunto.

— ... o que os homens merecem — ele estava dizendo. — Pois cada um de nós merece tudo, todas as riquezas empilhadas nos túmulos dos reis mortos, e não merecemos nada, nem mesmo uma dentada de pão quando estamos famintos. Não comemos enquanto outros morriam de fome? E vão nos castigar por isso? E vamos ser recompensados por termos tido a virtude de morrer de fome enquanto outros comiam? Nenhum homem merece castigo, nenhum homem merece recompensas. Libertem a mente da ideia de *merecer*, da ideia de *ganhar*, e começarão a ser capazes de pensar. — Essas eram, claro, palavras tiradas das *Cartas da Prisão* de Odo, mas ditas naquela voz fraca e enrouquecida tinham um estranho efeito, como se o homem tentasse encontrá-las dentro de si mesmo, como se viessem de seu próprio coração, lentamente, com dificuldade, como água que brota lentamente, bem lentamente, das areias do deserto.

Rulag o ouviu, com a cabeça ereta, o rosto tenso como o de alguém que tenta reprimir a dor. Em frente dela, no outro lado da mesa, Shevek estava sentado de cabeça baixa. As palavras deixaram um silêncio atrás de si; ele levantou os olhos e falou nesse silêncio.

— Sabem — disse ele —, o que nós pretendemos é lembrar-nos de que não viemos para Anarres para termos segurança, mas sim liberdade. Se devemos estar sempre todos de acordo, trabalhar todos juntos, não valem mais do que uma máquina. Se um indivíduo não pode trabalhar solidariamente com seus companheiros, ele tem o dever de trabalhar sozinho. Tem o dever e o direito. Temos negado esse direito às pessoas. Temos afirmado, e cada vez mais, que se deve trabalhar com os outros, que se deve aceitar a lei da maioria. Mas qualquer lei é tirania. O dever do indivíduo é não aceitar *nenhuma* lei, ter a iniciativa de seus próprios atos, ser responsável. Somente se o indivíduo agir dessa forma é que a sociedade poderá viver, mudar, adaptar-se e sobreviver. Não somos súditos de um Estado fundamentado na lei, mas membros de uma sociedade fundamentada na Revolução. A Revolução é nossa obrigação: nossa esperança de evolução. “A Revolução está no espírito do indivíduo, ou em nenhum outro lugar. Ela é para todos, ou não é nada. Se a consideramos como tendo um fim, ela jamais terá um começo realmente”. Não podemos parar aqui. Devemos continuar. Temos de correr o risco.

Rulag replicou, tão calma quanto ele, mas com muita frieza.

— Você não tem direito de envolver todos nós num risco que motivos pessoais o impelem a correr.

— Ninguém que se recuse a ir tão longe quanto eu me disponho a ir tem o direito de impedir que eu prossiga — respondeu Shevek. Os olhos deles se encontraram por um segundo; depois os dois baixaram o olhar.

— O risco que uma viagem a Urrás representa só diz respeito à pessoa que a fizer — disse Bedap. — Não altera em nada os Termos do Povoamento, e nada em nosso relacionamento com Urrás, a não ser moralmente talvez, e em nosso próprio benefício. Mas não creio que nenhum de nós já esteja pronto para decidir a esse respeito. Suspendo a discussão do tópico por ora, se é do agrado de todos vocês.

Os outros assentiram, e ele e Shevek saíram da reunião.

— Tenho de dar uma passada no Instituto — disse Shevek, quando deixavam a sede do CDP. — Sabul me mandou um de seus bilhetinhos rabiscados, o primeiro nesses últimos anos. Pergunto-me o que terá em mente.

— E eu me pergunto o que essa tal de Rulag terá em mente! Ela tem marcação com você. Inveja, suponho. Não vamos mais pôr vocês dois em frente um do outro na mesa, ou nunca vamos chegar a uma conclusão. Embora aquele camarada de Norte-Poente não tenha sido uma novidade muito agradável. A maioria manda e a força faz o direito! Conseguiremos nos fazer entender, Shev? Ou estaremos apenas aumentando a oposição à nossa mensagem?

— Talvez tenhamos mesmo de mandar alguém para Urrás, de provar nosso direito de fazê-lo, com atos, se as palavras não bastarem.

— Talvez. Desde que não seja eu! Vou falar a favor de nosso direito de sair de Anarres até ficar roxo, mas se eu tivesse de ir, sei não, acho que me enforcaria.

Shevek achou graça.

— Tenho de ir andando. Estarei em casa daqui a mais ou menos uma hora. Venha jantar conosco hoje à noite.

— Encontro você no quarto.

Shevek começou a descer a rua com seus passos largos; Bedap ficou parado e indeciso em frente ao prédio do CDP. Era o meio da tarde de um dia de primavera, frio, ventoso, mas ensolarado. As ruas de Abbenay estavam claras, muito limpas, cheias de gente e de luz. Bedap sentia-se animado e deprimido ao mesmo tempo. Tudo, suas emoções inclusive, era promissor mas insatisfatório. Encaminhava-se para o domicílio do Bloco Pekesh onde Shevek e Takver agora moravam, e encontrou, como esperava, Takver em casa com o bebê.

Takver tivera dois abortos e depois chegou Pilun, atrasada e inesperada, mas muito bem-vinda. Era muito pequenininha quando nasceu e agora, indo para os dois anos, continuava pequena, com braços e pernas fininhos. Quando Bedap os tocava ou segurava ficava sempre vagamente assustado ou agoniado com o contato daqueles braços tão frágeis que poderiam ser quebrados com uma leve torcida de mão. Ele era louco por Pilun, fascinado por seus olhos cinzentos e turvos, cativado por sua confiança total, mas toda vez que tocava na criança ele sentia conscientemente, como nunca havia sentido, o que era a atração da crueldade, por que os fortes torturam os fracos. E assim — embora ele não soubesse explicar a razão desse “assim” — ele também compreendia uma coisa que nunca havia feito muito sentido para ele, nem lhe interessado muito: o sentimento da paternidade. Sentia um prazer extraordinário quando Pilun o chamava de “pappe”.

Ele sentou-se na cama que ficava abaixo da janela. Era um quarto espaçoso, com duas camas. Havia uma esteira no chão; não havia nenhum outro móvel, nem cadeiras, nem mesas, apenas um

biombo que delimitava uma área de brincadeiras e jogos e abrigava o sono de Pilun. Takver tinha aberto a gaveta longa e larga do estrado da outra cama, e estava separando uns papéis que eram ali guardados.

— Segure mesmo Pilun, Dap querido — disse ela com seu sorriso largo quando o bebê começou a deslocar-se em direção a ele. — Ela remexeu esses papéis pelo menos umas dez vezes, assim que eu acabo de separá-los. Vou terminar aqui num minuto, em dez minutos.

— Não tenha pressa. Não quero conversar. Quero só ficar aqui sentado. Venha cá, Pilun. Ande... isso, isso é que é garota! Venha com Pappe Dap. Pronto, agora peguei você.

Pilun sentou-se toda contente no colo dele e ficou estudando-lhe a mão. Bedap ficou envergonhado de suas unhas, que ele deixara de roer mas que continuavam deformadas de tanto serem roídas, e no começo fechou a mão para escondê-las; depois sentiu vergonha de ter ficado envergonhado e espalmou bem a mão. Pilun deu-lhe uma palmadinha.

— Esse quarto é agradável — disse ele. — Com a luz do norte. Aqui é sempre calmo.

— Sim. Psiu... estou contando estes papéis.

Depois de um momento ela tornou a guardar os papéis na gaveta e fechou-a.

— Pronto! Desculpe. Eu disse a Shevek que paginaria o artigo por ele. Vamos beber alguma coisa?

O racionamento ainda estava em vigor para muitos produtos básicos, embora menos rigoroso do que o fora cinco anos antes. Os pomares de Norte-Nascente tinham sofrido menos e se recuperado da seca mais rapidamente do que os campos de cereais, e no ano anterior àquele os frutos secos e os sucos de fruta tinham saído da lista de racionamento. Takver tinha uma garrafa guardada na janela ensombreada. Serviu um caneco cheio para cada um, em canecos de barro e muito primitivos que Sadik fizera na escola. Sentou-se em frente de Bedap e o olhou, sorrindo:

— Bom, como vão indo as coisas pelo CDP?

— Na mesma de sempre. Como vai o laboratório de peixes?

Takver baixou o olhar para sua xícara, afastando-a um pouco para que a luz batesse na superfície do líquido.

— Não sei. Estou pensando em deixar.

— Por que, Takver?

— É melhor sair do que ser mandada embora. O problema é que eu gosto do trabalho e sei fazê-lo muito bem. E é o único laboratório do gênero em Abbenay. Mas não se pode ser membro de uma equipe de pesquisa que decide que você não faz parte da equipe.

— Eles estão sendo cada vez piores com você, não estão? Ficam criticando.

— O tempo inteiro — disse ela e olhou rápida e inconscientemente para a porta, como se quisesse assegurar-se de que Shevek não estava lá, ouvindo. — Alguns deles são inacreditáveis. Bem, você sabe. Não tem sentido continuar desse jeito.

— Não, e é por isso que estou contente de encontrá-la sozinha. Realmente não sei. Eu, e Shev, e Skovan, e Gezach e o resto do pessoal que passa a maior parte do tempo na gráfica ou na torre de rádio, não temos postos regulares, e por isso não vemos muito as pessoas que não são do Sindicato de Iniciativa. Eu vou muito ao CDP, mas essa é uma situação especial, lá eu espero sofrer oposições porque eu as crio. Contra o que você anda se esbarrando?

— O ódio — disse Takver com sua voz sombria e macia. — Ódio mesmo. O diretor do meu projeto não fala mais comigo. Bem, isso é o de menos. Ele é um bolha, de qualquer forma. Mas alguns dos outros me dizem o que pensam na cara... Tem uma mulher, não nos laboratórios de peixes, aqui no domicílio. Eu estou no comitê de saneamento do bloco e tive de ir falar com ela sobre

alguma coisa. Ela não me deixava falar. “Não tente entrar nesse quarto, eu conheço vocês, seus malditos traidores, seus intelectuais, seu egoizadores”, e assim por diante e etc. e bateu a porta na minha cara. Foi grotesco — Takver riu sem nenhuma vontade. Pilun, ao vê-la rir-se, sorriu, e em seguida bocejou. — Mas sabe, foi meio assustador. Sou covarde, Dap. Não gosto de violência. Não gosto nem que me reprovem!

— Claro que não. A única segurança que nós temos são nossos vizinhos, a aprovação deles. Um hierarquista pode infringir uma lei e esperar sair impune; mas não se pode “infringir” um costume; é a estrutura de nossas vidas com os outros. Estamos somente começando a sentir o que é ser um revolucionário, como Shevek disse hoje na reunião. E não é nada cômodo.

— Algumas pessoas entendem — disse Takver, com um otimismo resolutivo. — Uma mulher ontem no ônibus, não sei de onde eu a conhecia, acho que de um trabalho de décimo dia qualquer, me disse: “Deve ser maravilhoso viver com um grande cientista, deve ser tão interessante!” E eu disse: “Sim, pelo menos se tem sempre assunto para conversar”... Pilun, não vá cair no sono, nenê! Shev vai chegar daqui a pouco e nós vamos para o refeitório. Sacuda um pouco as pernas, Dap. Bem, de qualquer jeito, sabe, ela sabia quem Shevek era, mas não parecia rancorosa, nem desaprová-lo, foi muito simpática.

— As pessoas sabem sim quem ele é — disse Bedap. — E é engraçado, porque elas não são capazes de entender o livro mais do que eu. Apenas algumas centenas podem, ele acha. Aqueles estudantes dos Institutos Divisionários que tentam organizar cursos sobre a Simultaneidade. Eu já acho que algumas dezenas seria uma estimativa bem otimista. E no entanto as pessoas o conhecem, têm o sentimento de que ele representa alguma coisa de que elas devem orgulhar-se. Pelo menos isso o Sindicato fez, acho eu, se é que não fez outras coisas: publicou os livros de Shev. Talvez tenha sido a única coisa sensata que já fizemos.

— Ora, vamos! Vocês devem ter tido uma péssima reunião no CDP, hoje.

— E tivemos. Gostaria de animá-la, Takver, mas não posso. O Sindicato está se aproximando terrivelmente do elo básico da sociedade: o medo do estrangeiro. Hoje lá na reunião do CDP tinha um cara jovem ameaçando-nos abertamente de represálias violentas. Bem, é uma opção medíocre, mas ele encontrará outras pessoas dispostas a fazê-la. E essa Rulag, caramba, é uma oponente incrível!

— Você sabe quem ela é, Bedap?

— Quem é ela?

— Shev nunca lhe disse? Bom, ele não fala muito a respeito. Ela é a mãe.

— A mãe de Shev?

Takver inclinou a cabeça para confirmá-lo.

— Ela se foi quando ele tinha dois anos. O pai ficou com ele. Nada demais, claro. A não ser quanto aos sentimentos de Shev. Ele sentiu que tinha perdido algo de essencial... ele e o pai. Ele não fez disso nem um princípio geral, que os pais deveriam guardar os filhos sempre, ou coisas do gênero. Mas a importância que a lealdade tem para ele remonta a esse fato, creio.

— O que é estranho — disse Bedap num tom muito forte, esquecido de Pilun, que havia caído num sono profundo em seu colo —, especialmente estranho, é o que ela sente por ele! Hoje, parecia assim que ela só estava esperando que ele fosse a uma reunião do Importação e Exportação. Ela sabe que ele é a alma de nosso grupo, e ela nos detesta por causa dele. Por quê? Sentimento de *culpa*?... Sabe, agora que eu sei disso, acho que eles são bem semelhantes. Só que nela endureceu tudo, virou pedra... morreu.

A porta se abriu enquanto ele falava. Shevek e Sadik entraram. Sadik estava com dez anos, era

alta para a idade e magra, com pernas muito compridas, esguia e frágil, com uma nuvem de cabelos negros. Shevek entrou depois dela e Bedap, olhando-o à nova e curiosa luz de seu parentesco com Rulag, pôde vê-lo como pode-se ocasionalmente ver um velho amigo, com uma clareza intensa para a qual todo o passado contribui: um rosto esplêndido e grave, cheio de vida mas um tanto gasto, gasto até os ossos. Era um rosto profundamente pessoal, e no entanto os traços não se pareciam apenas aos de Rulag, mas aos de muitos outros rostos anarrestis, um povo escolhido por uma promessa de liberdade e adaptado a um mundo árido, um mundo de distâncias, de silêncios, de desolação.

No quarto, entretanto, havia mais proximidade, mais tumulto, mais comunhão: saudações, risadas, Pilun passando de colo em colo para ser abraçada, com a cara nada satisfeita, a garrafa indo de mão em mão para ser esvaziada, perguntas, conversas. Primeiramente Sadik foi o centro, pois ela era o membro da família que ali estava com menos frequência, e em seguida Shevek.

— O que era que o querido Barba Sebenta queria?

— Você esteve no Instituto? — perguntou Takver, estudando-o, quando ele se sentava ao lado dela.

— Só dei uma passada por lá. Sabul deixou um bilhete para mim, hoje de manhã no Sindicato — Shevek bebeu seu suco de fruta e baixou o caneco, revelando na boca um curioso aspecto, uma não expressão. — Ele disse que a Federação de Física tem um posto tempo integral a ser preenchido. Autônomo, permanente.

— Para você, é isso? No Instituto?

Confirmou com a cabeça.

— Sabul lhe disse isso?

— Ele está tentando suborná-lo — disse Bedap.

— Sim, acho que sim. Se você não pode exterminá-lo, domestique-o, como se costumava dizer em Norte-Poente. — Shevek deu uma gargalhada súbita e espontânea. — É engraçado, não é?

— Não — disse Takver —, não é engraçado. É nojento. Como você teve coragem de ir falar com ele? Depois de todas as calúnias que ele andou espalhando a seu respeito, das mentiras sobre os *Princípios* dizendo que tinha sido roubado dele, e de não lhe ter dito que os urrastis lhe deram aquele prêmio, e depois, ainda no ano passado, quando ele dissolveu aquele grupo de jovens que tinha organizado uma série de conferências e os botou na rua por causa de sua influência “cripto-autoritária”, logo *você*, um autoritário!, foi nojento, imperdoável. Como você ainda consegue ser civilizado com um homem desses?

— Bem, não é apenas Sabul, sabe. Ele é apenas um porta-voz.

— Eu sei, mas ele adora ser o porta-voz. E há tanto tempo que ele é sórdido! Bom, o que foi que você respondeu?

— Eu temporizei, digamos — disse Shevek, e deu outra gargalhada. Takver lançou-lhe outro rápido olhar, agora sabendo que ele estava, apesar de todo o controle, num estado de extrema tensão e excitação.

— Então você não recusou logo de cara?

— Eu disse que tinha resolvido há alguns anos não aceitar nenhum posto regular enquanto pudesse dedicar-me ao trabalho teórico. Então ele disse que, como se trata de um posto autônomo, eu teria liberdade total para continuar com a pesquisa que estou fazendo, e que o motivo para me darem o posto era... deixa eu ver como foi que ele disse... “facilitar o acesso ao equipamento experimental do Instituto e aos canais regulares de publicação e difusão”. A impressora do CDP, em outras palavras.

— Ora essa, então você venceu — disse Takver, olhando-o com uma estranha expressão. —

Você venceu. Eles vão publicar o que você escreve. Era o que você queria quando voltamos para cá, há cinco anos. Os muros foram derrubados.

— Há muros atrás dos muros — disse Bedap.

— Terei vencido somente se aceitar o posto. Sabul está se oferecendo para... legalizar-me. Tornar-me oficial. Para que eu me desligue do Sindicato de Iniciativa. Você não acha que é essa a intenção dele, Dap?

— Claro — respondeu Bedap. Seu rosto estava sombrio. — Dividir para enfraquecer.

— Mas levar Shevek de volta para o Instituto e publicar o que ele escreve na gráfica do CDP implica dar aprovação a todo o Sindicato, não é?

— Talvez possa significar isso para a maioria das pessoas — disse Shevek.

— Não, não vai — disse Bedap. — Eles vão dar explicações. O grande físico foi induzido ao erro por um grupo de dissidentes, por um período. Os intelectuais deixam-se sempre desencaminhar, porque ficam pensando sobre coisas irrelevantes como o tempo e o espaço e a realidade, coisas que nada têm a ver com a vida real, e são portanto facilmente ludibriados por rebeldes corrompidos e nocivos. Mas os bons Odonistas do Instituto mostraram-lhe gentilmente que estava errado, e ele retomou o caminho da verdade orgânico-social. Abandonando o Sindicato de Iniciativa, ele o privou da única justificativa concebível para reivindicar a atenção de qualquer pessoa em Anarres ou em Urrás.

— Eu não vou abandonar o Sindicato, Bedap.

Bedap levantou a cabeça, e disse depois de um minuto.

— Não. Eu sei que você não vai.

— Está bem. Vamos jantar. A barriga está roncando: escute só, Pilun, está ouvindo? Rrom, rrom!

— ‘Vanta! — disse Pilun num tom de comando. Shevek a ergueu e levantou-se, girando-a até colocá-la em seu ombro. Atrás da cabeça da criança e da dele, o único móvel pendurado no quarto oscilou suavemente. Era um grande móvel feito de fios achatados que ao se movimentarem quase desapareciam quando vistos de perfil, levando suas formas ovais a cintilarem em intervalos, a dissiparem-se, como acontecia em certas iluminações com as ampolas de vidro claro que se moviam com os fios ovais, seguindo órbitas elipsoides que se entremeavam de forma complexa em torno de um centro comum, sem jamais encontrarem-se realmente, nunca separando-se inteiramente. Takver o chamava de Habitação do Espaço.

Foram para o refeitório do Bloco Pekesh e esperaram até que o painel de registro mostrasse uma anulação, para poderem entrar com Bedap como convidado. Seu registro para comer naquele refeitório o anulou no refeitório onde ele habitualmente comia, pois o sistema era coordenado em toda a cidade por um computador. Era um dos “processos homeostáticos” altamente mecanizados e tão amados pelos primeiros Povoadores, que persistiam apenas em Abbenay. Como os sistemas menos elaborados que eram usados em outras comunidades, esse também nunca funcionava inteiramente a contento; havia faltas, excedentes e frustrações, mas não eram nunca muito importantes. As anulações eram raras no refeitório de Pekesh, pois tinha a cozinha mais famosa de Abbenay, e a tradição de grandes cozinheiros. Apareceu finalmente uma anulação e eles entraram. Dois jovens que Bedap reconheceu vagamente como vizinhos de Shevek e Takver reuniram-se a eles para comer. Os demais deixaram-nos a sós... ou em paz? A resposta não parecia importar. Tiveram um ótimo jantar e uma boa conversa. Mas de vez em quando Bedap sentia que havia um círculo de silêncio em volta deles.

— Não sei o que os urrastis vão querer inventar depois — ele disse, e embora estivesse falando baixo, descobriu-se, para seu desgosto, baixando a voz ainda mais. — Eles pediram para vir aqui e

convidaram Shevek para ir lá; qual será a próxima?

— Eu não sabia que eles tinham mesmo convidado Shevek para ir lá — disse Takver, quase franzindo o cenho.

— Sabia sim — disse Shevek. — Quando eles me disseram que eu tinha ganho o prêmio, você sabe, o Seo Oen, eles me perguntaram se eu não poderia ir, não lembra? Para receber o dinheiro do prêmio! — Shevek sorriu, radiante. Se havia um círculo de silêncio em volta dele, isso em nada o incomodava, e ele sempre havia sido sozinho.

— É verdade. Eu sabia sim. Simplesmente não ficou gravado como uma possibilidade real. Há décadas que vocês vêm falando em sugerir no CDP que alguém possa ir até Urrás, só para chocá-los.

— E foi o que finalmente fizemos hoje à tarde. Dap me fez dizê-lo.

— E eles ficaram chocados?

— De cabelo arrepiado, com os olhos esbugalhados.

Takver deu uma risada. Pilun estava sentada numa cadeira elevada do lado de Shevek, exercitando os dentes com uma fatia de pão de holumínia e a voz com uma canção.

— Ô ô mamari beebi — ela proclamou — abiri abiri babi dab! — Shevek, versátil, respondeu no mesmo tom e estilo. A conversação adulta prosseguiu sem animação e com interrupções. A mais silenciosa entre eles era Sadik.

Bedap ainda ficou com eles durante uma hora após o jantar, no amplo e agradável salão comum do domicílio; quando ele se levantou para ir embora, ofereceu-se para levar Sadik até o dormitório de sua escola, que ficava no caminho. Nesse ponto aconteceu alguma coisa, um desses acontecimentos ou indícios obscuros para os que não fazem parte da família; tudo o que ele soube foi que Shevek, sem confusões nem discussões, iria junto com ele e Sadik. Takver tinha de alimentar Pilun, que estava fazendo cada vez mais barulho. Ela beijou Bedap, e ele e Shevek saíram com Sadik, conversando. Foram conversando com vontade e passaram do dormitório do centro de aprendizagem. Voltaram-se. Sadik tinha parado em frente à entrada do dormitório. Estava parada, imóvel, ereta e frágil, com o rosto calmo, na fraca luz dos lampiões. Shevek ficou igualmente imóvel por um momento, e depois aproximou-se dela.

— O que está havendo, Sadik?

A criança respondeu:

— Shevek, posso ficar no quarto de vocês, hoje à noite?

— Claro. Mas o que está havendo?

O rosto comprido e delicado de Sadik estremeceu-se e pareceu fragmentar-se.

— Não gostam de mim, aqui no dormitório — disse ela, com a voz ficando mais aguda por causa da tensão, porém ainda mais suave do que antes.

— Não gostam de você? O que está querendo dizer?

Eles ainda não haviam tocado um no outro. Ela respondeu-lhe com uma coragem cheia de desespero.

— Porque eles não gostam de... eles não gostam do Sindicato, nem de Bedap, nem... nem de você. Eles chamaram... A irmã grande que toma conta do dormitório disse, disse que vocês eram... eram todos tr... ela disse que vocês eram traidores — e ao dizer a palavra a criança sacudiu-se como se tivesse levado um tiro e Shevek segurou-a e deu-lhe um abraço. Ela agarrou-se a ele com toda a sua força, chorando, soluçando, arquejando. Ela era muito crescida, alta demais para que ele a carregasse. Ficou abraçando-a, acariciando-lhe os cabelos. Olhou para Bedap por cima da cabeleira negra da criança. Seus próprios olhos estavam cheios de lágrimas. Disse: — Está tudo bem, Dap. Pode ir.

Não havia nada que Bedap pudesse fazer senão deixá-los ali, o homem e a criança, naquela intimidade que ele não podia partilhar, a mais difícil, a mais profunda, a intimidade da dor. Não teve nenhum sentimento de alívio ou de preservação ao partir; sentiu-se, pelo contrário, inútil e diminuído.

— Estou com trinta e nove anos — pensou, caminhando em direção a seu domicílio, indo para o quarto de cinco homens onde vivia em completa independência. — Vou fazer quarenta daqui a algumas décadas. E o que foi que já fiz? O que tenho feito esse tempo inteiro? Nada. Imiscuindo-me. Imiscuindo-me na vida dos outros porque não tenho uma. Nunca me deixei tempo. E o tempo vai acabar-se para mim, de repente, e eu nunca terei tido... isso. — Olhou para trás, para o fim da rua longa e calma, onde os lampiões das esquinas formavam pequeninas poças de luz na escuridão cheia de vento, mas já estava longe demais para ver o pai e a filha, ou eles tinham ido embora. E ele não saberia precisar o que tinha querido dizer com aquele “isso”, com toda a sua habilidade para usar as palavras; no entanto sentiu que o compreendia claramente, que toda a sua esperança estava nessa compreensão, e que teria de mudar sua vida se quisesse ser salvo.

Quando Sadik ficou suficientemente calma para largar-se dele, Shevek a deixou sentada no batente da entrada do dormitório e entrou para dizer ao vigia que ela iria passar aquela noite com os pais. O vigia respondeu-lhe secamente. Os adultos que trabalhavam nos dormitórios infantis tinham uma tendência a desaprovar visitas a domicílios que se prolongassem pela noite, por considerá-las perturbadoras para as crianças; Shevek disse a si mesmo que ele estava provavelmente enganado, se estava sentindo qualquer outra reação no vigia além dessa reprovação. As salas do centro de aprendizagem estavam intensamente iluminadas, vibrando, de barulho, de música, de vozes de crianças. Ali estavam todos os velhos sons, os cheiros, as sombras, os ecos da infância da qual Shevek se lembrou, e com eles, dos medos. A gente esquece os medos.

Ele saiu e foi caminhando para casa com Sadik, com o braço em volta dos ombros magros da menina. Ela estava silenciosa, ainda estremecendo-se um pouco. Quando alcançaram a porta do principal domicílio de Pekesh ela disse bruscamente:

— Sei que não é agradável para você e Takver que eu fique a noite inteira com vocês.

— De onde você tirou essa ideia?

— Porque vocês querem intimidade, os casais adultos precisam de intimidade.

— Tem a Pilun — ele observou.

— A Pilun não conta.

— Você também não.

Ela fungou, tentando sorrir.

Contudo, quando entraram na luz do quarto, seu rosto pálido, cheio de marcas vermelhas e inchado pelas lágrimas levou logo Takver a perguntar assustada:

— O que foi que houve? — e Pilun, interrompida em sua sugação, arrancada de seu contentamento, sobressaltou-se e começou a berrar, o que levou Sadik a cair em prantos outra vez, e durante um certo tempo parecia que todo mundo estava chorando, confortando-se uns aos outros, recusando consolo. Mas isso subitamente transformou-se em silêncio: Pilun no colo da mãe, Sadik no colo do pai.

Quando o bebê já estava farto e deitado para dormir, Takver disse numa voz baixa mas enérgica:

— Vamos, o que foi?!

A própria Sadik já estava meio adormecida, com a cabeça encostada no peito de Shevek. Ele pôde sentir que ela estava lutando contra o sono para responder, acariciou-lhe os cabelos e respondeu por ela:

— Há umas pessoas no centro de aprendizagem que nos desaprovam.

— E que maldito direito elas têm de nos desaprovar?

— Psiu, psiu! Por causa do Sindicato.

— Ah — disse Takver, num som estranho e gutural e, ao abotoar a túnica, arrancou um botão.

Ficou parada, olhando para o botão em sua mão. Depois levantou o olhar para Shevek e Sadik.

— Há quanto tempo isso vem acontecendo?

— Há muito tempo — disse Sadik, sem levantar a cabeça.

— Dias, décadas, o trimestre inteiro?

— Oh, mais tempo. Mas eles ficam... agora eles fazem mais maldade, lá no dormitório. De noite.

Terzol não manda eles pararem. — Sadik falou como alguém que fala dormindo, e muito serena, como se o assunto não lhe dissesse mais respeito.

— E o que é que eles fazem? — perguntou Takver, embora o olhar de Shevek aconselhasse o contrário.

— Bem, eles... fazem maldade. Eles não me deixam entrar nos jogos, nem em nada. Tip, sabe, ela era minha amiga, ela se aproximava e conversava, pelo menos depois que a luz se apaga. Mas parou de fazer isso. Terzol agora é a irmã grande do dormitório, e ela... ela diz: “Shevek é... Shevek é...”

Ela interrompeu, sentindo a tensão aumentar no corpo da criança, retraindo-se e criando coragem, insuportável.

— Ela diz: “Shevek é um traidor, Sadik é uma egoizadora”... Você sabe o que ela diz, Takver! — Seus olhos chamejavam. Takver aproximou-se e tocou no rosto da filha, uma só vez, um tanto timidamente. Depois disse numa voz calma:

— Sim, eu sei — e foi sentar-se na outra cama, de frente para eles.

O bebê, toda enroladinha perto da parede, roncava suavemente. O pessoal do quarto vizinho estava voltando do salão comum, ouviu-se uma batida de porta, alguém na praça lá embaixo gritou boa noite, e outra pessoa respondeu de uma janela aberta. O grande domicílio, duzentos quartos, estava em plena atividade; tranquilamente vivo, por todos os lados; assim como a existência deles impregnava a existência do domicílio, a vida do domicílio infiltrava-se na deles, como partes de um todo. Logo em seguida Sadik saiu devagarinho do colo do pai e sentou-se na cama ao lado dele, juntinho. Seus cabelos negros estavam despenteados, emaranhados, caindo-lhe no rosto.

— Eu não quis contar para vocês porque... — Sua voz parecia mais fininha e fraca. — Mas está ficando cada vez pior. Eles ficam muito maus quando estão juntos.

— Então você não vai voltar para lá — disse Shevek. Ele a envolveu em seu braço, mas ela resistiu e continuou parada, ereta.

— E se eu fosse falar com eles... — disse Takver.

— Não vai adiantar. Eles são como são.

— Mas contra o que nós estamos nos esbarrando? — perguntou Takver, confusa.

Shevek não respondeu. Continuou com o braço em volta de Sadik e ela finalmente rendeu-se, inclinando a cabeça no braço do pai, com um cansaço pesado.

— Há outros centros de aprendizagem — disse ele afinal, sem muita certeza.

Takver levantou-se. Era evidente que ela não conseguia ficar sentada, parada, que queria fazer alguma coisa, agir. Mas não havia muita coisa que pudesse fazer:

— Deixe eu fazer uma trança em seus cabelos, Sadik — disse ela, com a voz mais baixa.

Ela escovou e trançou o cabelo da criança; eles colocaram o biombo no meio do quarto, e cobriram Sadik perto do bebê adormecido. Sadik estava quase chorando de novo ao dizer boa noite, mas meia hora depois eles ouviram pela respiração que ela estava dormindo.

Shevek estava recostado na cabeceira da cama, com um bloco e uma lousa que ele usava para cálculos.

— Numerei as páginas do manuscrito hoje — disse Takver.

— Quantas deu?

— Quarenta e uma páginas. Com o suplemento.

Ele fez um ligeiro sinal afirmativo com a cabeça. Takver levantou-se, olhou por cima do biombo para as duas crianças adormecidas, voltou, e sentou-se na beira da cama.

— Eu sabia que tinha alguma coisa errada. Mas ela não dizia nada. Ela nunca diz, é estoica. Não me ocorreu que era isso. Eu pensava que esse problema só fosse nosso, não me passou pela cabeça que eles poderiam desferrar nas crianças. — Falou com uma voz baixa e cheia de amargura. — E vai aumentando, não para de aumentar... Será que outra escola vai fazer alguma diferença?

— Não sei. Se ela ficar muito tempo conosco, é provável que não.

— Você por acaso não está insinuando...

— Não, não estou. Estou apenas constatando um fato. Se optarmos por dar à criança a intensidade do amor individual, não poderemos poupá-la do que faz parte disso, do risco da dor. Da dor que virá de nós e por nosso intermédio.

— Não é justo que ela seja atormentada pelo que nós fazemos. Ela é tão boa, tão dócil, é como água clara... — Takver parou, sufocada por um breve choro, esfregou os olhos, cerrou os lábios.

— Não é o que nós fazemos. É o que eu faço — pousou o bloco na cama. — E você vem sofrendo por causa disso também.

— Pouco me importa o que eles pensam.

— Em seu trabalho?

— Posso arranjar outro posto.

— Não aqui, não em seu campo.

— Bem, você quer que eu vá para outro lugar? Os laboratórios de peixes de Sorroba em Paz e Fartura me aceitariam. Mas onde você fica nisso? — Olhou para ele com um ar aborrecido. — Aqui, suponho.

— Eu poderia ir com você. Skovan e os outros estão progredindo em iótico, poderão ficar responsáveis pelo rádio, e atualmente essa é minha principal função no Sindicato. Posso muito bem trabalhar em física em Paz e Fartura ou aqui. Mas a menos que eu largue de vez o Sindicato de Iniciativa, isso não vai resolver o problema, vai? Eu sou o problema. Eu sou a causa de todo o problema.

— Será que eles se importariam com isso, num lugar pequeno como Paz e Fartura?

— Receio que sim.

— Shev, quanto ódio você já teve de enfrentar por causa disso? Você tem escondido o que se passa, como Sadik?

— E como você também tem. Quando eu fui para Concórdia, no verão passado, foi um pouco pior do que lhe contei. Jogaram pedras e teve uma briga que não foi nada pequena. Os estudantes que me convidaram tiveram de brigar para me defender. E brigaram, também, mas eu saí logo; estavam se expondo ao perigo por minha causa. Bom, os estudantes querem mesmo um pouco de perigo. E afinal nós tínhamos pedido pela briga, sacudindo deliberadamente as pessoas. Mas agora... mas estou começando a me perguntar se eu não estou expondo você e as crianças ao perigo, Tak. Ficando aqui com vocês.

— E é claro que você mesmo não corre perigo, não é? — disse ela furiosamente.

— Mas eu procurei. Apenas não me ocorreu que eles poderiam estender esse rancor tribal a

vocês. Não encaro o perigo que vocês correm da mesma forma que encaro o meu.

— Altruísta!

— Talvez. Não posso evitar. Sinto-me realmente responsável, Tak. Sem mim, você poderia ir para qualquer lugar, ou ficar aqui. Você trabalhou para o Sindicato, mas o que eles condenam em você é sua lealdade a mim. Eu sou o símbolo. Por isso não... não tem lugar algum para onde eu possa ir.

— Vá para Urrás — disse Takver. O tom de sua voz foi tão áspero que Shevek recuou como se ela lhe tivesse dado um murro no rosto.

Ela não o olhou nos olhos, mas repetiu, mais branda:

— Vá para Urrás... Por que não? Lá eles querem você. Aqui não! Talvez comecem a ver o que perderam, depois que você tiver ido embora. E você quer ir. Percebi isso hoje à noite. Eu nunca havia pensado nisso antes, mas quando nós falamos sobre o prêmio, no jantar, eu percebi, pelo jeito como você riu.

— Não preciso de prêmios nem de recompensas!

— Mas precisa de opiniões, de discussões, de estudantes que não estejam amarrados por Sabul. E olhe aqui. Você e Dap não param de falar em amedrontar o CDP com a ideia de mandar alguém para Urrás, afirmando assim o direito do indivíduo de tomar suas próprias decisões. Mas se vocês ficam dizendo isso e ninguém vai, só vão dar mais força ao lado deles, vão apenas provar que não se pode quebrar um costume. E agora que vocês já falaram no assunto numa reunião do CDP, alguém vai ter de ir. E devia ser você. Eles o convidaram, você tem um motivo para ir. Vá buscar seu prêmio... o dinheiro que eles guardaram para lhe dar — ela acabou a fala com uma gargalhada súbita e espontânea.

— Takver, eu não quero ir para Urrás!

— Quer sim; e você sabe que quer. Embora eu não tenha certeza de saber por quê.

— Bem, é claro que eu gostaria de conhecer alguns físicos. E de ver os laboratórios de Ieu Eun, onde eles têm feito experiências com a luz — fez uma expressão envergonhada ao falar.

— E é seu direito fazê-lo! — disse Takver, com uma determinação arrebatada. — É parte de seu trabalho, você deve ir.

— Ajudaria a manter a revolução viva... nos dois lados... não ajudaria? — disse ele. — Que ideia mais louca! Parece a peça do Tirin, invertida. Eu vou e subverto os hierarquistas... Bem, pelo menos provaria que Anarres existe. Eles falam com a gente pelo rádio, mas não creio que eles realmente acreditam em nós. Naquilo que somos.

— Poderiam ficar com medo, se acreditassem. E se você conseguisse mesmo convencê-los, poderiam vir aqui e nos aniquilar com uma bomba.

— Não creio. Eu talvez possa fazer outra pequena revolução na física urrastí, mas na opinião deles, não. É aqui, aqui, que eu posso influir na sociedade, mesmo que eles não deem a mínima para minha física. Você tem toda a razão; agora que falamos nisso, temos de fazê-lo. — Houve uma pausa. Depois de um momento ele disse: — Eu me pergunto que tipo de física as outras raças praticam.

— Que outras raças?

— Os estrangeiros, os habitantes de Hain e de outros sistemas solares. Há duas embaixadas estrangeiras em Urrás, Hain e Terran. Os hainish inventaram o sistema de propulsão interestelar que os urrastis estão usando. Suponho que eles o dariam para nós, se pedíssemos. Seria interessante...

Ele não terminou. Depois de outra longa pausa voltou-se para ela e disse num tom de voz mudado, sarcástico.

— E o que você faria enquanto eu estivesse visitando os apropriadores?

— Iria para a costa de Sorroba com as crianças, e viveria uma vida muito tranquila como técnica de um laboratório de peixes. Até você voltar.

— Voltar? E quem sabe se eu poderia voltar?

Ela o olhou no fundo dos olhos.

— E o que lhe impediria?

— Os urrastis talvez. Poderiam querer me guardar. Ninguém lá é livre para ficar indo e vindo, sabe. Talvez nosso próprio povo. Eles poderão impedir-me de desembarcar. Hoje uns no CDP me ameaçaram disso. Rulag foi uma delas.

— Tinha de ser. Ela só sabe negar. Negar a possibilidade de voltar para casa.

— Isso é verdade. Isso diz tudo — ele afirmou, recostando-se outra vez e olhando para Takver com uma admiração contemplativa. — Mas Rulag não é a única, infelizmente. Para muita gente, qualquer pessoa que fosse para Urrás e tentasse voltar seria simplesmente considerado um traidor, um espião.

— E o que é que eles poderiam fazer realmente?

— Bem, se eles conseguissem convencer a Defesa do perigo dessa volta, eles poderiam arrasar a nave.

— A Defesa seria tão estúpida assim?

— Não creio. Mas qualquer pessoa que não faça parte da Defesa pode fabricar bombas de dinamite e fazer a nave explodir no campo de aterrissagem. Ou, o que é mais provável, podem atacar-me assim que eu desembarque da nave. Acho que essa possibilidade é bastante evidente, devia ser incluída num projeto de visita, de excursão às regiões turísticas de Urrás.

— Será que valeria a pena você correr esse risco?

Ele ficou olhando para um ponto à sua frente por um momento, para nada.

— Sim — disse ele —, de certa forma. Se lá eu pudesse terminar a teoria, e dá-la para eles... para nós e para eles e todos os mundos, sabe... acho que eu gostaria disso. Aqui eu estou isolado, cercado, é difícil trabalhar, testar o trabalho, sempre sem equipamento, sem colegas, sem estudantes. E quando eu consigo terminar um trabalho, eles não querem. Ou se querem, como Sabul, querem que eu abandone a iniciativa em troca de aprovação. E vão usar meu trabalho quando eu estiver morto, como sempre acontece. Mas por que tenho de dar o trabalho de minha vida de presente para Sabul, para todos os Sabuls, aos egos mesquinhos, cobiçosos, intrigantes de um único planeta? Gostaria de partilhá-lo. É um assunto muito importante esse em que estou trabalhando. Deveria ser difundido, distribuído. Não poderá ser abafado.

— Então pronto — disse Takver —, vale a pena.

— Vale a pena o quê?

— Correr o risco. O risco de não poder regressar.

— Não poder regressar — ele repetiu. Fitou Takver com um olhar estranho, intenso, embora vago, distante.

— Acho que há mais gente do nosso lado, do lado do Sindicato do que nós pensamos. Só que ainda não fizemos muita... nada de concreto para uni-los, não corremos nenhum risco. Se corrêssemos riscos, acho que elas sairiam de suas tocas e nos dariam apoio. Se abrísssemos a porta, eles voltariam a respirar o ar puro, respirariam o ar da liberdade.

— Ou talvez viessem todos correndo para fechá-la violentamente.

— Se fizerem isso, pior para elas. O Sindicato pode protegê-lo, quando você desembarcar. E depois, se as pessoas continuarem tão hostis e rancorosas, poderemos mandá-las todas pro inferno. De que vale uma sociedade anarquista que tenha medo dos anarquistas? Iremos viver em Isolamento,

em Sedep do Norte, em Confins, iremos viver sozinhos nas montanhas se for preciso. Há espaço. Haveria pessoas que iriam conosco. Criaríamos uma nova comunidade. Se nossa sociedade está retrocedendo para a política, para a busca do poder, então nós a deixaremos, criaremos um Anarres para além de Anarres, recomeçaremos tudo. O que você acha?

— Lindo — disse ele —, muito lindo, amor. Mas eu não vou para Urrás, sabe.

— Ah, vai. E vai voltar — disse Takver. Seus olhos estavam muito sombrios, uma escuridão suave, como a escuridão da noite na floresta. — Se você se puser a caminho. Você sempre chega ao lugar onde quer chegar. E você sempre volta.

— Não seja boba, Takver. Eu não vou para Urrás!

— Estou exausta — disse Takver, espreguiçando-se e debruçando-se para encostar a testa no braço de Shevek. — Vamos dormir.

CAPÍTULO XIII

URRÁS • ANARRES

Antes de a nave abandonar a órbita, as vigias mostravam apenas a turquesa brumosa de Urrás, imensa e bela. Mas a nave girou, e as estrelas surgiram e Anarres no meio delas, como uma pedra brilhante e redonda: movendo-se e no entanto parada, jogada quem sabe por que mão, girando eternamente, criando o tempo.

Mostravam toda a nave a Shevek, a nave interestelar *Davenant*. Não podia ser mais diferente da nave *Cautela*. Vista do exterior, parecia tão estranha e frágil como uma escultura de vidro e fios de aço; não parecia-se em nada a uma nave, a um veículo, não tinha nem proa nem popa sequer, pois nunca atravessava uma atmosfera mais densa do que a do espaço interplanetário. No interior, era espaçosa e sólida como uma casa. Os compartimentos eram grandes e individuais, as paredes apaineladas em madeira ou cobertas de tapeçarias, os tetos muito altos. Só que se parecia a uma casa com persianas fechadas, pois poucos dos compartimentos tinham vigia, e era muito tranquila. Mesmo a ponte de comando e a casa das máquinas transmitiam essa tranquilidade, e as máquinas e os instrumentos tinham a precisão simples dos equipamentos de um navio. Para o lazer, havia um jardim onde a iluminação tinha a qualidade da luz do sol, e o ar era perfumado pelo cheiro de terra e folhas; durante a noite da nave o jardim era escurecido, e as vigias revelavam as estrelas.

Embora suas viagens interestelares durassem apenas algumas horas ou dias — segundo a hora de bordo, uma nave quase com a velocidade da luz como aquela poderia passar meses explorando um sistema solar, ou anos em órbita em volta de um planeta onde a tripulação morasse ou estivesse fazendo explorações. Era portanto espaçosa, humana, habitável, assim construída para o conforto dos que nela precisavam viver. Seu estilo não tinha a opulência de Urrás nem a austeridade de Anarres, mas revelava um equilíbrio, dotado da graça natural de uma longa experiência. Uma pessoa podia imaginar-se levando aquela vida restrita sem sentir-se oprimida pelas restrições, com prazer, placidamente. E era uma gente meditativa aqueles hainish da tripulação, gentis, respeitadores, um tanto sombrios. Havia neles pouca espontaneidade. Os mais jovens pareciam mais velhos do que qualquer um dos terranos a bordo.

Mas Shevek raramente prestava muita atenção a eles, terranos ou hainish, durante os três dias em que a *Davenant*, movendo-se por propulsão química a uma velocidade convencional, empreendeu a viagem de Urrás para Anarres. Respondia quando lhe falavam; respondia às perguntas com boa vontade, mas fazia muito poucas. Quando falava, as palavras saíam de seu silêncio interior. Os tripulantes da *Davenant*, os jovens em especial, sentiam-se atraídos por ele, como se ele tivesse algo que lhes faltasse ou desejassem ser. Discutiam muito sobre ele entre si, mas eram tímidos na presença dele. Ele não notou isso. Mal tinha consciência da existência deles. Estava com o pensamento em Anarres, Anarres, diante dele. Tinha consciência de uma esperança morta e de uma promessa viva, de um fracasso; e das fontes de seu espírito, que brotavam afinal, e da alegria. Era um homem liberto da prisão, voltando para casa, para a sua família. E tudo o que um homem assim possa ver pelo caminho, ele o verá apenas como reflexos da luz.

No segundo dia de viagem ele estava na sala de comunicações, falando com Anarres pelo rádio, primeiro no comprimento de onda do CDP e agora com o Sindicato de Iniciativa. Estava sentado,

inclinando-se para a frente, ouvindo, ou então respondendo com um jorro de palavras, do idioma claro e expressivo que era sua língua materna, às vezes gesticulando com a mão livre como se o interlocutor pudesse vê-lo, e de vez em quando achava graça. O primeiro piloto da *Davenant*, um hainish chamado Ketho e que estava controlando o contato-rádio, observava-o com um ar pensativo. Ketho tinha passado uma hora com Shevek, depois do jantar da noite anterior, juntamente com o comandante e outros membros da tripulação; tinha então feito, com aquele jeito hainish tranquilo e sem insistência, uma série de perguntas sobre Anarres.

Shevek finalmente se voltou para ele:

— Tudo certo, acabei. O resto pode esperar até que eu chegue em casa. Amanhã eles vão entrar em contato com vocês para combinar a chegada.

Ketho aquiesceu com um sinal de cabeça.

— O senhor recebeu boas notícias — disse ele.

— Sim, recebi. Pelo menos algumas, como se diz, notícias frescas.

Eles tinham de se falar em iótico; Shevek era mais fluente nesse idioma do que Ketho, que o falava com muita correção mas de uma maneira um tanto formal.

— A aterrissagem vai ser excitante — prosseguiu Shevek. — Um monte de amigos e de inimigos vai estar lá me esperando. A boa-novidade é a presença dos amigos... Parece que agora tenho mais amigos do que deixei.

— Quanto ao perigo de agressão em seu desembarque — disse Ketho —, certamente os oficiais do Porto de Anarres consideram-se capazes de controlar os dissidentes, certo? Eles não lhe diriam deliberadamente que desembarcasse para assassiná-lo?

— Bem, eles vão proteger-me. Mas eu também sou um dissidente, afinal. Pedi para correr o risco. Esse é meu privilégio, entende, como Odonista.

Sorriu para Ketho. O hainish não retribuiu o sorriso; seu rosto estava grave. Era um belo homem de seus quarenta anos, alto e de tez clara como a de um cétio, mas quase sem pelos como os terranos, com braços vigorosos e harmoniosos.

— Fico contente em poder compartilhá-lo com o senhor — disse ele. — Vou descer com o senhor na barcaça de desembarque.

— Ótimo — disse Shevek. — Não é muita gente que se dispõe a aceitar os nossos privilégios.

— Mais do que vocês pensam, talvez — disse Ketho. — Se vocês permitissem.

Shevek, cujo pensamento não estava totalmente voltado para a conversa, ia saindo da sala, mas essa observação o deteve. Fitou Ketho, e depois de um momento falou:

— Você quer dizer que gostaria de desembarcar junto comigo?

O hainish foi igualmente direto em sua resposta:

— Sim, gostaria.

— E o comandante permitiria?

— Sim. Como oficial de uma nave em missão, é na verdade meu dever explorar e estudar um novo mundo quando possível. Eu e o comandante falamos sobre a possibilidade. Discutimos o assunto com nossos embaixadores antes de partir. Eles achavam que não se devia fazer nenhum pedido formal, já que seu povo tem por norma impedir o desembarque de estrangeiros.

— Hum! — fez Shevek, com prudência. Atravessou a sala até a parede mais distante e ficou parado em frente de um quadro, uma paisagem hainish, muito simples e sutil, um rio sombrio correndo por entre juncos, sob um céu carregado. — Os Termos de Fechamento do Povoamento de Anarres — disse ele — não permitem que os urrastis desembarquem, a não ser que permaneçam dentro do Porto. Esses termos ainda são válidos. Mas você não é um urrasti.

— Quando Anarres foi colonizado, não se sabia da existência de outras raças. Consequentemente, esses termos incluem todos os estrangeiros.

— Foi o que nossos coordenadores decidiram, há sessenta anos, quando seu povo chegou pela primeira vez em nosso sistema solar e tentou falar conosco. Mas acho que eles não estavam certos. Só estavam construindo mais muros. — Ele se virou completamente e ficou parado, com as mãos para trás, olhando para o outro homem: — Por que você quer desembarcar comigo, Ketho?

— Quero ver Anarres — respondeu o hainish. — Mesmo antes de sua ida para Urrás, eu já tinha curiosidade a respeito. Começou quando li a obra de Odo. Fiquei muito interessado. Eu... — hesitou, como se estivesse embaraçado, mas prosseguiu, com seu jeito escrupuloso e reprimido. — Aprendi um pouco de právico. Não muito ainda.

— Então é um desejo seu, uma iniciativa pessoal?

— Inteiramente.

— E tem consciência de que pode ser perigoso?

— Sim.

— As coisas andam... um pouco confusas em Anarres. Era sobre isso que meus amigos estavam falando no rádio. Foi nossa intenção desde o começo, com o Sindicato, essa minha viagem, sacudir as pessoas, reanimá-las, acabar com certos hábitos, levar as pessoas a se fazerem perguntas. Fazê-las agir como anarquistas! E tudo isso andou acontecendo enquanto eu estive fora. Então, entende, ninguém tem muita certeza do que vai acontecer. E se você desembarcar comigo, ainda podem ficar mais confusas. Não posso querer ir longe demais. Não posso trazê-lo comigo como um representante oficial de um governo estrangeiro. Isso não funciona, em Anarres.

— Compreendo.

— E quando você estiver lá, no momento em que ultrapassar o muro comigo, então você passará a ser um de nós. Seremos responsáveis por você e você por nós; você se tornará um anarresti. Mas não são opções sem perigo. A liberdade sempre implica perigo. — Olhou em volta da sala tranquila e bem arrumada, com seus receptores simples e instrumentos delicados, o teto alto e as paredes sem vigias, e tornou a olhar para Ketho. — Você poderá se sentir muito sozinho — disse ele.

— Minha raça é muito antiga — disse Ketho. — Somos civilizados há mil milênios. Já tentamos de tudo. Anarquismo, e todo o resto. Mas *eu* não tentei. Dizem que não há nada de novo debaixo do sol. Mas se cada vida não é nova, a vida de cada indivíduo, então por que nascemos?

— Nós somos os filhos do tempo — disse Shevek, em právico. O jovem o fitou por um momento, e depois repetiu as palavras em iótico:

— Nós somos os filhos do tempo.

— Está bem — disse Shevek, e riu-se — Está bem, ammar! É melhor você contatar Anarres pelo rádio de novo... com o Sindicato, primeiro... eu disse a Keng, a embaixadora, que eu não tinha nada a dar como retribuição ao que o povo dela e o seu fizessem por mim; bem, talvez eu possa dar algo a você, em troca. Uma ideia, uma promessa, um risco...

— Vou falar com o comandante — disse Ketho, mais grave do que nunca, mas com um ligeiro tremor na voz, de excitação, de esperança.

Tarde da noite seguinte, pelo horário de bordo, Shevek estava no jardim da *Davenant*. As luzes estavam apagadas, o jardim só estava iluminado pela luz das estrelas. O ar estava muito frio. Uma flor noturna vinda de algum mundo inimaginável desabrochava entre suas folhas escuras, e emanava seu perfume com uma suavidade paciente e vã, para atrair alguma mariposa inimaginável a bilhões de quilômetros de distância, num jardim situado num planeta girando à volta de outra estrela. As luzes do sol são diferentes umas das outras, mas só há uma escuridão. Shevek estava de pé próximo à

vigia alta e clara, contemplando o hemisfério noturno de Anarres, uma curva sombria que ocultava metade das estrelas. Ele estava se perguntando se Takver estaria lá, no Porto. Ela ainda não havia chegado a Abbenay vinda de Paz e Fatura, da última vez que ele falou com Bedap pelo rádio, e deixou que Bedap decidisse juntamente com ela se seria ou não prudente que ela fosse esperá-lo no Porto. “Você não acha por acaso que eu conseguiria impedi-la, mesmo que não fosse.” — Bedap lhe havia então respondido. Perguntou-se também que tipo de transporte ela teria conseguido pegar para vir da costa de Sorroba; um dirigível, ele esperava, se ela estivesse trazendo as crianças. As viagens de trem eram muito penosas com crianças. Ele ainda se lembrava dos desconfortos da viagem de Chakar para Abbenay, em 68, quando Sadik enjoou durante três dias pavorosos.

A porta do jardim se abriu, aumentando a fraca iluminação.

O comandante da *Davenant* olhou o interior e disse seu nome; ele respondeu; o comandante entrou, acompanhado de Ketho.

— O controle de solo de Anarres já nos deu as orientações para a aterrissagem — disse o comandante. Era um terrano baixo, com uma tez ferruginosa, de atitude seca e profissional. — Se o senhor está pronto, vamos começar as etapas do lançamento.

— Sim.

O comandante fez com a cabeça um sinal afirmativo e saiu. Ketho avançou para se pôr ao lado de Shevek perto da vigia.

— Tem mesmo certeza de que quer ultrapassar esse muro comigo, Ketho? Sabe, para mim é fácil. Aconteça o que acontecer, estou voltando para casa. Mas você está deixando sua casa. “A verdadeira viagem é o retorno...”

— E eu espero retornar — disse Ketho com sua voz calma. — Quando for a hora.

— Quando devemos entrar na barcaça de desembarque?

— Dentro de uns vinte minutos.

— Estou pronto. Não tenho nada para guardar — Shevek riu, uma risada de felicidade, total, pura. O outro homem o olhou com o ar grave, como se não soubesse com certeza o que era a felicidade, embora a reconhecesse, ou quem sabe se lembrasse dela, uma lembrança muito longínqua. Ficou parado ao lado de Shevek como se tivesse alguma coisa para perguntar-lhe. Mas não fez a pergunta.

— Será o começo da manhã quando chegarmos ao Porto de Anarres — disse ele e saiu, para pegar seus pertences e esperar Shevek no porto de lançamento da barcaça.

Ao ficar sozinho, Shevek virou-se outra vez para olhar a vigia, e viu a curva ofuscante do sol que estava nascendo acima do mar Temae.

— Hoje vou deitar-me para dormir em Anarres — pensou. — Vou deitar-me ao lado de Takver. Queria ter podido trazer a foto, o carneirinho, para dar a Pilun.

Mas ele não estava levando nada. Suas mãos estavam vazias, como sempre estiveram.

A escritora norte-americana Ursula K. Le Guin é um dos maiores nomes da ficção científica mundial. Seus trabalhos já foram adaptados para a televisão, para o cinema e até mesmo para o universo da animação. Vencedora de mais de 50 prêmios literários, também é poetisa, ensaísta e autora de livros infantis. Além de *Os despossuídos*, é conhecida por obras como *A mão esquerda da escuridão* e o ciclo fantástico *Terramar*, além de ter sido indicada ao Pulitzer pelo livro de contos *Unlocking the Air and Other Stories*.

Notas

[1] Pejorativo *urrasti*, trocadilho para os seguidores de Odo, os Odonistas. (N. do T.)

[2] *Década* — dez dias. (N. do T.)

[3] *Papai*. Uma criancinha pode chamar qualquer adulto de *mamme* ou *pappe*. O *pappe* a quem Gimar se referiu pode ter sido seu pai, ou um tio, ou qualquer adulto sem relação de parentesco que lhe tivesse demonstrado afeição e lhe dado a proteção de um pai ou de um avô. Ela pode ter tido vários *pappes* e várias *mammes*, porém a palavra tem um uso mais específico do que *ammarr* (irmão, irmã), que pode ser usada para qualquer pessoa. (N. da A.)

[4] *Gíria urrasti* para a imprensa popular. (N. do T.)

[5] Pejorativo *anarrestis* para os *urrastis*. (N. do T.)